

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA SOCIAL

FILIPE PRADO MENCARI

**“SÃO WENCESLAU”: O GOVERNO WENCESLAU BRAZ NA IMPRENSA DE
HUMOR (1914-1918)**

Niterói
2019

FILIFE PRADO MENCARI

**“SÃO WENCESLAU”: O GOVERNO WENCESLAU BRAZ NA IMPRENSA DE
HUMOR (1914-1918)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: História Contemporânea II.

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Knauss

Niterói

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

M536" Mencari, Filipe
"São Wenceslau" : O governo Wenceslau Braz na imprensa de humor (1914-1918). / Filipe Mencari ; Paulo Knauss de Mendonça, orientador. Niterói, 2019.
228 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.m.07841199708>

1. Primeira República, 1889-1930. 2. Presidente. 3. Humor na imprensa. 4. Política na arte. 5. Produção intelectual. I. Knauss de Mendonça, Paulo, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

Bibliotecária responsável: Thiago Santos de Assis - CRB7/6164

FILIFE PRADO MENCARI

**“SÃO WENCESLAU”: O GOVERNO WENCESLAU BRAZ NA IMPRENSA DE
HUMOR (1914-1918)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: História Contemporânea II.

Aprovada em: 25 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Knauss – Universidade Federal Fluminense
Orientador

Prof^a. Dr^a. Gizlene Neder – Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Surama Conde Sá Pinto – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Niterói
2019

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Nadir Prado Mencari (*in Memmoriám*). Sua doçura, carinho, exemplo e dedicação nunca serão esquecidos. Amor às pessoas e aos animais, caridade, atenção foram apenas algumas partes de sua pessoa estimada, cuja trajetória de vida se confunde com a História do Brasil nos séculos XX e início do XXI. Meu eterno muito obrigado por tudo.

À Sofia e meus pequenos primos. Renovação da vida.

AGRADECIMENTOS

Uma parte dedicada aos agradecimentos é tensa e gratificante ao mesmo tempo.

Existe sempre um risco de se esquecer ou omitir alguém importante em nossas vidas e nas motivações para a realização desse trabalho. E gratificante pela oportunidade de poder expressar a gratidão pelo apoio, carinho e incentivo.

Agradeço a Deus, Senhor Pai.

Ao meu orientador, Professor Paulo Knauss, por ter aceitado esse desafio junto comigo.

Aos membros da banca examinadora, por sua atenção, correção e conselhos valiosos.

Aos funcionários da Universidade Federal Fluminense por seu trabalho e auxílio.

Gostaria de agradecer aos meus irmãos, Leila e Márcio, familiares e amigos. Sempre acreditando, se interessando e motivando para seguir em frente.

Destes, em especial, agradeço: à Silvia, Vanessa e Juliana Conceição, companheiras nessa jornada chamada mestrado; Fátima, Fabiana, Renata, Danielle, João Miguel, Jane, Patrícia Woolley, amigos da UFF, da Escola Municipal Paulo Freire e CEDROS pelo carinho e atenção de sempre.

Ainda mais importante é o agradecimento à Geiziane, importantíssima para o ingresso e realização do curso em todas as suas etapas. Da escolha do tema à revisão, das disciplinas às defesas.

A todos o meu muito obrigado.

“Veja. Ao que você acabou de falar eu faço uma reificação: escrevo na direção que o jornal vai. Quer dizer, não é para a direção do jornal. Então eu sei que está nessa direção do jornal. Então eu sei que está nessa direção e eu mando ver, eu avanço mais do que eles. Claro, o humorista em geral avança mais. Então você não tem como aferir o público a não ser através de um trabalho dirigido para o público, pedindo resposta, quase como falando assim: ‘A minha ideia é essa, o que é que vocês acham?’ Aí eles escrevem, aí eles respondem, aí eles fazem igual.”

Henfil. *Como se faz humor político*. Depoimento a Tarik de Souza. São Paulo: Kuarup, 2014. P. 38.

RESUMO

MENCARI, Filipe Prado. “**São Wenceslau**”: O Governo Wenceslau Braz Na Imprensa De Humor (1914-1918). 2019. 226 p. Dissertação (Pós-Graduação em História Social). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. 2019.

Este trabalho pretende fazer uma investigação sobre a forma como a figura do presidente Wenceslau Braz (1914-1918) era apresentado pela imprensa de humor do Rio de Janeiro e suas transformações ao longo do tempo, em veículos de comunicação que circulavam na época (como as revistas *Careta*, *Fon-Fon!* e *O Malho*), através de suas caricaturas e charges, capazes de influenciar a opinião pública da época, inclusive em outras praças além do Rio de Janeiro, então Capital Federal da Primeira República brasileira (1889-1930). Dentre os objetivos estão: Observar o contexto histórico do período através das fontes humorísticas e caricaturas; pesquisar parte da produção e circulação de imagens e caricaturas do período e examinar as relações entre a imprensa e os políticos da época. Para isso, analisamos revistas de humor da imprensa carioca do período de governo do presidente e próximo a ele, buscando saber quem eram os artistas responsáveis, os posicionamentos editoriais e os temas escolhidos. Também observamos como os principais biógrafos de Wenceslau Braz foram perpetuando uma determinada imagem de conciliador e de homem certo, capaz de lidar e vencer as atribulações do período. Pudemos perceber que os artistas envolvidos eram parte dos que escolhiam os assuntos e temas noticiados em suas charges, agindo como *gatekeepers*, os formadores de opinião, dos jornais e revistas da época, com linhas editoriais e interesses intrinsecamente ligados à política da época. Por trás da aparência muitas vezes as caricaturas e charges tinham objetivos políticos que podiam colaborar com um governo ou minar sua credibilidade perante a opinião pública urbana.

Palavras-Chave: Primeira República, 1889-1930; Presidente; Humor na imprensa; Política na arte.

ABSTRACT

This work intends to investigate how the figure of President Wenceslau Braz (1889-1930) was presented by the humor press of Rio de Janeiro and its transformations over time, in vehicles of communication that circulated at the time (such as magazines *Careta*, *Fon-Fon!* and *O Malho*), through their cartoons and caricatures, capable of influencing the public opinion of the time, including in other squares besides Rio de Janeiro, then Federal Capital of the First Brazilian Republic (1889-1930). Among the objectives are: To observe the historical context of the period through the humorous sources and caricatures; research part of the production and circulation of images and cartoons of the period and examine the relations between the press and the politicians of the time. To do this, we analyzed humor magazines from the Rio press during the period of the president's government and close to him, seeking to know who the responsible artists were, the editorial positions and the themes chosen. We also observed how the main biographers of Wenceslau Braz were perpetuating a certain image of conciliator and of the right man, capable of dealing with and overcoming the tribulations of the period. We were able to perceive that the artists involved were part of those who chose the subjects and themes reported in their cartoons, acting as gatekeepers, opinion formers, newspapers and magazines of the time, with editorial lines and interests intrinsically linked to the politics of the time. Behind the appearance often the caricatures and cartoons had political objectives that could collaborate with a government or undermine its credibility before urban public opinion.

Keywords: First Republic, 1889-1930; President; Humor in the press; Politics in art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Revista Ilustrada, ano 12, nº 450, de 1887. Figura de Angelo Agostini.....	39
Figura 2	Fon-Fon! de número 40 do Ano XI, de 6 de outubro de 1917, de autoria de Seth.....	40
Figura 3	Quadro Imprensa e poder nas redações brasileiras no início do Século XX.....	46
Figura 4	Gráfico com dados sobre temas publicas nas capas da revista Careta 1910-1918.....	49
Figura 5	Careta nº 377, 11 de setembro de 1915. Desenho de J. Carlos..	56
Figura 6	Careta nº 520, 8 de junho de 1918 (desenho de J. Carlos).....	57
Figura 7	Foto de Francisco Braz Pereira Gomes.....	63
Figura 8	Careta nº 506, de 2 de março de 1918.....	79
Figura 9	Careta nº 506, de 2 de março de 1918.	80
Figura 10	Careta nº 299, de 21 de fevereiro de 1914.	81
Figura 11	Careta nº 299, de 21 de fevereiro de 1914.	83
Figura 12	Careta nº 299, de 21 de fevereiro de 1914.	87
Figura 13	Careta nº 300, de 28 de fevereiro de 1914.	88
Figura 14	O GATO Nº 99 (autor desconhecido)	91
Figura 15	Careta nº 347, 13 de fevereiro de 1915. Desenho de J. Carlos...	98
Figura 16	Careta nº 272, 16 de agosto de 1913 (autor J. Carlos).....	101
Figura 17	Careta nº 335, 21 de novembro de 1914 (autor desconhecido)...	102
Figura 18	Careta nº 335, 21 de novembro de 1914 (autor desconhecido)...	103
Figura 19	Careta nº 336, 28 de novembro de 1914 (autor: J. Carlos).....	104
Figura 20	Careta nº 344, 23 de janeiro de 1915 (J. Carlos).....	107
Figura 21	Careta nº 345, 30 de janeiro de 1915.....	108
Figura 22	Careta nº 336, 28 de novembro de 1914 (autor: J. Carlos).....	109

Figura 23	Careta nº 343, 16 de janeiro de 1915 (autor: J. Carlos).....	110
Figura 24	Careta nº 342, 9 de janeiro de 1915 (autor: J. Carlos).....	112
Figura 25	Careta nº 370, 24 de julho de 1915 (autor: J. Carlos).....	113
Figura 26	Careta nº 368, 10 de julho de 1915 (autor: J. Carlos).....	117
Figura 27	Discussões legislativas do Código Civil de 1916: Uma revisão historiográfica.....	121
Figura 28	Charge de Angelo Agostini em Dom Quixote, de 30 de abril de 1902, em alusão às críticas gramaticais ao Código Civil, diante dos políticos grasnadores como papagaios.....	123
Figura 29	Charge de Alfredo Cândido em Larva, de 18 de setembro de 1903, com Rui Barbosa como uma Biblioteca enorme em seu crânio, referência à sua cabeça desproporcional e ao seu saber. O Barão do Rio Branco veio fazer pesquisas sobre a questão do Acre e Rui está sentado sobre o Código Civil.....	124
Figura 30	Careta nº416 e 424 de 1916 (autor J. Carlos).....	129
Figura 31	Careta nº397 de 1916. J. Carlos.....	130
Figura 32	Careta nº397 de 1916. J. Carlos.....	134
Figura 33	Careta nº335 de 1914. J. Carlos.....	135
Figura 34	Careta, número 394, de 8 de janeiro de 1916.....	136
Figura 35	D. Quixote, número 81, de 27 de novembro de 1917.....	139
Figura 36	Careta nº 476 de 1916. J. Carlos (não confirmada).....	143
Figura 37	Careta nº 402, 1916 J. Carlos (não confirmada).....	147
Figura 38	Careta nº 476 de 1916. J. Carlos (não confirmada).....	150
Figura 39	Provérbios em Ação – Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.834 07. set. 1918, p. 42. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Autor: Loureiro.....	151
Figura 40	Careta nº 476 de 1916. J. Carlos.....	153
Figura 41	Careta, número 474 de 21 de julho de 1917.....	155
Figura 42	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.846 30. nov. 1918, p. 42. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)	161
Figura 43	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.843 9. nov. 1918, p. 33. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).....	162

Figura 44	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.842 2. nov. 1918, p. 1. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).....	163
Figura 45	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.839 12. out. 1918, p. 25. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).....	164
Figura 46	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.842 2. nov. 1918, p. 23. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).....	165
Figura 47	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.839 12. out. 1918, p. 25. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).....	167
Figura 48	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.843 9. nov. 1918, p. 22. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).....	169
Figura 49	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.844 16. nov. 1918, p. 23. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)	170
Figura 50	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.829 3. ago. 1918, p. 40. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).....	172
Figura 51	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.829 3. ago. 1918, p. 21. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).....	173
Figura 52	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.842 2. nov. 1918, p. 27. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).....	175
Figura 53	Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.843 9. nov. 1918, p. 17-18. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).....	176
Figura 54	Revista Fon-Fon! Rio de Janeiro, n.44, 2. nov. 1918, p.19.....	177
Figura 55	Revista Fon-Fon! Rio de Janeiro, n.44, 2. nov. 1918, p. 35. Autoria de Yantok.....	179
Figura 56	Venceslau Brás, Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra.....	188

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	PRIMEIRA REPÚBLICA E IMPRENSA DE HUMOR	17
1.1	Referencial teórico	17
1.2	Metodologia e fontes	19
1.3	Caricatura	22
1.4	Biógrafos	28
1.5	Imprensa e política	32
1.5.1	<u>J. Carlos</u>	51
2	PRESENÇA DE WENCESLAU BRAZ	59
2.1	Origens de Itajubá	59
2.2	A política como marca familiar	61
2.3	Juventude de Wenceslau	67
2.4	Início de carreira política	68
2.5	O “Jardim de infância”	70
2.6	Confidências da Política	74
3	WENCESLAU NA PRESIDÊNCIA	90
3.1	Candidatura e eleição	90
3.2	O Morro da Graça no horizonte	93
3.3	Na biblioteca do Palácio	115
3.4	A diferença: vencer o Braz?	136
3.5	“La dansarina”	158
	CONCLUSÃO	180
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	196
	ANEXO A - Figura <i>Revista Illustrada</i>, ano 12, nº 450, de 1887. Figura de Angelo Agostini.....	208

ANEXO B - Figura <i>Revista Ilustrada</i> , ano 10, nº 415, de 1885. Figura de Angelo Agostini.....	209
ANEXO C - Reportagem ilustrada da Revista <i>Fon-Fon!</i> Ano X, nº 1 (1º de janeiro de 1916. Páginas 33-48) sobre a modernização das suas instalações e seu processo de produção e distribuição.....	210
ANEXO D - Revista <i>Fon-Fon!</i> nº 32 de 1917, caricatura de autoria de Seth.....	226

INTRODUÇÃO

A Primeira República (1889-1930) foi um período relativamente longo na História do Brasil como Estado Nacional. Em parte, por este motivo, em parte pela historiografia já produzida sobre o tema, o senso comum continua a ver este momento como sendo o da Política do Café com Leite, morno, estático, quase sem sabor. Quase sem acontecimentos e sem a mística do imaginário da monarquia, que atrai centenas de visitantes até Petrópolis (que continua a ostentar o título de “Cidade Imperial”). Sinal disso é a designação de “República Velha”.

Será mesmo que estas quatro décadas foram apenas dos “coronéis”, do “voto de cabresto” e dos “currais eleitorais”?

Se observarmos com um pouco mais de atenção, perceberemos que este é um período extremamente rico da História brasileira: uma nova organização política; revoltas militares, políticas e populares; a religiosidade popular manifestada em Canudos, Contestado e Juazeiro; o Positivismo sendo posto à prova; jacobinos florianistas; aumento do processo de urbanização; a Revolta da Vacina; a emergência do movimento operário; recepção de novas ideologias; a chegada de levas de imigrantes, de várias partes do mundo (dos velhos conhecidos portugueses aos japoneses do Extremo Oriente); Marinheiros insurgentes; inovações na arte e literatura, apenas para citar alguns exemplos.

O governo do presidente Wenceslau Braz¹, sétimo período de governo republicano, é especialmente rico neste sentido, pleno em acontecimentos relevantes: aumento da industrialização; a primeira greve geral do país; entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial; a conclusão da Guerra do Contestado são apenas alguns exemplos.

Sua presidência ocorre em uma conjuntura complexa para as correlações de força da Primeira República. O presidente anterior, Hermes da Fonseca, tentou substituir o modelo Campos Salles da “Política dos Governadores” – ou dos Estados, pela “Política das Salvações”, afetando as oligarquias regionais e gerando intensa instabilidade política.

¹ Existe uma certa confusão em relação à grafia correta de seu nome. Aqui será utilizada a mesma grafia usada pelo site do Planalto e da Presidência da República, embora mesmo lá também apareça a variante ‘Wenceslau Brás’. <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/presidencia/ex-presidentes/wenceslau-braz>> Acesso em 08/09/2016.

Ao herdar parte da imagem negativa e dos inimigos de seu antecessor, o marechal Hermes da Fonseca (de quem fora vice-presidente), Wenceslau Braz, o “Pescador de Itajubá”, foi recebido com uma jaca sendo atirada do Campo de Santana enquanto desfilava em carro aberto no dia de sua posse no Rio de Janeiro, então Capital Federal. Pensou-se que fosse uma bomba². Poucos meses depois um certo arquiduque austríaco também seria atingido durante um desfile em carro aberto, com desastrosas repercussões...

De um modo geral, as biografias dos presidentes da Primeira República carecem de novas pesquisas e estudos à luz da produção bibliográfica mais recente. O que nos interessa neste momento é saber como este presidente, tão mal recebido e criticado pela imprensa, conseguiu ter sua imagem alterada e tornou-se uma figura estimada e respeitada pela mesma imprensa e opinião pública, a ponto de ser apelidado de “São Wenceslau”.

No regime republicano e presidencialista que vivemos, o presidente torna-se uma figura-chave do xadrez político-partidário. A habilidade e o capital político de Wenceslau Braz foram tão relevantes que ultrapassaram o período de sua presidência. Nos mandatos subsequentes continuou a ser um líder político relevante e consultado, além do grupo das “viuvinhas” que liderava em Minas Gerais. Segundo um de seus principais biógrafos, Darcy Bessone, Wenceslau continuou sendo ouvido em vários momentos críticos, como nos impasses da Revolução de 1930, na Revolta constitucionalista paulista de 1932, cogitado para uma possível sucessão a Vargas em 1934 e para o governo de Minas Gerais com o fim do Estado Novo³. Estudos do CPDOC confirmam essa atuação após o período presidencial⁴.

Poucos presidentes podem se orgulhar de terem completado o mandato com aprovação popular. Durante a Primeira República, menos ainda. Wenceslau aparentemente o conseguiu. Mesmo tendo como difíceis missões o encerramento da Guerra do Contestado (sob grande violência contra a população humilde); articular o entendimento entre os estados litigantes; mobilizar esforços para a participação brasileira na Primeira Guerra Mundial; a epidemia de gripe espanhola, que fez milhares de vítimas; buscar soluções para a crise econômica, assistindo ao incremento da industrialização e da mobilização operária, as diversas manobras do

2 ELIAS, Rodrigo. *De “Lalau” a santo*. IN Nossa História: Rio de Janeiro. Ano 3 nº33. Julho de 2006. p. 54-57.

3 BESSONE, Darcy. *Wenceslau. Um pescador na Presidência*. Belo Horizonte: Sociedade de estudos históricos Pedro II. 1968.p. 288,291,292,294.

4 <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/wenceslau-bras-pereira-gomes> Acesso em 01/11/2018.

cotidiano político, etc. Um presidente que chegou vaiado e atingido por uma jaca e saiu sob aplausos e apelidado de “São Braz”, “São Wenceslau” merece ser investigado.

Pretendemos utilizar, além de parte pertinente da bibliografia produzida sobre o período, da documentação disponível referentes às revistas e jornais do período e saber como era tratado nas páginas desses periódicos, nas letras e nas caricaturas. Os acervos da Biblioteca Nacional e de sua hemeroteca digital, do CPDOC e da Fundação Casa de Rui Barbosa constituem valiosas oportunidades de fontes para análise do período.

Acreditamos que este é um período que precisa ser muito mais apurado e analisado para além do senso comum e ganhar vida novamente através das pessoas que fizeram parte um dia deste momento. Muito do que vemos hoje nos noticiários, como os arranjos e coligações, disputas entre adversários políticos, já eram comuns nessa época. Conhecer seus hábitos, costumes, objetivos, alianças, inimigos, rearranjos, lazeres, etc. Dar vida novamente a estas figuras, tão distantes e ao mesmo tempo tão perto de nós, com atitudes que ainda são praticadas pelos políticos atuais. Afinal de contas, como diria Marc Bloch, o historiador é como o ogro da floresta que segue farejando o rastro humano por onde ele passou.⁵

Dividimos o trabalho em três capítulos:

Um primeiro tratando sobre teoria e metodologia utilizadas, imprensa carioca no início do século XX, as fontes escolhidas, em especial as caricaturas das revistas ilustradas e conceituando o que são as caricaturas, os biógrafos que trataram e ajudaram a construir a figura de Wenceslau Braz, sobre as caricaturas e como a imprensa carioca mantinha relações com a política da Primeira República.

Um segundo capítulo sobre as origens e carreira de Wenceslau Braz, indo das fundações de sua região de origem e base política, indo até o governo anterior ao seu, onde foi vice-presidente. Ao longo do capítulo procuramos mostrar as relações de Wenceslau Braz com outras figuras de relevo, procurando mostrar de onde ele parte e como chega a ocupar a presidência da República. A última parte deste capítulo e o início do seguinte, procuram mostrar a diferença de tratamento dos caricaturistas (em especial J. Carlos, um dos principais do período) entre as

5 BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 2001.p.54.

figuras de Hermes da Fonseca e seu aliado próximo, Pinheiro Machado, com a de Wenceslau Braz.

Um terceiro capítulo com temas de destaque no governo Wenceslau Braz e que foram percebidos pelos artistas da época, como a rivalidade com Pinheiro Machado, a resolução da crise da Guerra do Contestado, as questões sobre o Código Civil, a questão trabalhista e o crescimento do movimento trabalhista e a terrível crise “espanhola”. Como se trata do período de governo em si de Wenceslau Braz, este capítulo tem maior número de páginas que os demais.

1. PRIMEIRA REPÚBLICA E IMPRENSA DE HUMOR

1.1 Referencial teórico

Apesar de existir uma considerável bibliografia sobre a Primeira República e de vários aspectos ligados a este período, a questão das caricaturas, revistas ilustradas e humor jornalístico ainda está como um campo aberto a novas investigações. Dentre as obras disponíveis, algumas que serão fundamentais para a elaboração desta pesquisa são: “O teatro das oligarquias, uma revisão da “política do café com leite” de Cláudia Viscardi, onde a autora demonstra que as eleições e corridas presidenciais eram muito mais disputadas e nem sempre tão cordiais quanto se faz pensar pelo senso comum e pelo conceito de “política do café com leite”; “Raízes do riso”, de Elias Thomé Saliba, onde o autor analisa a produção humorística da Primeira República, não só na imprensa, mas também indo ao rádio e “Histórias de presidentes, a República no Catete”, onde Isabel Lustosa comenta a relação entre presidentes e a imprensa durante o período que nos interessa, fazendo um breve inventário de curiosidades, anedotas, piadas, charges e caricaturas que não só divertem, mas contam um pouco da história do Brasil.

Para Cláudia Viscardi, a instabilidade teria sido a tônica da Primeira República e apenas durante a sua última fase (1919-1929) teria ocorrido uma aliança entre os maiores estados da federação na época: Minas Gerais e São Paulo. Mineiros viam os paulistas mais como rivais e com desconfiança do que como aliados.⁶ Raymundo Faoro também confirma essa rivalidade entre São Paulo e Minas Gerais nas disputas presidenciais e ainda aponta o Rio Grande do Sul como um estado capaz de discordar do Governo Federal sem temer uma intervenção federal⁷. O brasilianista John Wirth, com seu estudo sobre o papel de Minas Gerais e sua elite na federação brasileira republicana, também traz importante colaboração para nossa análise⁸.

6 VISCARDI, Cláudia. *O teatro das oligarquias, uma revisão da política do “café com leite”*. Belo Horizonte: Editora C/Arte.2001. p. 13

7 FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. Vol. 2 10ª edição. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 199-200.

8 WIRTH, John D. *O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Deste modo com a aproximação de cada eleição, novos arranjos políticos tinham de ser feitos. Os aliados de outrora podiam ser os adversários de amanhã e vice-versa. Estados mais fortes buscavam aliados entre os de médio e pequeno porte e estes, por sua vez, buscavam vantagens entre os que estavam mais bem articuladas e, por vezes, ensaiavam eixos alternativos de poder, para concorrer ou ao menos receber dividendos do governo federal⁹.

O cotidiano político e as suas configurações e reconfigurações serviam como uma luva para a pena ácida dos artistas. Material privilegiado para suas penas e tintas e meio de atração para os leitores. Mesmo com as eleições sendo marcadas por fraudes (ou por isso mesmo) a situação política era alvo de atenção e crítica, como bem notaram Elias Thomé Saliba e Isabel Lustosa: “A Primeira República conheceu o nascimento da verdadeira caricatura brasileira. Conheceu também o seu apogeu”¹⁰.

O trabalho de Elias Thomé Saliba é pródigo em apresentar em sua abertura uma discussão teórica relativa às características ao humor e suas questões em sua abertura, analisando em uma discussão sobre a crise e as definições clássicas de humor, bem como o caráter histórico do humor.

Se José Murilo de Carvalho faz um estudo dos símbolos nacionais e do imaginário republicano oficial em “A formação das almas,”¹¹ Elias Thomé Saliba faz um estudo sobre como as representações humorísticas também ajudaram a construir o imaginário nacional, com um papel de relevo. Diversas questões da época e diversos meios humorísticos foram usados para tratá-los, dentre eles os jornais e revistas ilustradas. O humor seria como um espelho estilhaçado, multifacetado, onde as sociedades da *Belle Époque* poderiam se ver diante das mudanças do período¹².

Esse povo bilontra, malandro e sagaz, conseguiu outras formas de se organizar, como as festas, rodas de samba, choro, associações de ajuda mútua e carnavais.¹³ Ao mesmo tempo, não estava totalmente alheio às questões do cotidiano, reagindo de várias formas diante do que lhes era imposto e não era

9 VISCARDI, Cláudia. *O teatro das oligarquias, uma revisão da política do “café com leite”*. op. Cit. p. 14.

10 LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos primeiros presidentes através do humor e da caricatura In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2011. p. 307

11 CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

12 SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. P. 28.

13 CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da folia. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

meramente espectador dos acontecimentos, como bem demonstram as reações populares durante a Revolta da Vacina¹⁴. Por sinal, o termo “bilontra” é o título de uma das revistas humorísticas da *Belle Époque*.

O riso tem um poder de união entre as pessoas, mas também pode desestabilizar um governante, moldar sua imagem, causar ações, reações ou indiferenças e ser subversivo.

Em relação ao tratamento de assuntos pela imprensa, usamos o trabalho de Luiz Antônio Farias Duarte “Imprensa e poder no Brasil – 1901/1915”, onde o autor levanta a seguinte questão:

- Quanto mais um assunto é tratado e veiculado pela imprensa, mais a tendência do público de vê-lo como relevante;
- Tais assuntos entram em pautas de publicações pelos chamados *gatekeepers*, profissionais que, por sua condição técnica própria e/ou representação na organização jornalística, tem o poder de estabelecer temas e pautas a serem tratadas e levadas ao público¹⁵.

Em nossa análise, tendemos a ver os caricaturistas e artistas como *gatekeepers* e influenciadores políticos em meio à opinião pública por todo o período.

1.2 Metodologia e fontes

Um dos objetivos desta pesquisa é realizar uma contextualização do período através das imagens humorísticas da época. Verificar se os eventos que marcaram o período, como a política nacional, administração, presidência de Wenceslau Braz, processo sucessório, eventos como a Greve Geral de 1917, a Guerra do Contestado, a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, etc. se apresentam nas representações gráficas do período e como elas se apresentam. As imagens

14 CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002. p.140-164.

15 : DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e poder no Brasil – 1901/1915. Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS)*. 2007. 195f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.40-41.

podem ajudar a construir visões de mundo e percepções acerca dos fatos e notícias, cada vez mais em nível mundial na época.

Em alguns momentos será necessário referir-se e comparar como seus antecessores, como Rodrigues Alves e, em especial o presidente marechal Hermes da Fonseca eram tratados e retratados, vistos e criticados.

Se a imagem é uma fonte histórica há muito legitimada e usada, deve-se ter o cuidado para não a tratar apenas como suporte das fontes escritas. A História enquanto disciplina, ciência e campo de pesquisa ainda carecem de modos para tratar a imagem, o visual, sua produção, circulação e recepção e demais questões relacionadas às imagens. Se durante o Segundo Reinado, existiam desenhos elaborados, usando a técnica do *sfumato* e do *chiaroscuro*, na virada do século, com novas técnicas de reprodução gráfica possibilitariam o desenho ligeiro, ágil, liberto da litografia e mais fácil de chegar ao leitor ainda durante o “calor da hora” dos acontecimentos. A técnica possibilitava, neste caso, mudanças na arte, na circulação, na recepção e produção da arte¹⁶. Décadas depois a pena ágil de outro artista viria a criticar duramente o Brasil do Regime Militar, levando a extremos a agilidade no traço e o básico em linhas para atingir o leitor com seu humor e observações ácidas¹⁷. Deve existir uma complementaridade e um respeito às suas especificidades, lógicas e linguagens “(...) ambas as fontes desvendam aspectos diversos de um mesmo objeto de conhecimento.”¹⁸

Ulpiano Meneses (com base em Ivan Gaskell), nos alerta ainda para as consequências da entrada da obra de arte na iconosfera, isto é, o conjunto de imagens que, num dado contexto, está socialmente acessível. Falando sobre o “estado da arte” da disciplina História, o autor relata que em relação à fotografia e ao cinema, existem estudos mais sistemáticos do que para outros tipos de imagens como a pintura histórica e as caricaturas. Além de ser um objeto tridimensional com

16 LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos primeiros presidentes através do humor e da caricatura In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente*. op. Cit. p.303.

17 MALTA, Márcio (Nico). *Diretas jaz: o cartunista Henfil e a redemocratização através das “cartas da mãe”*. Niterói: Muiraquitã, 2012.

18 MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. IN CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier editora. 2012.p.253.

características próprias o iconográfico gera uma série de relações entre as pessoas e objetos, significados e interpretações.¹⁹

Segundo ele:

Dito com outras palavras, estudar exclusiva ou preponderantemente fontes visuais corre sempre o risco de alimentar uma “História Iconográfica”, de fôlego curto e de interesse antes de mais nada documental. Não são, pois, documentos os objetos da pesquisa, mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade. Por isso, não há como dispensar aqui, também, a formulação de problemas históricos, para serem encaminhados e resolvidos por intermédio de fontes visuais, associadas a quaisquer outras fontes pertinentes. Assim, a expressão “História Visual” só teria algum sentido se se tratasse não de uma História produzida a partir de documentos visuais (exclusiva ou predominantemente), mas de qualquer tipo de documento e objetivando examinar a dimensão visual da sociedade. “Visual” se refere, nessas condições, à sociedade e não às fontes para seu conhecimento — embora seja óbvio que aí se impõe a necessidade de incluir e mesmo eventualmente privilegiar fontes de caráter visual. Mas são os problemas visuais que terão de justificar o adjetivo apostro a “História”²⁰.

As imagens possuem uma ação de comunicação, mas também de intervir na sociedade, seja informando, seja para causar espanto, admiração e status, seja divertindo e/ou criticando os poderosos, hábitos e costumes da época. São parte da cultura e algo vivo na sociedade. Insistindo um pouco mais em Ulpiano Meneses, “No entanto, o próprio projeto de pesquisa deve estabelecer uma relação dialética permanente entre documentos e problemática histórica, mas ao cabo é esta última que deve predominar²¹.”. Ou seja, o estudo do social predomina, mas as fontes visuais são um instrumento poderoso e elucidativo. O circuito produção – circulação – apropriação, é algo muito interessante e relevante aos historiadores e o povo carioca em especial trata disso com maestria, desde o PR, que originalmente era “Príncipe Regente” e tornou-se “Ponha-se na rua!” ou “Propriedade privada”, passando pela Diretoria Geral de Saúde Pública (D.G.S.P), de Oswaldo Cruz, que virou “Dinheiro Gasto Sem Proveito” ou as imagens da República que viraram motivo de constantes alterações e usos pelos artistas gráficos da Primeira República, ou

19 MENESES. Ulpiano T. Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares*. Revista Brasileira de História, vol. 23, nº 45. disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>>. Acesso em 18 de setembro de 2016.

20 MENESES. Ulpiano T. Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares*. Revista Brasileira de História, vol. 23, nº 45. op. Cit. p.28.

21 MENESES. Ulpiano T. Bezerra de. op. Cit. p. 28.

mesmo a figura do “Zé Povo” que representava como o povo receberia as novidades da época e as últimas notícias e modas²².

Deve-se atentar para o público-alvo ao qual as fontes originalmente se dirigiam. No caso da imprensa, atingia uma parcela letrada pequena em relação ao conjunto da sociedade brasileira da época, mas de considerável importância e influência, crescente. Imagens da era da reprodutibilidade técnica, como queria Walter Benjamin, uma vez que eram voltadas para a circulação de massas.

Também é interessante saber um pouco sobre os artistas do período. Alguns transitavam entre a dita “alta cultura” e a “cultura popular” em enorme circularidade cultural. Alguns, como Raul Pederneiras, era estudioso das Belas-artes e produzia caricaturas: “Foi caricaturista (o que deu a ele notoriedade), poeta, teatrólogo, compositor, publicitário e jornalista (exerceu o cargo de presidente da Associação Brasileira de Imprensa por dois mandatos)”.²³

O trabalho de Mônica Velloso sobre o cotidiano carioca e a “Literatura humorística” e a revista *D. Quixote* é de grande relevância para entendermos o *ethos* e o caráter do povo carioca, tanto da alta cultura quanto da cultura popular. Nele a autora analisa os editoriais das revistas humorísticas, as próprias caricaturas, as cenas e cenários da vida carioca.²⁴

Pretende-se analisar as imagens e meios humorísticos relevantes para a pesquisa, verificar as imagens e textos referentes à política, relações de poder e acontecimentos da época para, em momento posterior, verificar como os eventos do período aparecem retratados, por que tal apresentação conseguiu atingir o público-leitor e ser compreendido e como a história que conhecemos hoje vai sendo tecida e apresentada, criticada ou festejada pelos artistas da época.

1.3 Caricatura

22 SILVA, Marco A. *Caricata República. Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990.

23 SILVA, Rogério Souza. *Entre caricaturas e trocadilhos: Raul Pederneiras e seu passeio pelas linguagens*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308237896_ARQUIVO_ENTRE_CARICATURAS_E_TROCADILHOS-ANPUH-2011\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308237896_ARQUIVO_ENTRE_CARICATURAS_E_TROCADILHOS-ANPUH-2011[1].pdf)> Acesso em 18 de setembro de 2016.

24 VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro. Turunas e Quixotes*. Petrópolis: KBR, 2015.

Seguimos a definição proposta por Joaquim da Fonseca que compreende as caricaturas como a representação plástica ou gráfica de uma pessoa, tipo, ação ou ideia interpretada, intencionalmente distorcida sob um aspecto ridículo e/ou grotesco. Um desenho que pode acentuar traços característicos e/ou ridículos de uma pessoa, geralmente através do burlesco²⁵.

Além disso, a caricatura pode ser entendida em um sentido mais amplo, de modo a abranger formas variadas, como a charge, o cartum, o desenho de humor, a tira cômica, a história em quadrinhos de humor, o desenho animado e a caricatura pessoal propriamente ditam²⁶. Seguiremos essa definição ampliada.

A palavra caricatura vem do verbo italiano *caricare* (carregar, sobrecarregar, exagerar), usado pela primeira vez em 1646. Um de seus pioneiros foi Giovanni Lorenzo Bernini (1598-1680). Mestre do Barroco italiano, autor de obras como “O Êxtase de Santa Teresa”, “Apolo e Dafne”, “O Rapto de Proserpina”, além de obras de arquitetura, também foi um habilidoso desenhista e caricaturista²⁷.

Suas origens, porém, são muito mais antigas. Egípcios antigos representavam homens ironicamente como animais. Os romanos da Antiguidade faziam o *Graffito*, rabisco toscos em tom de zombaria²⁸. Na Idade Média, faltavam meios materiais para a elaboração das críticas, mas o gosto pelo grotesco estava presente, em vitrais, miniaturas, esculturas, etc. Sátiras de costumes e trovadores também faziam parte do humor da época. O Renascimento é marcado pela divisão de estilos, e a caricatura no sentido mais moderno surge neste período. Artistas que hoje são admirados por obras-primas, como Leonardo da Vinci, Hans Holbein, o moço, Albrecht Dürer e Michelangelo também produziam suas caricaturas²⁹.

Enquanto o retrato sério traz consigo a idealização e, por vezes, a exaltação, a caricatura traz consigo a marca da irreverência e pode ser capaz de desnudar a personalidade do retratado, mais próximo dos atos cotidianos. Enquanto uma atenua traços, o outro os exagera³⁰.

Existem outras formas de desenhos humorísticos, como:

25 FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. p.17.

26 FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Idem.

27 Idem.

28 FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Idem. p. 43-45

29 FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Idem. p. 43-49.

30 FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Idem.

- **A charge:** um cartum onde é satirizado um fato específico, que pode ser uma ideia, acontecimento, situação ou pessoa, geralmente de caráter político e de conhecimento público. “O conteúdo humorístico da charge é eminentemente crítico e interpretativo. Pela possibilidade de sintetizar uma situação pode às vezes ter a importância de um editorial”³¹. Boa parte das imagens usadas neste estudo não são apenas caricaturas, mas também charges³².
- **Cartum:** desenho caricatural que apresenta uma situação humorística com ou sem legendas, de modo atemporal e universal. Não está necessariamente ligada aos eventos que estão acontecendo no momento de sua produção³³.
- **Desenho de humor:** desenho que usa elementos da caricatura para capturar momentos da existência humana sem abrir mão do humor. Geralmente são autocontidos.
- **Tira Cômica e História em quadrinhos:** série de painéis agrupados (os quadrinhos) com personagens, que podem incluir diálogos legendas ou com uso dos característicos balões, onomatopéias específicas (*crás, pow, zum, crash, zup, etc.*), criando um vocabulário e convenções próprias³⁴. Até hoje as histórias em quadrinhos nos Estados Unidos respondem pelo seu nome de origem (comics ou comic book), mesmo tratando de temas diversos e de manter linhas “adultas”.

Um dos pioneiros no uso dos quadrinhos foi o ítalo-brasileiro Angelo Agostini com o seu *As aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora* ou *Impressões de uma viagem à corte*. Ainda que internacionalmente o “Garoto Amarelo” (*The Yellow Kid*, 1896) seja reconhecido como uma das primeiras histórias em quadrinhos modernos, as obras de Agostini já traziam muitas das características da narrativa quadrinística moderna e antecede o garoto amarelo em uns bons anos³⁵.

31 ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. *O fato gráfico*. O humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. 249f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. p.211.

32 FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. op. cit. p. 26

33 Idem

34 FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. op. cit. p. 27-28.

35 AGOSTINI, Angelo. *As Aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883*/Angelo Agostini; pesquisa, organização e introdução Athos Eichler Cardoso. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013. Disponível em <http://livraria.senado.leg.br/as-aventuras-de-nho-quim-e-ze-caipora.html> acesso em 12/05/2018.

A caricatura fala para um público amplo, o maior possível. Para isso, liga-se aos meios de comunicação de massa e inovações técnicas que permitam a sua reprodução também de modo massificado e em série. Os avanços técnicos da imprensa ao longo do tempo foram cruciais para isso. A gravura “a traço”, com contrastes entre o preto e o branco, forçou o artista a abrir mão de meios-tons, mas, por outro lado, abriram também uma ampla gama de possibilidades e maior flexibilidade de reprodução a partir de 1850³⁶.

Diversas técnicas podem servir de meios para a caricatura. Dentre elas podemos apontar as mais comuns ao longo do tempo:

- Carvão;
- Giz/creiom;
- Lápis;
- Pena, tinta e pincel;
- Tintas próprias para desenho;

Todas essas são dependentes do papel para o suporte ou de outra superfície para sua realização. Atualmente a Internet e os meios digitais vêm ganhando cada vez mais espaço e popularidade.

Dentre os meios de reprodução gráfica, os mais comuns foram:

- Os próprios originais;
- Xilogravura (gravura em relevo, geralmente madeira)
- Gravura em metal
- Ponta seca (sulcos feitos em chapa de metal, entintada e usada para impressão)
- Água-forte (técnica de gravura a entalhe em que se marcam traços em uma placa de metal, a qual, imersa em ácido nítrico, tem esses traços transformados em sulcos pela ação corrosiva do ácido)
- Água-tinta (semelhante ao anterior, usada em desenhos com mais tonalidades e texturas. Goya e Picasso a utilizaram)
- Litografia (uso de tinta e outros materiais gordurosos sobre uma matriz plana, sem relevos ou sucos. Cobria-se com água a placa e esta era fixada nas

36 FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. p.25.

partes não cobertas pelo desenho. A seguir entintava-se a pedra com tinta também gordurosa. Usava-se uma prensa manual para a reprodução do desenho)

- Fotografia
- Computação gráfica³⁷

Jorge Arbach considera como sendo a partir do advento da tipografia que a palavra escrita passa a preponderar sobre as ilustrações e formas de comunicação gráficas. A palavra impressa sobre a ilustração manual, com a primeira ganhando em agilidade³⁸.

Os suportes também influenciam a forma de desenhar, quanto mais resistente um material (por exemplo, madeira), mais perpendicular é a incisão, tornando mais lenta a produção de matrizes e a fluidez de ideias que o artista pode ter³⁹.

No meio jornalístico, uma ilustração pode cumprir variados objetivos, como esclarecer uma informação visual, tornar o texto mais atraente ao leitor ou mesmo se opor ao escrito⁴⁰.

Jorge Abrach analisa a percepção dos desenhos da seguinte forma:

Nossa percepção da realidade através do desenho é um ato individual sustentado em fragmentos, vivenciados pela história de cada indivíduo. Isto é: as imagens só podem ser recebidas através das experiências vividas anteriormente por cada um, e que se encontram gravadas intransferivelmente na alma de cada pessoa. É a imaginação entrando em cena. (...) ⁴¹.

A relação entre os dois universos discursivos, o icônico e o textual, está na variação da fluência na decodificação da mensagem contida em ambas. A imagem impressa possui acesso mais imediato e universal, enquanto a palavra escrita requer um conhecimento mais apurado de seus códigos simbólicos. No entanto, ambas as

37 FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. p.29-41. ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. *O fato gráfico*. O humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. 249f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. p.108-120.

38 ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. *O fato gráfico*. O humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. 249f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. p.110.

39 ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. *O fato gráfico*. O humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. 249f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. p.112.

40 ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. *O fato gráfico*. O humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. 249f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. p.43.

41 ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. *O fato gráfico*. O humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. 249f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 52.

formas discursivas não são excludentes entre si. Ao contrário, podem interagir e dialogar entre si, como no caso das caricaturas publicadas nas revistas de humor da *Belle Époque* carioca⁴². Herman Lima, citando Silvio Lago, lembra que “a verdadeira psicologia de um povo está nos lápis dos seus caricaturistas”⁴³.

É que a caricatura é por excelência uma arte que requer agudeza de espírito, poder de síntese, cultura literária, rapidez de apreensão, que permitam aos que a exercem a interpretação não só de fatos correntes e de figuras da atualidade em evidência, como de eventuais legendas alheias a textos literários⁴⁴.

As caricaturas podem assumir papéis de editoriais e comentários sociais, que se valem da ironia, da sátira e do sarcasmo para mostrar com poucas imagens e de maneira imediata o que poderia ser feito com várias e várias palavras. A caricatura pode ser uma arma em tempos de repressão (vide as obras de Henfil durante os “Anos de chumbo” do regime civil-militar de 1964-1985), mas também pode se encobrir com o manto do moralismo, conservadorismo e discriminação. É a reunião de arte, inteligência, criatividade e expressão. Pode ser um meio de dar voz aos leitores, de orientar e de refletir a opinião pública, ou de ajudar a conduzi-la para onde o “quarto poder” da imprensa e seus interesses pretendem⁴⁵.

Imagens são testemunhas de uma época, porém a sua tradução em palavras pode ser bem difícil, mesmo com imagens aparentemente óbvias. Caso não se tenha o “filtro” correto ou a “chave” para avaliarmos pode ser ainda mais complicado, sendo necessário o reconhecimento das limitações dessas fontes e da necessidade de se complementar as informações e de contextualizar as produções.

Peter Burke acredita que qualquer imagem pode servir como evidência histórica e que as imagens passaram por ao menos duas revoluções: o uso da imagem impressa (séc. XV e XVI) e o aparecimento da imagem fotográfica (incluindo filme e televisão) nos séculos XIX e XX. Cada uma delas possibilitou que um maior

42 ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. *O fato gráfico*. O humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. 249f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, p.52-53.

43 LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963. volume 1. p. 26.

44 LIMA, Herman. *J. Carlos*. Coleção “Artistas Brasileiros” (direção José Simeão Leal). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde, 1950. p. 45.

45 FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. p.11-13.

número de pessoas entrasse em contato com as imagens disponíveis.⁴⁶ Até então, poucas imagens faziam parte desse cotidiano.

Ao referir-se aos iconografistas, Peter Burke lembra de Erwin Panofsky que fórmula três níveis de interpretação dos significados contidos nas imagens.

1. A descrição pré-iconográfica, referente ao processo de identificação de objetos, personagens e eventos contidos na cena;
2. A análise iconográfica propriamente dita, o que está sendo retratado em cena;
3. O significado intrínseco da obra, o que o autor quis representar e que as pessoas entendessem, vissem, “lessem” com aquela imagem⁴⁷.

Para interpretar as mensagens contidas nas imagens é preciso conhecer e familiarizar-se com os códigos culturais daqueles que produziam e recebiam essas imagens, sendo parte da difícil tarefa do historiador. Conhecer o contexto, prestar atenção aos detalhes e comparar série de imagens, quando possível, são orientações importantes a serem seguidas⁴⁸.

A iconografia pode ser criticada por ser muito “intuitiva”, não observara a variedade de tipos de imagens e se concentrar muito nas alegorias. Peter Burke argumenta que as imagens não são nem tanto o reflexo imediato da realidade social e nem um sistema de signos sem relação com essa realidade social e propõe que elas sejam vistas como algo entre esses dois extremos. As imagens “são testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos vêm o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação”⁴⁹.

Os testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de real valor e, embora não tenham sido, em geral, produzidas para serem fontes historiográficas, podem servir de testemunhas dos arranjos sociais, dos modos de ver, pensar e fazer pensar sobre o momento ou o passado⁵⁰. Como recomendações, Burke propõe, por exemplo, que as imagens sejam colocadas em seus devidos contextos, que

46 BURKE, Peter. Testemunha ocular. O uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p. 26-29.

47 BURKE, Peter. Testemunha ocular. op. cit. p. 57-58.

48 BURKE, Peter. Testemunha ocular. op. cit. p. 62-63.

49 BURKE, Peter. op. cit. p. 275.

50 op. cit. p. 281.

saibamos quem as produziu e com quais propósitos e que nos atentemos aos detalhes. Ao que foi dito e também ao que não foi dito⁵¹.

1.4 Biógrafos

Como material de apoio e comparação, buscamos também utilizar de biografias sobre Wenceslau Braz. Os principais autores que se detiveram sobre Wenceslau Braz a que tivemos acesso foram Darci Bessone, Pedro Cavalcanti, José Armelim e Hélio Silva.

Darci Bessone de Oliveira Andrade nasceu em Montes Claros (MG) em 12 de novembro de 1910. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais (UMG), atual Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tornou-se professor concursado da UMG a partir de março de 1942. Em outubro do mesmo ano tornou-se um dos signatários do “Manifesto dos mineiros”, documento que foi elaborado por um grupo de intelectuais e políticos mineiros que contestava a ditadura do Estado Novo, reivindicando um governo mais democrático para o país, sendo um elemento importante de contestação ao regime.

O Manifesto dos mineiros, vale observar, tinha entre seus signatários, personalidades ligadas à Primeira República, como Afonso Pena Júnior, Artur Bernardes Filho, dentre vários outros. Wenceslau Braz foi convidado a dar seu apoio, mas negou, alegando ter se retirado da vida pública⁵².

Aparentemente, ao contrário de boa parte dos que participaram do documento, Darci Bessone não sofreu sanções diretas ou indiretas do Estado Novo, enquanto outros eram “aposentados” e afastados de órgãos públicos e privados. Bessone foi um dos fundadores da UDN (União Democrática Nacional), partido que se notabilizou pela oposição acirrada à Vargas e ao varguismo. Desenvolveu carreira pública em Minas (inclusive sendo secretário de Fazenda do governo Magalhães Pinto entre 1961e 1966) e também na iniciativa privada. Filiou-se ao PMDB e foi consultor-geral da República em 1985, afastando-se da vida pública logo depois. Seu filho, Leopoldo Bessone foi deputado Federal por Minas Gerais entre

51 op. cit. p. 282.

52 BENEVIDES, Maria Vitória (com colaboração). MANIFESTO DOS MINEIROS. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/manifesto-dos-mineiros>

Acesso em 13/10/2018.

1979-1984; 1986-1988, deputado constituinte em 1987-1988, ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário em 1988-1989 e deputado Federal por Minas Gerias entre 1989 e 1999, passando pelo PMDB, PST, PP e PTB.

Seu livro, Wenceslau, um pescador na presidência, é um dos mais completos sobre o ex-presidente, servindo até hoje de base para estudos sobre o período e sobre o político mineiro, utilizado, por exemplo, no capítulo sobre Wenceslau Braz da obra *Presidentes do Brasil (De Deodoro a FHC)*, organizado por Fábio Koifman⁵³.

Pedro de Alcântara Cavalcanti de Albuquerque nasceu em Salvador, em 26 de novembro de 1889. Formou-se engenheiro-agrimensor pelo Colégio Militar do Rio de Janeiro. Atuou como ajudante-de-ordem do presidente Wenceslau Braz e teve destacada atuação na Liga da Defesa Nacional (LDN), uma associação civil fundada no Rio de Janeiro em setembro de 1916 por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Álvaro Alberto, dentre outros. Seu objetivo central é “congregar os sentimentos patrióticos dos brasileiros de todas as classes”, defendendo “a educação cívica, o amor à justiça e o culto ao patriotismo”, segundo seus estatutos de 1916, ainda hoje em vigor⁵⁴.

A Liga da Defesa Nacional foi fundada na Biblioteca Nacional e teve como primeiro presidente o então presidente da República Wenceslau Braz. Sua criação é parte de um desdobramento da campanha de Olavo Bilac pelo serviço militar obrigatório. O objetivo era “apagar” as diferenças entre civis e militares, disseminando uma “consciência civil” nos quartéis, criando o “cidadão-soldado”, que desembocaria numa “força nacional real”, que seria de grande importância na resolução dos problemas do país⁵⁵. O ministro da Guerra de Wenceslau Braz, o general Caetano de Faria, apoiou essa campanha.

Em seu livro “A presidência Wenceslau Braz (1914-1918)”, Pedro Cavalcanti, como indica o título, comenta apenas o período em que Wenceslau Braz ocupa a presidência da República. Nele, dedica um capítulo para tratar da situação da Marinha e Exército, elogiando o presidente ao tentar melhorar a situação das forças armadas ao mesmo tempo em que procura manter o orçamento nacional em equilíbrio, e remete-se à questão do serviço militar, elogiando o presidente

53 KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*. São Paulo: Universidade Estácio de Sá/Editora Rio/Cultura Editores Associados, 2002. P. 186-203.

54 Cf. <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-de-alcantara-cavalcanti-de-albuquerque> em 13/10/2018

55 Cf. <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-da-defesa-nacional-ldn> Em 13/10/2018

Wenceslau: “Sem nenhum tão relevante, foi o serviço militar obrigatório o empreendimento capital do Sr. Wenceslau Braz na execução do seu plano para melhorar a precária situação da defesa armada do país”⁵⁶. Muito embora essa questão do alistamento e da reforma do Exército tenha sido também feita no período Hermes da Fonseca, algo não apontado pelo autor⁵⁷.

Pedro Cavalcanti ainda teria carreira militar, continuando como ajudante-de-ordens do presidente Delfim Moreira (1918-1919), primo de Wencelsau Braz. Foi membro do conselho de administração do Estado Maior do Exército em fevereiro de 1930. De 1932 a 1933 chefiou o gabinete do ministro da Guerra, general Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso. Sua carreira continua até 1947, quando entra para a reserva com a patente de marechal. Também foi jornalista e escritor⁵⁸.

José Armelin Bernardo Guimarães foi poeta, escritor e historiador do sul de Minas Gerais, também de Itajubá. Nascido em 1915, era neto de Bernardo Guimarães, autor da clássica obra *A escrava Isaura*. Dedicava-se à história local, sendo membro da Academia Itajubense de Letras. Cuidou de Maria do Carmo Gerônimo (1871-2000), ex-escrava e que foi considerada a mulher mais velha do Brasil. Seu livro *Venceslau Brás. O mineiro que dobrou o caudilho* deixa claro no título um dos eixos de sua narrativa: o esperto e matreiro Wenceslau conseguindo vencer o autoritário Pinheiro Machado e livrar o Brasil de sua vontade férrea.

Hélio Silva (nascido em 10 de abril de 1904) foi colunista de diversos órgãos da imprensa: *O Brasil*, *O imparcial*, *A tribuna*, *A rua*, *O país*; as revistas *ABC* e *Phoenix*, no Rio de Janeiro; *Correio paulistano*, *Jornal do comércio* e *O combate*, em São Paulo. O Movimento de 1930 abreviou-lhe sua carreira política, uma vez que estava ligado ao nome de Júlio Prestes quando trabalhava nos jornais *O País* e *Correio Paulistano*, cujas redações foram incendiadas.

Começa a publicar suas pesquisas de história republicana em 1959, na Tribuna da Imprensa, a convite de Carlos Lacerda (político de destaque na UDN e ferrenho opositor de Getúlio Vargas) e Odylo Costa Filho, escrevendo diversos livros e as coleções História da República Brasileira (em parceria com Maria Cecília Ribas)

56 CAVALCANTI, Pedro. A presidência Wenceslau Braz (1914-1918). Introdução de Félix Pacheco. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1983. P. 93.

57 https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/hermes_da_fonseca Acesso em 23/01/2019.

58 Cf. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-de-alcantara-cavalcanti-de-albuquerque> Acesso em 14/10/2018.

e Os Presidentes. As duas coleções trazem volumes dedicados ao presidente Wenceslau Braz.

O que apresenta maior busca de precisão histórica em sua escrita é Hélio Silva. Sua ambiciosa obra pretende narrar os desenrolares da vida política da República brasileira. Seu estilo, porém, é mais copioso e menos interpretativo⁵⁹. Além disso, suas ligações com o Lacerdismo podem minar parte de sua credibilidade.

Darci Bessone parece ter desejado exaltar a figura de um presidente mineiro do período anterior ao ciclo de Vargas. Crítico do período do Estado Novo, signatário do Manifesto dos Mineiros e escrevendo a biografia de Wenceslau Braz em um período de endurecimento do regime civil-militar (1968). Talvez estivesse em busca de um símbolo de concórdia, negociação e respeito como tenta retratar o presidente mineiro diante de situações como a presença de Pinheiro Machado, as questões regionais após a política das Salvações e as negociações com o movimento operário e patronal. Dentre os presidentes mineiros da Primeira República, Afonso Pena e Artur teriam menos pontos a serem elogiados que Wenceslau Braz.

Pedro Cavalcanti, por ter trabalhado diretamente com Wenceslau Braz durante a presidência pode, ao mesmo tempo, trazer uma visão de testemunha da época e dos eventos, mas também trazer uma visão idealizada do período, ainda mais um período em que o Brasil participa da Primeira Guerra Mundial.

José Armelin Bernardo Guimarães, interessado em exaltar a figura de seu conterrâneo, é um dos mais elogiosos e empolgados em exaltar a figura do “vitorioso” Wenceslau, chegando a compará-lo com grandes personalidades da história e arte universais, como na comparação do estadista mineiro com o primeiro-ministro inglês Winston Churchill⁶⁰. Cada um, portanto, tinha algum tipo de relação com Wenceslau Braz e podemos intuir suas motivações em recuperar a memória e a história sobre o presidente.

1.5 Imprensa e política

59 Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/05/cotidiano/25.html> Acesso em 15/10/2018

60 Cf. cf. <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/arquivo-pessoal/VB/textual/wenceslau-bras-o-mineiro-que-dobrou-o-candilho-biografia-comemorativa-do-centenario-de-nascimento-de-wenceslau-bras-publicada-no-jornal-o-sul-de-m> Acesso em 19/10/2018.

A imprensa está desde os tempos da independência presente no Brasil e na política brasileira. No Império, a imprensa desfrutava de uma relativa liberdade de expressão que não poupava nem mesmo o imperador, chegando a ser apelidado de “Pedro Banana”, apresentado nas caricaturas como um imperador cansado, sonolento e despreocupado com as questões nacionais.

Destaque para a pena ácida de Ângelo Agostini, que não poupou o monarca Pedro II, nem mesmo levando em conta seu estado de saúde e idade, representando na imagem clássica de um imperador dormindo no trono, enquanto jornais da época se espalhavam pelo colo real e por sua escrivaninha. Note-se que além da crítica a uma suposta indiferença do imperador, o destaque dado aos jornais e ao noticiário que traziam.⁶¹ Em outro momento, a crítica aos políticos da época também acabava resvalando no imperador, que aparece sendo derrubado do trono e representado como um papagaio a declarar as falas do trono sem crítica em relação a elas⁶².

A princesa Isabel, herdeira do Império, também tinha sua imagem debatida nos periódicos da época, tanto enaltecendo suas virtudes e seu papel na Abolição da escravatura, quanto no sentido oposto, sendo minimizada pelos republicanos. Novamente a *Revista Illustrada* se posicionava, desta vez a favor da Casa de Bragança devido ao abolicionismo. Já *O Mequetrefe* e *A Gazeta Nacional*, buscam desqualificá-la, através de sua condição feminina, duvidando de suas aptidões políticas.⁶³ Questões da época, como o abolicionismo, a crítica ao governo, situações do cotidiano e noticiário internacional, por sinal, eram alvo de atenção da imprensa da época⁶⁴.

Se a Família Imperial não foi poupada de críticas, tampouco o foram os políticos e presidentes que lhes sucederam com o advento do Quinze de Novembro e do Regime republicano. Se por vezes existiam bustos enaltecedores, que mostravam a seriedade de nossos dirigentes e seus gabinetes, também existiam charges e caricaturas criticando suas decisões, costumes e hábitos, além dos acontecimentos da época.

61<http://memoria.bn.br/pdf/332747/per332747_1887_00450.pdf> acesso em 09/09/2016.

62<http://memoria.bn.br/pdf/332747/per332747_1882_00283.pdf> acesso em 09/09/2016.

63MATTOS, Augusto. Sempre na Berlinda. *As imagens conflitantes de D. Isabel na imprensa mostram uma sociedade dividida na época da Abolição*. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/sempre-na-berlinda>> acesso em 09/09/2016.

64<http://memoria.bn.br/pdf/332747/per332747_1885_00413.pdf> acesso em 09/09/2016.

<http://memoria.bn.br/pdf/332747/per332747_1885_00409.pdf> acesso em 09/09/2016.

De Deodoro da Fonseca, proclamador de nossa República a Washington Luiz, Passando pelos Marechais Floriano Peixoto e Hermes da Fonseca (ou seria “Dudu-do-Corta-Jaca, referência à noite em que a cultura popular teve destaque no Palácio do Catete⁶⁵?”), Rodrigues Alves e Afonso Pena (com seu “Jardim da Infância”), Rui Barbosa, Pinheiro Machado, “São Wenceslau” e o antipatizado Arthur Bernardes, todos os mandatários da nação e outros notáveis foram alvo da pena dos vários artistas gráficos, caricaturistas e desenhistas do período: Ângelo Agostini, K. Lixto, J. Carlos, Raul Pederneiras, Seth, Rian (Nair de Tefé) e vários outros deixaram suas marcas e suas visões na cultura política e no cotidiano brasileiro por décadas.

Cabeças disformes, Esfinges, olhos esbugalhados, apelidos, corpos atarracados, Desenhos elaborados ou simplificados, narizes engraçados, óculos, gravatas e cartolas em destaque. Histórias em quadrinhos, poucas palavras novas palavras (como o Marechal Hermes e sua “Urucubaca” contagiosa e contagiante) ou mesmo palavra alguma. Os desenhistas e suas ilustrações souberam fazer com que suas mensagens fossem bem entendidas pelos leitores da época sobre o cotidiano de seus tempos e de suas questões. As ideologias, o simbólico e o imaginário social são importantes para assegurar a legitimidade dos regimes políticos modernos e a imagem que os governantes desejam passar de si mesmo e de seus governos aos demais, estando em constante disputa⁶⁶.

A modernidade é um processo contínuo que vai desencadear vários outros movimentos no tempo e no espaço. Monica Pimenta Velloso propõe pensar o modernismo a partir de uma perspectiva de simultaneidade, complexidade, continuidade e pluralidade⁶⁷.

O Rio de Janeiro do início do século XX é marcado por um grupo de intelectuais boêmios que demonstra sintonia com a cultura da modernidade, com uma linguagem humorística, uso de sátiras e caricaturas. Cronistas como Lima Barreto, Bastos Tigre, Emílio de Menezes e José do Patrocínio Filho, além de caricaturistas de destaque, como Raul Pederneiras, K. Lixto Cordeiro, Seth e J. Carlos compunham esse grupo.

Esse grupo realiza uma reflexão sobre o Brasil e sobre a modernidade a partir de uma perspectiva do humor, da sátira e das caricaturas. Era um grupo que vinha

65KOIFMAN, Fábio (org). *Presidentes do Brasil. De Deodoro a FHC*. São Paulo: Cultura, 2002. p.173

66CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p. 9-11.

67VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.353.

se formando desde o final do Império e que valorizava o ideal da liberdade, do descomprometimento e do individualismo⁶⁸. Uma de suas maiores expressões, José do Patrocínio, é lembrado como “Tigre da abolição”, mas seu lado boêmio é esquecido, não se estabelecendo uma conexão entre ambos os lados de sua persona. Isto acaba sendo sintomático de como a historiografia tende a não valorizar e refletir sobre a cultura boêmia. No entanto, esse grupo apoiava as lutas pela abolição da escravidão e pela proclamação da República.

O projeto de uma sociedade mais justa e igualitária, moderna e avançada, porém, não se concretizou. O projeto de uma sociedade mais inclusiva, que tivesse a participação mais incisiva de seus cidadãos não se realizou. “Essa não é a república dos meus sonhos”, como ficou expressa na famosa frase de Lopes Trovão⁶⁹.

Civilização não implicava em democratização, ao contrário, reforçava os ideais aristocratizantes. Esses ideais passaram a ser endereçadas às elites. Essas elites se identificam com os valores da cultura europeia, tentando negar as origens mestiças da nacionalidade brasileira.

Os grupos boêmios, por sua vez, tendiam a se aliar e a se identificar com as camadas populares, compartilhando o sentimento de rebeldia e de exclusão social, inclusive com parcerias musicais, teatro de revista e carnaval. Bastos Tigre e Raul Pederneiras tinham como parceiros compositores populares como Sinhô, Eduardo das Neves e Paulinho Sacramento.

Os intelectuais boêmios cariocas, que enfatizam a rua, refutam a ideia de um movimento literário organizado, pois rejeitam a ideia de uma literatura ligada à vida oficial e burocrática. A República recém-proclamada se mostra avessa aos sonhos desses intelectuais, divididos entre esperança e desencanto. Uma visão trágica da modernidade se articula entre eles, nos seus escritos, nos seus encontros nos cafés e nas revistas que fundam⁷⁰.

O Rio de Janeiro é um centro de absorção de influências culturais das várias regiões e polo irradiador das produções culturais. Na cultura musical popular, nomes como Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga, Sinhô e Pixinguinha lançavam as

68VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excluyente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. op. cit. p.353.

69VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano*. op. cit. p. 362.

70 VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro. Turunas e Quixotes*. Petrópolis: KBR, 2015. p. 18.

bases da música popular, do Samba e do Choro⁷¹. Os espaços informais de cultura foram de fundamental importância na sociabilidade e na construção do modernismo carioca. Nos dizeres de Monica Velloso: “o imaginário urbano do Rio, é nítida a insistência nos temas da espontaneidade, da informalidade e do inconformismo, que aparecem como essência constitutiva do carioca”⁷².

Os caricaturistas, considerados “artistas menores” na época, conseguiram estabelecer um canal de comunicação com o público inédito para aquele período. Diminuía-se a distância entre a cultura letrada e o conjunto da sociedade⁷³. Nas caricaturas, o grupo abordava temas da cultura cotidiana, da vida, da cidade e da nacionalidade, buscando familiarizar os leitores com os novos referenciais da sociedade moderna. Ao mesmo tempo, faziam uma crítica da mercantilização da vida moderna. Alguns artistas, como Raul Pederneiras (que era Professor de arte), J. Carlos, Di Cavalcanti (também ele um caricaturista) usaram as possibilidades da Caricatura para ir além das convenções acadêmicas⁷⁴.

Quase todos os artistas, segundo Elias Thomé Saliba, recusavam a pecha de humoristas. Obrigados a realizarem múltiplas atividades para sobreviverem (teatro, publicidade, jornalismo, delegado de polícia, professores, etc.) estes artistas viviam um frágil equilíbrio entre a veia artística, o humo latente e a necessidade de agradar e não chocar demais o público leitor no “país da piada pronta”⁷⁵.

O autor aponta Machado de Assis, com seu humor fino e ironia, como exemplo de artista que se envergonha e até mesmo renega seu lado humorista. “(...) Mas Machado possuía irreprimíveis tiques de humorista, que sucessivamente vai abandonando para manter as aparências de formalidade”⁷⁶.

Desde o início da imprensa brasileira, o humor estaria presente. A caricatura passa a se fazer notar a partir da publicação de *A lanterna mágica*, revista ilustrada de Araújo Porto Alegre, que também é considerado nosso primeiro caricaturista. Artista de vários talentos, também foi pintor, arquiteto, autor dramático e diplomata⁷⁷.

71 VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. op. cit. p.363.

72 VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro. Turunas e Quixotes*. op. cit. p. 49.

73 VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano*. op. cit. p.364.

74 SALIBA, Elias Thomé. Cultura/As apostas na República IN SCHWARCZ, Lilia Moritz (coordenação) *História do Brasil nação: 1808-2010. volume 3 A abertura para o mundo 1889-1930*. Madrid/Rio de Janeiro: Fundación MAPFRE/Editora Objetiva, 2012. p.256.

75 SALIBA, Elias Thomé. Cultura/As apostas na República IN SCHWARCZ, Lilia Moritz (coordenação) *História do Brasil nação: 1808-2010. volume 3 A abertura para o mundo 1889-1930*. Madrid/Rio de Janeiro: Fundación MAPFRE/Editora Objetiva, 2012. p.262.

76 Idem.

77 LAGO, Pedro Corrêa do. *Caricaturistas brasileiros 1836-1999*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 1999. p. 18.

A chegada de Angelo Agostini, vindo da Itália em 1867, inicia uma nova etapa na história da imprensa ilustrada e da caricatura no Brasil. Antes de ter sua própria revista, trabalhou em diversos periódicos, como o Mosquito. A caricatura quase sempre ficou nas mãos de estrangeiros até o fim do século XIX, como o também italiano Luigi Borgomaniero, o português Rafael Bordalo e seu conterrâneo Julião Machado, que renova a caricatura brasileira⁷⁸.

A *Revista Ilustrada* (1876-1898), de Angelo Agostini marca um estilo característico do humor no Brasil, marcante como documento de costumes e da política do Brasil nos anos finais do Segundo Reinado (1840-1889) no Brasil. As lutas pela abolição da escravidão, por exemplo, tiveram destaque importantíssimo em suas páginas, ajudando a mobilizar a opinião pública a não mais aceitar uma horrenda instituição de mais de três séculos e que ainda hoje se recusa a nos deixar. Em uma sociedade com elevado número de não letrados, as imagens são potencializadas e as possibilidades criadas pelas histórias em quadrinhos e paródias, pelo exagero das charges transmitem uma mensagem construída coletivamente e materializada pelo pincel do artista e transmitida aos leitores⁷⁹.

Agostini usava a técnica do esfuminho (resultante da ação do lápis gorduroso sobre a pedra), própria para nuances e modelados. A *Revista Ilustrada* chega aos primeiros anos da República, mas não chega ao século XX. Agostini encerra sua carreira em outra revista, com seguidores de estilo parecidíssimo ao do mestre, Pereira Netto e Hilarião Teixeira, a *D. Quixote* e na infantil o *Tico-Tico*⁸⁰.

É bem provável que o caráter fotográfico da caricatura naquele momento, tornando familiares rostos e atitudes de políticos e de gente famosa e possibilitando aos menos cultos acompanhar os fatos apenas através das imagens, seja a explicação mais adequada para a penetração que a *Revista Ilustrada* teve nas capitais e no interior, como também para a sua longa vida. Esse caráter pedagógico também pode explicar a facilidade com que se impôs mais fortemente o estilo de desenho fotográfico de Angelo Agostini do que o traço limpo, sutil e elegante de um Rafael Bordalo Pinheiro.⁸¹

78 LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos primeiros presidentes através do humor e da caricatura. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excluyente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 292.

79 MODENESI, Thiago. *Educação para a abolição: charges e histórias em quadrinhos no Segundo Reinado do Brasil*. Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2017. p. 116-117

80 LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos primeiros presidentes através do humor e da caricatura. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excluyente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. op. cit. p. 292-293

81 LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos primeiros presidentes através do humor e da caricatura. op. cit. p.293.

Os desenhos de Angelo Agostini eram muito bem trabalhados, mas estavam mais próximos do retrato do que da caricatura propriamente dito. Acabavam funcionando como substitutos para a fotografia, que ainda não eram frequentes em nosso jornalismo por limitações técnicas. Os rostos dos políticos eram trazidos ao público através de sua pena.

Nem mesmo o imperador era poupado de suas tintas ácidas. Enquanto sofria de neuropatia diabética, o monarca dos trópicos foi retratado como indolente e alheio aos problemas do país, em uma ação que prejudicou a imagem pública de Pedro II em um momento de diversos problemas e questionamentos ao regime imperial e mesmo com a grande popularidade do imperador após a Guerra do Paraguai e às vésperas da Abolição, como ficou estampada na capa da *Revista Ilustrada*, ano 12, nº 450, de 1887.

Nela, vemos o imperador dormindo sentado no trono (não deixando dúvidas sobre a identidade do representado), ainda com os óculos no rosto, com a janela aberta, provavelmente representando a nação que esperava providências do monarca. Em seu colo e na mesinha ao lado, podemos identificar alguns dos jornais mais importantes do período, como *O Paiz*, *Gazeta de Notícias* e, parcialmente, o *Jornal do Comércio*, entre outros. Muitos ainda embrulhados, intocados, sem poderem cumprir sua função de informar o imperador dos problemas que afligiam a nação.

Sob a imagem, temos a legenda “El Rey, nosso Senhor e amo, dorme o somno da ... Indiferença. Os jornaes que diariamente trazem os desmandos desta situação parecem producir em S. Al. o effeito de um narcotico.

Bem-aventurado Senhor! Para vós o Reino do Céu e para o vosso povo... o do inferno!”

Tal imagem era exposta na capa da publicação, sendo observada por todos e facilmente reconhecida e entendida até pelos que não podiam ler. Indicando desde cedo um processo de oposição e crítica não só ao governo, mas também à figura pessoal do governante. Se antes, em 1882, Agostini já alertava a todos que os membros do governo afetavam o imperador e podiam derrubá-lo do trono, em charge também ousada (ver Anexo) agora o alvo era o próprio imperador.

Se nem o imperador era poupado das críticas, tampouco seriam os presidentes ao longo da Primeira República pelos caricaturistas que viriam a seguir. Um deles, em comparação, seria Wenceslau Braz, visto e mostrado como o

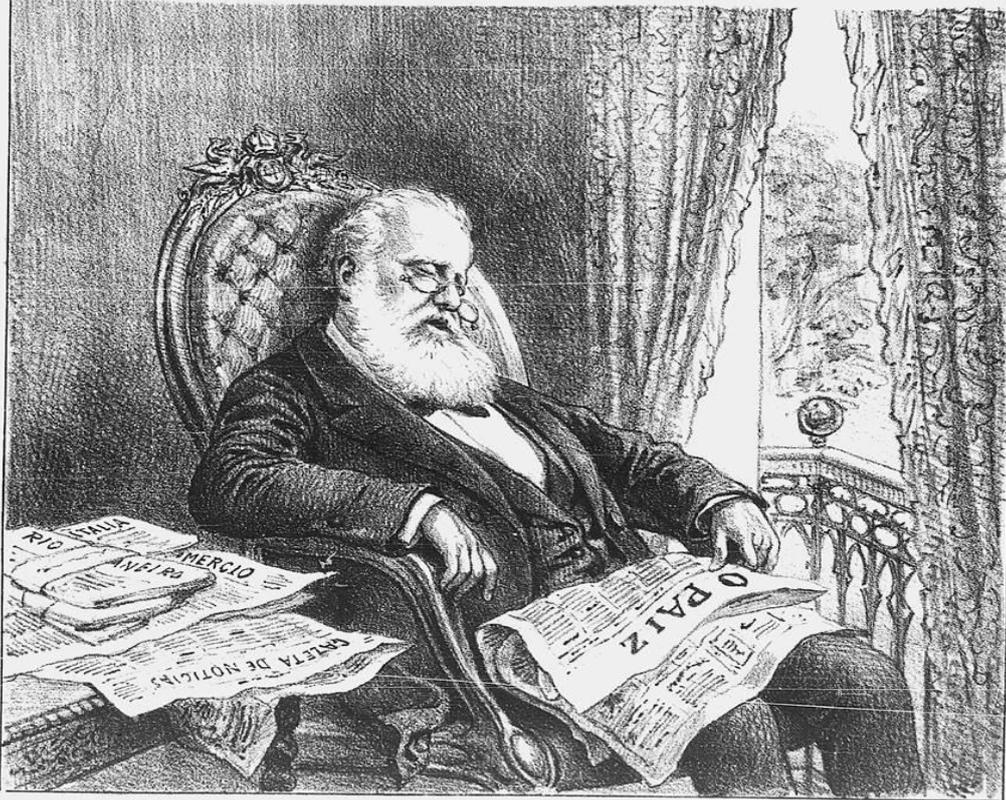
“Pescador de Itajubá”, associando-o à um perfil, matuto, caipira, mas que se mostrou um mineiro sagaz ao longo do tempo. Exemplo está na ilustração da revista *Fon-Fon!* de número 40 do Ano XI, de 6 de outubro de 1917, de autoria de Seth, quando Wenceslau estava em Caxambú.

Talvez a imagem mais agressiva sobre Wenceslau, tenha sido a da *Careta* nº 377, 11 de setembro de 1915 feita por um J. Carlos em uma fase ainda muito crítica, antes da morte de Pinheiro Machado, com Wenceslau cortando literalmente o povo junto com os gastos (Figura 5). Com o tempo, as críticas foram sendo reduzidas, prevalecendo um Wenceslau diante dos problemas, com ar pensativo. Tema que seria recorrente.

ANNO 12 — RIO DE JANEIRO 1887 — Nº 450

REVISTA ILLUSTRADA

CORTE		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI. A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas À RUA DE GONÇALVES DIAS, Nº 50, SOBRADO.	PROVINCIAS	
ANNO	16\$000		ANNO	20\$000
SEMESTRE	9\$000		SEMESTRE	11\$000
TRIMESTRE	5\$000	AVULSO	1\$000	



El Rey, nosso Senhor e amo, dorme o sono da... indiferença. Os jornaes que diariamente trazem os demandos desta situação, parecem produzir em S. M. o effeito de um narcotico. Bemaventurado Senhor! Para vós o reino do Céu e para o vosso povo... o do inferno!

Figura 1 - Revista Illustrada, ano 12, nº 450, de 1887. Figura de Angelo Agostini



Figura 2 - *Fon-Fon!* de número 40 do Ano XI, de 6 de outubro de 1917, de autoria de Seth

Em 1885 também em charge relativa à campanha abolicionista o Brasil, representado pelo índio e os escravos da lavoura, se unem para derrubar a carruagem do governo imperial, derrubando inclusive o próprio imperador. Algo que se repetiria e continuaria com o próprio Angelo Agositini e com outros caricaturistas ao longo do tempo, por exemplo no caso do governo marechal Hermes e de Wenceslau Braz.

A liberdade de imprensa e expressão havia sido uma verdade no Império. Ministros, deputados e senadores e o próprio imperador não eram poupados de ácidas. O mesmo cenário não se repetiu com o início da República, ao menos durante a “República da Espada” e com os presidentes marechais que censuraram a imprensa e estabeleceram Estado de sítio diante das revoltas e contestações que sofreram. Olavo Bilac, Pardal Mallet e Luiz Murat, por exemplo, foram presos por suas críticas ao marechal Floriano Peixoto⁸². Mesmo Floriano sendo quase indiferente em relação aos jornais que lhe faziam oposição, sendo um homem mais da prática do que das letras.

Voltando aos caricaturistas, Julião Machado desenvolve um traço rápido, ligeiro, de rápida apreensão pelo público que tinha contato com seus desenhos em um estilo que passa a predominar na imprensa brasileira de sua época e além. Julião Machado se aproxima de Olavo Bilac (que além de poeta era também cronista), para trabalharem juntos na revista *A Cigarra*, surgida em 1895. nela, Julião implementa um estilo gráfico mais limpo e original, com uso de cores e vinhetas elaboradas a bico de pena. Divididas em seções, davam uma configuração mais organizada à publicação. No ano seguinte lançam *A Bruxa*, evoluindo ainda mais a proposta da revista anterior⁸³.

As revistas humorísticas possuíam grande poder de comunicação, com alto poder de informação e de formação de opinião pública, capazes de transmitir informações de formas leves, ágeis e simpáticas⁸⁴. O humor possui uma agilidade capaz de acompanhar o ritmo cada vez maior e mais rápido dos acontecimentos.

A partir daí uma nova geração de grande talento inicia sua carreira na imprensa do Rio de Janeiro, com destaque para os três pilares da caricatura da época: Raul Pederneiras, Kalixto Cordeiro e J. Carlos. Os dois primeiros foram

82 LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço. op. cit. p.298-299.

83 LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço. op. cit. p.303.

84 VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. op. cit. p. 368.

lançados por Julião Machado, em 1898, em seu jornal *O Mercúrio*. J. Carlos inicia sua carreira em 1902 como colaborador espontâneo na revista *O Tagarela*, dirigida por Raul e K. Lixto. A partir desses autores, pode-se dizer que surge um estilo próprio dentro da caricatura nacional com os caminhos inaugurados por estes três autores. Cada um com seu próprio estilo reconhecível, inclusive nas temáticas escolhidas por cada um deles⁸⁵. Compunham um grupo que interpretavam o Brasil a partir de uma visão satírico-humorística de interpretação da nacionalidade, expressa através de seus escritos e desenhos, ideias e pensamentos, críticas e opiniões compartilhadas com o público-leitor⁸⁶.

Um turbilhão de acontecimentos. A inconstância que se estabeleceu a partir da Proclamação da República e o turbilhão da modernidade, geram impactos sobre as pessoas que recebiam esses eventos. Aos poucos, a imagem do jornalismo como conformador da realidade e da atualidade vai se construindo, em parte apoiada na tecnologia, que permite maior velocidade⁸⁷.

O Rio de Janeiro abre o século XX modernizando seu centro urbano. No caos da cidade, a iluminação elétrica, a adoção da tração elétrica nos bondes e a circulação dos primeiros automóveis nas ruas causam sensação e dão o tom da modernização, símbolo do novo século.⁸⁸

As formas como os homens apreendem as temporalidades e a significação que atribuem ao tempo são variáveis e o tempo social do Rio de Janeiro na virada do século apresenta-se linear e orientado. No futuro estaria a redenção de um passado colonial, escravista e atrasado. O passado estaria relegado ao esquecimento. As próprias mudanças na geografia e conformação urbana da capital federal com as reformas de Pereira Passos e o Bota-abaixo, confirmariam esse desejo de apagar o passado e seus vestígios⁸⁹.

O mundo vai se tornando cada vez mais compacto, uno e próximo. O telégrafo já permitia a comunicação com partes longínquas em algumas horas. Figuras exóticas de continentes ainda desconhecidos eram exibidas ao público. A velocidade e a quantidade dos impressos também aumentam. *O Jornal do Brasil* sai na frente ao adquirir as rotativas Marinonis em 1901, ampliando sua tiragem frente a

85 LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço. op. cit. p.303.

86 VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro. Turunas e Quixotes*. op. cit. p. 64.

87 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 24.

88 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 22.

89 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 25.

concorrência⁹⁰. Os tempos do jornal como empresa individual estavam ficando para trás, sobrevivendo no máximo, no interior. Os jornais passam a se estruturar como empresa capitalista e a requerer investimentos pesados diante da concorrência⁹¹.

Um novo jornalismo serve como meio difusor para a cultura, um suporte e um meio para que a cultura produzida no período possa atingir mais pessoas. Se nas duas últimas décadas do século XIX já vinha ocorrendo um incremento da grande imprensa, no início do século XX os periódicos começam a tomar um aspecto mais profissional. No Rio de Janeiro surgem as principais revistas semanais do período: *A Revista da Semana* (1900), *O Malho* (1902), *Kosmos* (1904), *Fon-Fon!* [Semanaire Alegre, Político, Crítico e Espusiente] (1907) e *Careta* (1908). Outras capitais, como São Paulo, Recife, Curitiba, Porto Alegre e Salvador também apresentam revistas coloridas que utilizavam caricaturas e superavam os antigos limites da xilogravura e da litografia⁹². Técnicas essas que já eram usadas pela geração anterior de caricaturistas dos tempos imperiais do “Pedro banana”, criticado por eles⁹³.

A imprensa moderna consegue surgir apesar de o país contar com cerca de 80 % de analfabetos, do seu baixo poder aquisitivo e do alto custo dos livros. Na cidade do Rio de Janeiro, porém, a atividade editorial fervilhava com uma população de mais de 400 mil possíveis leitores (cerca de metade de sua população). Essa imprensa contribuiu para a formação de uma “verdadeira cidade política” no Rio de Janeiro desde os anos 1880⁹⁴.

Surgiu, assim, no Brasil a imprensa moderna. Nasceu aquele “jornal leve e barato, verdadeiro espelho da alma popular, sínteses e análise das suas opiniões, das suas aspirações, das suas conquistas, do seu progresso”, como declarou Olavo Bilac, um entre muitos escritores que se dedicariam, durante suas vidas, a semanalmente tomar parte em diversos jornais (apud Rio, 1908). Considere-se ainda que a própria difusão da literatura se encontrava, não raro, bastante dependente dos jornais. “toda a melhor literatura dos últimos 35 anos fez escala pela imprensa”, escreveu Félix Pacheco, em 1908. (...)⁹⁵

90 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. op. cit. p. 23.

91 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. p. 315.

92 SALIBA, Elias Thomé. Cultura/ as apostas na República IN SCHWARCZ, Lília Moritz (coordenação) *História do Brasil nação: 1808-2010. volume 3 A abertura para o mundo 1889-1930*. Madrid/Rio de Janeiro: Fundación MAPFRE/Editora Objetiva, 2012. p. 246.

93 MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. IN MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. P. 63.

94 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 17.

95 SALIBA, Elias Thomé. Cultura/ as apostas na República IN SCHWARCZ, Lília Moritz (coordenação) *História do Brasil nação: 1808-2010. volume 3 A abertura para o mundo 1889-1930*. Madrid/Rio de Janeiro: Fundación MAPFRE/Editora Objetiva, 2012. p. 246.

O mercado editorial crescia apesar das limitações. Dentre os gêneros preferidos dos leitores da época estavam: os literatos já consagrados, como Machado de Assis ou José de Alencar; manuais de utilidade; livros infantis. Em geral, os três gêneros tinham preços semelhantes sendo praticados, lembrando que custavam aproximadamente um terço do ganho médio diário de um trabalhador e que mil réis era o equivalente ao mínimo do que se pagava por uma refeição diária barata no Largo da Carioca. Perto da Primeira Guerra Mundial, as páginas policiais se popularizavam, inclusive com as revistas semanais abrindo espaço para alguns casos de maior repercussão, como o assassinato de Pinheiro Machado e o Julgamento de Manso Paiva, além de outros que envolviam pessoas mais anônimas⁹⁶. “Romances de sensação”, com títulos chamativos, “Romances para homens”, com erotismo e obscenidades; manuais, brochuras, cordéis e folhetins compunham os demais gêneros de livros consumidos popularmente⁹⁷.

Múltiplos processos de inovação tecnológica passaram a permitir o uso da ilustração diversificada, dentre elas, as fotografias, as charges e as caricaturas⁹⁸. Comentando sobre o Jornal do Brasil, que se pretendia o “defensor daqueles que não tem quem propugne por eles”, Marialva Barbosa observa que era preciso que o jornal estabelecesse uma forma de se tornar compreensível para a população.

Mas para que de fato se torne o jornal de maior circulação e tiragem é preciso se transformar numa verdadeira revista ilustrada dos acontecimentos diários. Numa cidade cuja maioria absoluta da população é analfabeta, a textualidade da imprensa se faz pela possibilidade de transmitir a informação através da imagem.

O mais popular diário, desde 1894, orgulha-se também de publicar os palpites do jogo do bicho, as marchas dos cordões e blocos carnavalescos e os crimes, segundo os cronistas da época, tão ao gosto de um público mais vasto⁹⁹.

Quebrando a monotonia, aridez e dificuldade de acesso dos jornais da época, o Jornal do Brasil inovava pelo uso de caricaturas e fotos em suas páginas, sendo mais acessível aos leitores, “com ilustrações a bico de pena de páginas inteiras, resumindo as notícias da semana sob a forma de caricaturas, inovando ao criar ‘o

96 SALIBA, Elias Thomé. *Cultura/ as apostas na República* IN SCHWARCZ, Lilia Moritz (coordenação) *História do Brasil nação: 1808-2010. volume 3 A abertura para o mundo 1889-1930*. op. cit. p. 248.

97 SALIBA, Elias Thomé. *Cultura/ as apostas na República* IN SCHWARCZ, Lilia Moritz (coordenação) *História do Brasil nação: 1808-2010. volume 3 A abertura para o mundo 1889-1930*. op. cit. p. 249.

98 ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a serviço do progresso*. IN MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. P. 73.

99 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 32-33.

conto sem palavras', na verdade uma espécie de história em quadrinhos sem fala, o *Jornal do Brasil* valoriza as imagens – ainda em forma de desenho – em detrimento do texto”¹⁰⁰.

Em obra essencial, Nelson Werneck Sodré aponta que o *Jornal do Brasil* foi o primeiro a ter duas edições diárias (matutina e a vespertina começando a circular às 15 horas) e, com os avanços técnicos, conseguia atingir os 50.000 exemplares diários, algo inédito para a época. O autor também aponta que o periódico fazia uso dos desenhos de Julião Machado, Artur Lucas (Bambino) e Raul Pederneiras¹⁰¹. As revistas ilustradas, *O Malho* e *Careta*, possuíam tiragens de 40.000 e 50.000 aproximadamente¹⁰².

As revistas ilustradas, bem impressas, baratas e de circulação nacional em massa, foram um caso de sucesso. Sendo beneficiadas pelo avanço técnico da época. O aumento dos anunciantes e da publicidade também é outro fator a ajudar na circulação ampliada das revistas ilustradas.

As revistas que mesclavam caricaturas com comentários sobre eventos do cotidiano e atualidades, começam a ganhar fôlego no Brasil no início do século XX. Temos o surgimento das revistas *O Malho* (1902), *Fon-Fon!* (1907) e a *Careta* (1908). As três foram pesquisadas para este trabalho. Todas possuíam caráter satírico, conteúdo diversificado, atraentes para leitores (e anunciantes) de todo país, com circulação nacional e papel de qualidade (papel-acetinado), com muitas imagens.¹⁰³

A revista *Fon-Fon!* (Semanário Alegre, Político, Crítico e Espusiente), foi outra das revistas de sucesso do período, seguindo a fórmula de textos literários, publicidade, charge e ilustrações, contando com muitos dos ilustradores citados¹⁰⁴. Em sua edição nº 1, Ano X (1º de janeiro de 1916) dedicou longa reportagem ilustrada para apresentar logo no início do ano (e aproveitando o período em que

100 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. op. cit. p. 33.

101 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. p. 313.

102 CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle  poque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922).

Patrim nio e Memória. São Paulo: UNESP, v.8, n.1, janeiro-junho, 2012. P. 72-73. Disponível em :

https://www.researchgate.net/publication/299252715_The_Readership_of_Caricatures_in_the_Brazilian_Belle_Epoque_the_Case_of_the_Illustrated_Magazine_Careta_1908-1922 Acesso em 29/10/2018. P. 93

103 CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle  poque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922).

Patrim nio e Memória. São Paulo: UNESP, v.8, n.1, janeiro-junho, 2012. P. 72-73. Disponível em :

https://www.researchgate.net/publication/299252715_The_Readership_of_Caricatures_in_the_Brazilian_Belle_Epoque_the_Case_of_the_Illustrated_Magazine_Careta_1908-1922 Acesso em 29/10/2018.

104 ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. *O fato gráfico*. O humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. 249f. Tese (doutorado em Ciências da Comunica o) – Escola de Comunica es e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. p.178.

provavelmente as notícias são mais escassas), com muito orgulho, seu processo produtivo e sua redação em todas as suas etapas (em suas páginas 33-48).

Em uma reportagem de quinze páginas são apresentados os fundadores, redatores, colaboradores. Técnicos, como os gravadores, os responsáveis pela fotografia, impressão, tipografia, estereotipia, etc. Distribuição, não esquecendo (ou ocultando) nem mesmo os operários e os rapazes que madrugavam na porta do prédio, localizado na rua da Assembleia (a rua e a redação, símbolos da modernidade, foram retratadas na reportagem).

Jornalista	Cargo	Jornal	Política
José Barbosa		Jornal do Commercio	Ministro em Portugal
José da Silva Paranhos (Barão do Rio Branco)		Jornal do Commercio	Ministro das Relações Exteriores
Otávio Fialho		Jornal do Commercio	Diplomata
Félix Pacheco		Jornal do Commercio	Senador, ministro
Carlo Parlagrecco	Redator-chefe	Gazeta de Notícias	Professor
Henrique Guimarães	Repórter	Gazeta de Notícias	Conselheiro municipal
João Lopes Chaves	Colaborador	Gazeta de Notícias	Intimo de políticos
J. Penha	Colaborador	Gazeta de Notícias	Tenente
Quintino Bocayuva	Redator-chefe	O Paiz	Presidente do Estado do Rio e do PRC
Fernando Mendes	Diretor	Jornal do Brasil	Coronel, comandante da Guarda Nacional
Gaspar		Jornal do Brasil	Coronel da Guarda Nacional
James Andrew		Jornal do Brasil	Coronel da Guarda Nacional
Andrade e Silva		Jornal do Brasil	Coronel da Guarda Nacional
Vários	Reporteres	Jornal do Brasil	Militares de patentes menores
Paulo Vidal		Jornal do Brasil	Diplomata
Manuel Jorge de Oliveira Rocha	Diretor	A Notícia	Intimo de Campos Salles
Pedro Jatai	Redator	A Notícia	Procurador Geral da República
Cesário Alvim Filho	Redator	A Notícia	Desembargador
Alcindo Guanabara	Redator-chefe	A Tribuna	Deputado, senador
Antonio Azeredo	Proprietário	A Tribuna	Senador
João Lopes		A Tribuna	Deputado federal
Alvarenga Fonseca		A Tribuna	Juiz
José Maria Metelo Junior		A Tribuna	Senador
José do Patrocínio	Proprietário	A Cidade do Rio	Militante
Vicente Piragibe		A Cidade do Rio	Desembargador
Ruy Barbosa	Proprietário	A Imprensa	Ministro, senador
Julio de Mesquita	Proprietário	O Estado de S. Paulo	Vereador
Euclides da Cunha	Colaborador	O Estado de S. Paulo	Militar
Julio de Castilhos	Redator-chefe	A Federação	Presidente do Rio Grande do Sul, constituinte, presidente do PRR.
Gaspar Silveira Martins		A Reforma	Ministro, presidente do RS e presidente do PF.
Ildefonso Pinto	Diretor	A Federação	Deputado estadual
Antonio Carlos Penafiel	Diretor	A Federação	Deputado estadual
Evaristo do Amaral	Diretor interino	A Federação	Deputado estadual
Arthur Pinto da Rocha	Diretor	A Federação	Deputado estadual
Gonçalves de Almeida	Diretor	A Federação	Deputado estadual

Figura 3 - Quadro Imprensa e poder nas redações brasileiras no início do Século XX. Fonte: DUARTE, Luiz Antônio Farias. Imprensa e poder no Brasil – 1901/1915. Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS). 2007. 195f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.91.

Nela vemos: senhores elegantes na redação; trabalho feminino auxiliando na redação e secretaria; trabalhadores especializados, trabalhadores negros manejando as máquinas e trabalhadores humildes de diversas origens no carregar o peso das revistas para os correios, nas distribuições para os estados, mostrando o seu alcance para além do Rio de Janeiro. A revista poderia ter se limitado a mostrar apenas os trabalhadores intelectuais e da redação. Mas fez questão de mostrar a todos. Ainda que parte deles aparecem como anônimos e apresentados quase como parte do maquinário, estavam visíveis por alguns momentos.

Tal processo de produção e distribuição provavelmente era semelhante ao de outras redações das revistas concorrentes. “(...) o jornal ingressara, efetiva e definitivamente, na fase industrial, era agora empresa, grande ou pequena, mas com estrutura comercial inequívoca. Vendia-se informação como se vendia outra qualquer mercadoria¹⁰⁵.” Fica assim evidenciada boa parte do processo de produção e circulação das revistas da época, capaz de atingir mesmo áreas distantes do Brasil, algo que rivalizava até mesmo com os jornais da época.

Enquanto a *Fon-Fon!* pretendia ser um veículo da modernidade (expresso, inclusive, em um de seus logotipos e na onomatopeia da buzina do automóvel veloz, pedindo passagem sem poder esperar) e de sua experiência no mundo urbano, *O Malho* pretende-se mais próxima da classe trabalhadora. Fazendo crítica, supostamente, em nome das massas. Vale notar o duplo sentido de seu título (Malhar: forjar, bater ou meter o malho, criticar), criativo e destrutivo ao mesmo tempo¹⁰⁶.

Os preços das publicações não eram muito diferentes entre si. Inicialmente, *Careta* e *O Malho* custavam, em 1908, \$300. Pouco menos que a concorrente *Fon-Fon!* (que custava \$400). Não chegavam a ser valores proibitivos. Felipe Corrêa observa que uma passagem média de bonde custava \$200 e que a competição entre a *Careta* e *O Malho* devia ser mais acirrada, uma vez que disputavam o mesmo público: as camadas baixa e média da sociedade, enquanto a *Fon-Fon!* ao

105 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. p. 314.

106 CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). *Patrimônio e Memória*. São Paulo: UNESP, v.8, n.1, janeiro-Junho, 2012. P. 72-73. Disponível em : https://www.researchgate.net/publication/299252715_The_Readership_of_Caricatures_in_the_Brazilian_Belle_Epoque_the_Case_of_the_Illustrated_Magazine_Careta_1908-1922 Acesso em 29/10/2018. P. 78

menos se pretendia falar para um público de classe média, com inspirações parisienses¹⁰⁷.

Importante notar que era quase uma regra a dupla atividade de jornalista e de político pelos dirigentes dos principais jornais e de seus principais colaboradores. Algo que evidencia as ligações entre a imprensa e a política e minando o argumento de que ela seria “neutra”. Imprensa, política e formação de opiniões estavam intrinsecamente ligadas. Importantes nomes, como Quintino Bocaiúva, Barão do Rio Branco, Rui Barbosa, Júlio de Castilhos, Gaspar Silveira Martins, Alcindo Guanabara, José do Patrocínio, dentre outros, tinham um pé na política e outro no jornalismo.

Outro ponto interessante é a proximidade física entre os órgãos políticos e as redações da imprensa e destas entre si. É de se imaginar jornalistas, ilustradores, redatores, políticos de diversas tendências circulando nas ruas da Capital Federal e esbarrando uns nos outros. A *Careta* e a *Fon-Fon!*, por exemplo, dividiam a mesma rua da Assembleia. Já a famosa Rua do Ouvidor era palco de várias publicações e figuras de destaque: *O Jornal do Commercio*, *A Nação* (Barão do Rio Branco), *Diário de Notícias* (Rui Barbosa), *O País* (Quintino Bocaiúva), *Gazeta de Notícias* (Joaquim Nabuco, Olavo Bilac, João do Rio), *Correio da Manhã* (Edmundo Bittencourt), *A Imprensa* (Rui Barbosa e Alcindo Guanabara), *O Malho*, e outros mais¹⁰⁸. Podendo seus colaboradores estarem sempre antenados com as últimas modas e acontecimentos e, por sua vez, influenciando e estimulando assuntos e temas a serem debatidos pelos frequentadores daquelas ruas e além.

Analisando as capas da revista *Careta* entre 1910 e 1918 (respectivamente, início do governo Hermes da Fonseca e fim do Governo Wenceslau Braz), obtivemos o seguinte gráfico.

107 CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). *Patrimônio e Memória*. São Paulo: UNESP, v.8, n.1, janeiro-Junho, 2012. P. 72-73. Disponível em : https://www.researchgate.net/publication/299252715_The_Readership_of_Caricatures_in_the_Brazilian_Belle_Epoque_the_Case_of_the_Illustrated_Magazine_Careta_a_1908-1922_Acesso_em_29/10/2018. P. 80-81.

108 GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio (e da sua liderança na história política do Brasil)*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi produções literárias, 2013. p. 62-63.

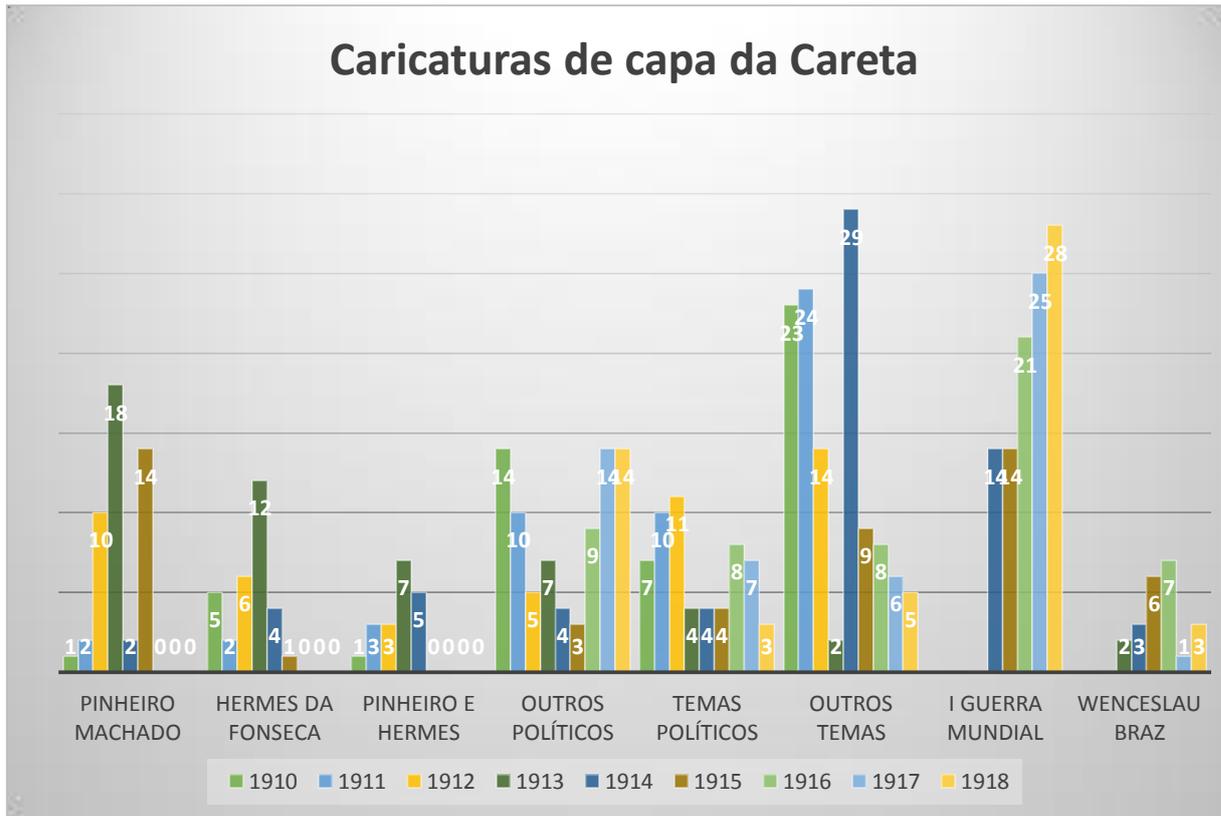


Figura 4 - Gráfico com dados sobre temas publicas nas capas da *revista Careta* 1910-1918. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O número de aparições de Pinheiro Machado foi bem elevado. Considerando apenas o ano de 1913 houve um pico de 18 aparições diretamente relacionadas à sua pessoa neste ano, momentos finais do governo Hermes da Fonseca e 14 aparições em 1915, até ser assassinado. O político gaúcho teve mais destaque que o próprio presidente Hermes da Fonseca, que teve um ápice de aparições em 12 capas em 1913. Mais sete capas são comuns a ambos os políticos em 1913. Tais capas representavam críticas semanais aos dois políticos. Estampadas diretamente na capa, seu potencial de circulação e visualização era ainda mais ampliado. Foram levadas em conta referências indiretas, como a capa da revista *Careta* nº 334, de 14 de novembro de 1914, com uma enorme figa e com as legendas “(O mais poderoso desinfetante contra a urucubaca) Modo de usar: Agite e grite: Sae azar.”). Referência provocativa ao Marechal Hermes.

Já Wenceslau Braz foi bem menos contemplado com aparições em capas. Tendo os anos de 1915 e 1916 como os de maiores aparições (seis e sete, respectivamente). As capas onde apareciam, em geral, não eram de crítica direta e desmoralização, mas ligadas aos desafios de seu governo, como a crise econômica,

o acordo do Contestado entre os Estados litigantes, seu lado caipira, amante de Itajubá e sua sucessão presidencial. As que mais se aproximam de uma crítica e de uma cobrança foram as iniciais, onde ainda teve de lidar com Pinheiro Machado. Aparentemente, a revista ainda não sabia onde Wenceslau se posicionaria e temia uma continuidade do pinheirismo em seu governo.

Na categoria “outros temas” foram abarcados vários assuntos, indo da crítica de costumes à crítica às sufragistas, da Revolução Mexicana à República Portuguesa¹⁰⁹. A Primeira Guerra Mundial, como era de se esperar, obteve um grande número de capas, de modo crescente até 1918, onde obteve mais da metade do número de capas daquele ano (28). A Guerra aparece na pena de J. Carlos com a apresentação dos líderes e comandantes envolvidos, com uma constante crítica à Guilherme II, Kaiser alemão e à Francisco José, Imperador Austro-Húngaro. Com os ataques aos navios brasileiros, a crítica aumenta. O que acaba contribuindo para acirrar os ânimos até a declaração de guerra assinada por Wenceslau Braz (Decreto nº 3361, de 26 de outubro de 1917).

Poderíamos concluir que a Primeira Guerra Mundial ocupou as preocupações como tema mais urgente a ser tratado pela revista durante o quadriênio Wenceslau Braz. No entanto, acreditamos que outros fatores se ligaram para isso. No início de 1914 a revista *Careta* foi um dos veículos da imprensa que sofreram com o Estado de Sítio, juntamente com *O Correio da Manhã*, *O Imparcial*, *A Época*, *A Noite* e *Última Hora*, além da revista *Figuras e Figurões*, em 6 de março de 1914. A revista, em reportagem, afirma que não foi notificada e que na semana seguinte, em 13 de março, já com a edição que circularia no dia 14 pronta, recebe ordem do chefe de polícia da época para suspender a circulação e denuncia a inconstitucionalidade dessa decisão, já que o Estado de sítio não previa censura à imprensa¹¹⁰. O próprio Jorge Schmidt, proprietário-editor e fundador da revista foi um dos presos. J. Carlos teve de se auto exilar em São Paulo com a esposa, precavendo-se, para não sofrer o mesmo. O caricaturista estava em lua-de-mel e teve de contar com a ajuda do irmão mais velho, oficial da Marinha para conseguir ficar incógnito em um hotel para

109 Dentre os temas estão: Cotidiano, danças, Revolução Mexicana, República Portuguesa, República chinesa, costumes, crise econômica, diplomacia com a Argentina, sufragistas, datas comemorativas, tensão europeia, questão do Marrocos, uso de automóveis, namoros, moda, etc.

110 Os Jornaes suspensos. Reportagem da revista *Careta* nº 333, de 7 de novembro de 1914. P. 12. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pasta=ano%20191&pesq=> Acesso em 02/11/2018.

viajantes próximo da Estação da Luz. Era o preço por ajudar a ter tornado o presidente figura de galhofa nacional¹¹¹.

Talvez o artista tenha se tornado menos ácido com o presidente Wenceslau por ter tentado uma nova abordagem em relação ao novo presidente, centrando fogo em Pinheiro Machado. Com a morte deste, quase profetizada na capa da *Careta* 370 (Figura 23), o artista pode ter buscado um afastamento de temas nacionais, concentrando-se nos acontecimentos internacionais e na crítica de costumes. Cabe lembrar que a revista se opôs ao hermismo desde a campanha civilista, ao contrário de *O Malho*, que ficou ao Lado da candidatura Hermes¹¹².

Uma última possível explicação para as aparições menos frequentes de Wenceslau Braz seria sua própria postura discreta. Durante o governo Hermes, passou boa parte do período em Itajubá. Na presidência, procurou ser legalista e sem fazer um governo personalista. Tentou assegurar que o Executivo e o Legislativo exercessem livremente suas funções, buscando conciliar os grupos divergentes, após os resultados da Política das Salvações do governo anterior. Buscou cortar gastos, dando o exemplo ao solicitar à Câmara de deputados que reduzisse seus vencimentos em 50% (conseguindo uma redução de 20%) e buscando estar presente no caso da gripe espanhola¹¹³. Acabou sendo poupado das críticas da *Careta*, mas não tanto de Seth, da *Fon-Fon!*

1.5.1 J. Carlos

O maior caricaturista do Brasil no século XX foi provavelmente J. Carlos, que receberia de Julião Machado as preocupações com o papel dos recursos gráficos no acabamento, o cuidado com o fundo e com os detalhes, tanto nos seus desenhos quanto no conhecimento dos processos de produção¹¹⁴.

Nas palavras de Herman Lima, o artista era:

111 LOREDANO, Cássio. *O bonde e a linha*: um perfil de J. Carlos. São Paulo: Editora Capivara, 2002. P. 50-51.

112 Do lado civilista ficaram: *O Correio da Manhã*, *O Diário de Notícias*, *O Século*, *A Notícia*, *O Estado de São Paulo* e a *Careta*. Em favor de Hermes da Fonseca: *O Jornal do Comércio*, *O Jornal do Brasil*, *O País*, *A Tribuna*, *A Revista da Semana* e *O Malho*. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. P. 375.

113 KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*. São Paulo: Universidade Estácio de Sá/Editora Rio/Cultura Editores Associados, 2002. P. 196-200.

114 LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço. op. cit. p.303.

Capaz de fixar, com a mais admirável propriedade, o lado risível dos homens, J. Carlos não tem, portanto, essa ferocidade, essa vindicativa revolta de quem precise tratar os seus tipos, como se, em vez de certos retoques sugestivos, distribuísse bofetadas.

Mesmo no clímax de certas crises mais graves da vida brasileira, o nosso grande artista não recorreu jamais ao ferro em brasa, bastando-lhe, na maioria dos casos, um galho mais vivo de urtigas. Essa generosidade, que é um dos elementos predominantes do seu caráter, não tolheu, todavia, nem dividiu em nada essa arte magnífica que há quarenta anos vem espalhando pelo Brasil tôda riqueza de pode dispor um grande criador de símbolos.¹¹⁵

Seus desenhos nas capas na *Careta* eram considerados por Herman Lima como “legítima crônica da vida nacional por vários lustros, algumas delas duma riqueza de imaginação e duma perfeição artística verdadeiramente notáveis (...).”¹¹⁶ Por mais de quarenta anos, dos tempos mais simples aos rápidos tempos das rotogravuras e *off-sets*, José Carlos de Brito e Cunha (seu nome verdadeiro) passou por praticamente todas as revistas ilustradas de sua época com seus desenhos e já contando com meios que possibilitavam uma arte mais ágil e mais adequada aos tempos modernos que o do grande artista que encerrava sua carreira no momento em que J. Carlos iniciava, Angelo Agostini¹¹⁷. Saem os desenhos escuros da técnica do Sfumato para dar lugar às melindrosas e aos desenhos que os leitores podiam identificar com suas respectivas personas na vida real, mas com um mais brincalhão e menos de cópia fiel. Até porque as fotos vão ocupando cada vez mais o papel de apresentação de personalidades. As caricaturas, passam a cumprir seu papel primário de se apropriar das características mais marcantes dos retratados.

Por sinal, A *Careta* foi uma das principais, se não a principal revista ilustrada do período. Fundada por Jorge Schmidt em 6 de junho de 1908 e encerrada em novembro de 1960, no Rio de Janeiro, foi a principal casa do artista J. Carlos. Mas outros artistas também praticamente todos os principais artistas do período participaram como colaboradores (Raul Pederneiras, Belmonte, Theo, Malagute, etc.). Nas palavras de Jorge Arbach a revista alcançou um tipo de prestígio único:

115 LIMA, Herman. *J. Carlos*. Coleção “Artistas Brasileiros” (direção José Simeão Leal). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde, 1950. p. 9-10.

116 LIMA, Herman. *J. Carlos*. Coleção “Artistas Brasileiros” (direção José Simeão Leal). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde, 1950. p. 10.

117 LIMA, Herman. *J. Carlos*. Coleção “Artistas Brasileiros” (direção José Simeão Leal). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde, 1950. p. 12.

Ao mesmo tempo em que era consumida e debatida pela burguesia e pela classe intelectual, tornou-se a revista preferida pelo povo.

Em um artigo publicado em *A Noite*, o pesquisador Raimundo Magalhães Júnior deu o seu depoimento sobre a *Careta*: ‘Jornal feito para o povo, podendo ser encontrado em todas as barbearias, consultórios de médicos e dentistas, de norte a sul do Brasil. A *Careta* sempre procurou ser, antes de tudo, desopiladamente atrevida, servindo, através do riso são. E desse atrevimento satírico, ‘as inclinações e aos sentimentos do povo brasileiro (...)’. *Careta* transcende do plano municipal e nacional ao plano internacional, dando seus tiros de atiradora solitária, de maqui (*trincheira*) a descoberto, contra os tubarões do fascismo, contra os pretensos salvadores do mundo, do tipo de Mussolini, de Hitler, de Franco, de Salazar, etc.

(...) Tinha mais, a brava e graciosa *Careta*, por exemplo, o gosto pela poesia do verso bem trabalhado. Os versos eram assinados por Olavo Bilac, Martins Fontes, Olegário Mariano, Alberto de Oliveira, Emílio de Menezes, Bastos Tigre e tantos outros poderosos talentos da época¹¹⁸.

Em seus quarenta anos de vida artística, J. Carlos acompanha a vida política, social, econômica de sua época. Os costumes, as “melindrosas”, os vestidos que encurtavam, o carnaval, as duas guerras mundiais e as mudanças governamentais. A campanha civilista, o quadriênio Hermes da Fonseca, a revolução de 1930, etc. Com uma certa pausa forçada durante a censura do Estado Novo.

Suas legendas eram parte indissociável e de grande importância para o entendimento de grande parte de seus desenhos. Herman Lima o compara ao nível de literatos e poetas. Muitos deles eram parceiros de J. Carlos e tinham suas palavras ainda mais enriquecidas com os desenhos do artista¹¹⁹.

Herman Lima cita palavras do próprio J. Carlos sobre a sua criação e autoria de suas obras:

Minhas *charges* dizem o que sinto e o que penso. Há muito tempo, quando eu trabalhava em jornais diários, recebia recados assim da direção: ‘Faça a caricatura de Fulano montado em Sicrano’. Ou: ‘Desenhe Fulano com orelhas de burro’ etc. Mas, isto foi há muito tempo. Agora desenho o que quero desenhar, ou por outra, o que posso desenhar. Uma prova disso é que as legendas dos meus desenhos são também minhas. Criticando e ironizando os que são inimigos da liberdade, creio que estou andando bem¹²⁰.

Apesar de não citar a referência completa de onde retira o testemunho de J. Carlos, suas palavras são por demais importantes para serem deixadas de lado por, pelo menos, dois motivos. O primeiro é o de que no começo de sua carreira as

118 ARBACH, Jorge Mtanos Iskandar. *O fato gráfico*. O humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. 249f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. p.179.

119 LIMA, Herman. *J. Carlos*. Coleção “Artistas Brasileiros” (direção José Simeão Leal). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde, 1950. p. 44.

120 LIMA, Herman. *J. Carlos*. Coleção “Artistas Brasileiros” (direção José Simeão Leal). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde, 1950. p. 45.

orientações para as composições de suas charges voltam e meia seguiam as orientações da direção dos veículos editoriais aos quais estava submetido. Sua fala deixa clara a estratégia de desmoralização política dos que não estavam nas graças dos meios de comunicação para os quais trabalhava.

O segundo ponto é a de que o artista teria ganho autonomia para compor suas charges segundo seu próprio pensamento. Podemos apenas especular se realmente seguiam seu pensamento, se o seu pensamento passou a seguir o que queriam os editores ou se ele foi convencido a seguir as posições políticas das revistas da época.

Continuando a dar voz a J. Carlos, Herman Lima continua a transcrever “Em todos os setores da vida e particularmente a respeito da arte, sou pela liberdade integral”. Em uma conversa com o artista Julião Machado, J. Carlos passa a ser convencido de que sua arte não deveria se limitar apenas a fazer rir, mas que deveria seguir um ideal superior, o de criticar e demolir o que estivesse de errado¹²¹. Liberdade essa que o autor passa a valorizar cada vez mais, tanto por ter sofrido na pele o autoexílio em São Paulo durante o Estado de sítio decretado por marechal Hermes, quanto por ter vivenciado a “Era da catástrofe” do século XX, com duas guerras mundiais e toda a sua carnificina, a ascensão e queda do nazifascismo, o surgimento das bombas nucleares e o início da Guerra Fria¹²². Tal pensamento nos leva a supor que a maior parte das obras em sua carreira, como as aqui selecionadas, tem ao menos grande parte de sua autoria. Seria ingenuidade, porém, esquecermos de que estavam em sintonia com as linhas editoriais e políticas dos proprietários de suas revistas.

Durante a campanha civilista a *Careta*, juntamente com *O Correio da Manhã*, *O Diário de Notícias*, *O Século* e *A Notícia* se posicionam pelo Civilismo, enquanto *O Jornal do Brasil*, *O País*, *A Tribuna*, *A Revista da Semana* e *O Malho*, em favor de Hermes da Fonseca¹²³. Tal posicionamento político refletiu-se em charges constantes criticando Hermes da Fonseca.

A *Careta* circulava nacionalmente, permitindo que a arte de J. Carlos fosse nacionalmente conhecida.

121 LIMA, Herman. *J. Carlos*. Coleção “Artistas Brasileiros” (direção José Simeão Leal). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde, 1950. p. 45-46.

122 HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

123 LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963. 1º volume. P. 269

Esta presença em todo o território nacional, todo este tempo, é o que mais impressiona. J. Carlos era ídolo no Brasil inteiro. Carlos Drummond de Andrade usa esta palavra mesma, numa carta que está no arquivo de Eduardo Augusto de Brito e Cunha, em Petrópolis: “meu ídolo”, “meu culto a J. Carlos” desde Itabira¹²⁴.

Durante a presidência Wenceslau Braz, como era de se esperar, o político não foi poupado de sua pena crítica, mas ela age em tom mais brando e em menor frequência do que no período de seu antecessor. Algumas delas ligadas à difícil situação econômica do país, como na charge da capa da revista *Careta* nº 377, de 1915. Nela, vemos um gigantesco Wenceslau com uma tesoura desproporcional, maior ainda do que ele, lidando com a crise econômica e literalmente cortando os “gastos”, na verdade, sacrificando o povo brasileiro. Vemos uma pilha de corpos sacrificados, cabeças arrancadas e sinais gráficos indicando sangue, em uma cena que chega a diferir do estilo habitual de J. Carlos. A legenda da imagem disponível está parcialmente legível, aparentemente dizendo: “Na Côrte do corte. Enquanto o Braz é Thezoureiro”. Em crítica explícita à condução da crise econômica pelo governo.

124 LOREDANO, Cássio. *O bonde e a linha: um perfil de J. Carlos*. São Paulo: Editora Capivara, 2002. P. 13.

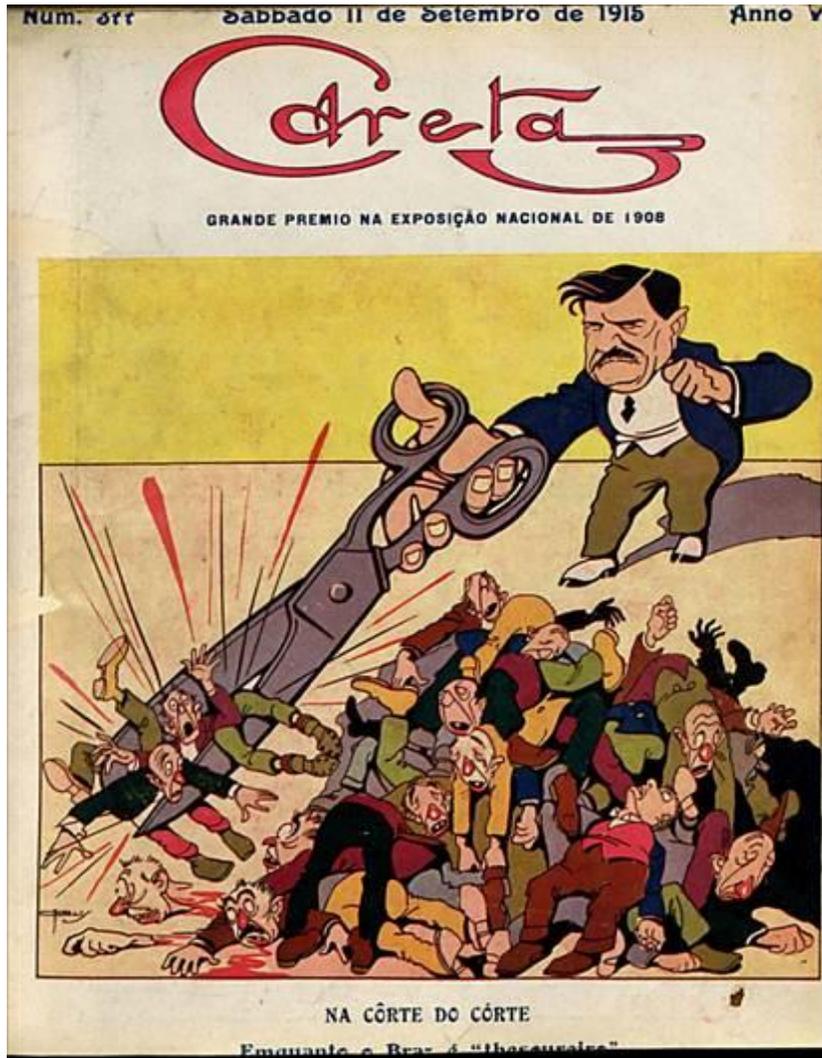


Figura 5 - *Caretas* nº 377, 11 de setembro de 1915. Desenho de J. Carlos

Com o tempo, a figura de Wenceslau foi sendo revista pelo artista ao ponto de reconhecer que a opinião pública passa a estar ao seu lado, transformando em piada essa referência na capa da *Caretas* 520, de 1918.



Figura 6 - Careta nº 520, 8 de junho de 1918 (desenho de J. Carlos)

Na imagem vemos um pequeno Rodrigues Alves, que se preparava para retornar para um novo mandato presidencial, cortejando uma senhora com um chapéu escrito “opinião pública”, indicando ao leitor quem ela era. A senhora também se apresenta de modo tímido face às investidas do conselheiro. Na legenda vemos o porquê. Nela está escrito: “A grande conquista. Ella – Eu...agora...estou...com... o Wenceslão”. Esse agora indica a mudança de postura

da opinião pública, que passa a ficar ao lado do presidente em exercício. E que o artista estava atento às mudanças.

2. PRESENÇA DE WENCESLAU BRAZ

*Morei por aí, em vários lugares,
Tive tempos bons e tempos ruins,
Mas em minhas moradas outra morada sempre queria
A minha morada natal
A minha terra Natal.
Minha querida pequena Brazópolis!*

*Não me importa se aqui não tem nada,
Aqui tenho amigos e com eles sempre tenho o que fazer.
Não me importa se aqui as pessoas falam muito,
Melhor falar muito do que nem um bom dia me dar.
Não me importa se aqui não tem emprego,
Faço uns artesanatos, uns quitutes e saio vendendo.
Não me importa se as ruas estão feias e sujas,
Ando olhando pro alto, admirando este céu maravilhoso.
Não me importam o que falam, se falam mal ou falam bem,
Amo minha terra incondicionalmente.
Minha terra, meu berço, meu canto,
Aqui nasci, aqui quero morrer.
Te amo, Brazópolis querida!
(TE AMO, BRAZÓPOLIS QUERIDA! – Maria Maria)¹²⁵*

2.1 Origens de Itajubá

Itajubá é conhecida no cenário nacional por sua contribuição ao desenvolvimento do país. Nela se instalou, em 23 de novembro de 1913, a Escola de Engenharia que hoje se tornou a Universidade Federal de Itajubá. O município de Itajubá tem suas origens no tempo da busca do ouro pelos bandeirantes. Seguindo os rumos tomados por Borba Gato, Outro desses bandeirantes foi Miguel Garcia Velho até descobriu as minas de Nossa Senhora da Soledade de *Itagybá*, no atual município de *Delfim Moreira* (por sinal, primo de Wenceslau Bráz e também presidente da República entre 1918 e 1919), mas logo se percebeu que o trabalho e o esforço não compensavam para tão poucas lavras. Esta região, porém, foi o núcleo da atual cidade de Itajubá.

Não se dando por vencido, Garcia Velho continuou suas andanças. Em 1703 passou pelas proximidades de Passa Quatro, afastando-se do vale da Bocaina, ou seja, também se afastava das rotas onde haviam passado outros bandeirantes, que seguiu pelo Rio Verde e por Baependi. Rumava em uma jornada pelo ainda

¹²⁵ <http://ajaneladobraz.blogspot.com.br/2014/01/te-amo-brazopolis-querida-maria-maria.html> Acesso em 18/03/2018.

desconhecido, pelo misterioso e fascinante. Sentiu medo? Bem provável. Mas a sede do ouro falava mais alto.

Continuando sua jornada, passando por Serra dos Marins e pelo Planalto do Capivari, onde sua persistência teria uma pequena recompensa sob a forma de pequenas pepitas de ouro. Aquilo ainda era pouco para saciar a cupidez do bandeirante. Muito pouco.

Passou por Córrego Alegre e nas Águas do Rio Tabuão encontrou maiores sinais de ouro. Pretendia chegar à Serra de Cubatão (talvez até na Sabarabuçu das lendas indígenas), mas se rendeu mesmo à mina de Itajubá, originando o povoado que deu origem ao município¹²⁶.

O topônimo de Itajubá vem do tupi e significa “Rio das pedras que do alto cai”, cascata. Referência à cachoeira próxima à mina de Miguel Garcia Velho. O Dicionário Ilustrado Tupi-guarani, porém, apresenta a palavra como Pedra dourada/ouro (ITA = Pedra; Îuba = amarelo; Itaîuba = ouro). Referência ao objetivo do velho Miguel na região¹²⁷.

Contudo, o ouro de Itajubá também se mostraria efêmero e escasso. Os bandeirantes foram embora e que ficou teve de se arranjar com a agricultura. Esta se mostrou uma atividade bem mais perene e até hoje importante para a região.

Em princípios de 1817 o padre Lourenço da Costa Moreira foi nomeado por el Rei Dom João VI para a localidade de Nossa Senhora da Soledade de *Itagybá*. “O vigário vinha acompanhado de seus escravos, da senhora D. Inês de Castro Silva, do Dominicano, menino de 5 anos, e de Delminda, pequerrucha de apenas 2 anos, os quais estavam sob os cuidados de zelosas mucamas de sua comitiva.”¹²⁸. Dois meses depois, em 17 de maio de 1819, o padre subiu ao púlpito para convencer os fiéis de que a vila original estava em local desfavorável e os conclamou para que se mudassem para um lugar mais auspicioso.

No dia seguinte uma caravana se formou para buscar o local onde seria funda a nova freguesia, rumando para as bandas do Sapucaí. Eram os “pioneiros da Nova Itajubá” que fariam um pequeno êxodo, não pelo deserto, mas pelos montes de Minas Gerais. Ao subir o morro Ibitira Padre Lourenço se deslumbrou com a paisagem que vislumbrou. Estava escolhido o lugar. Logo se abriu uma clareira, se

126 <http://www.itajuba.mg.gov.br/secut/cidade.php> Acesso em 17/03/2018.

127 <https://www.dicionariotupiquarani.com.br/dicionario/itajuba/> Acesso em 17/03/2018.

128 <http://www.itajuba.mg.gov.br/secut/cidade.php> Acesso em 17/03/2018.

ergueu altar e um cruzeiro no local onde está a atual Igreja Matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Soledade. Era 19 de março de 1819 e o povoado recebeu o nome de Boa Vista. As origens falaram alto e, em 1848, o povoado foi elevado à Vila de Boa Vista de Itajubá, originando o município. Em 1911 já era somente Itajubá.

São Caetano da Vargem Grande também surge em paralelo, quase como uma cidade-irmã com uma história de idas e vindas. Foi anexada à Itajubá em 27 de setembro de 1848. Posteriormente foi incorporada à atual Paraisópolis, retornando mais tarde para Itajubá. Em 16 de setembro de 1901 a cidade consegue sua autonomia¹²⁹.

2.2 A política como marca familiar

Para um melhor entendimento de quem era Wenceslau Braz, de onde estava inserido e de suas relações com os grupo políticos da oligarquia mineira, é interessante recuarmos um pouco para analisarmos como seu núcleo familiar se constituiu e como teceu ligações com os grupos dominantes da época, até se tornar uma família não só relevante entre elas, mas um grupo de liderança e influência importante.

Na época em que o povoado de Itajubá estava sendo elevado à vila, nasceu Francisco Braz Pereira Gomes, no dia de 29 de junho de 1840 na Fazenda de Bom Sucesso. Já em 11 de outubro de 1909 a cidade muda de nome para São Caetano da Vargem Grande para o nome atual *Brazópolis*, em homenagem àquele que seria um destacado morador e cacique político¹³⁰.

Uma de suas frustrações na vida (se não a maior) foi a de não ter frequentado a escola e não ter entrado em uma sala de aula numa época em que o Ensino, mesmo o Fundamental, estava ainda muito longe de ser universalizado, mesmo nos centros um pouco mais urbanizados como a Corte imperial do Rio de Janeiro. Atenção um pouco maior recebia o Ensino Superior. Numa pequena vila no sul de Minas, era um sonho mais distante ainda¹³¹...

129 CINTRA, E. P. *Do Litoral a Vargem Grande: Brasópolis, Aspectos Históricos Gerais*. Belo Horizonte: Mazza edições, 1995. p.69,70

130 CINTRA, E. P. *Do Litoral a Vargem Grande: Brasópolis, Aspectos Históricos Gerais*. Belo Horizonte: Mazza edições, 1995. p.74

131 KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*. São Paulo: Universidade Estácio de Sá/Editora Rio/Cultura Editores Associados,2002. p. 189.

Mal sabia o “Chico Braz” que a Educação não está presente apenas nos bancos escolares, que a Educação não segue um único modelo. Ela não precisa ser apenas algo feito em um sistema fechado e oficial, mas pode se dar em uma relação entre pessoas para disseminar o conhecimento, algo que deve ser comum e compartilhado¹³². As gerações transmitem seus saberes sucessivamente.

Sem perceber, foi o que Chico Braz fez, em suas memórias, endereçadas ao seu filho:

(...) meu sonho era estudar. Mas meu saudoso pai, quando eu lhe disse, aos quinze anos de idade, que já tinha comprado os livros preparatórios: *Magnum Lexicum*, *selectas*, *Virgílio*, *Ovídio*, etc.,etc., restando só a ordem de seguir para São Paulo, com lágrimas nos olhos respondeu-me que de fato era sua intenção, mas que os seus recursos pecuniários não eram abundantes e eu tinha treze irmãos para serem tratados. Conformei-me arrependido de ter posto à prova a sensibilidade do meu adorado pai, procurando nas horas vagas de balcão exercitar-me na leitura, com o recurso do dicionário, sem jamais cogitar de gramática, com a qual nunca pude me familiarizar; consegui a custo ler e entender aquilo que era e é escrito em linguagem vulgar. Devo confessar que farei fiasco se me perguntarem o que é verbo, conjugação, participípios.¹³³

Desse anseio pela Educação formal viria a surgir a Escola Normal de Itajubá. O município hoje possui hoje dezessete escolas particulares, treze estaduais, 33 escolas municipais, entre ensino infantil e fundamental, e quatro de ensino técnico, além de oito estabelecimentos de Ensino Universitário¹³⁴.



132 BRANDÃO, Carlos Alberto. *O que é Educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007. p. 9-11.

133 *100 anos de República. Um retrato ilustrado da História do Brasil. Vol.2 (1904-1918)*. São Paulo: Nova Cultural,1989. p.3. Apud. KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*. São Paulo: Universidade Estácio de Sá/Editora Rio/Cultura Editores Associados,2002. p. 189.

134 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Itajub%C3%A1> Acesso em 17/03/2018.

Figura 7 - Foto de Francisco Braz Pereira Gomes. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/arquivo-pessoal/VB/audiovisual/francisco-bras-pereira-pai-de-veneslau-bras> Acesso em 18/03/2018.

O coronel Chico Braz foi o primeiro juiz de paz de São Caetano da Vargem Grande e doava os proventos para estabelecimentos de caridade e ensino.

Por volta dos 16 anos Francisco Braz já se envolvia com a política da região como “conservador intransigente” e opondo-se ao líder liberal local, o coronel Caetano Ferreira da Costa e Silva (que não é parente do presidente Arthur da Costa e Silva). As discordâncias não impediram que se realizasse uma aliança através do casamento de Francisco Braz com a neta do coronel Caetano, Isabel Pereira dos Santos, criada pelo próprio coronel. Jovens talentos eram bem-aceitos e absorvidos pela elite mineira.¹³⁵

Laços de família, educação e dinheiro eram formas habituais de ascensão social e política. Quem possuía um diploma universitário tinha suas portas ainda mais abertas.

O acesso aos corredores do poder era muito mais fácil para aquele que portava o anel de rubi do advogado e reforçado pelo companheirismo dos colegas de mesmo status. Tal conceito era nacional, mas o que distinguia Minas de todos os outros estados (salvo São Paulo e Rio) era a reivindicação de excelência acadêmica¹³⁶.

Tal visão e *modus operandi* da política ajudam a explicar a frustração de Francisco Braz por não ter o “anel de doutor” e seu empenho em dotar os filhos de uma educação formal e de alta graduação.

Quase todas as propriedades em Minas Gerais do período eram dirigidas pelos seus proprietários diretamente, proporcionando uma fonte de estabilidade social¹³⁷. Quatro de cada cinco mineiros trabalhava no campo, mas as migrações para outros estados, como São Paulo, Paraná, Goiás e Mato Grosso e o declínio populacional são indícios de que a estabilidade política e social foi paga em capital humano, através de seus próprios filhos¹³⁸.

Minas Gerais, por sua formação histórica e geografia montanhosa, é formada por diferentes zonas. Durante a Primeira República, as principais eram Norte, Leste,

135 A teoria das elites entende que em toda sociedade existe sempre e apenas uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma minoria que está privada dele. Os poderes políticos, econômico, ideológico, etc. são de posse de um círculo restrito de pessoas, com uma relação especial com a elite política. Em contraposição à visão passiva das massas e não necessariamente antagônica, a teoria marxista se pauta pelo conceito de luta de classes como o principal motor da história, onde os indivíduos podem se perceber como membros de uma classe em comum, unirem-se e buscarem reivindicações em comum. Tendemos a nos aproximar mais desta última concepção.

Além disso, E.P. Thompson observa que a noção de classe está ligada à noção de relação histórica, que precisa estar ligada e existir em pessoas e contextos reais. Não podendo existir classes distintas sem relação entre elas.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. UnB/Imprensa Oficial de São Paulo. CD – ROM.

THOMPSON, E.P. *A Formação da classe operária inglesa. Volume 1 – a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

136 WIRTH, John D. *O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 139; 205.

137 WIRTH, John D. *O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 45.

138 WIRTH, John D. *O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. op. cit. p. 46, 50.

Oeste, Sul, Centro, Triângulo e Zona da Mata. Um mosaico. Dessas, a Zona da Mata e o Sul tiveram seus respectivos crescimentos econômicos sendo sustentados pela cafeicultura. Os tempos do ouro haviam ficado para trás e as duas regiões lideraram as outras em termos de riqueza, população, poder e influência política.

O Sul de Minas diversificou sua economia para as ferrovias, indústria têxtil, processamento de alimentos e, claro, ao café¹³⁹. A oligarquia cafeeira¹⁴⁰ tinha tendência econômica à interligação com o crescente processo de industrialização e urbanização, ligações com redes bancárias e empresários estrangeiros¹⁴¹.

Francisco Braz logo se notabilizaria como líder político e mestre na arte da conciliação, algo legado para o seu filho e presidente Wenceslau Braz:

Tornou-se líder político, especialista na arte da conciliação. Mantinha-se calmo e sereno, sem se exaltar, quando discutia assuntos que, às vezes, iam ao encontro de seu interesse. Acabou criando, com os exemplos de coexistência humana e política, de compreensão e tolerância, um discípulo que chegaria à Presidência da República. Sobre essa herança, um biógrafo do coronel [Darcy Bessone], certa vez, disse: “estou vendo o Chico Braz debaixo da pele do Wenceslau.”¹⁴²

Um dos principais biógrafos de Wenceslau Braz, Darcy Bessone, afirma que o “pescador Wenceslau” é “filho de peixe”, referindo-se à sua postura conciliatória no fazer política, que teria herdado das observações desde a infância da prática do pai¹⁴³. A “Família Tradicional Mineira” não era apenas um retrato provinciano, mas se constituía em um importante e útil rede de parentesco que por sua vez contribuía para sustentar uma rede de sociabilidades mais ampla que sustentavam o poder econômico e político¹⁴⁴. Através dela uma pessoa (Como Francisco Braz e, mais tarde, seu filho Wenceslau) podiam ganhar informações privilegiadas e acesso à instituições nos níveis municipal, zona ou estado. Essas redes e tradições familiares ajudam a explicar em parte o porquê de Minas Gerais conseguir ter suas elites regionais unidas apesar das diversidades de regiões¹⁴⁵. Contudo, uma vez na presidência, Wenceslau foi contra o nepotismo e o favorecimento de parentes,

139 WIRTH, John D. op. cit. p. 43; 122.

140 No Brasil, o termo “oligarquia” vincula-se a um certo sentido de “nobreza da terra” com todos os direitos e que põe obstáculos à modernização do modo de vida e sociedade como forma de dominação. Em geral é relacionada aos grandes proprietários de terras, principalmente no contexto da Primeira República ou “República oligárquica”, muitas vezes interligada ao conceito de coronelismo. RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. Oligarquia. In MOTTA, Márcia (org.) *Dicionário da terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

141 CARONE, Edgard. *A República Velha: instituições e classes sociais*. São Paulo: Difel, 1978 a p.156.

142 KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*. op. cit. p. 190.

143 BESSONE, Darcy. *Wenceslau: um pescador na presidência*. Belo Horizonte: Sociedade de Estudos Históricos Pedro II, 2ª edição, 1987. p. 95.

144 WIRTH, John D. op. cit. p. 120.

145 op.cit. p. 120-121.

chegando a cancelar contratos de um parente como fornecedor para repartições públicas¹⁴⁶.

A influência política de Francisco Braz se espalhou pela região, para a cidade de Itajubá. Mesmo com certa antipatia por ser de outra cidade, São Caetano da Vargem Grande, acabou, com o passar dos anos, sendo reconhecido na região como uma liderança única, algo que o fez até sua morte em 1914, mesmo ano em que seu filho Wenceslau Braz assumiria a presidência da República.

Para o brasilianista John D. Wirth, a elite política mineira conseguiu se unir, apesar de suas divergências, com auxílio de seu senso de lugar e de família, com orgulho para com ela e disposição para formar alianças e obter ganhos políticos. Algo que merece consideração¹⁴⁷.

Como região, Minas era definida não apenas por sua base econômica difusa, mas também por seus valores políticos e culturais. O regionalismo mineiro foi primeiramente uma concepção político-cultural, que não engrenava facilmente com os fatores econômicos. A coerência regional era amplamente determinada pela existência de fronteiras políticas. O fato de Minas não ser uma unidade econômica coerente derivava de suas origens no século XVIII, como conveniência administrativa à metrópole. Todavia, desde Tiradentes, o ideal de unificação e de tentar tornar a unidade política mais viável economicamente era um legado importante da cultura política do estado. Esse ideal estimulou a fundação de Belo Horizonte em 1897. Posteriormente, em 1960, foi um presidente mineiro (Juscelino Kubitschek) que mudou a capital federal do Brasil para Brasília pelos mesmos motivos¹⁴⁸.

A mãe de Wenceslau, Dona Isabel Pereira dos Santos, neta do coronel Caetano Ferreira Costa e Silva administrava a casa e auxiliava o marido em seus afazeres políticos, inclusive chegando a substituí-lo em viagens políticas, indicando que representava importante papel na política da região¹⁴⁹.

Outros dos parentes de Wenceslau Braz também eram ligados à política. Seu bisavô, o coronel Caetano, era homem de temperamento intransigente e autoritário, chegando a impor o seu padroeiro como o da cidade e o nome da cidade como forma de homenagear a si próprio, passando por cima da vontade do povo, que havia escolhido Sant`Ana como padroeira.

146 GUIMARÃES, José Armelin Bernardo. *Wenceslau Brás. O mineiro que dobrou o Candilho*. Biografia comemorativa do centenário de nascimento de Wenceslau Brás publicada no jornal "O sul de Minas" entre os dias 25/06/67 e 28/01/68. Itajubá (MG). Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/VB/textual/wenceslau-bras-o-mineiro-que-dobrou-o-candilho-biografia-comemorativa-do-centenario-de-nascimento-de-wenceslau-bras-publicada-no-jornal-o-sul-de-m> Acesso em 30/01/2019. P. 49.

147 WIRTH, John D. *O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. op. cit. p. 24; 118.

148 WIRTH, John D. *O fiel da balança*. op. cit. p. 69.

149 KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*. op. cit. p. 190.

O cunhado, Francisco Silviano Brandão também foi líder político com forte influência nas cidades do interior de Minas. Republicano e abolicionista, formou-se em medicina no Rio de Janeiro em 1875, transferindo-se para Ouro Fino e depois para Pouso Alegre. Foi ocupante de diversos cargos na política mineira e era o presidente de Minas Gerais quando Campos Sales foi presidente e propôs o seu pacto oligárquico da “Política dos Estados” (ou “dos governadores”), que possivelmente não seria possível sem o seu apoio, uma vez que Minas contava com a maior bancada. Chegou a ser eleito vice-presidente na chapa Rodrigues Alves, mas falece antes de tomar posse, sendo substituído por Afonso Pena¹⁵⁰.

O silvianismo, com seu lema “para os amigos, marmelada, para os inimigos, bordoadas”¹⁵¹, tornou-se uma força política forte e coesa, com base no tripé Pouso Alegre – Ouro Fino e Itajubá, ou, melhor dizendo, Silviano, Bueno Brandão e Wenceslau Braz. Silviano havia dado atenção não só às finanças de Minas, mas também à sua máquina eleitoral municipal, entendendo que a base partidária deve ser o município, obtendo o apoio dos coronéis e líderes municipais¹⁵².

Merece destaque ainda um primo de Wenceslau, Delfim Moreira, que viria a se tornar também ele presidente do Brasil com a morte de Rodrigues Alves, de Gripe espanhola, que havia sido eleito para um segundo mandato. Havia sido colega do primo na Faculdade de Direito de São Paulo, acompanhado de outro colega que também se tornaria presidente da República: Washington Luís, o último da Primeira República, por sinal¹⁵³.

2.3 Juventude de Wenceslau

O jovem Wenceslau estava, portanto, cercado de políticas por todos os lados e cedo se interessou por ela, assim com o velho Braz também o fizera em sua juventude. Desde os doze anos já era consultado pelos mais velhos sobre assuntos políticos, uma vez que acompanhava a formação dos ministérios, as discussões parlamentares e os nomes de quase todos os ministros, deputados e senadores da

150 Dicionário da elite política republicana (1889-1930) FGV/CPDOC – verbete BRANDÃO, Silviano. <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BopRAND%C3%83O.%20Silviano.pdf> Acesso em 24/03/2018.

151 BESSONE, Darcy. *Wenceslau: um pescador na presidência*. op. cit. p.102

152 op. cit. 100-101; 103.

153 KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*. op. cit. p. 191.

época¹⁵⁴. Cedo também foi inserido nas redes de sociabilidade e decisões políticas da região sul de Minas Gerais.

Como já mencionado acima, uma frustração na vida do coronel Francisco Braz foi a de não ter passado por uma educação formal e procurou garantir que seus filhos a tivessem. Wenceslau teve as primeiras letras da cartilha aprendidas com o próprio pai, ainda em casa e em seguida iniciou o primário com dois dos maiores preceptores da época: Evaristo Rebelo e Ezequiel Correia de Melo.

Seguiu para São Paulo em 1884, onde por dois anos estuda os cursos preparatórios para a faculdade no Colégio Moretton, conseguindo entrar para a Academia de Direito em 1886. As faculdades de Direito tinham importante papel de formação da elite política durante o Império e de quadros para a burocracia estatal, formando não só juristas, mas senadores, advogados, diplomatas, burocratas, etc.¹⁵⁵. Como apontou José Murilo de Carvalho, as faculdades de Direito eram espaço de socialização, unificação ideológica, e formação de laços de amizade entre seus estudantes e futuros governantes. Não por acaso, o governo central mantinha estrita supervisão sobre o ensino superior, em especial as escolas de Direito¹⁵⁶. Vários colegas de turma se destacariam na vida pública nacional, como Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Luiz Gastão d'Éscragolle Dória, Alfredo Pujol, etc.

Ainda como estudante nos tempos monárquicos, Wenceslau Braz organiza o Partido Republicano e Abolicionista em São Caetano da Vargem Grande e consegue convencer os fazendeiros da região a libertação dos escravos e fundou com amigos cursos de alfabetização na região, seguindo os ideais republicanos¹⁵⁷. Dois gestos que ajudam a romantizar a figura do “São Wenceslau” pelo seu altruísmo.

Conta-se que, apesar de tudo, não foi um aluno brilhante, sem notas que o destacassem dos outros alunos. Mesmo não tendo a idade mínima para ser deputado estadual, Wenceslau já chamava a atenção dos políticos da região para que se candidatasse¹⁵⁸.

Conseguiu assistir ao espetáculo da famosa atriz Sara Bernhardt, em turnê pelo Rio de Janeiro e São Paulo com o primo Delfim Moreira. Durante a

154 BESSONE, Darcy. op. cit. p.97.

155 GRINBERG, Keila “Faculdades de direito” IN VAINFAS, Ronaldo (direção) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 256-257.

156 CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial/Teatro das sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.82-83.

157 KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*. op. cit. p. 192.

158 KOIFMAN, Fábio (org.).op. Cit. p. 192.

apresentação, uma brincadeira que pode ser vista quase que como premonitória do futuro político de ambos: Wenceslau Braz observou o imperador em seu camarote real e contara ao primo que se vira vestido com o fardão real no lugar do imperador. O primo Delfim, por sua vez, disse ter tido a mesma visão, mas com ele próprio no lugar do monarca. Anos mais tarde, não se tornaram imperadores, mas ambos conseguiriam chegar à Presidência da República¹⁵⁹.

Em 12 de setembro de 1892 casou-se com Maria Carneiro Pereira Gomes, filha do coronel João Carneiro Santiago Júnior, chefe político de Itajubá. Dona Maria, teria, durante o mandato do marido, a responsabilidade de chefiar grande movimento de captação de recursos para socorrer os flagelados do Nordeste. Para isso, abriu as portas do Palácio Guanabara e realizou a única festa que se tem notícia no período austero do governo de seu marido. Levavam uma vida simples e sem ostentação. Mais tarde voltaremos a esse papel de amparo em momentos de crise e dificuldade¹⁶⁰.

Tiveram sete filhos: José, Odete, Francisco Wenceslau, João, Mário, Maria Isabel e Maria de Lourdes. Todos de Itajubá, exceto Mário, que nasceu em Belo Horizonte, quando seu pai era ministro do Interior.

2.4 Início de carreira política

Assim que terminou o bacharelado em Direito, Wenceslau iniciou carreira de advogado em Monte Santo, onde, logo depois, se torna vereador. Chega mais tarde à Presidência do legislativo municipal, o equivalente, na época, a ser o chefe do executivo (intendente). Daí, torna-se deputado estadual, aos 24 anos, pelo PRM (Partido Republicano Mineiro). Foi também o terceiro prefeito da nova capital mineira, a planejada Belo Horizonte.

O líder político Silviano Brandão, a partir de 1898, quando do Governo do Estado, conseguiu pacificar as divergências internas e projetar Minas Gerais no cenário político nacional uma vez mais, estabelecendo uma bancada disciplinada no Congresso, ajudando nessa influência política¹⁶¹. A sucessão de Silviano Brandão ao governo de Minas Gerais abre espaço para Francisco Sales se tornar uma nova

159 op. cit. p. 192

160 op. cit. p. 192.

161 WIRTH, John D. *O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. op. cit. p. 154.

liderança política, embora Wenceslau e Júlio Bueno mantenham desconfianças em relação a este.

O nome de Wenceslau é cotado para a sucessão de Francisco Sales, mas seus maiores articuladores, Bueno Brandão e Delfim Moreira são obrigados a se contentar com uma vice-presidência. Mesmo assim, os líderes do sul de Minas conduzem 115 dos 128 diretórios municipais. Em carta, o conselheiro Afonso Pena escreve para Júlio Bueno “O Dr. Wenceslau Braz, há pouco mais de dois anos, foi indicado por quase todos os municípios do Estado para suceder, no Governo, ao Doutor Francisco Sales (10-11 1908)”¹⁶²

Com a morte de Silviano Brandão, em 1902, Wenceslau Braz torna-se um dos líderes do silvianismo, com 34 anos. Em sua carreira, ainda ocuparia a Promotoria Pública de Jacuí. Foi deputado estadual pelo Partido Republicano Mineiro de 1892 a 1906, deixando o ministério, assume a pasta de Interior, da segurança pública e Justiça durante o período Silviano Brandão, o segundo cargo na hierarquia do Estado, onde permanece até 1902¹⁶³.

Não existiam separações e clivagens entre campo e cidade em Minas Gerais, sendo observado que alguns dos principais líderes do PRM (Partido Republicano Mineiro) dividiam seu tempo entre a advocacia, administração de e direção de pequenas fábricas. Dentre estes líderes estavam Wenceslau Braz, na região Sul, em sua querida Itajubá, Ribeiro Junqueira, na Zona da Mata e Francisco Sales no Sul e Centro¹⁶⁴.

Em 1903 torna-se deputado federal, permanecendo na Câmara dos Deputados até 1908. Nesta etapa, apoia e lidera os seus aliados rumo à aprovação completa da legislação que o médico e sanitarista Oswaldo Cruz indica como necessária para tornar efetiva a vacinação compulsória e combater as endemias. Darcy Bessone, chama-o de “herói” por essa difícil façanha e cita com todas as letras seu nome completo: Wenceslau Braz Pereira Gomes. Meses depois a Capital Federal entraria em situação de motim urbano violento, em parte por causa de tais medidas, na Revolta da Vacina, não sendo lembrado como “herói” pelo povo nessa ocasião...¹⁶⁵

162 BESSONE, Darcy. *Wenceslau: um pescador na presidência*. op. cit. p.107.

163 KOIFMAN, Fábio (org.).op. Cit. p. 193.

164 WIRTH, John D. Minas e a nação. Um estudo de poder e dependência regional In FAUSTO, Bóris. (direção) *O Brasil Republicano, vol. 8: Estruturas de poder e economia (1889-1930)*. 8ª ed. (História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2006. p. 97.

165 BESSONE, Darcy. *Wenceslau: um pescador na presidência*. op. cit. p.58.

Nos dois anos seguintes fica à frente da presidência de Minas Gerais (governador), onde consegue equilibrar as finanças do Estado (experiência que lhe seria de grande valia na presidência da República), cria 78 grupos e 1433 escolas, apoiando o curso técnico ligado à produção e à proteção do trabalhador rural¹⁶⁶. Permanece no cargo apenas entre abril de 1909 e setembro de 1910, quando chegam as articulações políticas que o levaria à vice-presidência na chapa com o marechal Hermes da Fonseca...

2.5 O “Jardim de infância”

Após o ciclo de presidentes paulistas, o governo Afonso Pena também marca um primeiro racha na lógica da política oligárquica estabelecida. Os paulistas foram sendo afastados dos ministérios, mostrando ao Bloco que não seria apenas um fantoche manipulado¹⁶⁷. Afonso Pena desejava fazer um governo mais técnico e menos político, menos “bacharelesco” e mais “tecnocrático”, porém com mais autonomia frente tanto a Pinheiro Machado quanto à coligação que o elegeu¹⁶⁸. Algo que punha em risco a estabilidade do governo.

Para isso, o presidente buscou reunir e cercar-se de um grupo de jovens políticos que o deputado federal Augusto de Freitas apelidou de “Jardim da Infância”, bancada composta em sua maior parte por deputados na casa dos 30 anos de idade, liderados pelo orador Carlos Peixoto¹⁶⁹. O auge deste grupo foi entre os anos de 1907 e 1908. Em sua maioria era composto de políticos mineiros, mas era capaz de atender também a políticos gaúchos, nordestinos e do Rio de Janeiro.

O Jardim da Infância tinha certa organicidade e coesão, embora os líderes mineiros preferissem permanecer à distância, em suas fazendas, apenas coordenando a ação de seus representantes¹⁷⁰. Essa ligação com os “coronéis” também era o calcanhar de Aquiles do Jardim de Infância, uma vez que sua atuação

166 VICTORINO, Juliana Leone; *Wenceslau Braz e a política café com leite*. Estratégias de comunicação e marketing político que o elegeram Presidente da República. 2012. 135f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. p. 46.

167 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. Uma revisão da “política café com leite”. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.p.178.

168 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. op. cit. p.180-182.

169 LUSTOSA, Isabel. *Histórias de presidentes*. A República no Catete. op. cit. p. 45.

170 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. op. cit. p.184.

estava restrita aos desejos dos grandes coronéis e suas máquinas partidárias que os haviam levado ao poder. O desejo de autonomia esbarrava nesta dependência¹⁷¹.

Para Cláudia Viscardi, o Jardim da Infância divide-se em três grupos:

- A – Um grupo formado por aliados políticos de João Pinheiro, governador de Minas Gerais;
- B – Outro grupo aliado direto do presidente Afonso Pena;
- C – Um terceiro grupo que simpatizavam política e intelectualmente com o grupo, mantendo relativa margem de autonomia¹⁷².

Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, as sucessões presidenciais durante a Primeira República não eram eventos tranquilos e de cartas completamente marcadas. Havia todo um processo de seleção de nomes, combinações, aceitações, negativas, apoios pedidos, apoios perdidos, etc. Que começavam mais ou menos na metade do mandato vigente.

No caso de Afonso Pena, este insistia em indicar o nome de David Campista para a sucessão presidencial, antigo secretário das finanças de Silviano Brandão e Ministro da Fazenda de Afonso Pena. Mesmo este sendo um nome que não angariava simpatias, sendo menos cotado pela imprensa do que outros nomes, como Rodrigues Alves e Rui Barbosa, ambos negados pelo presidente mineiro¹⁷³.

Houve ainda um entendimento pessoal de Afonso Pena com Pinheiro. Pinheiro insistiu no nome de Rio Branco, que tinha o apoio de Rui e de Hermes. Afonso Pena disse-lhe que não havia por que tanta insistência em um caso já resolvido, com a candidatura oficial de campista.

Persistindo nessa política, Afonso Pena encarregou Venceslau Brás de obter a concordância de São Paulo, com Albuquerque Lins. Pediu-lhe, também, conseguisse de Bias Fortes desmentisse a entrevista dada a **O País**, vetando a candidatura de Campista. Ambas as missões fracassaram.

O senador Antônio Azeredo reuniu em sua casa, Rosa e Silva, Pires Ferreira, Estácio Coimbra, Eptácio Pessoa, Leôncio Galvão, Francisco Sá, J.J. Seabra, Valois de Castro, Justiniano da Serpa, Juvenal Lamartine, Oliveira Botelho, Sabino Barroso, Cincinato Braga, Natalício Camboim, Soares dos Santos, Vitorino Monteiro, Fernando Mendes, Cândido Mendes, Rubião Júnior, Adolfo Gordo e toda a bancada de Minas Gerais, liderada por Bueno Brandão. Pretendiam encontrar uma fórmula capaz de obter a concordância do presidente. Essas, como outras tentativas, resultaram infrutíferas, face a absoluta intransigência de Afonso Pena em reabrir a discussão em torno de candidaturas presidenciais¹⁷⁴.

171 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. op. cit. p.185.

172 op. cit. p.185.

173 op. cit. p. 194-195.

174 SILVA, Hélio. *Luta pela democracia 1911-1914*. História da República Brasileira. São Paulo: Editora Três, 1988. p.53-54.

Nem mesmo essa constelação de notáveis (Wenceslau Braz incluído) conseguiu demover Afonso Pena de sua escolha. Isso marca uma derrota para o Jardim de Infância. Ao mesmo tempo, o senador gaúcho buscava ampliar cada vez mais o peso político do Rio Grande do Sul e passava a insistir cada vez mais na candidatura de Marechal Hermes da Fonseca, ministro da Guerra de Afonso Pena a ser lançada pelos militares. Pinheiro Machado mantinha a candidatura Hermes com um trunfo a ser usado quando e se necessário¹⁷⁵.

Hermes da Fonseca vinha conseguindo dar um impulso modernizador para o exército e, em 1908, conseguiu passar a lei do sorteio universal para o recrutamento militar. A lei, porém, ficou “para inglês ver” e nem mesmo quando assume a presidência conseguiu a sua efetivação. No governo Wenceslau Braz, seu ministro da guerra, José Caetano Faria, se alia aos “jovens turcos” brasileiros (jovens oficiais que haviam estagiado no exército alemão em referência aos originais reformadores da Turquia de Kemal Atatürk) para conseguir, após longa campanha e no contexto da Primeira Guerra Mundial a efetivação da lei¹⁷⁶. A nova concepção de defesa nacional trazida por nossos jovens turcos, “abrange todos os aspectos relevantes da vida do país, desde a preparação militar propriamente dita até o desenvolvimento de indústrias estratégicas como a siderurgia”¹⁷⁷. Algo cada vez mais significativo em uma “Era de extremos” cada vez mais voltada para a guerra total.

Ao ser mantida a insistência, o Rio Grande do Sul rejeita oficialmente a candidatura Campista. Rejeição essa só manifestada quando outros dois importantes estados também o fazem: Bahia e Minas Gerais. Afonso Pena chega a pedir a Wenceslau Braz, já presidente de Minas, uma palavra definitiva, que responde que cumpriria os compromissos assumidos, mas não poderia impedir uma cisão entre as forças mineiras caso se mantivesse a candidatura David Campista. Chegando a ser por isso acusado de “judas Wenceslau”, apelido que chega a achar graça, segundo Afonso Arinos (Um Estadista da República, Vol. II, nota 405.)¹⁷⁸.

Sertório de Castro indica que Wenceslau Braz já era ouvido como parlamentar e uma liderança importante em Minas Gerais:

175 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. Uma revisão da “política café com leite”. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.p. 195.

176 CARVALHO, José Murilo de. As forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador: o poder desestabilizador. IN FAUSTO, Bóris (direção) *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III. O Brasil Republicano. Volume 2. Sociedade e instituições (1889-1930)*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 193-194.

177 CARVALHO, José Murilo de. As forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador IN FAUSTO, Bóris (direção) *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III. O Brasil Republicano*. op. cit. p. 200.

178 BESSONE, Darcy. *Wenceslau: um pescador na presidência*. op. cit. p.122-123. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. Uma revisão da “política café com leite”. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.p.197.

também nessa época uma das trinta e sete poltronas daquela representação, em cujo seio já sua palavra ponderada e serena era ouvida com acatamento, o sr. Wenceslau Brás, cuja ascensão aos postos mais elevados de direção e comando deveria abrir para sua província uma era de acentuada influência na política nacional.¹⁷⁹

Como boa raposa política, Pinheiro Machado busca dividir os mineiros, aliando-se ao Bloco para apoiar e lançar a candidatura Hermes da Fonseca¹⁸⁰. Não era apenas na economia que Minas Gerais e Rio Grande do Sul competiam. A política replicava essa competição¹⁸¹. A candidatura Hermes crescia na imprensa da época e Francisco Sales passa a costurar a aliança entre gaúchos e mineiros. As divisões internas entre a elite política mineira impediram o lançamento de um nome próprio mineiro para a presidência. Minas Gerais trata então de resguardar a vice-presidência com o lançamento do nome de Wenceslau Braz para composição da chapa Hermes – Wenceslau¹⁸². Nilo Peçanha, no Rio de Janeiro e J. J. Seabra, na Bahia, viriam ainda a apoiar a chapa hermista.

A política dos governadores e a aliança entre os estados apresenta inúmeras limitações de ordem política e econômica, proporcionava clima de instabilidade, impedindo a formação de forças nacionais, como partidos nacionais e também minava as forças das oposições¹⁸³.

2.6 Confidências da Política

Desde seu regresso da Alemanha, em 1908, onde fora estudar modernas técnicas militares para o Exército, a convite do kaiser Guilherme II, cogitava-se a candidatura do ministro da Guerra Hermes da Fonseca para a presidência. Seu nome vinha se projetando após se tornar o comandante da brigada policial da capital federal (1899-1904) e da Escola Preparatória e Tática de Realengo, atuando, inclusive, na Revolta da Vacina, de 1904¹⁸⁴. Em seu aniversário do ano seguinte, 12 de maio de 1909, tal candidatura se tornava irreversível. No dia 15 de maio o

179 CASTRO, Sertório de. *A república que a revolução destruiu*. p.333. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/sertorio.pdf> acesso em 30/02/2018.

180 BESSONE, Darcy. *Wenceslau: um pescador na presidência*. op. cit. P 200.

181 WIRTH, John D. *O fiel da balança*. op. cit. p. 75.

182 op.cit. p.202.

183 BORGES, Vera Lúcia Borgéa. *A batalha eleitoral de 1910*. Imprensa e cultura política na Primeira República. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p. 132-133.

184 BORGES, Vera Lúcia Borgéa. *A batalha eleitoral de 1910*. op. cit. p. 143.

ministro se exonera. O presidente Afonso Pena responde que nada impede a candidatura de militares, desde que não se apoiassem no uso da força. A candidatura Hermes, entretanto, se apoiava nos quartéis e era uma forma de os militares, afastados do poder Executivo desde o fim da República da Espada, voltarem ao poder. Também civis apoiavam a candidatura Hermes: Lopes Trovão, Lauro Müller, José Mariani e J. J. da Silveira Martins.

Reunidos no Morro da Graça, em Laranjeiras, residência de Pinheiro Machado, alguns políticos, como Francisco Sales, resolvem pressionar o marechal pela sua candidatura. São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro não o apoiariam, devendo caber, portanto, a vice-presidência a um mineiro. Wenceslau preferia a presidência de Minas Gerais, na qual se investira fazia apenas um mês. Mas percebeu os desejos das “vontades nacionais”, isto é, das suas bases políticas locais, acaba aceitando, após algumas vacilações, demonstrando que nem tudo é tão certo quanto fazem parecer os livros lançados posteriormente. A história também é feita de dúvidas, vacilações e incertezas¹⁸⁵.

No dia 22 de maio de 1909 Afonso Pena faleceu, diz-se que de “traumatismo moral” após uma discussão com marechal Hermes, que teria dado com a espada em cima da mesa do presidente¹⁸⁶.

A campanha civilista passa a empolgar o país. O “conselheiro” Rui passa a enfrentar o “marechal” Hermes como eram chamados pela imprensa na época. Diferentemente das eleições anteriores (e da eleição seguinte, de Wenceslau Braz), essa não teve uma candidatura única¹⁸⁷.

Para José Murilo de Carvalho, a candidatura Hermes não deve ser vista como uma intervenção militar na política nacional ou uma renovação da era da “República da espada”. Ao invés disso, ela estaria inserida dentro do contexto do jogo da política oligárquica dos Estados. O desacordo entre as elites de Minas Gerais e São Paulo geraram oportunidades para que esta surgisse. Agora, neste contexto, as lideranças civis já estariam mais dispostas a aceitar um candidato militar para o impasse que se tornou a sucessão de Afonso Pena/Nilo Peçanha¹⁸⁸. O próprio Hermes, porém, era contrário às intervenções militares na política. O militarismo viria

185 BESSONE, Darcy. *Wenceslau: um pescador na presidência*. op. cit. p.125-126.

186 BESSONE, Darcy. op. cit. p. 126.

187 BORGES, Vera Lúcia Borgéa. *A batalha eleitoral de 1910*. op. cit. p. 139.

188 CARVALHO, José Murilo de. As forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador IN FAUSTO, Bóris (direção) *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III. O Brasil Republicano*. op. cit. p. 218.

a ganhar maior conotação muito mais pelos ataques da candidatura Rui Barbosa do que pelas posições de Hermes¹⁸⁹.

Com a entrada do Rio Grande do Sul na equação e sua aliança com o exército, os dois elementos que até então não tinham vez na Primeira República conseguiram chegar à tão sonhada presidência. Aliança que viria a ser combatida pela imprensa ilustrada severamente¹⁹⁰.

Parte dos políticos mineiros apoia o civilismo de Rui Barbosa, mostrando as divisões no interior da política mineira. São Paulo e Rui Barbosa se lançam na campanha civilista contra a candidatura Hermes¹⁹¹.

Cláudia Viscardi aponta que não existia uma aliança formal entre Minas Gerais e São Paulo e que as divisões em Minas Gerais e o apoio da Bahia e do Rio de Janeiro permitiram a intervenção gaúcha na política nacional¹⁹². Se não existia essa aliança formal “café com leite”, logo, essa campanha Hermes *versus* Rui pode ser relativizada em sua importância.

Durante a corrida presidencial, a imprensa assume posicionamentos, apoiando um ou outro lado. Deste modo, *O Correio da Manhã*, o *Diário de Notícias*, *O Século*, *A Notícia*, o *Estado de São Paulo* e a *Careta*, assumem posições de defesa a Rui Barbosa. Por outro lado, Marechal Hermes era defendido pelo *Jornal do Comércio*, *Jornal do Brasil*, *O País*, *A Tribuna*, *A Revista da Semana* e *O Malho*¹⁹³.

Nem o “conselheiro” Rui e nem o marechal Hermes conseguiram romper com o esquema oligárquico da Primeira República. Elementos que compunham a prática política da época, como a troca de favores, o uso da força, o beletismo, a oratória enquanto método político, além das fraudes, eram elementos que não foram abalados pela campanha civilista¹⁹⁴. Porém, nos lembra Hélio Silva que as oposições passam a ter maior respaldo da opinião pública, cada vez mais relevante e uma imprensa cada vez mais importante e atuante¹⁹⁵.

Sobre as “Salvações” e suas ambiguidades inerentes, José Murilo de Carvalho nos dá amostras dos conflitos dentro do governo Marechal Hermes entre

189 Ibidem.

190 CARVALHO, José Murilo de. op. cit. p. 218.

191 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. Uma revisão da “política café com leite”. Belo Horizonte: C/Arte, 2001. p.206-207.

192 op. cit. p.208.

193 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. p. 375

194 BORGES, Vera Lúcia Borgéa. *A batalha eleitoral de 1910*. op. cit. p. 72.

195 SILVA, Hélio. *Luta pela democracia 1911-1914*. História da República Brasileira. op. cit. p.115.

as lideranças militares e lideranças políticas civis estaduais apoiadas por Pinheiro Machado.

A animosidade atingia o próprio Hermes quando este optava por apoiar seu mentor político. As salvaçãoes foram fenômenos típicos em que alguns militares, geralmente coroneis, tentavam desalojar oligarquias estaduais, contando com o apoio (real ou presumido) da organização. Em alguns casos, como em Alagoas, Rio Grande do Norte, e, parcialmente, na Bahia, os militares eram simplesmente parentes de Hermes. Mas, a par deste elemento de ambição pessoal, havia certamente nas salvaçãoes, em alguns casos mais que em outros, o aspecto de conflito entre militares e oligarquias estaduais. Em Pernambuco, por exemplo, houve mesmo manifestações populares a favor do General Barreto contra Rosa e Silva. O mesmo se deu no Ceará. Este último caso, o mais rumoroso de todos, mostrou bem o alinhamento de forças. De um lado, a oposição local dos Acioli, apoiada pelos coroneis do Cariri e por Pinheiro Machado no governo federal e de outro lado, o Coronel Franco Rabelo, ex-chefe do estado-maior da Região Militar, com apoio dos populares e das forças militares locais e do Rio de Janeiro. O Clube Militar chega a reunir-se no Rio em protesto pela nomeação de um interventor no Ceará, o que provoca seu fechamento por Hermes e a decretação do estado de sítio. Nos Estados mais poderosos e mais unidos internamente, as salvaçãoes não tinham condições de serem efetivadas. Assim é que falham em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Na Bahia foi parcial, no sentido de que o “salvador” foi um político local de prestígio nacional que apenas utilizou um militar, filho de Hermes, como aliado¹⁹⁶.

Caberia a Wenceslau Braz “pacificar” muitas das situações conflituosas em vários estados herdadas de seu antecessor. Mas Darcy Bessone, mostrando a “sabedoria” política de Wenceslau Braz, menciona que este ficaria “acima” das meras paixões políticas, não se deixando envolver, mantendo sua serenidade e correção, quase como um “deus” da política:

(...) Dirá, mais tarde, a Mozart Monteiro, repórter de O jornal, que não perseguiu quem quer que fosse, não exerceu vinganças, não opôs óbices à marcha do movimento, não cerceou a liberdade das urnas. A sinceridade do registro comprova-se na alusão de Wenceslau à única demissão que fez por motivo político: a de um funcionário que se aproximara do Marechal para apodá-lo, face a face¹⁹⁷.

Com o quadriênio marechal Hermes, a situação política se altera e começam a acontecer agitações. Uma das maiores foi a Revolta da Chibata, marcada pelos marinheiros, liderados por João Cândido, protestando contra os maus tratos e castigos físicos na Marinha. Apesar de formalmente abolida desde o dia seguinte à

196 CARVALHO, José Murilo de. As forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador IN FAUSTO, Bóris (direção) *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III. O Brasil Republicano*. op. cit. p. 219-220.

197 BESSONE, Darcy. op. cit. p. 128.

Proclamação da República, na prática a chibata ainda era uma realidade, mais uma das heranças de um passado escravista que se recusava a ir embora.

Wenceslau Braz, na presidência do Senado, prepara o ambiente para a acolhida da anistia acompanhado de Rui Barbosa. Pinheiro Machado também queria o perdão presidencial, mas, sabendo que este seria aparentemente inevitável, aparenta se opor à medida, fazendo crer que o governo preferia o enfrentamento¹⁹⁸. No final, a repressão acaba vindo de modo violento, com o fuzilamento de prisioneiros a bordo do navio *Satélite*, além do extermínio de 18 marinheiros na Ilha das Cobras.

O presidente Hermes tornou-se cada vez mais desmoralizado e passou a ser o presidente mais retratado por caricaturistas durante o período da Primeira República. Cada vez mais o “Dudú” ou “Dudú da Urucubaca”, como foi apelidado era alvo das troças e deboches da imprensa carioca. Ao mesmo tempo em que era visto como bobo, ingênuo e manipulável por Pinheiro Machado, que se tornava o “algoz” da nação. Muitas vezes o Marechal era visto como apequenado e dominado por Pinheiro Machado.

A compra de votos se torna tema de duas charges bem-humoradas da revista *Careta* de 2 de março de 1918, número 506. Na primeira, intitulada “As eleições”, um pobre eleitor sonha com a “contabilidade” do que ganharia vendendo seus votos em todas as seções eleitorais. Em cima, na mesma página, uma foto de senhoras da “boa sociedade”. Na outra, de título “a desforra do Cafageste – eleitor”, este come em um restaurante às custas do candidato que é freguês do estabelecimento e de quem o cidadão é eleitor. Na mesma página acima, uma nota, onde ironicamente aparece um político, mas chamado de honrado e, naquele momento, protegido de possíveis críticas pela morte. Apesar de as charges apontarem os eleitores como malandros e mesmo “cafajestes”, na verdade eles estariam, na verdade, usando estratégias de sobrevivência dentro do jogo político que isolados não podiam mudar, denotando inteligência e sagacidade. Os liberais da época (Alberto Sales, Sílvio Romero, Teófilo Ottoni, Tavares Bastos, André Rebouças, Joaquim Murinho, etc.) acusavam o povo de falta de espírito associativo e de iniciativa, sendo dependentes em relação ao Estado. O avanço liberal, contudo, não foi acompanhado de avanços

198 BESSONE, Darcy, op. cit. p. 136-137.

na liberdade e na participação política¹⁹⁹. Não era um povo “bestializado” e passivo, mas bilontra, que construía outras formas de se relacionar com o Estado²⁰⁰.

199 CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 150; 154.

200 CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. op. cit. p. 160.

Careta

INSTANTANEO

Outro dia appareceu na imprensa uma nota original, fornecida pelo sorteio militar. Um sorteado foi excluido, imaginem porque? Simplesmente por imbecil. Parece-nos que é um dos poucos casos entre nós em que um candidato a qualquer cousa é excluido por um tal facto. Imbecil! Mas isso constituirá um empecilho ao desempenho de qualquer cargo publico no Brazil? Não. Tendo o candidato padrinhos poderosos, pôde elle estar no hospicio, porque de lá sahe e vai mesmo para a repartição a que estiver destinado. Imbecil! D'ora avante será um empecilho, com o precedente agora aberto, mas unica, exclusivamente para ser soldado.

Em todo o mundo ha uns trinta mil tremores de terra annualmente.



Pelos nossos passeios

As eleições



O ELEITOR: — 20\$000 de cada um dos 2 candidatos, para o anno vou me alistar em todos os districtos!

Figura 8 Careta nº 506, de 2 de março de 1918.

Careta

Dr. Fernando Lebo



Dentre os homens publicos do Brazil, cuja directriz em toda a sua vida só teve por index a honra, destacou se sempre a figura austera deste venerado cidadão, que a morte acaba de arrebatá-lo.

Republicano historico, foi tambem ministro e nunca, em qualque cargo que occupou, ao deixá-lo, fel o com gesto tremulo, porque sempre se orientou no recto caminho do dever e os seus gestos, firmes como o seu character, esboçavam toda a eloquencia tranquillá de uma consciencia serena.

Rendendo á sua memoria esta homenagem, cumprimos o nosso dever, que é de todos os brasileiros puros, curvar-se em reverencia ante o esquife do justo que desaparece.

Luiz Pistarini...

Morreu, fitando o ceu da terra natal, humilde como um santo, o doce, o suave poeta do BANDOLIM.

Um telegramma laconico, chegando ao Rio, noticiou o seu fallecimento e raro foi o intellectual que ao lê-lo, evocando qualque episodio de sua vida, não tivesse uma phrase sentida, um sorriso triste em cuja espontaneidade deixasse de manifestar a mais tocante homenagem prestada ao que morreu sonhando.

E' assim a vida! Elle, o poeta que tão deliciosas toadas cantou, morreu como no geral morre todo aquelle que atravessou a vida cantando, sorriso aos labios e fel na alma, sem ter feito mal a ninguém.

Sua memoria se apagará em breve e mais tarde, quem sabe quando, se fôr lembrado, apenas terá como attestado de seu esforço sobre a terra um montão de cinzas e um punhado de versos.

A desforra do cafageste-eleitor



O GARÇON: — Não ousei vedar-lhe a entrada, está comendo por conta do candidato do districto, que é freguez da casa!

Figura 9 - Careta nº 506, de 2 de março de 1918.

Em época de carnaval a inversão de valores aumentava e se notabilizava e o pequeno Hermes (ou seria Dudú?) era diminuído diante do rei Momo, com seus guizos e cetro, com três cabeças, representando o bobo, o diabo e o Pierrô. Momo era outro “chefe de estado” que reinava durante quatro dias, mas que tinha um poder quase incontrolável durante esse período, como aparece na charge da revista

Careta de número 299 do carnaval de 1914. “O que marcava, e marca, o Rio é antes a carnavalização do poder como, de resto, de outras relações sociais”²⁰¹.



Figura 10 - Careta nº 299, de 21 de fevereiro de 1914.

A crônica carnavalesca em si foi um gênero de cobertura jornalística de um tipo de carnaval específico. Um carnaval que encontra e busca as brechas, fissuras e espaços da “boa sociedade” burguesa para a afirmação de uma visão de mundo marcada pela crítica, espontaneidade humor e verve satírica, servindo de

201 CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. op. cit. p. 157.

oportunidade para o povo “bilontra” ir à forra de suas frustrações e de participação política restrita²⁰².

Eduardo Granja Coutinho nos sugere enxergarmos o “espírito” de Momo como um princípio, algo que possui a sua permanência, mas, ao mesmo tempo, a sua temporalidade e historicidade. Essa constante jocosa e satírica assumiu no Brasil e no Rio de Janeiro um lugar para as crônicas carnavalescas e estava ligado ao riso. A graça superava a preocupação com o luxo, diferente dos carnavais espetáculos televisionados e cheios de marketing de hoje²⁰³.

O autor aponta como exemplar a crônica de K. Rapeta e Rojão, publicada no jornal carioca *A Gazeta de Notícias* de 22 de fevereiro de 1925, intitulada “Reinado de Momo” sobre o clima carnavalesco que imperava na cidade.

Reina a folia. Um vento de insanidade sacode Sebastianopolis; um formigar de alegrias impelle os seus habitantes á ruidosas manifestações e cabriolas. É o reinado de Momo que impera, alheio aos codices, indiferente aos protocollos e pragmaticas, surto as imprecações dos Cartões de fancaria, magestoso e exigente de homenagens mais estrepitosas e alegres. É o invencível Deus pagão que venceu e destronou os seus adversarios, longe ficaram nas lendas apenas lembradas pelos coevos, o nome daquelles pelos que enterneciam as rochas e governavam as ondas com o seu tridente²⁰⁴;

Apesar de estarem inseridos em um ramo com valores burgueses, conservadores e capitalistas, com o objetivo do lucro, os cronistas de Momo puderam captar a visão carnavalesca de mundo que se encontrava presente nos folguedos e comemorações, neste “segundo mundo” como nos lembra Mikhail Bakhtin. Para ele, o carnaval não se limita ao puramente artístico, mas se situa na fronteira entre a arte e a vida. “Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação²⁰⁵.”

Uma das coisas que torna o carnaval tão especial seria o fato de as pessoas não serem apenas espectadoras passivas, mas poderiam sim, vivenciar o carnaval. Sem limites geográficos delimitados (como as autoridades tanto teimam em restringir) e sendo algo para ser aproveitado por todos, sem distinção. Até Dom

202 COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de Momo. Imprensa e carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. (coleção História, Cultura e Ideias, v. 5). P. 143.

203 COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de Momo. Imprensa e carnaval na Primeira República*. op. cit. p.144.

204 *A Gazeta de Notícias*, 22 de fevereiro de 1925. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_05&PagFis=14665&Pesq= Acesso em 08/04/2018.

205 BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UnB, 1993. p. 6.

Pedro II gostava das brincadeiras carnavalescas. Enquanto dura o reinado de Momo, são dele apenas as leis e sua lei maior é a da liberdade, renascimento e renovação²⁰⁶.

Em outra imagem, da capa da revista *Careta* nº 299, em desenho assinado por J. Carlos, O presidente Hermes aparece ele próprio em versão “carnavalizado”, como um bobo da corte que seria o próprio país. Para Mikhail Bakhtin, o bobo da corte, os bufões, não seriam apenas “atores” a desempenhar seu papel em um palco²⁰⁷. Mas ao contrário, seriam bufões o tempo inteiro, a vida toda, em todos os momentos. Se J. Carlos e os demais caricaturistas do período já passavam o ano ridicularizando o presidente, no carnaval isso chegava provavelmente ao auge, inclusive sendo transformado em máscara e sendo apropriado pelo povo nos festejos de Momo

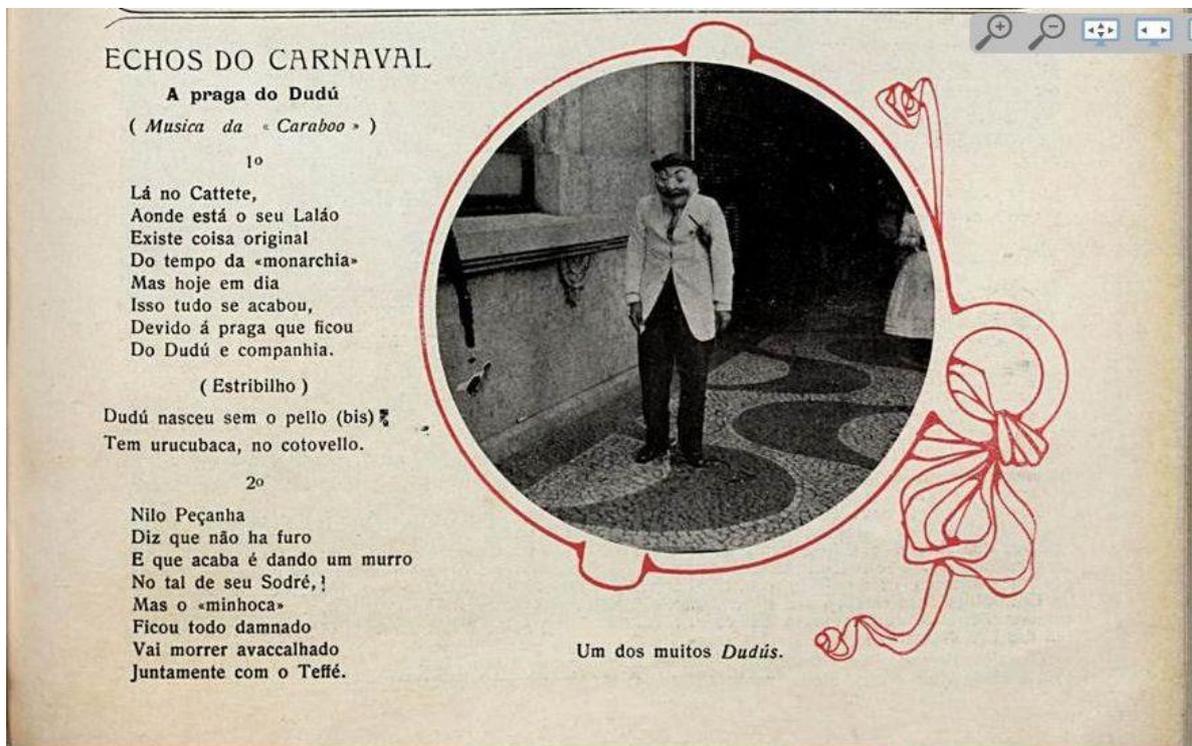


Figura 11 - *Careta* nº 299, de 21 de fevereiro de 1914.

Ao mesmo tempo, a revista se aproveita de músicas populares para parodiar e criticar o governo e os políticos da época, como a praga do “Dudú da Urucubaca”. No exemplo da Figura Lalaó seria Wenceslau Braz, Dudú, o próprio presidente

206 BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. op. cit. p. 6.

207 BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. p. 7

azarado, Nilo Peçanha, citado com todas as letras e Teffé pode ser o Barão de Tefé (Antônio Luís von Hoonholtz), veterano da Guerra do Paraguai, logo, do tempo da monarquia e “Grande do Império” e pai de Nair de Tefé, a jovem segunda esposa de Hermes da Fonseca, ela própria também caricaturista, usando o pseudônimo de Rian²⁰⁸. Mesmo sendo a primeira mulher a alcançar fama como caricaturista no Brasil (ou talvez por isso mesmo), retratando a sociedade carioca, Nair foi usada para criticar o presidente. Seus detratores sugeriam que ele se preocupava mais com a jovem esposa do que com os destinos da nação, abrindo ainda mais espaço para a atuação de Pinheiro Machado no governo.

Na noite de 26 de outubro de 1914, perto de transmitir o cargo para seu sucessor, Hermes da Fonseca e convidados ouviram sua esposa e Catulo da Paixão Cearense (importante músico, compositor e poeta popular) tocarem “Corta-Jaca”, música que vinha se tornando cada vez mais popular, de autoria de ninguém menos que da maestrina Chiquinha Gonzaga (em parceria com Machado Careca), ela mesma uma figura importante na música e costumes da época. Além de ser uma música que não estava conforme os gostos “civilizados” da época, ela foi tocada por uma mulher, ainda primeira-dama e ao violão. Instrumento visto como pertencente à malandragem e à marginalidade, como Lima Barreto retratou no primeiro capítulo de “Triste fim de Policarpo Quaresma” (“a vizinhança concluiu logo que o major aprendia a tocar violão. Mas que cousa? Um homem tão sério metido nessas malandragens!”²⁰⁹).

A reação foi imediata e furiosa.

Rui Barbosa, criticando as ações do exército, que proibia os estudantes de pararem os bondes que iam ao Catete para colocarem em suas plataformas a palavra “Dudu”, aproveita para fazer severa crítica no Senado, classificando o Corta-jaca como

(...) a mais baixam a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea do *batuque* do *cateretê* e do *samba*. Mas nas recepções presidenciais o *corta-jaca* é executado com todas as honras de música de Wagner, e não se quer que a consciência deste país se revolte, que as nossas faces se enrubesçam e que a mocidade se ria!²¹⁰

208 LAGO, Pedro Corrêa. Caricaturistas brasileiros 1836-1999. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 1999. p. 54.

209 BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. p. 9. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/policarpoE.pdf> 24/05/2018.

210 Diário do Congresso Nacional, 8/11/1914, p. 2789. Refere-se à 147ª sessão do Senado Federal, em 7 de novembro de 1914. Apud DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1999. p. 205.

Como já era de se imaginar, os jornais não perderam tempo e fizeram suas troças e quadrinhas satíricas que logo ganhariam a boca do povo:

O Duduzinho
da Urucubaca
É o homenzinho
do corta jaca

O lenhador corta lenhador
E o costureiro, casaca,
Sapateiro corta sola,
O “Dudu” só “corta-jaca”!

Dois beijinhos no Dudu,
Vestidinho de casaca,
Valem bem cinco pernadas
No passo do “Corta-Jaca”

Pula do burro, Mané,
Toma cuidado, ele empaca!
Já vi que este burro é gente
Dança também “Corta-Jaca”!

Não uso arma nenhuma,
Nem bacamarte, nem faca!
Uso apenas o meu “pinho”
Pra tocar o “Corta-Jaca”!

Faz-se goma de polvilho
E cola de goma-laca
O povo dança maxixe
E “Dudu” o “corta-jaca”.

O cangote da morena

Vale bem meia pataca,
Quando ela dança sestrosa
Os passos do “Corta-Jaca”!

A minhoca não é cobra,
Capivara não é paca
Já todos sabem de sobra
Que “Ele” dança o “corta-jaca”.

Herculano e Valadares
Juntos fizeram uma “vaca”
À procura de bons pares,
Turunas no “corta-jaca”.

Na quitanda tem legumes
No açougue carne de vaca
Na padaria tem roscas
No Catete “corta-jaca”²¹¹.

211 Jornal A Rua, edições de 6 e 7 de novembro de 1914. Apud DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1999. p. 207.



Figura 12 - Careta nº 299, de 21 de fevereiro de 1914.

Isabel Lustosa acredita que o episódio também contou com o gosto e o amor pelas coisas brasileiras que o marechal possuía²¹². Acabou sendo mais uma oportunidade para troçarem de Hermes da Fonseca, até os últimos momentos de seu mandato. A música popular brasileira, porém, avançava pouco a pouco.

Na semana seguinte, na charge intitulada “Cinzas” (já deixando indicado o pós-festa, a quarta-feira de cinzas e o fim do reinado de Momo sobre a terra), o marechal – presidente é retratado como um folião, mas mais do que isso, como um

212 LUSTOSA, Isabel. *Histórias de presidentes. A República no Catete*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989. p. 64.

borracho, caindo na sarjeta, fantasiado, maquiado, com várias serpentinas sobre ele, apoiado sobre um bumbo e sendo recolhido por um varredor de ruas



Figura 13 - Careta nº 300, de 28 de fevereiro de 1914.

(gary), que expressa (“que honra”), quando percebe quem se trata caído. Peter Burke também observa que os acessórios reforçam a imagem que se pretende

dar ao retratado²¹³. Neste caso, com vários apetrechos carnavalescos, indicando que Hermes havia se curvado ao reinado de Momo durante a noite.

Em uma sociedade relativamente recém-egressa da escravidão, arrivista como a da capital federal, com seu habitual desprezo pelas atividades manuais e pelos trabalhadores, ser retratado sendo varrido e caído bêbado em público é parte do processo de crítica e negatividade da imagem do presidente. Ainda mais em um momento em que as elites e “as grandes sociedades” tentam “civilizar” e controlar o Carnaval e torná-lo refinado como o carnaval veneziano, algo externo aos costumes populares. Como nos explica Maria Clementina Pereira Cunha²¹⁴.

Tal projeto elitista e excludente era completamente incompatível com um presidente pândego e na sarjeta, mas fazia os leitores da *Careta* rirem de sua desgraça (real ou inventada). Além disso, a prática de tentar tornar concreto o abstrato, feita por artistas, que mostra indivíduos como encarnações de valores e ideias é desconstruída.

Ao tratar da sucessão presidencial e de sua relação com as caricaturas, Herman Lima faz menção à uma caricatura/anedota do artista Voltolino publicada em *O Gato*, publicação criada para combater a política de Hermes e Pinheiro Machado.

Hermes, passeando nos jardins do Catete, com Venceslau Brás, que já se ensaiava para a próxima sucessão presidencial, confia ao mineiro:

‘Olha Venceslau, o Pinheiro é tão bom amigo que chega a governar pela gente.’²¹⁵

A preocupação e a incerteza sobre qual o tamanho da influência sobre Wenceslau Braz a política de Pinheiro Machado teria no novo governo foi algo que apareceu nas primeiras caricaturas e charges sobre o novo governo.

213 BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. O uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 44

214 “O programa das sociedades era assim substituir a forma individualista e anárquica do Carnaval carioca por uma brincadeira organizada, intelectualizada e comandada do alto dos carros ou dos salões das grandes sociedades e *expurgada das impurezas populares* (...). Agradável nas lembranças de juventude de muitos daqueles que o condenavam na maturidade, o bom e velho entrudo familiar era impensável naquela situação de ‘mistura’ de classes e raças, da promiscuidade social indissociável das multidões heterogêneas que se aglomeravam nas ruas para ver passar os préstitos no centro da cidade.” CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p. 98. (grifos meus).

215 LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio. 1963. 1º volume. P. 273.

3. WENCESLAU NA PRESIDÊNCIA

3.1 Candidatura e eleição

Com o Pacto de Ouro Fino, ficou acertado que haveria uma candidatura única: a do Sr. Wenceslau Braz (presidente) e a do Sr. Urbano Santos (vice-presidente). O eterno candidato Rui Barbosa cogitou lançar-se em nova corrida eleitoral, mas ao perceber que não receberia apoio dos grandes estados e caciques políticos, desiste de sua candidatura. Mesmo assim, como nas eleições da época o eleitor levava sua cédula já preenchida, Rui ainda conseguiu receber 47782 votos, 8,22% do total, enquanto Wenceslau recebeu 532.107 votos, representando 58% dos votos²¹⁶. Aos 46 anos chegava à presidência, concretizando, de certa forma, o sonho de ser imperador tido durante a apresentação de Sara Bernhardt...

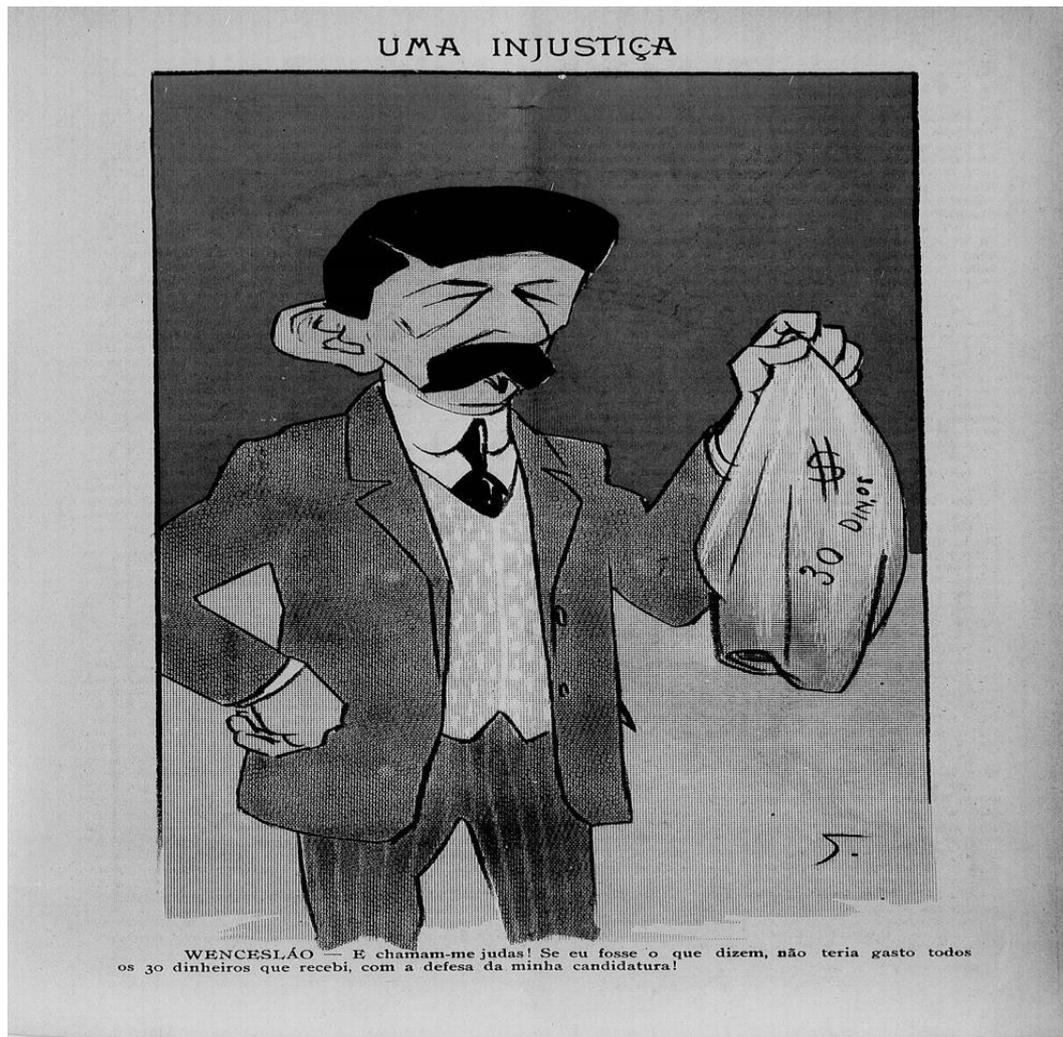
A chapa era criticada por alguns como “traição” à Marechal Hermes: “Dessa vez, o mesmo Wenceslau Brás que abandoara Afonso Pena abandonou o marechal Hermes e Pinheiro Machado”²¹⁷. O apelido de “Judas Wenceslau”, contudo, foi mantido e lembrado por alguns, como na caricatura de *O Gato* (autor não identificado), onde Wenceslau é retratado segurando um saco de dinheiro, com o cifrão pintado e escrito “30 dinheiros”, em clara alusão à traição de Judas contra Jesus. O título é “Uma injustiça”, usando a ironia, explicada na legenda “WENCESLÃO – E chamam-me judas! Se eu fosse o que dizem, não teria gasto todos os 30 dinheiros que recebi, com a defesa da minha candidatura!”.

Apesar dessa reputação (que chegou a ser percebida pela imprensa) de traidor, Cláudia Viscardi lembra que Pinheiro Machado, cogitando sua candidatura não se opunha à uma combinação Wenceslau Brás/ São Paulo, que poderia ser defendida com sua aprovação. Inicialmente, via Wenceslau como aliado, e não como opositor. Desde que tivesse controle sobre a chapa mineiro-paulista.²¹⁸

216 VICTORINO, Juliana Leone; *Wenceslau Braz e a política café com leite*. Estratégias de comunicação e marketing político que o elegeram Presidente da República. 2012. 135f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. p. 17.

217 CALDEIRA, Jorge. *História da Riqueza no Brasil*. Cinco séculos de pessoas, costumes e governos. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017. P. 500.

218 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. Uma revisão da “política café com leite”. Belo Horizonte: C/Arte, 2001. p.233.



F
 figura
 14 -
 O
 GAT
 O Nº
 99
 (auto
 r
 desc
 onhe
 cido)
 N
 a
 presi
 dência,
 conti
 nuou

com seu estilo conciliador de fazer política. Darcy Bessone aponta que a plataforma eleitoral de Wenceslau Braz encampou os principais pontos da plataforma civilista, esvaziando assim uma possível oposição. Dentre suas propostas estavam: o respeito à divisão entre os poderes; a fidelidade partidária mas, acima de tudo, à nação; Pragmatismo na educação, vista como investimento e adotando o modelo norte-americano, privilegiando o ensino técnico e voltado para o trabalho; Propõe a diversificação na economia, não se restringindo ao café e à borracha; política nacionalista na industrialização do minério; uso das quedas d'água na geração de energia elétrica; política específica para o Nordeste, com combate às secas; preocupação com o bem-estar da classe operária (que supõe estar na educação técnica); elogio às medidas recessivas de Campos Sales, ao mesmo tempo em que tinha uma visão dos problemas nacionais que iam além do liberalismo excludente da época²¹⁹.

219 BESSONE, Darcy. *Wenceslau: um pescador na presidência*. Belo Horizonte: Sociedade de estudos históricos Pedro II. 1968. p.162-167.

Seu governo, porém, teria dificuldades herdadas de seu antecessor. O “espólio de uma casa roubada”, nos dizeres de Rui Barbosa²²⁰. A eleição de Wenceslau Braz representa uma união dos situacionismos de Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Ceará e Alagoas contra Pinheiro Machado²²¹. O Senador gaúcho ainda tenta lançar o nome do ex-presidente Campos Sales para tentar dividir os adversários. Seu falecimento impede os planos do “caudilho”.

Não havia uma aliança formal entre as elites mineira e paulista para Cláudia Viscardi, ao contrário do que o famoso “Café com Leite” pode fazer pensar. Isso abriu margem para que ocorresse a intervenção gaúcha na política nacional, contando com apoios de Rio de Janeiro e Bahia²²².

O Pacto de Ouro Fino e a candidatura de Wenceslau Braz trazem novamente São Paulo para acordos mais intrínsecos com as demais elites que governaram com Marechal Hermes, como a mineira²²³. Mesmo Wenceslau Braz tendo sido outrora aliado de Pinheiro Machado, a nova conjuntura irá colocá-los em lados opostos (essa antiga aliança pode explicar a charge do “Judas Wenceslau”). Enquanto o primeiro vinha para reconstruir a aliança “Café com Leite” o segundo tentava rompê-la, ou pelo menos utilizar-se dela, sendo visto como uma ameaça a ser neutralizada.

A vitória de Wenceslau gerou a irônica observação do jornalista Emílio de Menezes: “É a primeira vez que vejo um funcionário promovido por abandono de emprego.”²²⁴. Referência ao fato de que durante a maior parte do quadriênio Hermes da Fonseca, Wenceslau procurou se desvencilhar das imagens negativas tanto do marechal Hermes quanto de Pinheiro machado, evitando também ser enredado nas tramas políticas do período, retirando-se para sua amada Itajubá, cuidando de seus negócios e aproveitando para fazer jus ao seu apelido de “Pescador de Itajubá”...

3.2 O Morro da Graça no horizonte

220 SILVA, Hélio. O Brasil e a 1ª Grande Guerra 1915-1919 (coleção História da República Brasileira). op. cit. p. 58.

221 SILVA, Hélio. O Brasil e a 1ª Grande Guerra 1915-1919. São Paulo: Editora Três, 1998. p. 84.

222 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. Uma revisão da “política café com leite”. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.p.208.

223 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. op. cit.p.213-214.

224 BESSONE, Darcy. *Wenceslau. Um pescador na Presidência*. op.cit.p. 140.

Torna-se muito difícil, ou, pelo menos, uma visão incompleta, tentar entender o período da história republicana brasileira entre 1909 e 1915, ou até mesmo antes, sem nos atentarmos à figura política do senador José Gomes Pinheiro Machado.

Gaúcho de Cruz Alta, filho de um fazendeiro e deputado federal, Antônio Gomes Pinheiro Machado, cedo começou a se delinear sua personalidade de pessoa sem escrúpulos, com desafetos, mas também de força e de busca pelo poder.

Foi veterano de duas guerras. Lutou na Guerra do Paraguai escondido do pai, ainda aos quinze anos. Pinheiro Machado foi senador por um quarto de século. Em 25 anos (1890-1915), se afastou por poucos períodos da senatoria. Um deles foi para se envolver em outra guerra, a Federalista gaúcha (1893-1895), uma das maiores guerras civis na história brasileira. Lutou na Divisão Norte, com espada em punho, pela recém-proclamada República. Desde cedo tornara-se republicano. Derrotou os monarquistas de Gumerindo Saraiva e recebeu a fama de degolador e a patente de general de brigada honorário. Em 1897 foi acusado de ordenar o assassinato contra o então presidente Prudente de Moraes, ficando preso por alguns dias e liberado por falta de provas²²⁵.

Ao assumir a vice-presidência do Senado, Pinheiro Machado descobre a sua pedra filosofal: ele passa a controlar a Comissão de Verificação de Poderes, o órgão cuja função era decidir se os candidatos “eleitos” poderiam ser diplomados e assumir seus cargos ou não.

Na falta de uma Justiça Eleitoral, a Comissão de Verificação de Poderes ficou sob a responsabilidade dos próprios legislativos. Durante a Primeira República, dentro do contexto da “Política dos governadores”, o caminho para as fraudes e “degolas” políticas foi ainda mais acentuado do que na Era Imperial. Uma situação que leva à oficialização de um sistema de fraudes e um simulacro de representação²²⁶.

Degola é o termo que indicava, na Primeira República, a não aprovação e a consequente não diplomação de quem se candidatasse pelas comissões de reconhecimento da Câmara e Senado. É uma expressão vinda da sangrenta Revolta Federalista, onde pelo menos mil pessoas foram degoladas, neste caso literalmente.

225 GIUDICE, Cláudia. O poderoso chefão. Aventuras na História, São Paulo, nº.150, p.30-39, jan. 2015.

226 PORTO, Walter Costa. Dicionário do voto. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. p. 412-413.

A degola, no Parlamento, representava a etapa final do processo de aniquilamento das oposições. Começava-se pela fraude na eleição, pelos arranjos do alistamento, pela pressão oficial sobre os votantes; depois, pelos arranjos na apuração, com as atas falsificadas; e, afinal, o simulacro da verificação dos poderes, no que se chamou, também, de ‘terceiro escrutínio’²²⁷.

Com isso, Pinheiro Machado ficava com um poder enorme em suas mãos, decidindo parte dos destinos políticos do país.

Através deste controle, Pinheiro podia negar uma cadeira do Congresso a um adversário, fazendo com que a comissão verificadora considerasse fraudulentos um número de votos suficientes para dar a vitória ao outro candidato. Dizia uma anedota que o Senador certa vez afirmou a um jovem deputado eleito, de lealdade duvidosa: ‘Menino, tu não serás reconhecido, por três razões. A terceira é que não foste eleito’. As duas primeiras razões subjacentes eram o poder de Pinheiro sobre a comissão apuradora e o seu desejo de punir qualquer insubordinação²²⁸.

Suas reuniões políticas em seu palacete no Morro da Graça, no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, eram muito concorridas. Casado com dona Benedita Brasileira, a Dona Nha-Nhã, filha do fazendeiro paulista Antônio Augusto Araújo Moniz, ambos recebiam seus convidados com maestria.

Como a casa era muito frequentada por deputados, senadores, empresários, juízes, interessados em cargos públicos, etc. Ficou conhecida a expressão “Pega na chaleira” e “No bico da chaleira”, significando os bajuladores mais afoitos que pegavam em qualquer lugar da chaleira para servir o chá e o chimarrão do senador, tentando agradá-lo²²⁹. Foi questão de tempo para virar tema musical, como a polca “No Bico da Chaleira”, de Costa Júnior (Juca Storoni), sucesso no carnaval de 1909:

Iaiá me deixe subir esta ladeira,

Que eu sou do grupo do pega na chaleira,

Surama Conde Sá Pinto transcreve uma variante, interessante por uma possível referência ao Bloco, grupo de estados que se opuseram à candidatura de

227 PORTO, Walter Costa. Dicionário do voto. op. cit. p. 157-158.

228 LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 157.

229 Pinto, Surama Conde Sá. *Pinheiro Machado, o Morro da Graça e a política carioca*. R. IHGB, Rio de Janeiro, a.171 (447): 229-244, abr./jun. 2010. p. 229-230.

David Campista (Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, além do Exército) fazendo duplo sentido com os blocos carnavalescos:

laiá/ me deixa subir esta ladeira/Eu sou do bloco/Mas não pego na chaleira...

Eduardo das Neves também fez uma marchinha de carnaval, intitulada “Pega na chaleira”, sucesso do carnaval de 1906:

Nesse século de progresso
 nesta terra interesseira
 tem feito grande sucesso
 o tal pega na chaleira.

A revista *Careta* nº347 de 1915 trouxe várias rimas carnavalescas parodiando músicas conhecidas na época que os leitores deveriam usar como referência para ler e cantar o deboche contra Hermes da Fonseca e Pinheiro Machado

VEM CÁ DUDÚ
 (Música de “Vem cá Bitá”)

-Vem cá Dudú!

Vem cá Dudú!

Vem cá!

-Não vou lá não!

Não vou lá

Não vou lá

Não vou lá

Tenho medo de apanhá.

Se o coiro do tal Pinheiro

Fosse esticado e curtido,

Ai! que excelente pandeiro
 P`ro funeralizado “Partido”!

Morena da perna grossa,
 Do braço grosso também,
 Vae correndo, vae correndo,
 Uladisláo ahi vem!

Rainha-Mãi diz que é pobre,
 Que não tem nada de seu,
 Só tem uma farda velha
 Que o Alexandrino lhe deu.

As referências a Pinheiro Machado e ao Marechal Hermes são mais reconhecíveis. Alexandrino provavelmente refere-se a Alexandrino de Alencar, outro gaúcho e ministro da Marinha da legislatura Hermes. Fica a dúvida quanto a Uladisláo, provavelmente uma forma caricata de referir-se a Wenceslau Braz.

Incansável em sua oposição, a mesma revista, no mesmo número, traz outra paródia, intitulada ECHOS DO CARNAVAL a praga do Dudú (para ser lida acompanhando a música da “Caraboo”)

1º
 Lá no Cattete,
 Aonde está o seu Laláo
 Existe coisa originalmente
 Do tempo da “monarchia”
 Mas hoje em dia
 Isso tudo se acabou,
 Devido á praga que ficou
 Do Dudú e companhia
 (Estribilho)
 Dudú nasceu sem o pello (bis)
 Tem urucubaca, no cotovello
 2º

Nilo Peçanha
 Diz que não ha furo
 E que acaba é dando um murro
 No tal de seu Sodré,
 Mas o “minhoca”
 Ficou todo damnado
 Vai morrer avacalhado
 Juntamente com o Teffé.

(Estrilho)
 O Nilo é batuta
 E o Sodré aguenta a truta. (bis)
 3º

No morro da Graça
 Aonde mora o seu “minhoca”
 E quando sahe, da sua toca
 Vai ao Cattete varejar,
 Vareja a toda hora
 E depois vai dando o fóra
 Sem o dinheiro arranjar

(Estrilho)
 O “minhoca é “cabra bão”. (bis)
 Varejou ahi a Nação. (bis)
 4º

O seu Laláo
 Diz que tem juizo,
 E que agora é preciso arranjar,
 Mas seu Sodré Juntamente com o “minhoca”
 Dizem, que na toca
 O arame “ão” de cavar.

(Estrilho)
 “Minhoca” cava bem...
 Mas desta vez não cava vintem!

A paródia apresenta pontos de interesse para nós. Enquanto o Catete agora é ocupado pelo novo presidente Wenceslau (o seu Lalão), o Morro da Graça é lar do “Minhoca” (Pinheiro Machado), que tenta conseguir dinheiro (arame, na gíria da época) na sede presidencial, o que é vetado pelo seu novo morador, que tenta resolver o caos herdado de seu antecessor Dudú (Hermes da Fonseca). Wenceslau Braz adota rigorosa política de contenção de gastos para recuperar as finanças abaladas pelo seu antecessor (uma das “pragas do Dudú”). O ex-presidente e líder político do Estado do Rio de Janeiro Nilo Peçanha é explicitado em confronto com (Feliciano) Sodré, ambos disputaram influência no Estado, somado a Oliveira Botelho e Alfredo Baker.

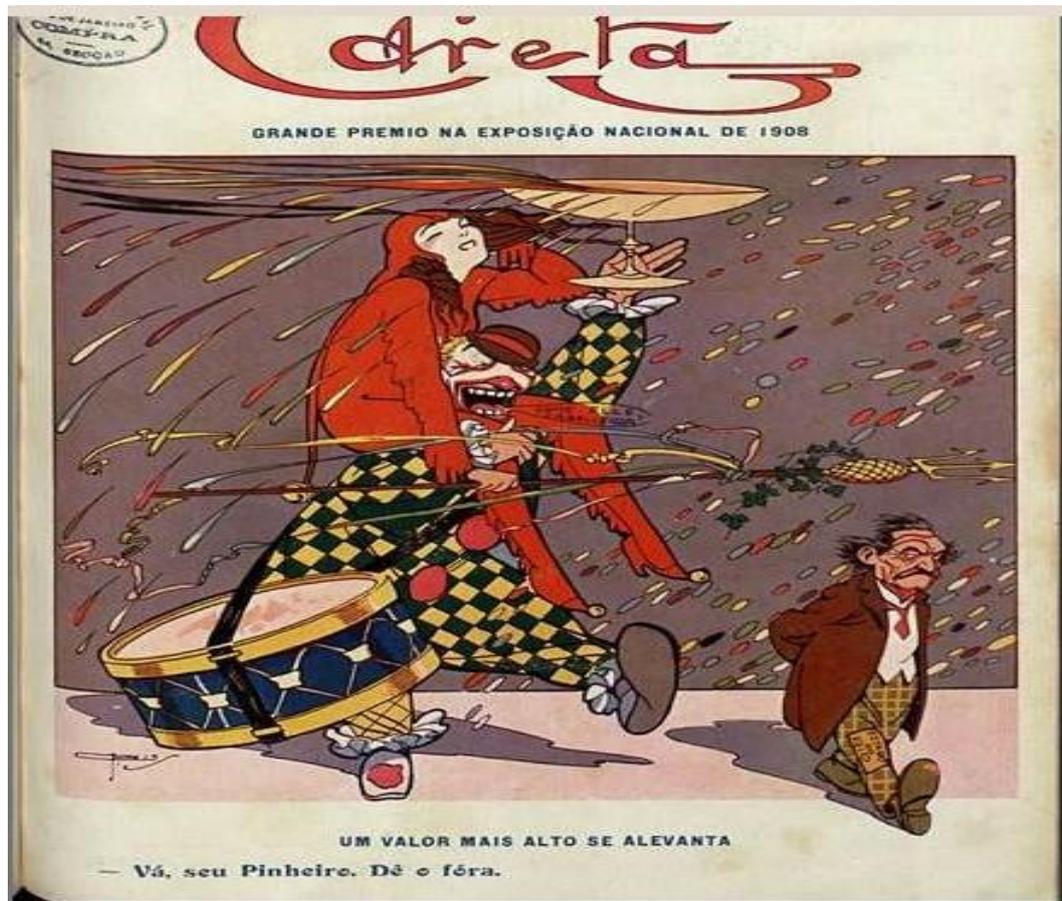


Figura 15 - *Caretas* nº 347, 13 de fevereiro de 1915. Desenho de J. Carlos.

Na visão de J. Carlos, nem mesmo Pinheiro Machado pode resistir à força do carnaval e de seus foliões, expressa na capa da *Caretas* nº 347. Com título “Um valor mais alto se levanta” Pinheiro Machado diminuído é expulso de cena cabisbaixo e pensativo, com as mãos para trás das costas, embaixo de uma chuva de confetes e

serpentinhas, por um gigantesco casal de foliões, um deles portando uma taça de champanhe (ou cidra), ela um tridente e dizendo na legenda “-Vá, seu Pinheiro. Dê o fóra.”. O pierrô tem um balão na imagem dizendo “Come elle, cabeleira”. Nem mesmo o poderoso líder era capaz de resistir ao poder carnavalesco.

Quando da candidatura Hermes da Fonseca, Pinheiro Machado foi a grande influência nos bastidores. Sua intenção era a de ampliar o peso político do Rio Grande do Sul e o seu poder pessoal e de seu partido, o P.R.C. (Partido Republicano Conservador), dividindo paulistas e mineiros²³⁰.

Até então, o poder de degola de Pinheiro Machado era reservado aos 17 estados mais fracos da federação, não àqueles de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, que se configuravam os mais fortes da federação na época. Este era um poder que lhe permitia participar da escolha de candidatos a deputados federais que representariam os satélites do Norte²³¹.

Pinheiro Machado, em conjunto com Marechal Hermes ou individualmente, foi uma das figuras mais odiadas, criticadas e vistas de modo negativo durante os anos 1909-15, pelo menos desde a campanha “civilista” até seu assassinato, sendo incessantemente e, praticamente, diariamente atacado pelos jornais regulares e imprensa ilustrada da época²³². A “doçura” de J. Carlos, por exemplo, apregoada acima por Herman Lima, não era aplicada para o presidente Hermes e tampouco para Pinheiro Machado. O poder de Pinheiro Machado advém das regras das próprias oligarquias, dentro da República e que ele soube manipular a seu favor. Essa brecha, e suas constantes manipulações políticas eram odiadas por muitos. Não apenas isso, Pinheiro Machado punha em risco os interesses hegemônicos das oligarquias, algo cada vez mais intolerável. Até mesmo a eliminação física era considerada. Como a imprensa era um instrumento usado pela política, artigos, manchetes e, também as caricaturas e charges eram semanalmente usadas como veículos para expressão dessas críticas e oposições políticas, não sendo neutras. Ao contrário, tendo opiniões ligadas aos seus autores e/ou veículos de divulgação.

A capa da *Careta* de nº 272, criada possivelmente por J. Carlos, mostra um “Noé” Pinheiro Machado abrindo a Arca (que traz a inscrição P.R.C.) para soltar os

230 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. Uma revisão da “política café com leite”. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.p.195,200.

231 LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 157.

232 DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e poder no Brasil – 1901/1915. Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais *Correio da Manhã* (RJ) e *A Federação* (RS)*. 2007. 195f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.70-71.

animais após a arara (simbolizando provavelmente o Brasil) trazer para ele um ramo não de oliveira, mas de figueira. O simbolismo Bíblico da figueira é variado. Foi a planta procurada por Adão e Eva quando tomaram consciência de sua nudez após provar do fruto proibido e de desobedecer ao Senhor (Gênesis 3,7). Pode ser um dos alimentos sagrados da Terra Prometida (Deuteronômio 8.8) quanto uma referência à parábola da figueira seca e estéril, cujo tempo está contado ou ainda à figueira amaldiçoada por Jesus²³³.

O simbolismo pode significar a Bem-aventurança do Brasil com a visão nacionalista de J. Carlos, mas também (e aproveitando-se do duplo sentido) indicar que o tempo de Pinheiro Machado estava para chegar e ele teria de prestar contas para um poder superior.

A imagem também apresenta todos os animais transformados em vacas. Cada vaca traz escrita em si nomes dos principais estados dentro da política oligárquica: Minas, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, facilmente conduzidas (apesar de uma certa desorientação) pelo “Noé” Pinheiro Machado. Na rampa, ainda existem pedaços de esterco com as inscrições “coligação”, “pacto” e “accordo”, em crítica às práticas políticas do período.

Finalizando, o título “Depois do Dilúvio” e a inscrição “...E a arara voltou trazendo um ramo de figueira... As águas baixaram e Noé abriu a arca para libertar os irracionais que abrigara e então viu que todos tinham se avacalhado...”.

A Caricatura indica um Pinheiro Machado perdendo as rédeas da situação, com vários estados deixando-o para trás após a era das “Salvações”, com uma vaca Minas Gerais aturdida a olhá-lo em sua soberba. Novos acordos políticos viriam a ser feitos.

233 “E Jesus entrou em Jerusalém, no templo, e, tendo visto tudo em redor, como fosse já tarde, saiu para Betânia com os doze. E, no dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome. E, vendo de longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa; e, chegando a ela, não achou senão folhas, porque não era tempo de figos. E Jesus, falando, disse à Figueira: Nunca mais coma alguém fruto de ti. E os discípulos ouviram isto”. Marcos 11:11-14. <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mc/11> Acesso em 02/06/2018.

NUM. 272

SABBADO 16 DE AGOSTO DE 1913

ANNO VI

Careta



DEPOIS DO DILUVIO



... E a aráa voltou trazendo um ramo de figueira... As aguas baixaram e Noé abriu a arca para libertar os Irracionais que abrigára e então vio que todos tinham se avacalhado...

Figura 16 - Careta nº 272, 16 de agosto de 1913 (autor J. Carlos).

Wenceslau Braz foi apresentado por seus biógrafos como “o mineiro que venceu o caudilho”, conseguindo neutralizar, se afastar e isolar Pinheiro Machado. Contudo, no calor dos acontecimentos, jornalistas e ilustradores não sabiam muito bem o que esperar da “incógnita Wenceslau”. Ele era visto tanto como alguém que poderia se aliar e continuar sendo manipulado, como fora Hermes da Fonseca, de quem era vice-presidente, quanto como aquele que finalmente barraria os avanços e ambições do senador gaúcho.

A revista *Careta* deixa clara essa visão indefinida sobre o que esperar da relação entre ambos em seu número 335 em duas versões de uma mesma cena. Em uma charge intitulada “A Esperança”, Wenceslau amarra Pinheiro Machado como a um novilho, com ambos vestidos com terno. Na legenda lemos “O povo esperava poder gritar: Conheceu, papudo?”. Na página ao lado, outra charge, intitulada “A Decepção”, onde a cena se inverte, Wenceslau é preso pelas pernas por um Pinheiro Machado vestido como gaúcho e montado a cavalo. Na legenda lemos “O que se viu: (pialo de colher)”. Vara de colher em espanhol.



Figura 17 - *Careta* n° 335, 21 de novembro de 1914 (autor desconhecido)



Figura 18 - *Careta* n° 335, 21 de novembro de 1914 (autor desconhecido)

O receio também é reforçado, agora com um certo alívio, na capa da *Careta* de número 336, onde estão subindo uma ladeira onde se acha a “igrejinha” do P.R.C., com Pinheiro Machado liderando, seguido de Hermes da Fonseca E Wenceslau atrás deste. O título é “Um conto do vigário”, no caso, o vigário é o próprio Pinheiro Machado. E na Legenda temos: “O pescador de Itajubá já ia seguindo as pegadas”. No caso, as pegadas deixadas por Pinheiro e Hermes na imagem, significando a política anterior associada a um Pinheiro Machado controlador.

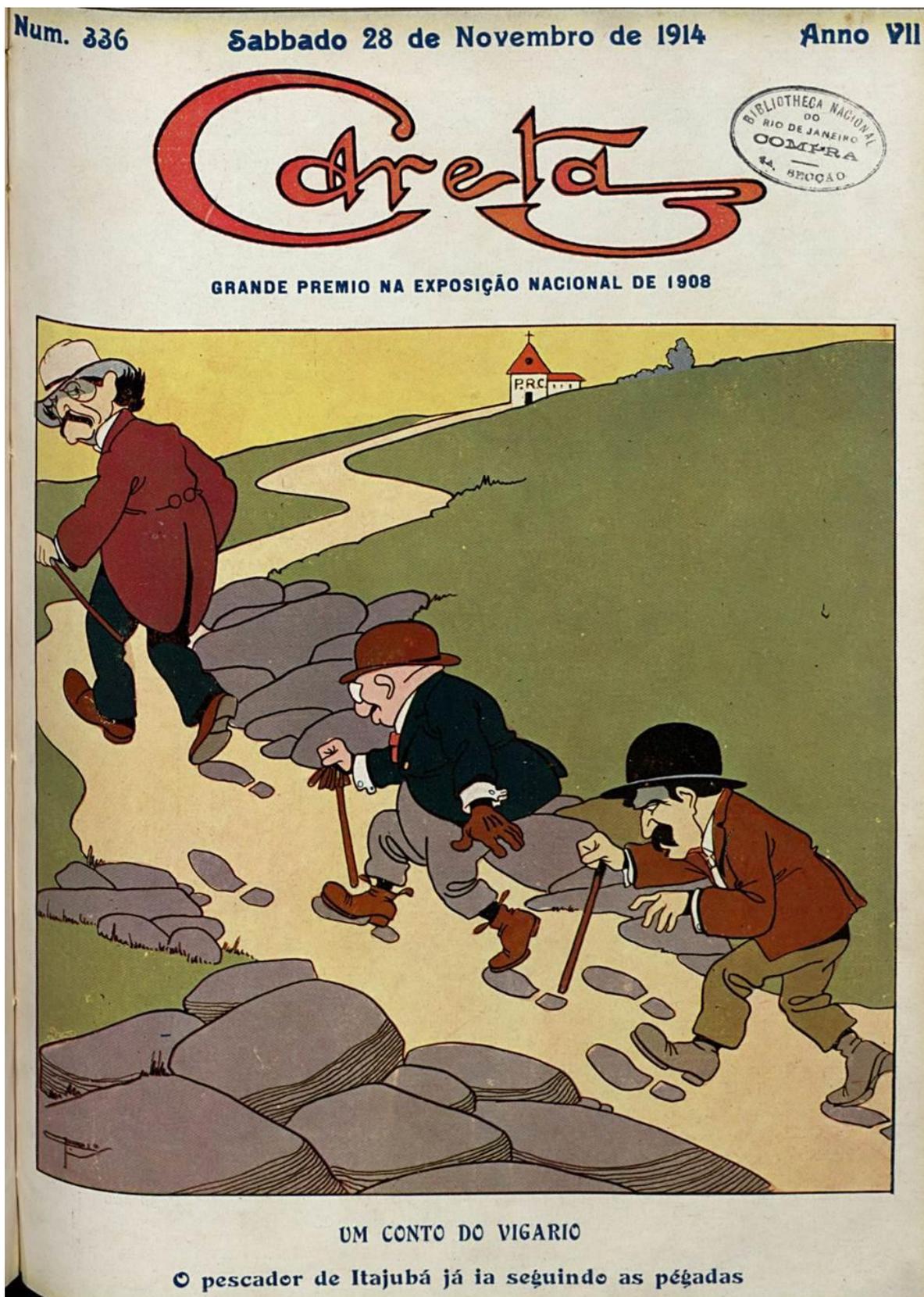


Figura 19 - Careta nº 336, 28 de novembro de 1914 (autor: J. Carlos)

Na edição nº 343, contudo, um irado e determinado Wenceslau derruba um pinheiro, referência clara a Pinheiro Machado em charge de capa de J. Carlos. Na legenda lemos “Wenceslão – Mais um golpe, derrubo a arvore maligna, e dou com o marechal da praia Grande n`água”. A figura pendurada no pinheiro é Feliciano Sodré e marechal da Praia Grande uma referência ao problema da dualidade de legislaturas no Rio de Janeiro, ao seu passado militar e à cidade de Niterói, antiga Vila Real de Praia Grande e capital estadual na época.

Corroborar essa hipótese o fato de que o Rio de Janeiro passou por uma dualidade de legislaturas com Feliciano Sodré e o ex-presidente e influente líder político Nilo Peçanha se declarando vencedores. Ambos se declararam aptos a governar o Estado e estabeleceram assembleias legislativas que os apoiavam. Hélio Silva lembra que Pinheiro Machado tinha interesse em se vingar de Nilo Peçanha, julgando-o como o principal responsável pela queda de sua candidatura à sucessão presidencial após Hermes da Fonseca²³⁴.

Na falta de uma Justiça Eleitoral, recursos ao Supremo Tribunal Federal e ao habeas-corpus eram usados para tentar garantir os direitos políticos que grupos políticos julgavam ter. Principalmente os que não faziam parte da oligarquia dominante naquele momento.

Na realidade, desde o início do regime republicano, o **habeas-corpus** passara a ter uma coloração política e fora utilizado largamente por Rui Barbosa. Ele passara a proteger uma dupla qualidade de direitos – os pessoais e os patrimoniais. Suas atribuições não se limitavam em ser um instrumento de defesa da liberdade de locomoção. Passara à condição jurídica de uma garantia expressa do exercício de funções meramente eletivas²³⁵.

O grupo ligado a Nilo Peçanha entra com pedido de habeas-corpus, que é aceito, para tentar garantir sua posse. A maioria do PRC (Partido Republicano Conservador), de Pinheiro Machado, apoiava o reconhecimento de Feliciano Sodré. Wenceslau tenta um acordo entre as partes, sem sucesso. O presidente pusera à disposição do juiz federal Otávio Kelly as forças federais e prometera acatar as decisões do Judiciário. Estava em disputa a afirmação do poder de Pinheiro

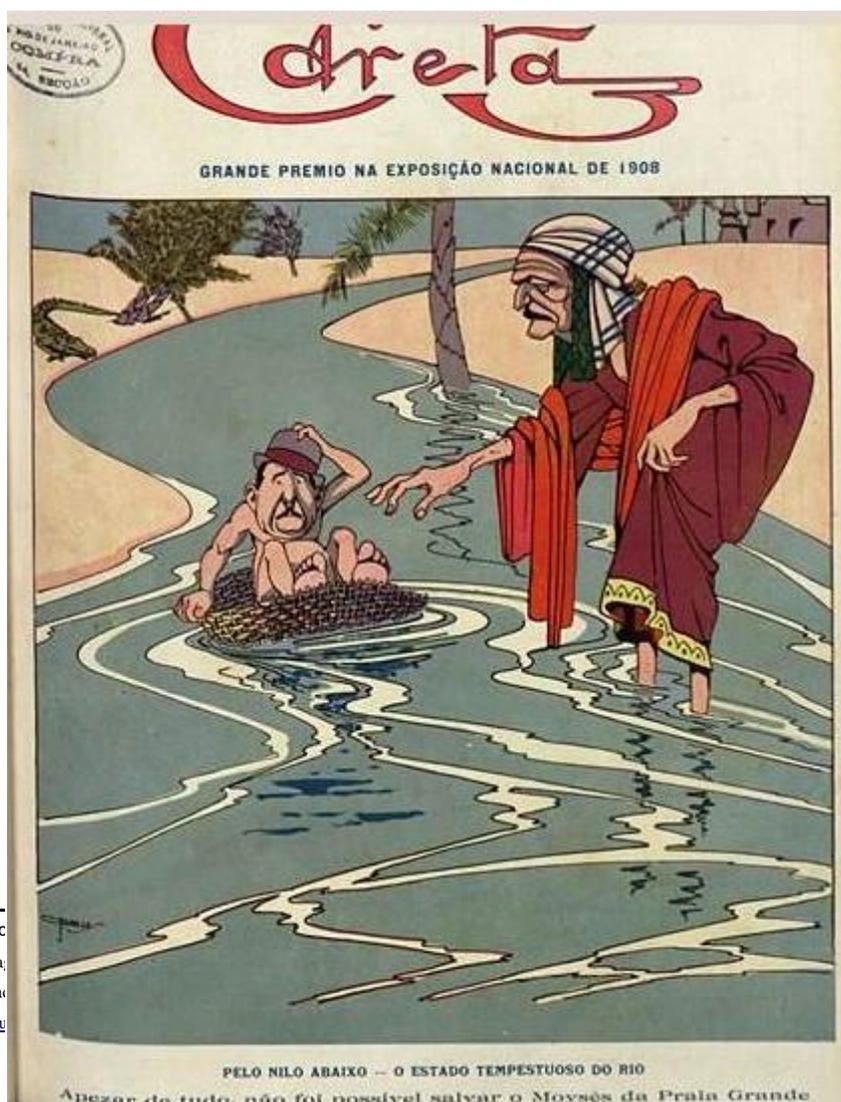
234 SILVA, Hélio. O Brasil e a 1ª Grande Guerra 1915-1919 (coleção História da República Brasileira). São Paulo: Editora Três, 1998. p. 84.

235 SILVA, Hélio. O Brasil e a 1ª Grande Guerra 1915-1919 op.cit. p. 84.

Machado e das facções gaúchas. Wenceslau não recuou, mesmo com as tensões se agravando²³⁶.

A indefinição ficou registrada em outra charge de J. Carlos na *Careta* nº 345. Sob o título “Scena contemporânea” Feliciano Sodré puxa o rabo de uma surpresa vaca, tentando puxá-la em direção à placa que aponta para “Nicttheroy”. Sobre a vaca, montado virado para seu rabo, está Pinheiro Machado, em pose desmoralizadora e em animal deselegante para a montaria, mostrando a intenção pejorativa de J. Carlos.

Em outra, charge de capa de J. Carlos retrata Feliciano Sodré como o bebê Moisés da Praia Grande descendo sem rumo o Rio Nilo, em duplo sentido com Nilo Peçanha (o crocodilo, ao fundo, também simboliza Nilo Peçanha²³⁷), com Pinheiro Machado não conseguindo segurá-lo. Na legenda e no título, um jogo de duplo sentido “Pelo Nilo abaixo – o Estado tempestuoso do Rio. Apesar de tudo, não foi possível salvar o Moysés da Praia Grande” ...



236 SILVA, Hélio. op.c

237 NETO, Deomar Villa,
Dissertação Mestrado
<https://wp.ufpel.edu>

elha. 2012.116f.

Figura 20 - *Careta* n° 344, 23 de janeiro de 1915 (J. Carlos)

A situação do Rio de Janeiro, embora local, afetava o governo federal e só foi resolvida com o assassinato de Pinheiro Machado em setembro de 1915 e a posse de Nilo Peçanha para o Governo do Rio de Janeiro. Um teste de força e de resistência para Wenceslau Braz, que passa a ser visto menos como indeciso e mais como opositor do senador gaúcho.



Figura 21 - *Careta* n° 345, 30 de janeiro de 1915

Com o tempo, Wenceslau tem sua figura mais desvencilhada da de Pinheiro Machado, passando de dúvida, se seria mais submisso ao senador gaúcho para rival e adversário político, ou ao menos uma personalidade divergente, buscando

impor um ritmo próprio, políticas e alianças próprias, ao largo da influência de Pinheiro, isolando-o. Fato percebido pelo senador e por J. Carlos. Duas charges expressam essa divergência entre ambos.

A primeira, publicada na *Careta* nº 336, intitulada “Nas pontas da gangorra”, mostram Wenceslau e Pinheiro sentados cada um na ponta de uma gangorra, olhado de soslaio e com desconfiança mútua um para o outro. Na legenda temos “WENCESLÃO – A coisa é simples. Está em minhas mãos. Eu me levanto e dou com o gaúcho no chão. PINHEIRO – Não há dúvida. Depende só de mim. Quando eu me erguer dou o tombo no mineiro.” Detalhe: a tábua da gangorra está sendo suportada por pedras, sendo que em uma delas está escrito “P.R.C.”, indicando também as vacilações políticas do partido e de seus membros.

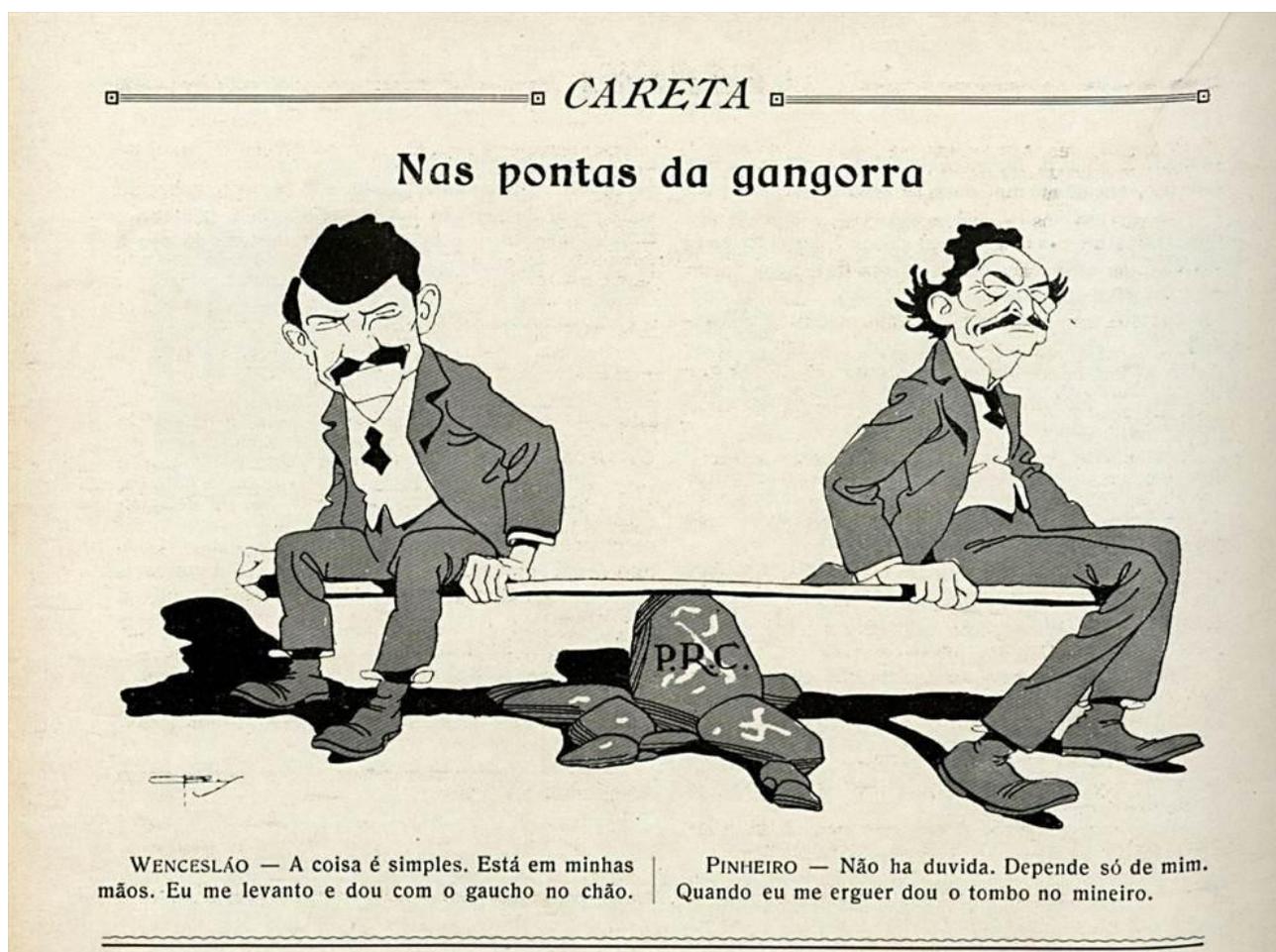
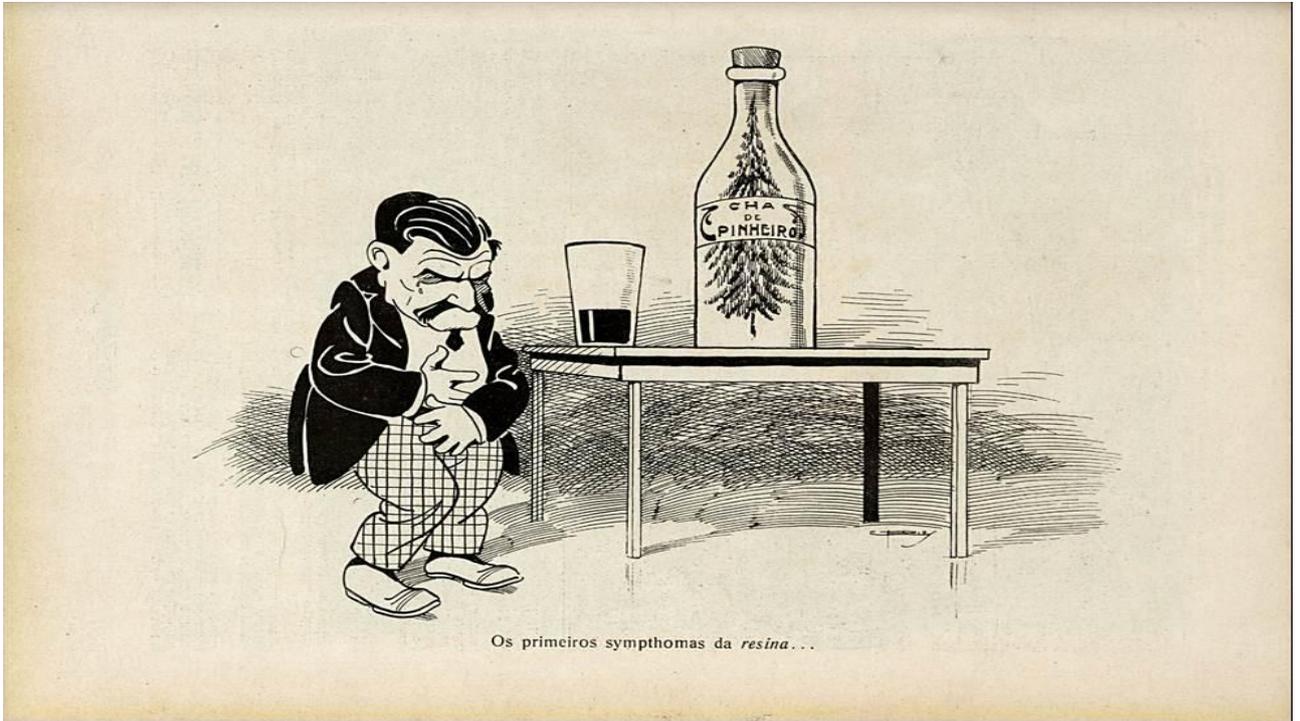


Figura 22 -Careta nº 336, 28 de novembro de 1914 (autor: J. Carlos)

A outra, na edição 343, mostra Wenceslau sentindo dores na barriga junto a uma mesa com um copo e uma garrafa contendo uma árvore, um pinheiro, escrito “Chá de Pinheiro” e uma legenda onde se lê “Os primeiros symphomas da *resina*...” indicando uma divergência ainda maior entre os dois políticos. Um rival que não lhe



“descia” e embrulhava seu estômago.

Figura 23 - Careta n° 343, 16 de janeiro de 1915 (autor: J. Carlos)

Cada vez mais as críticas sobre Pinheiro Machado se acirravam. Com as posições antigermanistas se acentuando com o decorrer da “Grande Guerra”, em parte pelas alianças políticas e econômicas que o Brasil tinha com os países da Entente, o exército alemão era cada vez mais posto em uma imagem cada vez mais negativa. Aproveitando-se desse clima crescente, J. Carlos faz mais uma capa criticando Pinheiro Machado. Vestido como militar alemão, o “Bismarck gaúcho” está a montar guarda. O título é “Tempos mudados” e a legenda traz “Von Pinheiro – O que me falta é um marechal com uma famosa artilharia de *Sítio*.” Ao fundo da cena, um sorridente e maroto rosto de Nilo Peçanha, rindo, debochando de Pinheiro. Referência ao já citado caso do Rio de Janeiro, explicitada na inscrição (“Estado do Rio”). Ao chamar Pinheiro Machado de “Von Pinheiro”, J. Carlos está fazendo possivelmente uma comparação com Otto von Bismarck, o “Chanceler de ferro” da

unificação alemã²³⁸. A preposição “von” indica pertencimento à nobreza, em alemão, quando ligado a sobrenome. Pinheiro Machado está usando um “pickelhaube”, o famoso capacete de ponta prussiano/alemão e que também foi usado tanto por Bismarck quanto no Brasil. A referência ao marechal que decretasse o Estado de Sítio é uma comparação entre Bismarck e o marechal Hermes, que agora não estava mais no poder presidencial para ser manipulado por Pinheiro e que havia decretado um estado de sítio em seu mandato.

O auge das críticas da *Careta* e de J. Carlos a Pinheiro Machado talvez seja a capa da revista nº 370 onde o senador aparece morto, deitado sobre uma mesa de necrotério, coberto apenas por um lençol na cintura. O médico-legista que está tentando averiguar a *causa mortis*, junto a uma bacia com instrumentos cirúrgicos é Alexandre José Barbosa Lima. Deputado Federal em diversas legislaturas, atuante desde os primeiros dias da República, buscando consolidar o novo regime. Tinha fama de homem impetuoso e administrador autoritário. Foi preso e desterrado para Fernando de Noronha, sendo mais um dos acusados de estar envolvido no atentado contra Prudente de Moraes²³⁹. Pinheiro Machado também fora preso no couraçado *Riachuelo*, durante 33 dias (ironicamente em um navio cujo nome homenageia a vitória brasileira em uma das mais estratégicas batalhas da Guerra do Paraguai, na qual Pinheiro lutou)²⁴⁰.

Alexandre José Barbosa Lima apoiou a campanha civilista e, com a vitória de Hermes da Fonseca, passou a fazer oposição ao governo. No governo Wenceslau Braz continuou a fazer oposição a Pinheiro Machado. No título temos escrito “O operador em apuros”. Na legenda temos “- Será difícil escalpellal-o. Esse cadaver reáge”. Indicando que não seria tão fácil vencer Pinheiro Machado.

Após a morte de Pinheiro Machado o Partido Republicano Conservador (PRC) entrou em um declínio maior ainda. Processo que já estava ocorrendo e que se acelerou com as ações de Wenceslau Braz em eliminar as possíveis ameaças ao poder presidencial durante seu mandato. A destruição, para o brasilianista Joseph

238 WRIGHT, Edmund; LAW, Jonathan. *Dicionário de História do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 96. Verbetes **Bismarck, Otto (Eduard Leopold) von, príncipe de Bismarck, duque de Lauenberg**.

239 Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930) <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIMA,%20Alexandre%20Barbosa.pdf> Acesso em 03/06/2018.

240 Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930) <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MACHADO,%20Pinheiro.pdf> Acesso em 03/06/2018.

Love, fica patente em 1918, quando o partido não teve qualquer influência na escolha de Rodrigues Alves ou em outras escolhas seguintes²⁴¹.

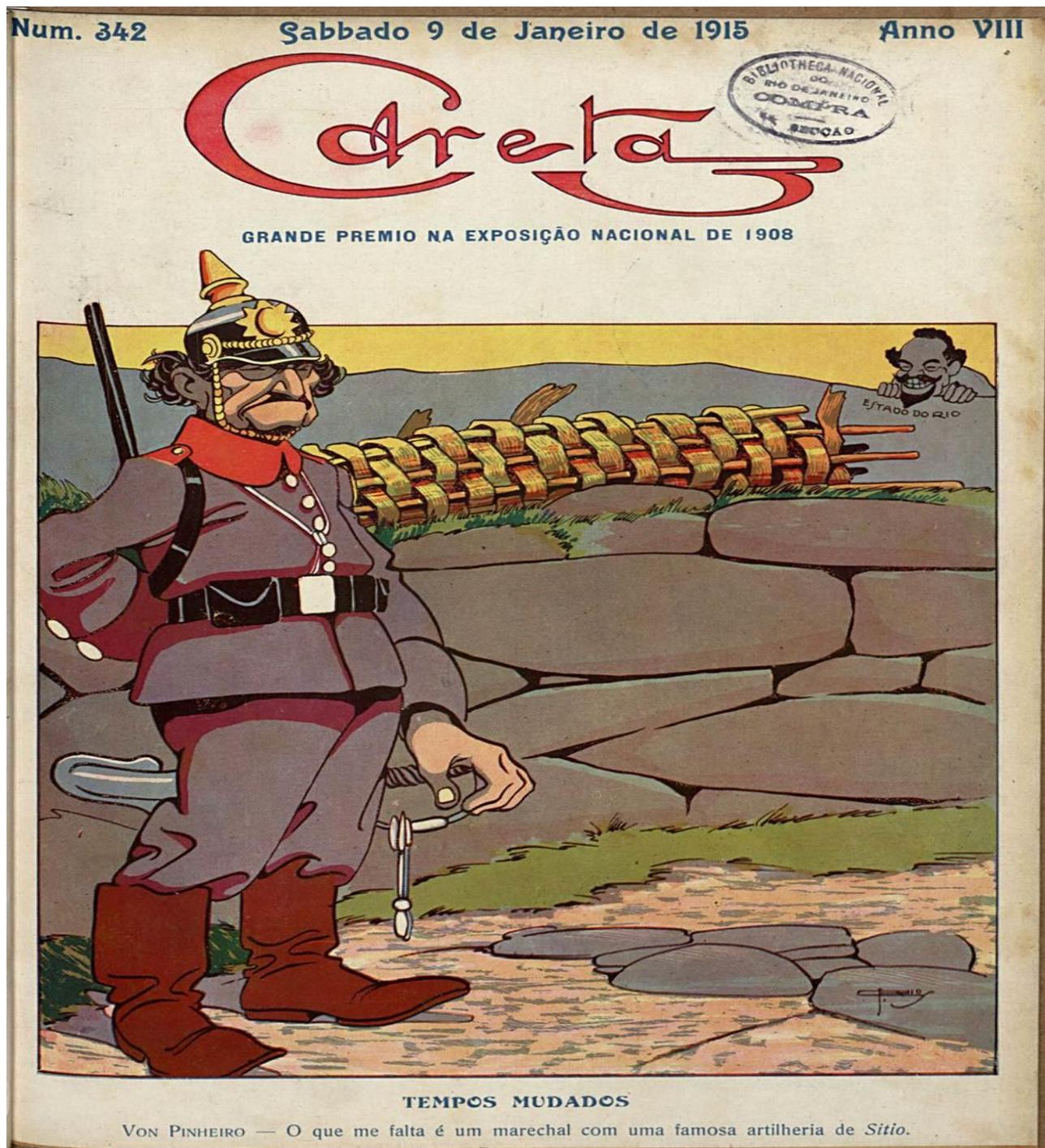


Figura 24 - Careta n° 342, 9 de janeiro de 1915 (autor: J. Carlos)

²⁴¹ LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. P. 194-195.

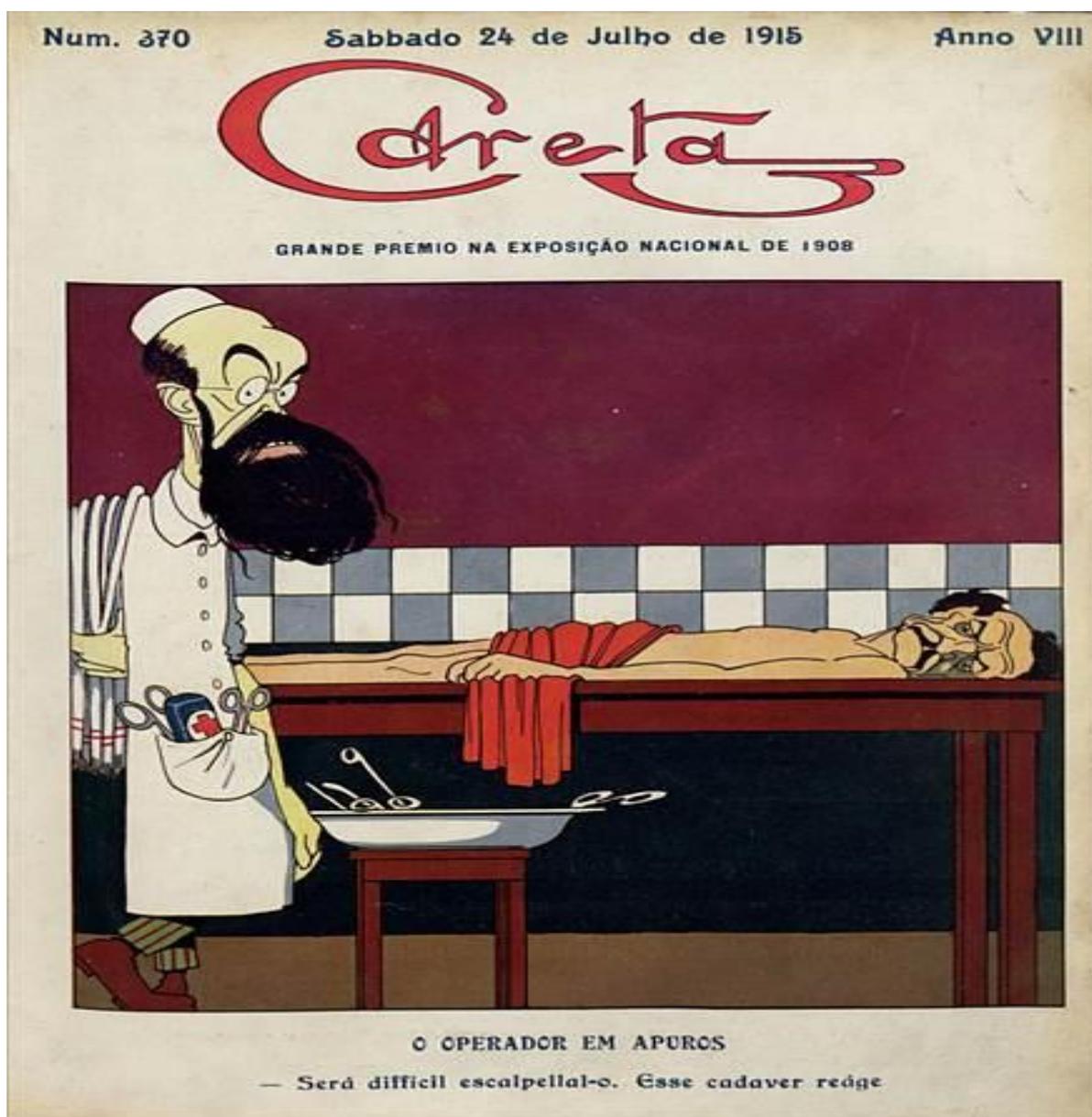


Figura 25 - Careta nº 370, 24 de julho de 1915 (autor: J. Carlos)

O assassinato de Pinheiro Machado, meses depois, parece ter impactado sobre a produção de charges de J. Carlos. A quantidade de material sobre a política nacional cai consideravelmente. Podemos apontar alguns motivos para isso.

O primeiro é: a emergência da Primeira Guerra Mundial e o interesse dos leitores em relação ao tema e da imprensa da época em cobrir o tema, passando a tratar das batalhas na Europa, dos países e líderes envolvidos (com maior simpatia

para a Entente do que para a Aliança), do alto grau de destruição e mortalidade, etc. J. Carlos passa a se dedicar cada vez mais ao tema. Em parte, talvez por sua convicção em defender a sua concepção de “liberdade” referida acima. Para José Maria Bello, a Primeira Guerra Mundial foi útil ao governo Wenceslau Braz de duas formas: desviando a atenção dos brasileiros dos problemas internos e oferecendo uma chance de unir a classe política em torno de um mesmo tema em união nacional²⁴².

O segundo motivo é: eliminada a “ameaça” Pinheiro Machado (e da tentativa de Hermes da Fonseca de ir para o Congresso) a linha editorial da *Careta* podia agora dar atenção a outros temas, tais como a “Grande Guerra”, os costumes, crimes chamativos, viagens oficiais a diversos pontos do país, etc.

O terceiro motivo é um possível retraimento de J. Carlos com a repercussão com a morte de Pinheiro Machado. O jornalismo formulou a “teoria do agendamento” para tentar entender o comportamento do público diante da mídia. A tendência é a de as pessoas compartilharem o que a mídia lhes diz que é importante em um processo que envolve três componentes: a mídia, o público e a política governamental.

Existiria uma atribuição seletiva de assuntos pela mídia, exercida por *gatekeepers*, “fazedores de notícias” aqueles jornalistas e formadores de opinião que por sua condição técnica, jornalística, visibilidade, etc. tem um poder de estabelecer quais temas seriam relevantes de serem levados ao público²⁴³.

Argumentam os estudos contemporâneos sobre o poder do jornalismo que as pessoas absorvem assuntos através da mídia e os incluem em suas conversas. Com isso, conhecem ou ignoram, mantêm-se atentos ou mostram-se desinteressados, ressaltam ou reduzem a importância. Enfim: incluem ou excluem temas tornados públicos ou desprezados pelos meios de comunicação. Permite-se considerar como consequência desse processo que 1) assunto, situação e pessoa importantes são os que circulam nos veículos de comunicação; 2) a mídia tem importante papel na compreensão da realidade pelas pessoas; 3) essas condições não só são aplicáveis ao tempo que aqui vem sendo pesquisado, como foram agravadas por então só existir a mídia impressa como meio de comunicação de grande capilaridade²⁴⁴.

242 BELLO, José Maria. *História da República 1889-1954*. Síntese de sessenta e cinco anos de vida brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. P. 234.

243 DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e poder no Brasil – 1901/1915*. Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais *Correio da Manhã* (RJ) e *A Federação* (RS). 2007. 195f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.40-41. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10470/000599191.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 18/11/2018.

244 DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e poder no Brasil – 1901/1915*. op. cit. p. 144.

Embora deva ser relativizada pelas demandas próprias de cada sociedade, essa teoria pode apontar caminhos para o entendimento do papel de jornalistas, proprietários de jornais e revistas e de artistas, como o já citado J. Carlos, que admitiu que escolhia os temas e criava as legendas de suas charges e caricaturas, logo, lançando os temas a serem debatidos nas ruas.

Com as críticas incessantes a Pinheiro Machado, além da eliminação política ter sido (tragicamente) atingida, o artista pode ter se assustado por ter contribuído para o desfecho inesperado. Manço de Paiva, o assassino de Pinheiro Machado alegou durante toda a vida ter feito o ato em decorrência do que lia constantemente em *O Correio da Manhã*, jornal de oposição ao pinheirismo, mostrando o senador gaúcho como um mal acima dos homens que impediria o bem de toda a nação por seu egoísmo, ambição e fome de poder. Esse poder e influência da imprensa não devem ser minimizados e podem ter levado J. Carlos ao retraimento em relação aos temas da política nacional por um certo tempo, elencando outros (também políticos no final das contas). A relativa estabilidade do quatriênio Wenceslau Braz também pode ter colaborado para isso.

3.3 Na biblioteca do Palácio

Apesar de ser mais associada ao governo anterior, a Guerra do Contestado (1912-1916) tem seu desfecho durante o governo Wenceslau Braz. Algo relativamente pouco lembrado. Apenas duas imagens relativas ao evento foram detectadas.

Uma, a da capa da revista *Careta* 368 de 1915, feita por J. Carlos, traz Wenceslau, novamente com a tesoura em mãos, recortando salomonicamente o mapa da região, segurado pelos seus presidentes locais, Filipe Schmidt, por Santa Catarina e Afonso Camargo, pelo Paraná. A imagem indica que cada um ficará com uma parte da região. No título da caricatura, lemos “Salomão versus Supremo Tribunal (?)”, seguido da legenda “em vez da espada de Themis, a tesoura do acordo...”. No mapa lemos “Paraná, Contestado e St^a Catarina”.

Outra imagem veio na revista *Fon Fon!* nº 32 de 1917, quando o conflito já havia sido encerrado. De autoria de Seth, faz parte de uma série de quadrinhos de uma página. Além de uma crítica à lentidão de Wenceslau na atuação no combate à

carestia, um quadrinho traz um monge José Maria de olhar perdido, sentado de cócoras e com a legenda “O Contestado recomeçou. Dizem que desta vez se trata de política. O motivo deve ser outro...Quem sabe? Talvez a ressurreição do monge Zé Maria...” indicando que as disputas na região ainda precisariam de um tempo maior para amainar.

Infelizmente, o Contestado teve uma de suas fases mais violentas justamente no período do presidente mineiro. As tropas do Exército, de sete mil homens, sob o comando de Setembrino de Carvalho, então veterano da Revolta de Juazeiro, conseguem vencer os últimos redutos remanescentes dos sertanejos locais, Pedra Branca e São Pedro. A rendição final dos últimos “caboclos” vem em 1916, numa fase conhecida como “açougue”, marcada por massacres e degolas de pessoas que já haviam se rendido. Cerca de 10 mil pereceram, vítimas da violência, doenças, fome e cerco aos “redutos”²⁴⁵.

O processo de “branqueamento” da região foi reforçado, o Exército moderniza suas forças e equipamentos e o serviço militar obrigatório finalmente foi instituído²⁴⁶. Com tudo isso, ao menos no período estudado, houve um silêncio por parte dos caricaturistas no tocante ao assunto.

245 MACHADO, Paulo Pinheiro. Tragédia anunciada. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 7, nº85, p.18-21, outubro 2012.

246 RODRIGUES, Rogério Rosa. Bendita guerra. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 7, nº85, p.30-33, outubro 2012.

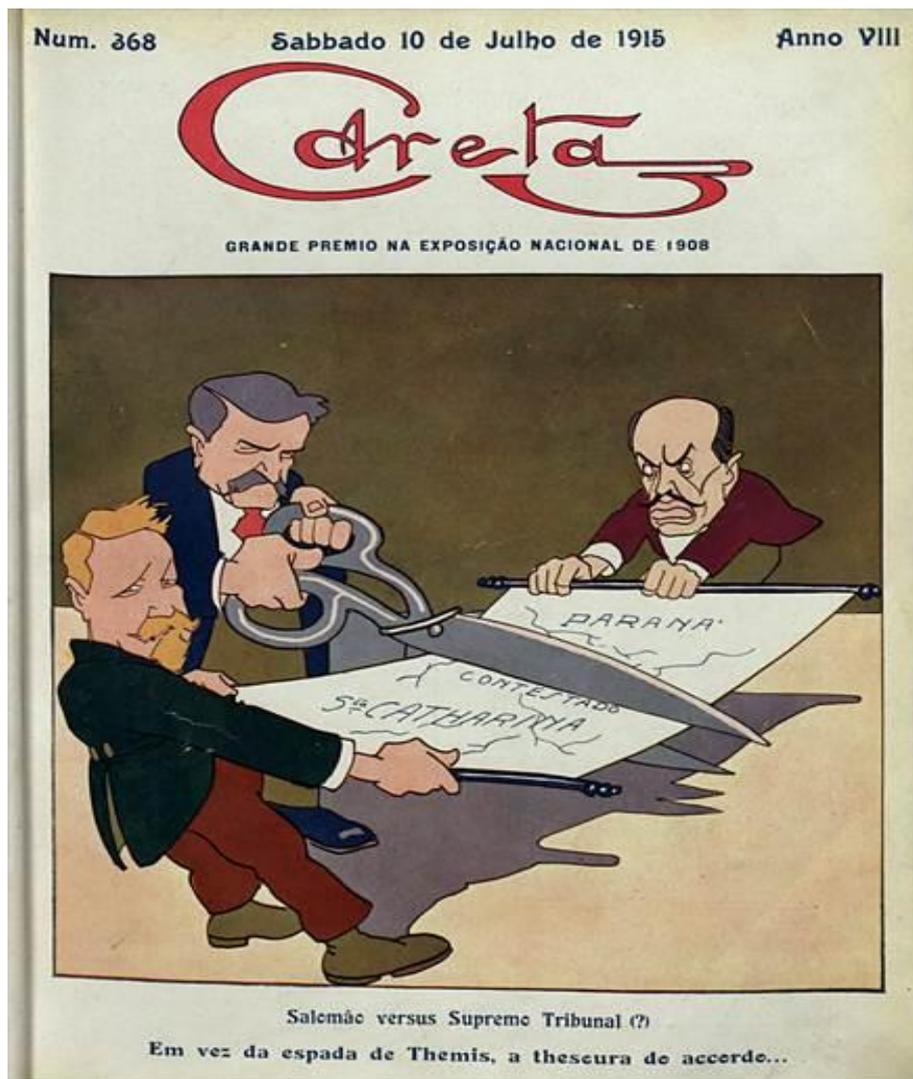


Figura 26 - Careta n° 368, 10 de julho de 1915 (autor: J. Carlos)

Outro ponto legislativo que foi concluído no governo Wenceslau Braz foi a questão do Código Civil brasileiro. Lacuna que se arrastava por décadas no jurídico nacional.

A Geração de 1870 foi marcante no conjunto de mudanças pelos quais passava a sociedade brasileira no final do período imperial e início do republicano. Várias questões estavam em seus horizontes de preocupação: a abolição da escravidão, a manutenção de uma monarquia nos trópicos como sinal de civilização possível ou a passagem para um regime republicano de governo, algo previsto pelo Positivismo, a preocupação com a marcha inexorável para o progresso, as heranças coloniais de origem portuguesa (que poderiam ser tanto uma ligação com o “centro da civilização” chamado de Europa, mas que também era visto como atraso e

decadência), as letras em uma nação de mais de 80% de analfabetos, dentre outras questões.

Darwinismo, Spencerianismo, Positivismo e cientificismo eram algumas das ideias novas em pauta. Ao mesmo tempo, o conservadorismo e as posições tradicionais arraigadas, tanto no Brasil quanto em Portugal, do outro lado do Atlântico se rearticulavam após a “Era das revoluções” que sacudiu o mundo Atlântico, como queria Eric Hobsbawm²⁴⁷.

Um dos pilares da Geração de 1870 no Brasil foi a chamada “Escola do Recife”. A partir da atuação de Tobias Barreto, uma geração de intelectuais teve grande destaque no pensar a nação e os brasileiros, bem como sua posição no mundo, dentro os quais Clóvis Beviláqua e Sílvio Romero²⁴⁸. A ênfase no estudo das ciências sociais com base nas “ideias novas” do cientificismo, que por sua vez estavam ligadas ao positivismo, ao evolucionismo, às ciências naturais e à antropologia determinista serviram de apoio para estes pensadores, que obviamente deram contribuições próprias e importantes para o campo das ciências jurídicas, sociais e humanas no Brasil²⁴⁹.

Tobias Barreto se dedicaria ainda aos estudos germanófilos e culturalistas, mantendo contatos com antropólogos e etnólogos²⁵⁰. Introduziu o germanismo também na crítica literária e filosófica e do evolucionismo no Direito²⁵¹.

Nosso campo jurídico e o pensamento jurídico brasileiro tem origens coimbrenses. A “Escola do Recife” liderada por Tobias Barreto passou a fazer críticas ao tomismo e à Igreja católica, que, no entanto, estava presente no Ensino jurídico da faculdade de direito do Recife, marcado pelo neotomismo²⁵². Um exemplo de militância religiosa e política foram as atuações de Soriano de Souza e Brás Florentino, que se envolveram nos debates sobre a chamada “Questão Religiosa”²⁵³.

247 HOBBSAWM, Eric. *A Era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 12ª Edição, 2000.

248 Será utilizada a grafia usada pela Academia Brasileira de Letras para os nomes de Clóvis Beviláqua e Sílvio Romero.

249 GRINBERG, Keila “Faculdades de direito” IN VAINFAS, Ronaldo (direção) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002. p. 256-257.

250 GRINBERG, Keila “Tobias Barreto” IN VAINFAS, Ronaldo (direção) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002. p. 698-700.

251 NEDER, Gizlene. *Dois margens: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade*. Com a colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro, Revan/FAPERJ, 2011. p.119.

252 NEDER, Gizlene. *Dois margens: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade*. Com a colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro, Revan/FAPERJ, 2011.. p.106-107.

253 NEDER, Gizlene. *Dois margens*. op. cit. p. 107.

Brás Florentino ainda se envolveria nas discussões do código civil, sendo radicalmente contra o casamento civil, posição defendida pelo campo do catolicismo ilustrado²⁵⁴.

Com o tempo, houve uma certa transferência da herança cultural da Escola do Recife e de seus saberes para o Rio de Janeiro com a instalação de alguns de seus membros para esta cidade, como Sílvio Romero e Clóvis Beviláqua²⁵⁵. Ambos tiveram importante atuação na formação universitária do campo jurídico no Rio de Janeiro, com importantes ramificações. Ambos são membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, sendo integrados e reconhecidos entre a nata da intelectualidade e dos literatos brasileiros²⁵⁶.

Tanto Clóvis quanto Sílvio Romero possuem ampla produção de livros²⁵⁷. Polivalência de Clóvis e destaque de Sílvio nos estudos do campo literário. Dentre outras obras de Clóvis Beviláqua destacam-se, *Direito das obrigações* (1896), *Direito da Família* (1896), *Criminologia e Direito* (1896) e *Direito das sucessões* (1899)²⁵⁸. Em *Direito da Família* (1896) trata, em seu primeiro capítulo, de questões sobre casamento, parentesco, pátrio poder, efeitos pessoais e econômicos, duração, dissolução, tutela, curatela, etc²⁵⁹.

Construindo sólida carreira acadêmica como escritor, autor de livros de direito e professor, aceita o convite do amigo Epiácio Pessoa para redigir o projeto do Código Civil brasileiro. Durante a presidência Campos Salles (1898-1902), Epiácio Pessoa era ministro da Justiça²⁶⁰. Mais tarde, ele próprio seria presidente da República (1919-1922) e sofreria forte abalo emocional quando do assassinato de seu sobrinho João Pessoa, que serviria de estopim para a “Revolução de 1930” e o encerramento do ciclo político da Primeira República (1889-1930).

Vários são os motivos que podem ter levado Epiácio Pessoa a escolher Clóvis Beviláqua como o responsável pelo estudo preparatório sobre o Código Civil: além de sua sólida carreira acadêmica e literária, o então Ministro Epiácio Pessoa na justificativa de seus motivos que levaram a escolha de Clóvis para redigir a vida civil do brasileiro, disse: “um dos nossos maiores juriconsultos como também por

254 op; cit. p.107.

255 op. cit. p. 120.

256 Academia Brasileira de Letras. Fundação. <http://www.academia.org.br/academia/fundacao>. Acesso em 11/08/17.

257 op. cit. p. 122-123.

258 VALADÃO, Haroldo. Clóvis Beviláqua. <http://historiadodireitocivil.blogspot.com.br/search?q=clóvis+beviláqua> Acesso em 11/08/17.

259 NEDER, Gizlene. *Dois margens*. op. cit. p. 132.

260 NEDER, Gizlene. *Dois margens*. op. cit. p. 126. RIBEIRO, Roberto Vítor Pereira. Clóvis Beviláqua: o gênio civilista brasileiro. <https://profrobertovictor.jusbrasil.com.br/artigos/121942957/clovis-bevilacqua-o-genio-civilista-brasileiro> Acesso em 11/08/17.

ser autor de assinaladas obras de doutrina – Direito de Família, Direito das Obrigações, Direito das Sucessões, em que desenvolvera quase todo o direito civil²⁶¹.

O Código Civil era uma das maiores, se não a maior lacuna restante no arcabouço jurídico brasileiro desde a independência. Já tínhamos realizado duas constituições e o código do processo criminal, código comercial, etc. Contudo, na área civil as decisões ainda eram pautadas pelas Ordenações Filipinas, do tempo de Filipe II, em vigor desde 1603(!)²⁶².

Não que não tivessem ocorrido tentativas anteriores. Algumas das maiores autoridades jurídicas do país já haviam se debruçado na questão. Teixeira de Freitas e Nabuco de Araújo haviam iniciado trabalhos durante o período imperial. Contudo, nenhum deles conseguiu concluir seu intento inicial. Teixeira de Freitas (1816-1883), o *jurisconsulto do Império*, segundo Sílvio Meira, é considerado o pai do direito civil brasileiro. Apesar de em 1857 ter publicado a *Consolidação das leis civis* em tempo menor do que o contratado, ao tentar elaborar o Código Civil brasileiro abandona o projeto em 1867, alegando incompatibilidade entre suas concepções jurídicas e as do Império²⁶³. Era representante de posições ultramontanas e, conseqüentemente, contrário às implicações de uma modernização do direito de família e do casamento civil²⁶⁴.

261 Apud RIBEIRO, Roberto Vitor Pereira. Clóvis Beviláqua: o gênio civilista brasileiro. <https://profrobertovictor.jusbrasil.com.br/artigos/121942957/clovis-bevilacqua-o-genio-civilista-brasileiro> Acesso em 11/08/17.

262 MACIEL, José Fábio Rodrigues. Ordenações Filipinas – considerável influência no Direito brasileiro. <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/ordenacoes-filipinas--consideravel-influencia-no-direito-brasileiro/484> Acesso em 12/08/17.

263 GRINBERG, Keila “Augusto Teixeira de Freitas” IN VAINFAS, Ronaldo (direção) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002. p. 62-63.

264 NEDER, Gizlene. *Dois margens: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade*. Com a colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro, Revan/FAPERJ, 2011.p. 126.

Autor do projeto	Nome do projeto	Divisão do código	Ano	Status do projeto
Teixeira de Freitas	Consolidação das leis civis		1855-1857	completo
Teixeira de Freitas	Esboço	Título Preliminar: do lugar e do tempo, Parte geral- Dos elementos dos direitos (pessoas, coisas e fatos) e parte especial {I- Direitos pessoais, II- Direitos reais, III- Disposições comuns aos direitos reais e pessoais (incompleto)}	10-jan-1859 até 31-12-1861 prorrogado até 30-julho-1864	Incompleto
Visconde de SEABRA	Projeto do Código civil	Somente 392 artigos	1871	Incompleto
Nabuco de Araujo	Projeto do Código Civil	118 artigos da parte preliminar e 182 da parte geral	1872	Incompleto
Felício dos Santos	Apontamentos		1881	Recusado pela comissão do governo
Felício dos Santos	Projeto do Código civil	2692 artigos Título Preliminar, Parte Geral (pessoas, das coisas e atos jurídicos em geral) Parte Especial (pessoas, coisas e atos jurídicos em especial)	1882	Grupo para apreciação dissolvido em 1886
Coelho Rodrigues	Projeto do Código civil	Parte geral (1. das pessoas, dos bens, dos fatos e atos jurídicos) e Parte especial (1-obrigações; 2- posse, propriedade e outros direitos reais; 3-direito de família; 4-direito das sucessões)	15-julho-1890 até 11-jan-1893	Recusado pela comissão do governo
Clóvis Bevilacqua	Projeto do Código Civil		Abril 1899 até novembro 1899	Aprovado em 1916 depois de longos debates e emendas

Figura 27 - Discussões legislativas do Código Civil de 1916: Uma revisão historiográfica Fonte: SALGADO, Gisele Mascarelli. http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10972 Acesso em 13/08/2017.

Por sua vez, Nabuco de Araújo, “*Estadista do Império*” como o intitulou seu filho Joaquim Nabuco (ele próprio o “Leão do Norte”), foi um dos juristas de primeira grandeza do Estado Imperial, com destaque para sua atuação na aprovação da lei

do *Ventre Livre* (1871) e em seus questionamentos ao Poder Moderador. Fora convidado a assumir a elaboração do Código Civil em 1872, mas tendo falecido em 1878 sem chegar a concluir a obras, mas sabia que não a queria com perfil filosófico, como a de Teixeira de Freitas, mas voltada para a prática dos cidadãos²⁶⁵.

Partidário do catolicismo ilustrado, Nabuco de Araújo aceitava modernizações e reformas consonantes com seu tempo²⁶⁶. Como o grande jurista civilista do Império, entrando em combate com o ultramontanismo em defesa dos direitos civis dos membros não católicos do Império (imigrantes) e precisou ter sua memória defendida pelo filho (“Um Estadista do Império”). Ao mesmo tempo, as lutas ideológicas no interior do catolicismo levaram Augusto Teixeira de Freitas a ser incensado e quase sacralizado²⁶⁷.

Clóvis Beviláqua termina seus estudos em tempo recorde: apenas seis meses. Logo, porém, começariam os debates e críticas sobre o projeto. Sendo dezesseis anos de discussões e debates. Alguns dos pareceristas da Câmara chegavam a dizer que o país não necessitava de um código civil e que podia continuar se valendo da tradição. O mais destacado dos críticos do código bevilaquiano foi Rui Barbosa²⁶⁸. O senador havia saído campo intelectual jansênico e maçom para atingir a posição de intelectual de maior confiança no campo intelectual católico²⁶⁹. Além de ser um dos maiores juristas da história brasileira, com destaque em sua participação na conferência de Haia, onde passou a ser chamado de “Águia de Haia” por sua atuação.

Conforme nos relata Gisele Mascarelli Salgado:

Nem todos os deputados defendiam a própria existência do Código Civil, fosse ele projeto de Beviláqua ou mesmo de outro. O que entendiam é que não era necessário um Código e que a sociedade poderia continuar se valendo dos costumes. Essa posição. O maior opositor do projeto que afirmava ser inoportuno um código civil feito às pressas naquele momento é Rui Barbosa. Porém, outros deputados defendiam esse mesmo ponto de vista, como Andrade Figueira, declaradamente monarquista e conservador, que entendia que o código não deveria inovar, mas consolidar o que o Brasil tinha produzido de leis, inclusive as que o costume social buscava já afastar

265 HIRATA, Alessandro. O estadista Nabuco de Araújo. <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/o-estadista-nabuco-de-araujo/8273> Acesso em 12/08/17.

266 NEDER, Gizlene. *Dois margens: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade*. Com a colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro, Revan/FAPERJ, 2011. p. 126.

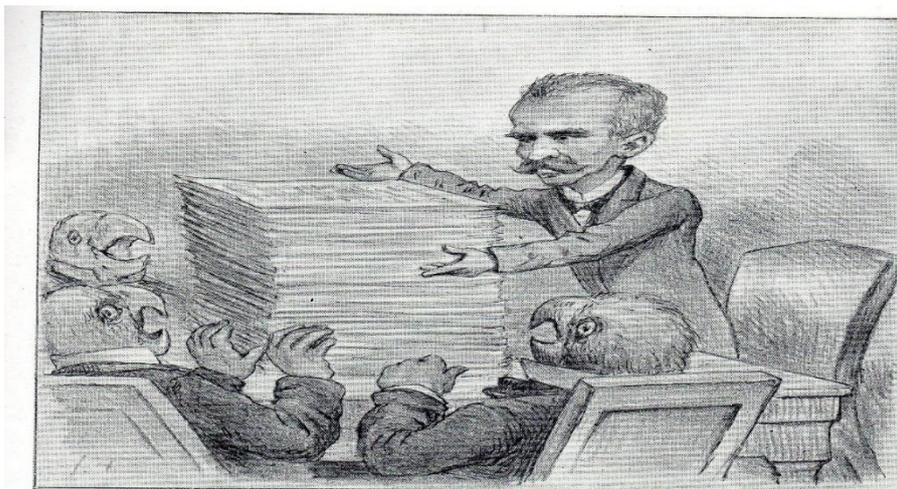
267 NEDER, Gizlene. *Dois margens*. op. cit. p. 164.

268 SALGADO, Gisele Mascarelli. Discussões legislativas do Código Civil de 1916: Uma revisão historiográfica. http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10972 Acesso em 13/08/2017.

269 NEDER, Gizlene. *Dois margens*. op. cit. p. 152.

em diversas mudanças sociais. A questão religiosa pautou a discussão entre os dois autores, uma vez que Clóvis defendia a laicização da legislação e Figueira buscava expressar o catolicismo imperante no Brasil da época. Apesar do grande desentendimento entre Andrada Figueira e Bevilaqua, as considerações daquele ao projeto se tornaram tão duras e conservadoras que levavam muitos deputados presentes ao riso²⁷⁰.

Rui Barbosa inicia uma “polêmica gramatical” para criticar e tentar barrar o código bevilauquiano. Caso Rui alegasse questões jurídicas no Código Civil de Clóvis, corria o risco de ver o projeto aprovado rapidamente. Fez então uso de um ardid político ao alegar questões gramaticais, que não se sustenta²⁷¹.



Rui Barbosa: — Senhores membros da Comissão... Este código civil está cheio de erros de gramática! Tenho, além disso, duas resmas de papel discutindo artigos que...
Senadores: — Basta! basta! Nós, aqui, não somos mestres de escola, nem queremos saber de tanto papel... Somos Senadores, e contentamo-nos com isso: 2.250\$000 por mês, não é barro!

Angelo Agostini — *D. Quixote*, de 30 de abril de 1902.

Alusão às críticas de Rui Barbosa, à redação do Código Civil:
"Para bem redigir leis, de mais à mais, não basta gramaticar proficuamente. A gramática não é a língua. O alinhamento gramatical não passa de condição elementar, nos exames de primeiras letras. Mas o escrever requer ainda outras qualidades, e, se se trata de leis, naquele que lhes der forma se hão de juntar aos dotes do escritor os dos juristas, rara vez aliados na mesma pessoa. São as codificações monumentos destinados à longevidade secular; e só o influxo da arte comunica durabilidade à escrita humana, só ele marmoriza o papel, e transforma a pena em escópro. Necessário é, portanto, que, nessas grandes formações jurídicas, a cristalização legislativa apresente a simplicidade, a limpidez, e a transparência das mais puras formas de linguagem, das expressões mais clássicas do pensamento. Dir-se-á que ponho demasiadamente longe, alto em demasia, a meta, que sublimo a um ideal praticamente irrealizável. Mas eu não exijo que igualemos essa perfeição custosa e rara. Basta que, ao menos, dela nos acerquemos, não a podendo alcançar: que a lei não seja imprecisa, obscura, manca, disforme, solecista. Porque, se não tem vernaculidade, clareza, concisão, energia, não se entende, não se impõe, não impera: falta às regras da sua inteligência, do seu decôro, da sua majestade."

Figura 28 - Charge de Angelo Agostini em *Dom Quixote*, de 30 de abril de 1902, em alusão às críticas gramaticais ao Código Civil, diante dos políticos grasnadores como papagaios. Retirado de Lima, Herman. Rui e a caricatura. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. p. 11.

270 SALGADO, Gisele Mascarelli. Discussões legislativas do Código Civil de 1916: Uma revisão historiográfica. http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10972 Acesso em 13/08/2017.

271 NEDER, Gizlene. *Dois margens: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade*. Com a colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro, Revan/FAPERJ, 2011. p. 160-161.

Rui Barbosa foi incensado por dotar a República de importantes meios jurídicos, mas ao mesmo tempo dotou-a de um aparato conservador e repressor de inspiração estadunidense. O Código Civil avança por um lado a modernização jurídica do Brasil, com os casamentos civis (mas sem a possibilidade de divórcio) e o Código Civil retirando o monopólio da Igreja Católica de funções importantíssimas no cotidiano das famílias brasileiras²⁷². Havia, portanto, resistência cultural, política, ideológica e afetiva da Igreja Católica e de intelectuais católicos quanto à implantação do Código Civil.



Figura 29 - Charge de Alfredo Cândido em Larva, de 18 de setembro de 1903, com Rui Barbosa como uma Biblioteca enorme em seu crânio, referência à sua cabeça desproporcional e ao seu saber. O Barão do Rio Branco veio fazer pesquisas sobre a questão do Acre e Rui está sentado sobre o Código Civil. Retirado de Lima, Herman. Rui e a caricatura. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. p. 12.

Segundo Gizlene Neder, a questão do casamento civil foi um dos pontos fulcrais do debate sobre o Código Civil. O casamento civil como contrato gerou longo debate no campo jurídico no mundo luso-brasileiro, movimentando pensadores

272 NEDER, Gizlene. *Dois margens: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade*. Com a colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro, Revan/FAPERJ, 2011. p. 156.

conservadores e progressistas, gerando desde cedo a resistência de Rui Barbosa contra o código bevilaquiano desde seu anúncio²⁷³.

Com o tempo, houve o progressivo deslizamento dos setores pascalianos e maçons para uma reconversão ao catolicismo. Tanto Joaquim Nabuco quanto Rui Barbosa foram reconvertidos ao catolicismo. Ambos eram em suas juventudes intelectuais liberais conservadores, sendo conservadores em relação ao direito da família²⁷⁴. O Civilismo de Rui Barbosa pode ser visto como reação ao positivismo militar, representado por Hermes da Fonseca²⁷⁵.

O Brasil era um país que recebia levas de imigrantes, braços para a lavoura cafeeira (ou assim queriam as oligarquias cafeeiras) e a questão dos imigrantes não católicos no Brasil precisava ser resolvida para facilitar a entrada de trabalhadores no país. A modernização e a universalização de direitos demandavam a laicização do Estado, do registro civil de nascimento, casamento, óbito e liberdade religiosa²⁷⁶.

Sílvio Romero atuou, assim, como precursor da modernização do Direito no Brasil por meio de seu “cientificismo” que acabou por influenciar o Código Civil de 1916. Corretamente, defendeu a Sociologia, da qual Tobias Barreto tanto ofuscava e consagrou o Culturalismo Sociológico na Escola do Recife. Sílvio não se limitou a resenhar autores europeus, sua obra sofreu o impacto do nacional. A ambição de Romero para conhecer a realidade nacional terminou por influenciar toda geração que se seguiu, podendo-se destacar autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade.²⁷⁷

Todo projeto de modernização institucional republicano implicou um processo de construção social da condição feminina, a partir de uma pauta inscrita na modernidade. O novo lugar da mulher na família, casamentos e sociedade explicitado na produção intelectual de Clóvis. A posição de Clóvis de ligação com

273 NEDER, Gizlene. *Dois margens: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade*. Com a colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro, Revan/FAPERJ, 2011. p. 140-141.

274 NEDER, Gizlene. *Dois margens*. op. cit. p. 164-165.

275 op. cit. p. 166.

276 ALONSO, Angela. Apropriação de ideias no Segundo Reinado IN GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial, Volume III (1870-1889)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 110.

277 COLARES, Camila; ADEODATO, João Maurício. *A obra de Sílvio Romero no desenvolvimento da nação como paradigma: da dicotomia entre o positivismo e a metafísica à adoção do evolucionismo spenceriano na transição republicana*. <http://periodicos.ufpb.br/index.php/primafacie/article/viewFile/9833/7784> acesso em 16/08/2017. p. 63.

Silva Jardim, com as Escola do Recife, liderança de Tobias Barreto e republicanismo autêntico, ligava-o às posições anticlericais²⁷⁸.

No lado pessoal, Rui e sua família colocaram a única irmã no ostracismo, diferente de Clóvis e Amélia, que receberam a filha após um casamento malsucedido, o que pode ter originado sua visão mais flexível sobre o matrimônio²⁷⁹. Em sua visão, Clóvis opta por definir o casamento como um contrato civil, com uma visão mais jurídica do enlace matrimonial. Mesmo assim, Clóvis, apesar da defesa da condição jurídica das mulheres, não defendia o divórcio e sabia de suas implicações com a religião²⁸⁰.

Amélia Beviláqua, esposa de Clóvis, era escritora e possuía uma proposta literária onde as mulheres não eram limitadas aos papéis de mãe, esposa, doméstica²⁸¹. Filha de uma família tradicional do Piauí, recebeu uma educação particular que lhe ensinou escrita e matemática, além de desenvolver o hábito da leitura. Temas como paixão, angústia e insatisfação com a realidade eram recorrentes em sua obra.²⁸²

Clóvis manteve uma postura de humildade e simplicidade ao longo da vida, preferindo a produção acadêmica que os títulos e cargos, chegando a ser chamado por alguns de “santo”. Os estudos de Sociologia, Filosofia e Literatura serviam como válvulas de escape para Clóvis diante das disputas acadêmicas e políticas. Recusou ser Ministro do Supremo (por duas vezes), governador do Ceará e representante do Brasil em Haia, cargo ocupado por Rui Barbosa²⁸³.

Clóvis, contudo, perde sua aura de santidade quando da candidatura frustrada de Amélia à ABL, passando a desprezar a instituição da qual fora membro fundador daí por diante. Visão do papel da mulher na família e na sociedade não passando no Código Civil em sua versão final. O Casal Beviláqua, cada um a seu

278 NEDER, Gizlene. *Duas margens*. op. cit. p. 161.

279 NEDER, Gizlene. *Duas margens*: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade. Com a colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro, Revan/FAPERJ, 2011. p. 174.

280 NEDER, Gizlene. *Duas margens*. op. cit. p. 144.

281 SILVA, Wilton Carlos Lima da. *Amélia Beviláqua que era mulher de verdade: a memória construída da esposa de Clóvis Beviláqua*. Revista Internacional Interdisciplinar – INTERthesis – PPGICH. Santa Catarina: UFSC v.11, nº2, julho-dezembro de 2014. P. 140-144. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2014v11n2p138> Acesso em 28/01/2019.

282 Dentre as obras de Amélia Beviláqua estão: “Alcyone - Bahia, 1902; Aspectos - Recife, 1906; Instrução e Educação da Infância - Recife, 1906; Através da Vida - Rio 1906; Silhouettes - Rio 1906; Literatura e Direito (em colaboração com Clóvis) - Bahia, 1907; Vesta - Rio, 1908; Angústia -Rio, 1913; Açucena - Rio, 1921; Jeannette - Rio, 1923; Milagre do Natal - Rio, 1928; Impressões - Rio, 1929; A Academia Brasileira de Letras e Amélia de Freitas Beviláqua - Rio, 1930; Flor do Orfanato - Rio, 1931; Divagações. (Rio.) 1931; Recordação do dia 7 de agosto de 1933 - Rio, 1933; Alma Universal - Rio, 1935”. (FALCI, s.d., p. 3). SILVA, Wilton Carlos Lima da. *Amélia Beviláqua que era mulher de verdade: a memória construída da esposa de Clóvis Beviláqua*. Revista Internacional Interdisciplinar – INTERthesis – PPGICH. Santa Catarina: UFSC v.11, nº2, julho-dezembro de 2014. P.144. Nota de rodapé nº 8. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2014v11n2p138> Acesso em 28/01/2019

283 NEDER, Gizlene. *Duas margens*. op. cit. p. 155, 173-179.

modo, lutou pela igualdade entre homens e mulheres. Clóvis não tinha nem comprometimento nem alienação social em relação à “República quem não foi a dos seus sonhos”²⁸⁴. Faz uma defesa pacata do projeto do código civil, mas exaltada em relação à candidatura negada de Amélia à ABL.

Amélia de Freitas Bevilácqua é vista como heroína feminista em tempos atuais, expressão de intelectual e literata em sua época. Alvo do amor romântico e refúgio existencial de Clóvis.

Clóvis se distancia das polêmicas, optando por uma vida simples, mas prazerosa. Nunca mais tendo comparecido a uma reunião da ABL, por exemplo. O desprezo foi seu protesto, não sem antes o casal Bevilácqua ter postulado publicamente a necessidade da igualdade entre homens e mulheres²⁸⁵. Em seu Autoexílio na Tijuca:

Clóvis, embora decepcionado com os rumos da República no Brasil, que assumia, a olhos vistos, contornos autoritários e oligárquicos excludentes, aparentemente deslocou suas ambições políticas republicanas mais amplas, defendidas com agressividade e vigor na juventude na companhia de outros jovens republicanos, para opções para o interior das relações familiares com os amigos e os estudantes de Direito. De modo que não houve de sua parte o compromisso político com a República da qual ele discordava, nem houve uma completa alienação social. Poderíamos dizer que Clóvis Beviláqua optou por um autoexílio discreto num bairro da Zona Norte do Rio. Levou uma vida modesta, mas prazerosa, rodeado de animais e livros; recebia amigos e estudantes; passeava com a família pelo centro do Rio; frequentava as confeitarias da moda e, quem sabe, ajudou a difundir o novo modelo de família e casal no Rio de Janeiro belepoquiano. Tornou-se paciente (com pessoas e animais), doce, tolerante, ameno, e se colocou, ou se deixou colocar, num lugar de “santo leigo”²⁸⁶.

Bem provavelmente a ligação entre Clóvis e Sílvio Romero de amizade intensa manteve-se²⁸⁷. Amizade essa vinda dos tempos em que faziam parte do círculo de intelectuais que eram liderados por Tobias Barreto, ambos com posições anticlericais e republicanos e que abriam, caminhos para a recepção do cientificismo e o positivismo. Podemos imaginar encontros para longas conversas entre os vizinhos intelectuais na Tijuca onde escolheram residir e as riquezas culturais desses reservados.

284 NEDER, Gizlene. *Duas margens: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade*. Com a colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro, Revan/FAPERJ, 2011. op. cit. p.178

285 NEDER, Gizlene. *Duas margens*. op. cit. 178.

286 op. cit. p.178-179.

287 op. cit. p.161.

Sílvio, com sua crítica literária, reflexões sobre a nação e o povo brasileiro, buscando o desenvolvimento social e econômico do país, enfrentando o “racismo científico” do período, buscando resgatar a herança folclórica do povo brasileiro, ao mesmo tempo em que também se frustrava com o que não podia mudar de imediato. Se a geração de 1870²⁸⁸ recepcionou diversas ideias europeias, do positivismo ao evolucionismo, tendo a Europa como modelo, o pensar o Brasil foi se tornando o mais relevante e central no pensar desse autor. Em meio à “revoada de pássaros” das ideias novas” que ele assistiu chegarem ao Brasil de seu tempo.

Além da questão do Código Civil, Rui Barbosa também aparece em seu lado diplomata. Em 1916 foi nomeado embaixador extraordinário e plenipotenciário para representar o Brasil no Primeiro centenário da Independência da Argentina, onde faz um pronunciamento de repercussão, “O dever dos neutros”, indicando uma posição favorável aos países aliados. Nas duas imagens, publicadas próximas, respectivamente na *Careta* nº 416 e 424, de 1916, de autoria de J. Carlos, vemos um Rui Barbosa de cabeça baixa, em posição submissa, obedecendo à um sério Wenceslau. Enquanto na primeira faz uma brincadeira com o termo “juiz de paz”, na segunda diz que conseguiu até apaziguar o antigo ministro argentino Estanislao Zeballos, que contribuía para tornar tensas as relações entre Brasil e Argentina na época do Barão do Rio Branco:

Tanto Rio Branco, como Zeballos, tiveram a pretensão que o seu país conquistasse a hegemonia na América do Sul e, para isso, procuraram enfraquecer e “desconstruir” o adversário. Com Zeballos afastado, ao menos oficialmente, das questões políticas externas, as relações bilaterais entre Brasil e Argentina passaram gradualmente para um período de distensão²⁸⁹.

288 ALONSO, Angela. Apropriação de ideias no Segundo Reinado IN GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial, Volume III (1870-1889)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014. p. 96.

289 GREJO, Camila Bueno. *A construção da identidade internacional argentina por Estanislao Zeballos nas páginas da Revista de Derechho, Historia Y Letras*. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/27970/21269> Acesso em 17/11/2018.

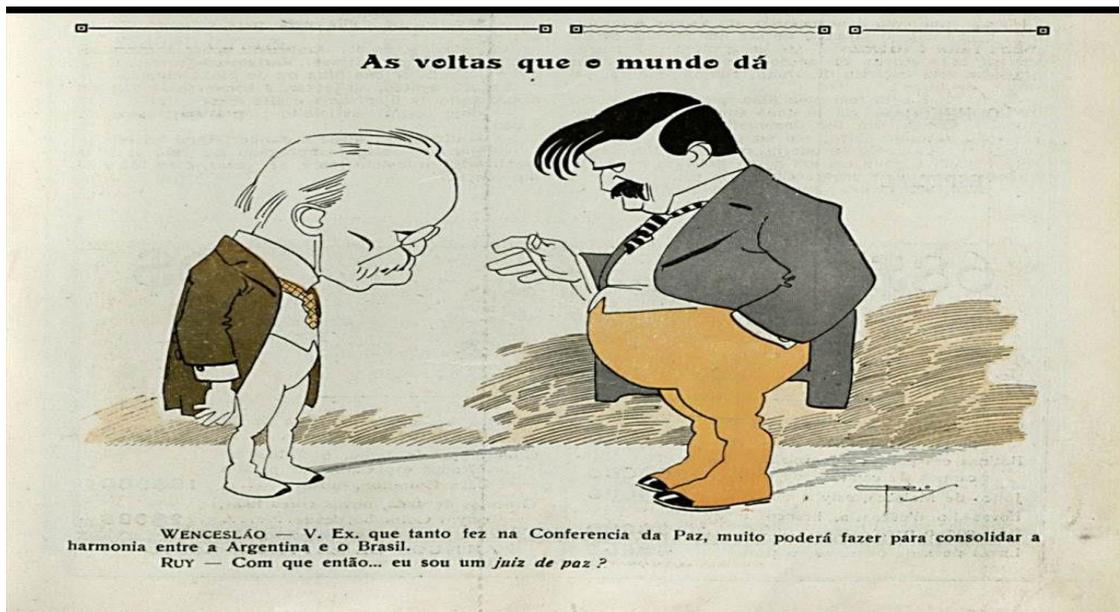


Figura 30 - *Careta* nº416 e 424 de 1916 (autor J. Carlos)

Na legenda da primeira, de título “As voltas que o mundo dá”, temos o diálogo: “Wenceslão – V. Ex. que tanto fez na Conferência da Paz, muito poderá fazer para consolidar a harmonia entre a Argentina e o Brasil. Ruy – Com que então... – eu sou um *juiz de paz*?” e na segunda, de título “A volta do vencedor” a fala “Ruy – Sim, senhor presidente. Eu consegui consolidar a nossa amizade. Fiz as pazes até com o Zeballos.”

Na *Careta* de número 397, de 1916, J. Carlos faz uma brincadeira com Metalinguagem entre os livros do Código Civil e da Constituição, que estava sob

proposta de revisão. A palavra revista passa a ter um duplo sentido, com os sentidos de revisão e de revista. Note-se que o livro da Constituição, apesar de ser maior do que o do Código Civil, aparece retratada com remendo.

Apesar de contraditória em vários pontos, como qualificar o povo brasileiro como “uma multidão quase amorfa, sem um caráter firme, intransigente, definido”²⁹⁰, Sílvio Romero se preocupava em colocar o Brasil nos “trilhos” da modernidade, do progresso e da civilização. “Por meio de sua atividade jurídica, literária e filosófica, o sergipano tentou mudar para melhor o Brasil, tentou imprimir seus ideais em grandes momentos da história nacional, e o fez.”²⁹¹ o que passava pelo Direito.

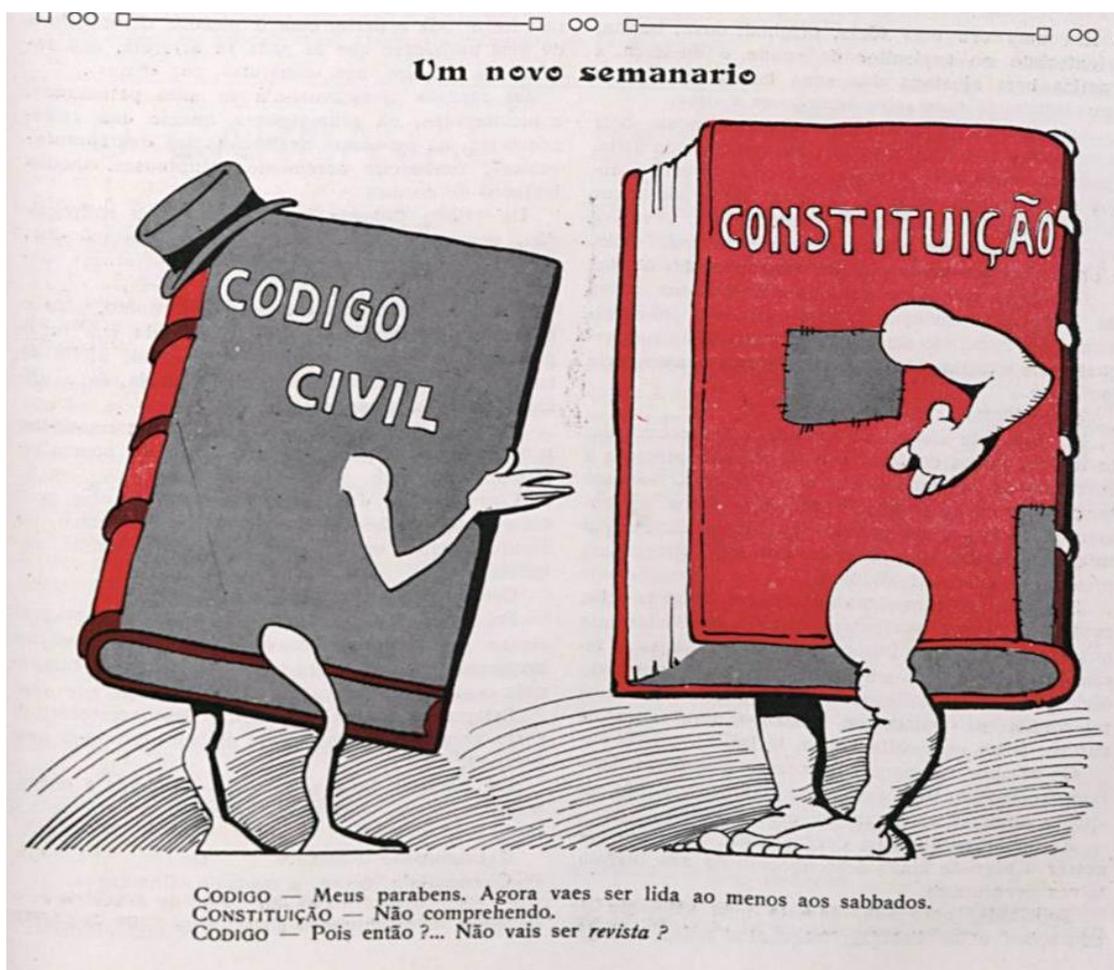


Figura 31 - Careta nº3 97 de 1916. J. Carlos.

A

me
sm
a
revi
sta

traz outra charge pelo mesmo artista estampando sua capa de 29 de janeiro de 1916

290 ROMERO, Sílvio. *O Brasil na primeira década do século XX*. Lisboa: Tip. de "A Editora", 1911. Apud MOTA, Maria Aparecida Rezende. *A Geração de 1870 e a invenção simbólica do Brasil*. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364682113_ARQUIVO_AGeracaode1870eainvencaosimbolicadoBrasil.pdf acesso em 16/08/2017. p.15.

291 COLARES, Camila; ADEODATO, João Maurício. *A obra de Sílvio Romero no desenvolvimento da nação como paradigma: da dicotomia entre o positivismo e a metafísica à adoção do evolucionismo spenceriano na transição republicana*. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/index.php/primafacie/article/viewFile/9833/7784> acesso em 16/08/2017. p. 62.

com Wenceslau Braz, com uma caneta tinteiro na orelha, observando um exemplar gigante da constituição, mas a mesma se encontra avariada. O presidente constataria que não seria um caso apenas de “revisão”, mas de reconstituição.

A autora Vera Lúcia Borgéa Borges lembra que os canhões da imprensa haviam se voltado contra o possível sucessor do marechal Hermes da Fonseca e que foi influente até seu assassinato: Pinheiro Machado. Uma forma de combatê-lo era a de fazer com que a palavra “civilismo” desaparecesse dos jornais e do debate público para dar lugar à grande ideia de revisão da Constituição de 1891, um esforço que deveria unir todas as classes, militares ou civis que não concordassem ou aceitassem os atos de Pinheiro Machado, que tinha sua imagem cada vez mais negativada²⁹².

A autora cita o editorial do jornal *O Correio da Manhã* de 31 de março de 1913 intitulado Revisionismo e não Civilismo onde o jornal defende essa ideia e afirma que o militarismo degenerara no nefando pinheirismo, mas alerta que não foi culpa dos militares, mas dos políticos civis comandados por Rui Barbosa e Pinheiro Machado, mesmo ambos tendo estado em lados opostos durante a campanha civilista²⁹³. O jornal se vale de palavras duras:

O que todo mundo está vendo, o mal que todos estão sentindo é a dominação pinheirista sobre um presidente militar sem vontade; e o trabalho que está sendo feito pelo sr. Pinheiro Machado para impôr a sua própria candidatura, ou a de um outro ser qualquer em cujo lombo assentem os arreios em que traz ungido o sr Hermes.

Isso é o que a nação precisa impedir.

(...) Não. O mal não é o militarismo. O mal é o pinheirismo. O mal é a tremenda crise de caracter dos dias em que andamos. Os políticos perderam a vergonha, visto que para conservar os seus logares não precisam de votos: basta o querer do sr. Pinheiro Machado. A vida de homens de bem cada dia se vae tornando mais difficil e espinhosa. Ha pelo jornalismo e pela politica uma cainçalha tremenda, prompta para os atacar a cada passo. O presidente Penna succumbiu ai desgosto de ser honesto e bem intencionado. A sua morte foi uma calamidade nacional, porque todo o pudor, todo o sentimento de probidade governamental desappareceram do governo. Foi o que se viu com o sr. Nilo, e o que se vê com o marechal Hermes!²⁹⁴

Um dos objetivos era a de impedir uma possível candidatura Pinheiro Machado ou de outro ligado ao seu grupo. John Wirth, aponta que os líderes

292 BORGES, Vera Lúcia Borgéa. *A batalha eleitoral de 1910*. Imprensa e cultura política na Primeira República. op. cit. p. 192.

293 O *Correio da Manhã*, 31 de março de 1913. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano%201911&pesq= Acesso em 04/04/2018.

294 O *Correio da Manhã*, 31 de março de 1913. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano%201911&pesq= Acesso em 04/04/2018.

políticos mineiros não tinham a intenção real de reformar a constituição, ao menos até o fim do mandato de Wenceslau Braz. Mesmo considerada um instrumento imperfeito, a revisão da Carta constitucional de 1891 era até mesmo vista como um “radicalismo”²⁹⁵. A elite já se adaptara ao jogo político da Primeira República e mudanças podiam não ser bem-aceitas. Ainda mais no período em que Pinheiro Machado estava com sua influência no Senado Federal.

Em uma crônica intitulada “Reforma constitucional” e assinada como X. publicada em seu número 396, de 22 de janeiro de 1916, a revista *Careta* traz uma suposta entrevista com um senhor Manuel, que “naceu na estranja, mas tem propriedades e filhos no Brazil, onde reside por trinta anos, e por isso seus interesses estão identificados com os nossos”. Ao ser perguntado sobre a necessidade de uma revisão constitucional, “sr. Manuel” respondeu:

— Revisão constitucional? Se creio nela? De certo. A primeira coisa que se devia reformar era a república, substituindo-a pela monarquia. O Brazil se está civilizando. Já está aparecendo a opinião pública. É necessaria uma forma de governo que permita a realização das aspirações nacionaes do paiz. A forma de governo da Sibéria, do Paraguay, da Venezuela, da Columbia, de Honduras, do Mexico não nos serve. Precisamos do sistema usado na Suecia, na Belgica, na Italia, na Noruega, na Inglaterra.

— Mas isso não é possível. A república está consolidada. O que se pretende fazer são retoques. E quaes são, na sua opinião, os mais necessarios?

— O primeiro de todos é estabelecer a responsabilidade dos governantes. Os que cometem crimes contra a nação, que gastam e dissipam milhões sem autorização e contra ordem expressa do Congresso não podem continuar como testemunhas impunes da ruina que causaram. A primeira reforma a fazer é esta: tornar os governantes responsaveis pelos seus atos.²⁹⁶

O diálogo continua, com seu Manuel se pondo contra o sufrágio universal, que deve ser substituído pelo eleitoral. Reconhece ainda que os Estados devem continuar a ter a autonomia de contrair empréstimos no exterior, mas limitados a 25 % de suas rendas. Note-se que através desta crônica, a revista expõe suas opiniões políticas, cobra responsabilidades e reconhece que a opinião pública cada vez mais se torna importante e decisiva na política nacional, fazendo uso de suas capacidades enquanto formadora de opinião. Na mesma página, outra ilustração de J. Carlos, com uma de suas “melindrosas” e brincando com a sintaxe da Língua

295 WIRTH, John D. *O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 235.

296 *Careta* nº 396, 22 de janeiro de 1916. p.11

Portuguesa, e possivelmente com a polêmica gramatical entre Rui Barbosa e Clóvis Beviláqua, indicando que não estaria ali apenas para “tapar buraco”, mas com um propósito de referir-se ao evento, mostrando que a revista tinha interesses sobre o que seus leitores pensariam a respeito dos assuntos legislativos.



Figura 32 - Careta nº397 de 1916. J. Carlos.

Em outra charge, intitulada “Na bibliotheca do Cattete”, também publicada na revista *Careta* nº335 e ilustrada por J. Carlos, Wenceslau Braz aparece confuso em meio a pilhas e prateleiras de livros, alguns espalhados pelo chão, com uma cortina com o brasão da República ao fundo, indicando onde se localiza essa confusão. O gesto com o qual foi retratado, um punho na cintura e uma mão coçando atrás da cabeça, também indica dúvida e confusão. Na legenda lemos “-Diabo!... Aqui estão os *Serões do Convento*...mas...onde teriam mettido a Constituição?” Demonstrando a difícil tarefa que teria se fosse reformar a constituição, tarefa que não foi levada adiante. Um detalhe: o livro que ele achou era um “romance para homens”, um livro pornográfico, anticlerical²⁹⁷, posto pelo ilustrador na biblioteca presidencial...

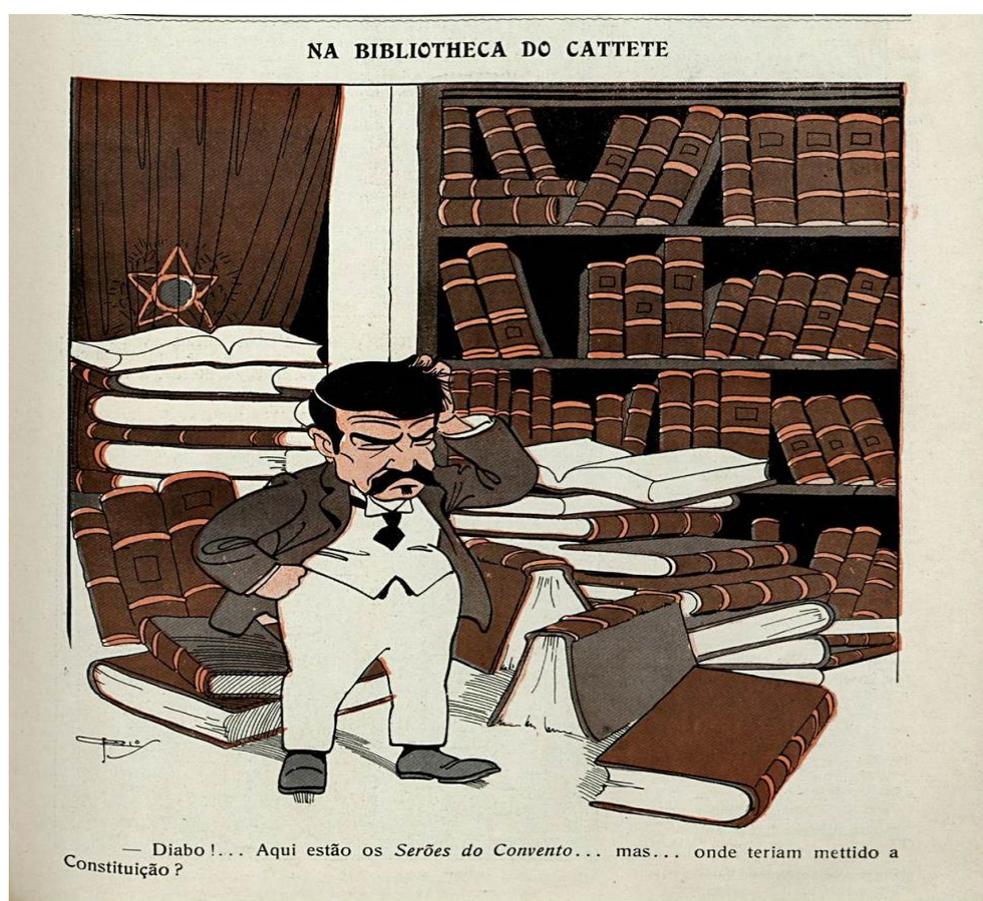


Figura 33 - *Careta* nº335 de 1914. J. Carlos.

297 MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. Disponível em seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/download/67571/pdf Acesso em 27/05/2018.

Em 26 de dezembro de 1915, já sob a presidência do “São Wenceslau”, é aprovado o Projeto 168 A – relativo ao Código Civil Brasileiro, sendo sancionado em 1º de janeiro de 1916 como Lei nº3071, subscrita pelo presidente Wenceslau e referendada por Carlos Maximiliano Pereira dos Santos, ministro da Justiça e Negócios Interiores, preenchendo essa lacuna jurídica (ainda que com pontos questionáveis)²⁹⁸.

Com sua ironia fina, J. Carlos nos mostra sua visão sobre o Código Civil em Figura da *Careta*, número 394, de 8 de janeiro de 1916, mostrando preocupação com o lado mais prático da vida em “O analfabeto”, enquanto ocorre a polêmica revisionista e linguística.



Figura 34 - *Careta*, número 394, de 8 de janeiro de 1916

3.4 A diferença: vencer o Braz?

298 SILVA, Hélio. *Wenceslau Brás 1914-1918. Era Tempo de Paz.* (coleção Os presidentes). São Paulo: Editora Três, 1983-1984.p. 134.

Quando pensamos na industrialização brasileira, podemos ser levados a pensar no período 1914-1918 como o de “substituição de importações”, estimulada pela dificuldade de importar produtos durante a I Guerra Mundial. A industrialização brasileira, porém, tem origens no século XIX. Inicialmente com a instalação de fábricas de artigos que não sofriam a concorrência direta com os importados e que se beneficiavam de um mercado consumidor restrito. Com base em capitais nacionais, muitas vezes de origem agrícola (como do café), a indústria nacional consegue utilizar plenamente a capacidade instalada em tempos de crise, como o do período.²⁹⁹ As importações do período retrocederam aos níveis do Império³⁰⁰.

Este capítulo busca tratar sobre a visão da imprensa ilustrada sobre o movimento operário, que consegue grande destaque e mobilização nesse momento e como os atos de Wenceslau Braz são percebidos por essa imprensa ilustrada. Cabe ainda notar que seus biógrafos não se detiveram no tema do movimento operário. Ressaltaram o tratamento dado à recuperação da economia, destacando a “herança maldita” do governo anterior e as medidas tomadas por Wenceslau Braz para o ajuste econômico, como a emissão de títulos públicos, de papel-moeda, melhoria no processo fiscal, suspensão parcial do pagamento da dívida externa (normalizada no segundo semestre de 1917), proibição da exportação de valores e da remessa de fundos para o exterior, etc.³⁰¹. Sempre de modo a elogiar a “energia” e habilidade do político mineiro.

O surgimento da classe operária no Brasil costuma ser atribuído ao surto industrial dos anos 1880. Em grande parte, uma consequência dos investimentos dos lucros oriundos do café do Oeste Paulista. Desde o Império, café e indústria estavam interligados, processo acelerado com o uso dos capitais que antes eram destinados à escravidão³⁰². Somados a estes, o Brasil também recebia capitais oriundos do exterior como forma de aplicação e exportação de capitais dos países imperialistas³⁰³. Existe, contudo, uma crítica de que a formação da classe operária seria uma consequência automática da industrialização. Outros consideram a formação do operariado apenas à imposição do trabalho assalariado.

299 MONTEIRO, Hamilton de Mattos. O aprofundamento do regionalismo e a crise do modelo liberal IN LINHARES, Maria Yedda (org.) *História Geral do Brasil*. 9ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2000. P. 311-312.

300 CALDEIRA, Jorge. *História da Riqueza no Brasil*. Cinco séculos de pessoas, costumes e governos. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017. P. 513

301 CAVALCANTI, Pedro. *A presidência Wenceslau Braz (1914-1918)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983. P. 67-84.

302 FAUSTO, Bóris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: DIFEL, 1976. p. 5.

303 NETO, José Miguel Arias. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 206.

A maioria dos trabalhadores (inclusive mulheres e crianças) estavam sujeitos a precárias situações de vida e trabalho. Como em outros locais que passaram por experiências de industrialização capitalista, os trabalhadores eram obrigados a exercerem suas atividades produtivas durante longas jornadas de trabalho (não sendo incomuns as 14 horas por dia no Distrito Federal e 16 horas em São Paulo nos primeiros anos do século XX), habitações precárias (como os famigerados cortiços, vilas operárias, etc.) nas periferias, até porque, no Rio de Janeiro “civilizado” por Pereira Passos, muitos cortiços foram vítimas do “Bota-abaixo”, forçando a população a procurar moradia nos subúrbios e nas primeiras favelas, sem a devida infraestrutura, transporte, etc. Políticas recessivas, como a do presidente Campos Salles, tornavam mais grave a situação da classe operária brasileira. A imagem ordeira e de “progresso” que o governo pretendia passar fora abalada. A Revolta da Vacina seria o último motim de tipo clássico, contra o que era considerado injusto, no Rio de Janeiro³⁰⁴.

O processo de reforma urbana foi saudado com entusiasmo pela imprensa conservadora, que a denominou de ‘Regeneração’. Essa era a voz dos beneficiários do replanejamento, aqueles que herdariam, para o seu impávido desfrute, um espaço amplo, controlado e elegante, onde antes não podiam circular senão com desconforto e sobressalto.

As vítimas são fáceis de identificar: toda a multidão de humildes, dos mais variados matizes étnicos, que constituíam a massa trabalhadora, os desempregados, os subempregados e os aflitos de toda espécie. A ação do governo não se fez somente contra os seus alojamentos: suas roupas, seus pertences, sua família, suas relações vicinais, seu cotidiano, seus hábitos, seus animais, suas formas de subsistência e de sobrevivência, sua cultura. Tudo, enfim, é atingido pela nova disciplina espacial, física, social, ética e cultural imposta pelo gesto reformador. Gesto oficial, autoritário e inelutável, que se fazia, como já vimos, ao abrigo de leis de exceção que bloqueavam quaisquer direitos ou garantias das pessoas atingidas. Gesto brutal, disciplinador e discriminador, que separava claramente o espaço do privilégio e as fronteiras da exclusão e da opressão³⁰⁵.

Em breve a cidade se tornaria uma praça de guerra.

No plano nacional, não havia um sistema de seguridade social e amparo aos trabalhadores em caso de doença e dos constantes acidentes de trabalho, ficando os trabalhadores desassistidos e à mercê das vontades patronais. Daí muitos recorrerem às caixas e associações de auxílios mútuos como forma de minorar suas situações em caso de necessidade extrema³⁰⁶.

304 SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010. p. 78-81.

305 SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. op. cit. p. 81-82.

306 BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 11

Raul Pederneiras expressa de modo direto a falta de empatia com os mais pobres em charge na revista *Dom Quixote* de número 81, de 27 de novembro de 1917, intitulada “A diferença”. Nela, vemos uma família de trabalhadores com um cenário fabril ao fundo em uma discussão. O homem operário pergunta: “- Então, não temos o direito de viver?”, no que é respondido por um outro, obeso e bem trajado, provavelmente um burguês e talvez até mesmo seu patrão: “- Têm sim senhor ... Agora, viver bem é outra cousa.”, indicando que para ele tinham papéis apenas como mão de obra geradora de riqueza, não para viverem como iguais e nas mesmas boas condições que ele.



Figura 35 - *D. Quixote*, número 81, de 27 de novembro de 1917

A classe operária pode ser vista como um resultado de interesses coletivos vindos da experiência comum. Francisco Foot Hardman, seguindo os caminhos apontados por E.P. Thompson, indica que a consciência de classe do proletariado não deve ser buscada em abstrações e elucubrações, mas investigada concreta e materialmente, através, por exemplo, no exame de suas instituições de classe

(uniões, ligas, sindicatos, jornais, partidos, etc.), nas relações mantidas por essas diferentes instituições com as classes dominantes, com os setores médios e com o Estado³⁰⁷. Hardman ainda aponta estudos baseados em Antonio Gramsci, destacando como para o marxista italiano o Estado podia agir como instrumento desorganizador da classe operária, enquanto aparelho hegemônico das classes dominantes sobre os setores subalternos³⁰⁸.

É visível a presença dos imigrantes na composição da Classe operária na Primeira República. Dentre os grupos mais destacados, encontramos os italianos, os portugueses (após 1822) e os espanhóis. Os imigrantes chegaram a compor a maioria do operariado em centros como Rio de Janeiro, São Paulo e Santos entre os anos 1890 e pelo, menos, até os anos 1920³⁰⁹. Contudo, o operariado não era apenas branco e imigrante, tendo também a participação do elemento nacional em suas fileiras. Muitos anarquistas eram brasileiros como, por exemplo, o militante Edgard Leuenroth³¹⁰. Tais pessoas não trabalhavam apenas em grandes fábricas, sendo o cenário fabril também composto por oficinas e manufaturas.

Sobre os trabalhadores do Porto do Rio de Janeiro, por exemplo, o jornalista e imortal da Academia Brasileira de Letras João do Rio nos dá o seguinte testemunho:

E a ronda continuava diabólica.
 — Aquela gente não cansa?
 — Qual! trabalham assim horas a fio. Cada saco daqueles tem sessenta quilos e para transportá-lo ao saveiro pagam 60 réis. Alguns pagam menos — dão só 30 réis, mas, assim mesmo, há quem tire dezesseis mil réis por dia.
 O trabalho da estiva é complexo, variado; há a estiva da aguardente, do bacalhau, dos cereais, do algodão; cada uma tem os seus servidores, e homens há que só servem a certas e determinadas estivas, sendo por isso apontados.
 — É muito, fiz.
 — Passam dias, porém, sem ter trabalho e imagine quantas corridas são necessárias para ganhar a quantia fabulosa.
 (...) Aqueles seres ligavam-se aos guinchos; eram parte da máquina; agiam inconscientemente. Quinze minutos depois de iniciado o trabalho, suavam arrancando as camisas. Só os negros trabalhavam de tamancos. E não falavam, não tinham palavras inúteis. Quando a ruma103

307 HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2002. P. 39.

308 HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. op. cit. p. 41.

309 PINHEIRO, Paulo Sérgio. O proletariado industrial na Primeira República IN: FAUSTO, Bóris (direção). *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III. O Brasil Republicano. Volume 2. Sociedade e instituições (1889-1930)*. 7ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004. p. 138.

310 KHOURY, Yara Aun. Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. IN FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *As Esquerdas no Brasil. Volume 1 A formação das tradições 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.p. 118.

estava feita, erguiam a cabeça e esperavam a nova carga. Que fazer?
Aquilo tinha que ser até as 5 da tarde!³¹¹

Os trabalhadores masculinos prevaleciam na composição do trabalho manufatureiro e industrial, mas a mão de obra feminina e infantil era significativa, principalmente em certos setores, como o têxtil. Ainda assim, as mulheres eram sub-representadas nas associações operárias. As mulheres compunham 29 % do total de trabalhadores empregados em todos os ramos das indústrias de São Paulo e 58% do total da indústria têxtil em 1920. No Rio de Janeiro a proporção era de 27% no total geral da indústria e 39% na indústria têxtil³¹².

A maioria dos imigrantes era proveniente do campo e não tinha experiência sindical, embora existissem aqueles que a possuíam em seus países de origem³¹³. Juntamente à origem rural dos imigrantes também havia a perspectiva de ascensão social e as diferenças culturais dos diversos grupos entre si (italianos, portugueses, espanhóis, etc.) e destes com os membros nacionais. Com o tempo, conflitos entre os grupos mais antigos e estabelecidos e os mais recentes também se fizeram presentes.

O Brasil era visto como “o país da *cuccagna*”, isto é, da abundância, prosperidade e fartura pelos imigrantes italianos. Elemento do imaginário do campesinato de origem medieval e reavivada, em parte, pela propaganda do governo brasileiro para atrair imigrantes feitas no exterior³¹⁴. A perspectiva inicial de “fazer a América”, ou seja, de enriquecer e voltar ao país de origem levou a um alto índice de retorno (45% no caso do estado de São Paulo), embora esse índice elevado não signifique e não tenham indicativos de que essas pessoas conseguiram atingir seus objetivos. O clã Matarazzo não se tornou a regra, mas a exceção. O próprio conde Francesco Matarazzo, que se tornou a maior fortuna do Brasil e quinta maior do mundo na época de sua morte, passaria a recrutar seus conterrâneos para o trabalho em suas fábricas³¹⁵. Estes, porém, não conseguiriam explorar a mais-valia alheia, sendo eles os explorados.

311 BARRETO, Paulo (João do Rio). *A alma encantadora das ruas*. Disponível em <objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/alma_encantadora_das_ruas.pdf>. Acesso em 29/12/2017.

312 BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 10.

313 BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Op. Cit. p. 12.

314 MOURA, Esmeralda Blanco de. Imigrantes italianos em São Paulo na passagem para o Século XX In PRIORE, Mary Del (org.). *Revisão do Paraíso. Os brasileiros e o Estado em 500 anos de História*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.p.248.

315 MOURA, Esmeralda Blanco de. Imigrantes italianos em São Paulo na passagem para o Século XX In PRIORE, Mary Del (org.). *Revisão do Paraíso*. Op. cit. p. 261.

A denúncia das condições de vida no Brasil feita na Europa em reação às expulsões e ampliação dos dispositivos repressivos afetaram os elementos mais combativos do operariado. Logo os imigrantes descobririam que a vida não seria tão fácil e que a propaganda não correspondia precisamente à dura realidade. Um destes instrumentos foram a famigerada lei Adolfo Gordo, de 1912, de expulsão dos indivíduos “indesejáveis”, geralmente os membros mais radicais e identificados como lideranças operárias, para seus países de origem. Com o avanço do movimento operário, a lei foi sendo alterada e abrangendo mais e mais pessoas, inclusive aqueles que vieram para o Brasil ainda muito jovens ou mesmo os que tinham mulher e filhos brasileiros³¹⁶. Os nacionais tinham o equivalente no desterro para a Amazônia.

Muitas vezes o elemento imigrante era malvisto, o “mal” estrangeiro, o indesejado, o agitador que se aproveitaria da ingenuidade e docilidade dos brasileiros foi retratado pela revista *Careta* de número 476 4 de agosto de 1917. de em charge não identificada, mas que aparentemente é de autoria de J. Carlos. O título é “Ateando fogo”.

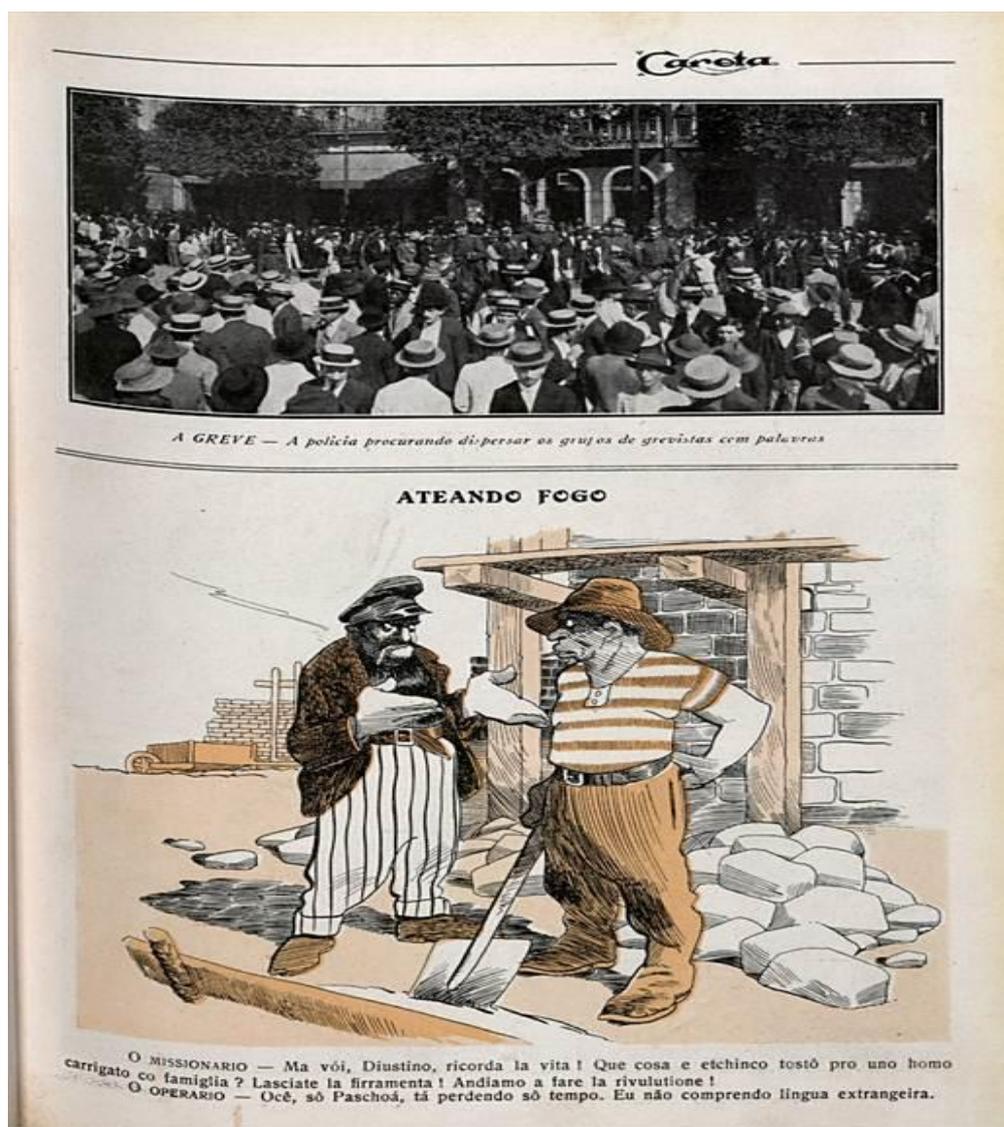


Figura 36 - *Careta* nº 476 de 1916. J. Carlos (não confirmada).

Na legenda lemos:

“O MISSIONÁRIO – Ma vói, Diustino, ricorda la vita! Que cosa e etchinco tostó pro uso homo carrigato co famiglia? Lasciate la firramenta” Andiamo a fare la rivolutione”

O OPERARIO – Ocê, sô Paschoá, tá perdendo só tempo. Eu não comprendo língua estrangeira”

Nela, um provável militante italiano, de aparência suspeita, tenta usar seu “português macarrônico” para convencer um trabalhador braçal brasileiro a tentar a greve, mas este não foi capaz de compreender a língua do outro e não aderiu ao movimento. Talvez em outra ocasião os trabalhadores venham a se unir, representando uma ameaça à paz e à ordem estabelecida. Na mesma página e na anterior, a revista mostra uma multidão de trabalhadores reunida e sendo dispersa a força pela polícia.

Conflitos entre os organizados e os sem sindicatos, entre grevistas e os “fura-greves” também ocorriam, embora tenham sido raros os conflitos entre trabalhadores motivados por questões puramente étnicas. Poucas associações eram exclusivamente de imigrantes. Até meados da década 1910 eram os trabalhadores qualificados, detentores de um ofício, como os primeiros a se

sindicalizar, já assalariados e com patrões, o que era uma situação análoga às que já ocorriam em países industrializados³¹⁷.

Nas lutas por direitos sociais, várias correntes sociais passaram a ter destaque. Os positivistas, por exemplo, aceitam os direitos sociais, mas não os políticos para o proletariado³¹⁸.

Tanto o Anarquismo quanto o Socialismo estavam presentes no pensamento operário. Operários passaram da expectativa e desilusão com o advento da República. Os vícios e fraudes do sistema político brasileiro da época praticamente inviabilizavam o acesso de representantes políticos dos trabalhadores ao parlamento e os raros casos, como Nicanor Nascimento e Antônio Evaristo de Moraes eram usados como propaganda do regime³¹⁹.

O anarquismo foi uma das maiores influências no movimento operário internacional e no Brasil não seria diferente, com diversas correntes e orientações atuando a partir de pelo menos 1890, onde o anarcossindicalismo seria a linha mais importante do movimento operário brasileiro por cerca de trinta anos, presente tanto entre imigrantes quanto nacionais³²⁰. Os anarquistas tendiam a privilegiar a luta econômica, se recusando a participar do jogo político. Eram contrários ao reformismo, tentavam ser realmente internacionalistas e manter contatos com os movimentos operários de Itália, Portugal e Espanha (principais regiões de origem dos imigrantes) e conseguiu dotar o movimento operário de líderes realmente de origem operária³²¹. Com o tempo e os acontecimentos no exterior, os anarquistas paulistas, grupo pioneiro no movimento operário, chegaram a apoiar a Internacional vermelha, mas criticavam seu viés autoritário quando da época da Terceira Internacional³²².

317 BATALHA, Cláudio. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 167.

318 BATALHA, Cláudio. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano*. op. cit. p. 176-177.

319 PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op. cit. p.167-171.

320 PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op. cit. p.149.

321 PINHEIRO, Paulo Sérgio. O proletariado industrial na Primeira República IN: FAUSTO, Bóris (direção) *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III. O Brasil Republicano. Volume 2. Sociedade e instituições (1889-1930)*. Op. cit. p.150-151.

322 Fundado em 1922, o PCB, inicialmente legal, logo é posto na ilegalidade. Após as ondas repressoras o PCB tenta reorganizar o movimento operário sob seu comando, infiltrando-se em sindicatos já existentes e ocupando o lugar dos anarquistas que predominavam até então, se opondo às associações de ajuda mútua e o reformismo. Para os comunistas, o ideal seria a transformação completa das relações de produção e a sociedade como um todo, não se conformando com a adaptação à sociedade capitalista vigente. A via revolucionária ganha mais credibilidade com a Revolução Russa. Para isso, seria preciso unir ação sindical e luta partidária. PCB atuava como um meio termo entre a recusa anarquista de participar das eleições, mas também não se

O avanço das relações capitalistas de produção e a importação de máquinas e tecnologia ameaçavam os padrões de vida desses trabalhadores mais qualificados, empurrando-os em direção a uma proletarização mais intensa. Rebaixando seus rendimentos aos mesmos patamares dos trabalhadores menos qualificados. Passa a existir uma nostalgia de um passado idealizado e perda de saberes acumulados pelos trabalhadores com a padronização das tarefas e uso de máquinas.

Laços de amizade e parentesco, associações de auxílio mútuo, cooperativas de consumo, grêmios recreativos, eram formas de enfrentar as adversidades do dia a dia³²³. O associativismo pode ser encarado como um modo de luta pela cidadania ao criar uma rede rica e diversificada. E. P. Thompson nos lembra que a cultura popular pode ser vista como sistema de valores, atitudes, significados compartilhados de alguma forma e as formas simbólicas em que se acham incorporados. “O povo faz e refaz a sua cultura³²⁴.” A troca entre o oral e o escrito, o dominante e o subordinado, campo e cidade, nacional e imigrante seriam parte desse fluxo constante e formador de um sistema de interpretação e atuação num mundo em rápida transformação³²⁵. Além disso, as associações de ajuda mútua, sindicatos e partidos atuavam como formas paralelas, distintas e complementares de defesa dos interesses das classes trabalhadoras³²⁶.

Logo surgiriam os primeiros sindicatos ou sociedades de resistência propriamente ditos, durante a Primeira República, que podiam ser basicamente de três tipos: os pluriprofissionais, abrangendo profissionais de várias atividades e ofícios; por ofício determinado e por indústria ou ramo industrial³²⁷. A sindicalização por ofício era a base e tipo predominante de organização operária até pelo menos a segunda metade dos anos 1910. Em momentos de mobilização mais intensa incluem outros trabalhadores além dos sindicalizados.

contentava apenas com o jogo político. As eleições como exercício de luta política, mas sem perder a perspectiva revolucionária. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Op. cit. p.172-173;182.

323 BATALHA, Cláudio. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. op. cit. p. 180.

324 THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p.211.

325 THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2008. p. 17.

326 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro e JESUS, Ronaldo Pereira de. A experiência mutualista e a formação da classe trabalhadora no Brasil IN FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *As Esquerdas no Brasil. Volume 1 A formação das tradições 1889-1945*. op. cit. p. 47.

327 BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Op. cit. p. 16.

A crise internacional de 1913 atingiu a economia brasileira pela repentina redução dos preços dos principais produtos de exportação do Brasil, uma das fragilidades de uma economia ainda fundamentalmente agrário-exportadora de bens primários. Conseqüentemente, passa a existir um déficit na balança comercial. Dessa vez, porém, as tradicionais soluções de empréstimos internacionais e controle do preço do café não seriam viáveis³²⁸.

A persistência da crise internacional, agravada com o advento da Primeira Guerra Mundial, paralisa a entrada de capitais estrangeiros, acentuada pela necessidade de remeter 10 milhões de libras ao exterior para os compromissos com a dívida externa, produzindo um colapso cambial³²⁹.

No período da Primeira Guerra Mundial, em 1919 e no imediatamente posterior, a inflação e a dificuldade de manter o fluxo comercial (tanto de importações quanto de exportações) prejudicou não só os grandes negócios, mas rebaixou ainda mais os padrões de vida dos trabalhadores, com a alta dos gêneros alimentícios, por exemplo. Por outro lado, as fábricas se beneficiaram com os menores custos da mão de obra e salários no cenário inflacionário³³⁰. Poucos eram os que conseguiam prover suas necessidades e de suas famílias. Em momentos de crise aguda e fome, a “economia moral” da população tem efeito aglutinador, legitimando a defesa dos interesses comuns e com objetivos claros. Quando seguidos de desrespeito aos pressupostos morais, como aumento de preços de alimentos essenciais, acaba servindo como estopim para a revolta³³¹. Os aumentos dos preços de alimentos disparam de uma forma sem precedentes após 1915, causadas basicamente por emissões inflacionárias, dificuldades nas importações e exportações de alimentos aos países beligerantes da “Grande Guerra”³³².

328 FRITSCH, Winston. Apogeu e crise na Primeira República: 1900-1930. IN ABREU, Marcelo de Paiva (org.) *A ordem do Progresso. Cem anos de política econômica republicana 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

329 PINHEIRO, Paulo Sérgio. O proletariado industrial na Primeira República IN: FAUSTO, Bóris (direção) *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III. O Brasil Republicano. Volume 2. Sociedade e instituições (1889-1930)*. Op. cit. p.146-147.

330 PINHEIRO, Paulo Sérgio. O proletariado industrial na Primeira República. Op. cit. p.159.

331 THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. op. cit. p. 152.

332 PINHEIRO, Paulo Sérgio. O proletariado industrial na Primeira República. Op. cit. p.159-160.

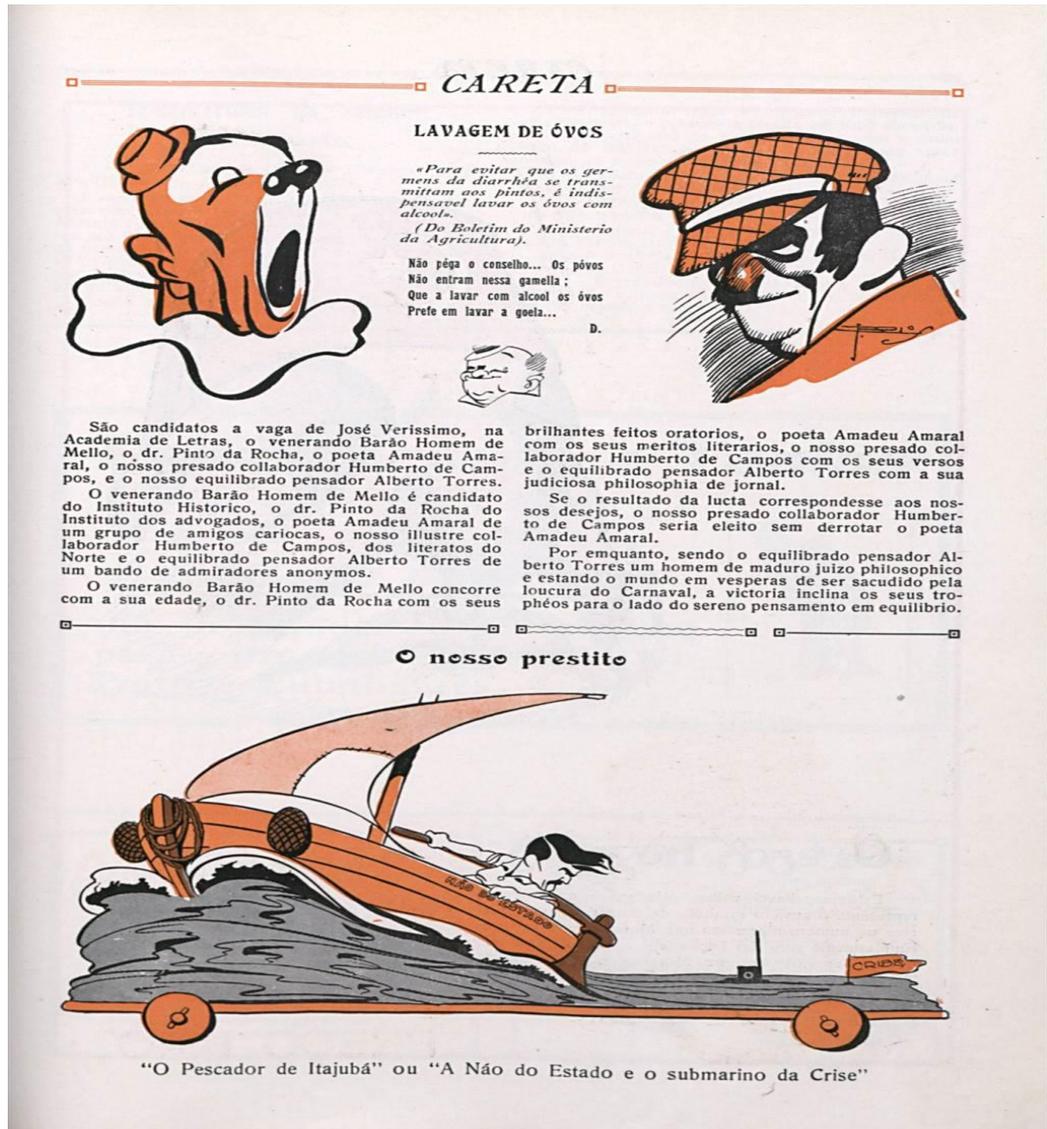


Figura 37 - Careta nº 402, 1916 J. Carlos (não confirmada).

No contexto do carnaval de 1916, Wenceslau não foi criticado pelas dificuldades econômicas do país pela revista Careta. Ao contrário, foi retratado em um carro alegórico pilotando um barco, navegando sobre as ondas e atento aos submarinos perigosos em seu caminho, sendo capaz de lidar com os perigos que se apresentavam, na caricatura intitulada “O nosso prestito”, com as legendas “O Pescador de Itajubá” ou “A Náo do Estado e o submarino da Crise”. O barco tem o nome grafado (Náo do Estado), singrando em frente, ainda que com a vela remendada, indicando que não é perfeita. Um atento Wenceslau, de topete ao vento, a manobra, observando o submarino com a bandeirola “Crisis” ficando para trás.

Ao que tudo indica, a violência e a repressão contra as manifestações e reivindicações dos trabalhadores foram a base das relações entre o Estado e o proletariado. Com a expressiva greve geral de 1917, o Estado policial atingiria sua forma plena na repressão ao movimento operário, buscando criminalizá-lo³³³. As diversas greves haviam ganho as páginas dos jornais e revistas, chamando a atenção para os que até então eram “invisíveis” como os *Morlocks* subterrâneos de H.G. Wells³³⁴. Convém lembrar que os meios urbanos e o maior número de pessoas possibilitam maiores ações através do anonimato.

A violência explodiu nas ruas e a polícia foi utilizada como força de repressão, levando à morte de um operário, o sapateiro José Iñiguez Martinez, em São Paulo, em 11 de julho de 1917, morte esta que causa grande comoção e serve de aglutinadora, transformando a greve em greve geral³³⁵. No discurso do Estado a greve não era legitimada para reivindicar melhores condições de vida e trabalho, mas apresentada de modo sistemático como uma ameaça à propriedade e à ordem pública³³⁶.

(...) Nesse meio tempo, a polícia realizava prisões, desfazia manifestações e invadia sedes de sindicatos. A morte de um sapateiro de vinte e um anos é um marco importante na evolução dos acontecimentos. A paralisação se estende a 35 empresas, com mais de 15 000 grevistas, incluindo os trabalhadores da Mariângela e da estamperia Ipiranga, em greve de solidariedade. Nos três dias seguintes ao enterro, a greve é total. Os bondes deixam de funcionar. Os choques com a força pública se amplificam. Há assaltos a armazéns, padarias, aos veículos que se arriscam a transitar nas ruas, a algumas casas particulares. (...) Houve intensas investidas da polícia e as negociações pouco trouxeram para os trabalhadores. Apesar da limitação dos objetivos atingidos, as greves, tanto no Rio como em São Paulo, incentivam a organização operária, em diversos setores da indústria. Vários sindicatos foram formados durante as greves ou logo depois delas; os membros de antigos sindicatos aumentaram intensamente. (...).

Se pensarmos com Walter Benjamin, o direito traz consigo o lidar com a violência, conflito e o próprio uso da violência. “Todo poder, enquanto meio, tem por função instituir o Direito ou mantê-lo.” A resolução totalmente pacífica passaria ao largo do direito e do Estado, sendo necessário o uso do coração, das emoções e do

333 BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Op. Cit. p. 55.

334 MOURA, Esmeralda Blanco de. op. cit. p. 270.

335 BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Op. Cit. p. 50.

336 MOURA, Esmeralda Blanco de. op. cit. p. 270.

entendimento mútuo entre as pessoas³³⁷. O direito “concede” a existência de greves como forma de impedir violências maiores que teria de lidar, como a sabotagem³³⁸. A greve proletária não deveria visar apenas as melhorias das condições de trabalho, mas a destruição do próprio Estado³³⁹.

A greve geral de 1917 é considerada o ápice da influência sindicalista revolucionária e anarquista dentro do movimento sindical. Entretanto, foi preciso recorrer a intermediários e a aceitar o Governo como interlocutor em medidas que dependiam dele. O modelo de organização operária e luta sindical voltado para questões eminentemente econômicas que vinha sendo proposta desde o 1º Congresso Operário Brasileiro (COB) acabou sendo eclipsado³⁴⁰.

Se os trabalhadores não podiam contar com o Estado brasileiro para intervir na “questão social”, assegurando direitos mínimos, o mesmo não poderia ser dito no caso dos patrões dos setores mais ‘sensíveis’ da economia da Primeira República, como os portos e as ferrovias (essenciais para o escoamento da produção cafeeira) e algumas indústrias de maior porte, como a tecelagem, que quase sempre tinham no Estado um aliado. Prisões arbitrárias, expulsões de estrangeiros sem processo regular, invasões de domicílio, espancamentos, empastelamento de jornais, aprisionamento em lugares inóspitos da Amazônia, mortes em manifestações são algumas das práticas adotadas pelo Estado contra o operariado³⁴¹.

Os “verdadeiros operários”, ordeiros e trabalhadores, agentes do progresso seriam opostos aos “elementos da dissolução social” modificam as imagens dos trabalhadores com aqueles propensos à desordem.

Ainda sobre a revista *Careta* de 4 de agosto de 1917, em charge aparente de J. Carlos, de título “O grande industrial”, um capitalista, respondendo a uma entrevista sobre a greve demonstra indiferença, demitindo trabalhadores que ousaram se comparar e equivaler seus gastos com o dele, que aparece todo poderoso e capaz de decidir os destinos dos homens.

A partir da campanha eleitoral de Hermes da Fonseca (1908-1909) aparece mais claramente a tentativa de manipulação pelo Estado do movimento operário,

337 BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 145,148. Disponível em <<https://docgo.net/259283276-o-anjo-da-historia-walter-benjamin>>. Acesso em 27/12/2017.

338 BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. op. cit. p. 151-152.

339 BENJAMIN, Walter. op. cit. p. 154-155.

340 BATALHA, Cláudio. Op. Cit. p. 30,51.

341 Op. Cit. p.13.

com promessas e plataformas ainda muito vagas, como construção de casas populares, mas ainda insuficientes para atender a demanda³⁴².

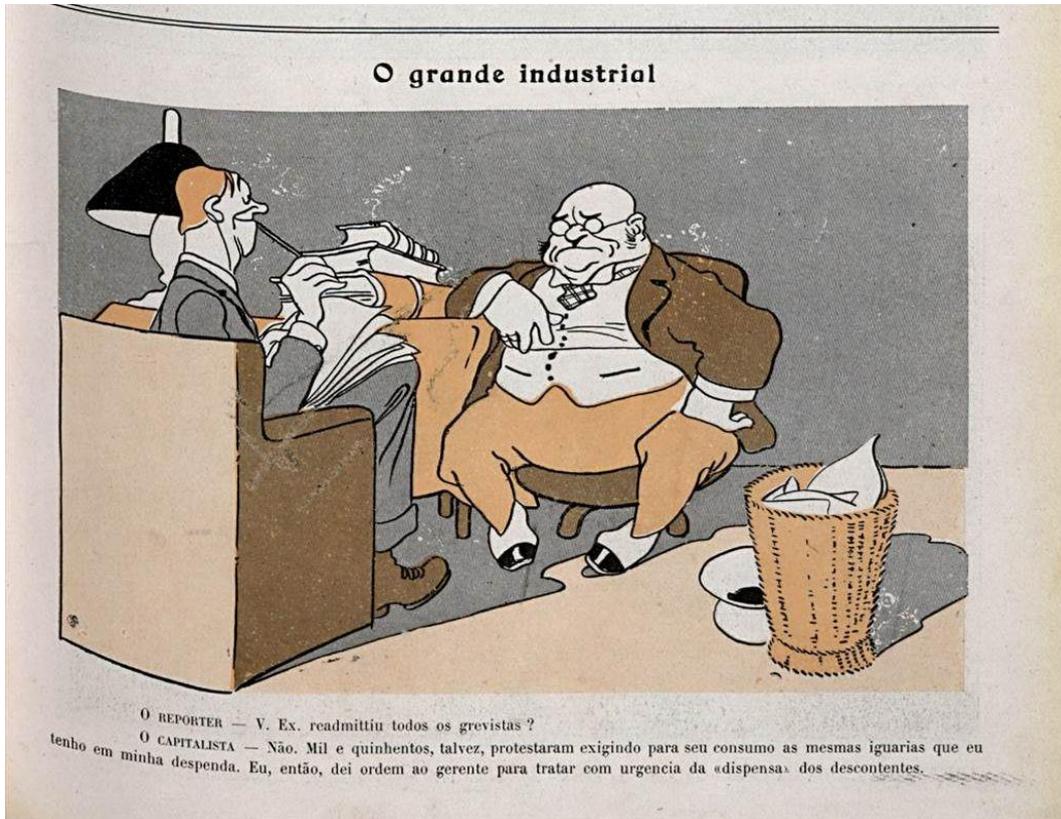


Figura 38 - *Careta* nº 476 de 1916. J. Carlos (não confirmada).

Em seu editorial da edição número 369, de 17 de julho de 1915, a *Careta* já reconhecia a exploração e os maus tratos sofridos pelos operários por patrões inescrupulosos e gananciosos, embora aqui a revista provavelmente já estivesse usando esforços para demover o Marechal Hermes de sua candidatura ao Senado para não ampliar ainda mais as forças políticas de Pinheiro Machado. O editorial demonstra que Wenceslau Braz não era visto mais como manipulável por Pinheiro Machado como a revista temia, mas percebe que este buscava ter autonomia de governo. Com o título “Agitação” lemos o seguinte:

342 PINHEIRO, Paulo Sérgio. O proletariado industrial na Primeira República IN: FAUSTO, Bóris (direção) *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III da Civilização Brasileira, Tomo III. O Brasil Republicano. Volume 2. Sociedade e instituições (1889-1930)*. Op. cit. p.166.

As ruas da capital brasileira estão servindo de teatro, já ensanquetado, ás explosões populares.

Operarios tratados bestialmente pela sordida avareza de patrões deshumanos que chegam a condennal-os a mais de doze horas diarias de trabalho sem um dia de descanso semanal, obreiros mal retribuidos em seu esforço de trabalhadores humildes e dedicados, cidaddãos feridos em seus direitos civis e politicos pelos desmandos affrontosos dos caudilhos sem escrupulos, os homens integros que se envergonham com a ignominiosa candidatura hermista lançada como um desafio ao nobre povo gaúcho, todos esses elementos puros, conjugando esforços e reunindo sofrimentos, vêm para a praça pública elevar o clamor patriotico que já deve ter chegado aos ouvidos do primeiro magistrado da Nação. (...)

Neste momento, são absurdas as manifestações hostis ao governo, que o povo, com a sua expontanea clarividencia, começa a apoiar, compreendendo que o sr. Wencesláo Braz está empenhando esforços para libertar a sua administração da indebita tutela caudilheira. (...)

A cidade do Rio de Janeiro passou por agitações dispersadas à força nesse período com encontros de trabalhadores no Largo de São Francisco Xavier, no Centro.

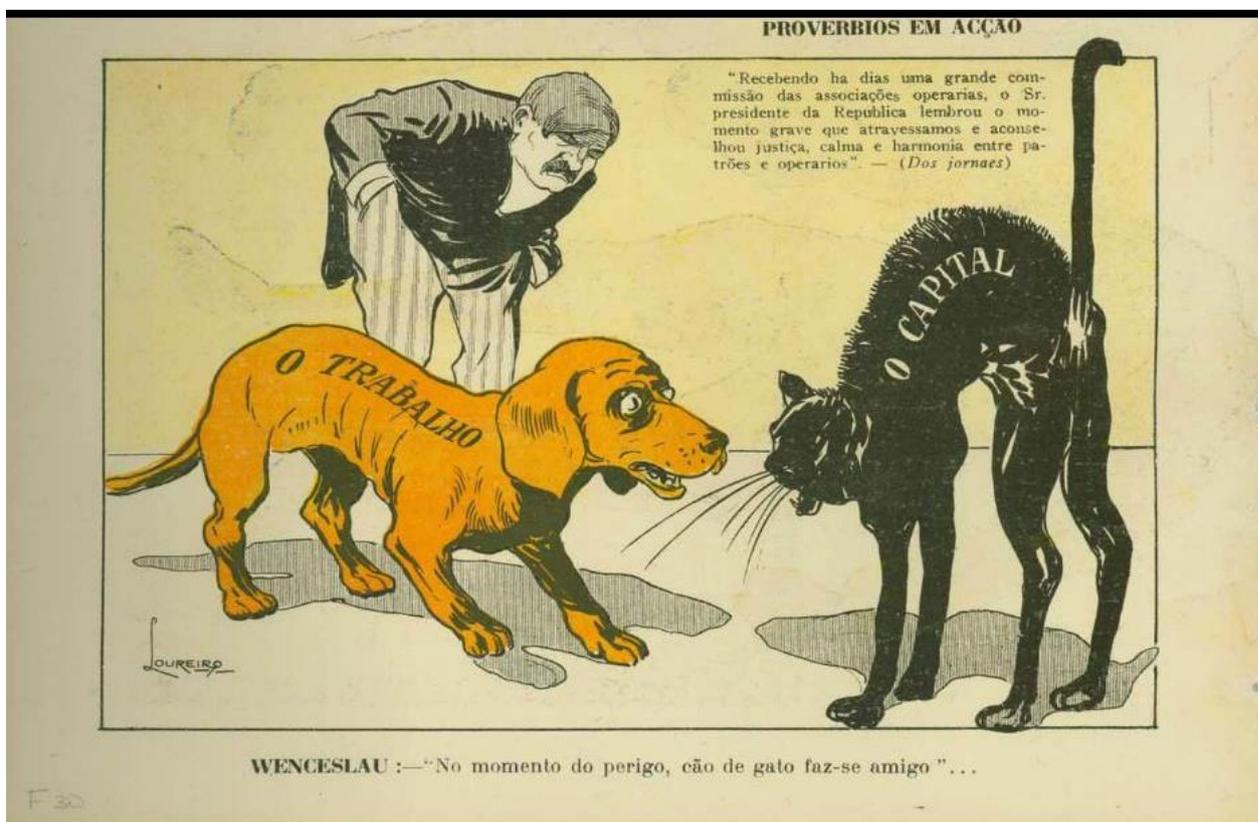


Figura 39 - Provérbios em Ação – Revista *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.834 07. set. 1918, p. 42. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Autor: Loureiro.

Na imagem de Loureiro de *O Malho*, Wenceslau Braz assiste o cão representando o trabalho assustar Capital, apresentado em forma de gato. O presidente aparece de modo passivo observando os desacordos entre ambos os lados, mas, ao mesmo tempo, aparece meio matreiro, usando a sabedoria dos provérbios para lidar com a situação. *Revista O Malho*.

A *Careta*, em sua edição 476 de 1917, J. Carlos já inicia a edição com uma crítica ao movimento grevista, que levaria à ruína tanto o patrão quanto o operário, que aparecem sendo devorados por um leviatã gerado pelo movimento grevista. Com uma boca escorrendo sangue e que ninguém conseguiria controlar. Abrir-se-ia uma caixa de Pandora contra a ordem que afetaria o consenso e ambos os lados do mundo do trabalho em uma capa com desenho bem trabalhado e chamativo no calor dos acontecimentos.



Figura 40 - *Caretta* nº 476 de 1916. J. Carlos.

Em seu interior, na página 11, um texto intitulado “A gréve”, acusa o movimento grevista de perturbar a ordem, de ser uma maquinação de forças exploratórias nacionais. Auxiliadas por elementos estrangeiros. Os maus patrões usurários e a ingenuidade dos trabalhadores levariam à manipulação destes por maus elementos. Na mesma página, ao lado da matéria, o chefe de polícia Aurelino

Leal é retratado de perfil sobre fundo escuro e luz sobre sua face de modo austero e íntegro, porém firme, sendo exaltado como aquele que restabeleceu a ordem, à quem a população ordeira e trabalhadora deveria ser grata. O povo brasileiro seria bom e acolhedor, mas a sua hospitalidade acabou sendo traída pelo mau elemento estrangeiro, como o italiano da charge de J. Carlos exemplifica na charge “ateando fogo” mencionada acima. Diz a matéria:

O movimento de caracter grevista com que se pretendeu interromper a marcha normal da vida brasileira e que agitou a cidade carioca, foi, pode-se dizer, uma atrevida manobra de audazes exploradores, auxiliados por indivíduos inescrupulosos secundados, em muitos casos, por operários comprimidos pela usura de máos patrões, e seguidos também por brasileiros cuja inocência de espírito foi grosseiramente iludida por aqueles aventureiros agasalhados pela nossa generosa hospitalidade, a que retribuem com a predica de ideias impuras e desconexas contra a ordem social³⁴³.

Já na edição de número 474 de 21 de julho de 1917, um jogo de palavras ligando o presidente com a situação grevista em São Paulo, mais especificamente no bairro operário do Braz, com pessoas assustadas com o movimento operário (vences lá o Braz). Nela, três senhores conversam sobre os acontecimentos e citam uma outra pessoa. O Elói Chaves referido na charge foi um dos maiores empresários do Brasil na época, dono da maior entidade financeira privada (Banco Comind), um dos maiores operadores brasileiros de café no mercado internacional. Dono de algumas das maiores fazendas do mundo, além de Fábricas de celulose, de tecelagem em Jundiaí e hidrelétricas em Jundiaí e em Rio Claro³⁴⁴. É considerado um dos precursores da legislação previdenciária brasileira. Também foi vereador e membro do PRP (Partido Republicano Paulista). Como a própria charge indica, não deve ter ficado nem um pouco feliz com a mobilização operária.

343 Revista Careta nº 476 de 4 de agosto de 1917 p. 11. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&PagFis=14295&Pesq=> Acesso em 10/04/2018.

344 <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CHAVES.%20EI%C3%B3i.pdf> Acesso em 23/03/2018.



Figura 41 - Careta, número 474 de 21 de julho de 1917

Diversas leis trabalhistas começam a ser criadas (Lei contra acidentes de trabalho; estabilidade no emprego, pensão e aposentadoria dos ferroviários, em 1923; dos portuários, em regime de férias aos comerciários, em 1925; regulamentação do trabalho de menores, em 1927; etc.). Curiosamente, foi justamente o governo mais repressor da Primeira República, o do paulista Arthur Bernardes (1922-1926), que passou a maior parte do tempo em Estado de Sítio, o que mais interferiu nas relações capital-trabalho. Provavelmente a intenção do governo era a de impedir uma mobilização autônoma dos trabalhadores e desorganizar o movimento operário³⁴⁵. Estratégia esta que seria implementada de modo mais refinado durante a Era Vargas. Em seus estudos sobre a Inglaterra do

345 PINHEIRO, Paulo Sérgio. O proletariado industrial na Primeira República IN: FAUSTO, Bóris (direção) *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III. O Brasil Republicano. Volume 2. Sociedade e instituições (1889-1930)*. Op. cit.p.169.

início da Revolução Industrial, E. P. Thompson observa “(...) a lei pode ser vista instrumentalmente como mediação e reforço das relações de classe existentes e, ideologicamente, como sua legitimadora”³⁴⁶. Isto é, que o domínio da lei leva a mediações ao uso da força, o que possibilita vitórias parciais aos dominados, mas, por outro lado, também contribui para legitimar as instituições vigentes e o poder instituído e afastar o risco de uma revolução social proletária³⁴⁷.

Para que o poder jurídico e o Estado sejam reconhecidos como legítimos, é necessário que exista, no mínimo, uma aparência de legitimidade, de modo que seja aceito pelo senso de justiça comum. Este é um elemento ideológico essencial para a eficácia da lei. Em alguns casos ela *realmente* deve ser justa³⁴⁸. Até mesmo a classe dominante precisa se legitimar no poder e o direito, com sua antiguidade, tradição e anos de estudos necessários para sua prática, torna-se um instrumento legitimador da burguesia no poder. A reapropriação do papel da lei, do direito e da legitimidade do Estado, contudo, podem ser usados a favor da causa dos trabalhadores, trazendo ganhos consigo. Os mesmos podem constituir um sistema cultural e de valores distintos dos da classe dominante, onde a exploração não é vista como algo “natural”³⁴⁹.

Segundo a interpretação marxista-leninista, o Estado seria espaço de dominação de classes. O erro dos mencheviques teria sido o de acreditar em uma possível conciliação. O estado deve se extinguir pela via revolucionária.³⁵⁰ Estado moderno, nesta perspectiva é visto como instrumento de domínio da classe trabalhadora assalariada pelo capital. O Estado burguês deveria ser substituído, portanto, pela ditadura do proletariado³⁵¹. Com o tempo e o controle operário do Estado, este, aos poucos feneceria e perderia a razão de ser, extinguindo-se gradualmente.

Após mais de 100 anos, alguns pontos ainda permanecendo nas agendas das esquerdas. Busca de direitos sociais, direitos políticos e o recurso ou não à ação direta ainda são pertinentes. Mesmo a eleição de um operário à presidência da República não foi suficiente para a resolução de todas as questões e necessidades

346 THOMPSON, E. P. *Senhores e caçadores. A origem da Lei Negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 353.

347 FORTES, Alexandre. *O direito na obra de E.P. Thompson*. p. 93. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/download/76/72>>. Acesso em 26/12/2017.

348 THOMPSON, E. P. *Senhores e caçadores. A origem da Lei Negra*. op. cit. p.356.

349 THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa. Vol. II. A maldição de Adão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 158, 166.

350 LÊNIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução*. Porto: Vale Formoso, 1970. p. 9-10.

351 LÊNIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução*. op. cit. p. 15, 20-21.

do povo, que em tempos estranhos se fazem ainda mais necessárias diante de um futuro incerto. A história, as lições e lutas do passado, com certeza, podem nos ensinar muito sobre os caminhos a serem percorridos e outros a serem evitados.

O Governo Federal e a maior parte da grande imprensa (não incluída a imprensa operária, por motivos óbvios) ainda insistiam em alegar que no Brasil não haveria necessidade de agitações no meio operário, pois o país seria uma “terra de oportunidades para todos”. As agitações, portanto, seriam meras importações das palavras de ordem europeias³⁵².

Pensando na economia, Jorge Caldeira afirma que Wenceslau Braz se tornou um líder nacional pela conciliação de conservadores para as novas realidades da regulação do mercado de café, câmbio baixo e emissão de moedas em níveis que consideravam a expansão do mercado interno e crescimento industrial³⁵³.

O presidente Wenceslau Braz, em 1918, em meio às mobilizações dos trabalhadores, sanciona a lei de criação do Departamento Nacional do Trabalho, que deveria estudar de modo mais sistemático as condições de trabalho existentes no país e implementar a legislação trabalhista então existente. O departamento, contudo, nunca chegou a entrar em pleno funcionamento³⁵⁴. A segunda metade de 1917 foi marcada por forte repressão ao movimento operário no Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1919, quando Wenceslau já não exercia mais a presidência, inicia-se um processo de criminalização do movimento operário, por parte do Estado, buscando dificultar as ações reivindicativas³⁵⁵. A atuação do Estado buscando favorecer os interesses da classe burguesa em prejuízo das classes trabalhadoras se tornava cada vez mais evidente, assim como os conflitos de classe que se configuraram. Cabe lembrar que após a presidência, Wenceslau dedicou-se aos negócios, sendo um capitalista, presidente da Companhia Industrial Força e Luz de Itajubá, da Fábrica de Tecidos Codorna e do Banco de Itajubá, indo muito além das pescarias e indicando seus interesses e identificação de classe³⁵⁶.

3.5 “La dansarina”

352 PINHEIRO, Paulo Sérgio. *O proletariado industrial na Primeira República*. Op. cit. p.146-147.

353 CALDEIRA, Jorge. *História da Riqueza no Brasil*. Cinco séculos de pessoas, costumes e governos. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017. P. 500.

354 PINHEIRO, Paulo Sérgio. *O proletariado industrial na Primeira República*. Op. cit. p.169.

355 BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. P. 52-54.

356 KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*. São Paulo: Universidade Estácio de Sá/Editora Rio/Cultura Editores Associados, 2002. P. 200.

Em 1918, último ano do governo Wenceslau Braz e da Primeira Guerra Mundial, o mundo conheceu uma de suas maiores pandemias. A gripe espanhola, como ficou conhecida, vitimou entre 50 milhões de pessoas para alguns e até 100 milhões segundo outras estimativas (embora não se possa determinar um número mais preciso devido aos deficientes sistemas de informações nacionais sobre as causas das mortalidades em diversos países), o que representaria cerca de 5 por cento da população mundial da época tendo suas vidas ceifadas em poucos meses³⁵⁷. Isso representaria de cinco a dez vezes mais mortos que os quatro longos e penosos anos da “Grande Guerra” e sua carnificina.

Para os historiadores, as epidemias oferecem uma oportunidade de observarem algumas dimensões e facetas da vida social de uma determinada época, envolvendo o conhecimento médico-científico, organização dos sistemas de saúde, economia, relações comerciais, diplomáticas, religiosas, etc.³⁵⁸. A humanidade já havia conhecido outras epidemias catastróficas antes. Uma das mais conhecidas foi a Peste Negra medieval. A Atenas antiga, a peste de Justiniano na bacia do Mediterrâneo e as doenças trazidas pelos europeus e que atingiram os habitantes ameríndios também são outros exemplos.

Provavelmente a doença surgiu nos Estados Unidos, no estado do Kansas³⁵⁹, trazendo consigo uma morte agonizante:

Em carta descoberta e publicada no *British Medical Journal* quase 60 anos depois da pandemia de 1918-1919, um médico norte-americano diz que a doença começa como o tipo comum de gripe, mas os doentes “desenvolvem rapidamente o tipo mais viscoso de pneumonia jamais visto. Duas horas após darem entrada [no hospital], têm manchas castanho-avermelhadas nas maçãs do rosto e algumas horas mais tarde pode-se começar a ver a cianose estendendo-se por toda a face a partir das orelhas, até que se torna difícil distinguir o homem negro do branco. A morte chega em poucas horas e acontece simplesmente como uma falta de ar, até que morrem sufocados. É horrível. Pode-se ficar olhando um, dois ou 20

357 Há cem anos, a gripe espanhola matou mais de 50 milhões e deixou enigmas. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/eqilibrios/2018/01/1948677-ha-cem-anos-gripe-espanhola-matou-mais-de-50-milhoes-e-deixou-enigmas.shtml> Acesso em 16/05/2018.

358 BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, vol.4,n.1, pp.11-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000100002&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em 16/05/2018.p.13.

359 Um século da gripe espanhola: luta contra a doença continua e mundo tem pelo menos 3 milhões de casos graves por ano. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/um-seculo-da-gripe-espanhola-luta-contra-a-doenca-continua-e-mundo-tem-pelo-menos-3-milhoes-de-casos-graves-por-ano.ghtml> Acesso em 16/05/2018.

homens morrerem, mas ver esses pobres-diabos sendo abatidos como moscas deixa qualquer um exasperado³⁶⁰.

De lá se espalhou combinado aos meios de transporte da época, como os navios.

No Brasil, os jornais da época estavam atentos ao que ocorria na Europa e periódicos da imprensa carioca, como o *Correio da Manhã* e *O País*, que acompanharam a chegada da epidemia em Recife, ainda que as autoridades da época negassem que fosse a “espanhola”³⁶¹.

Embora estivesse habituada a conviver com diversas epidemias desde pelo menos o século XIX, a epidemia ganhou na memória popular um contorno de tragédia sem par, ainda mais por ter sido tratado como “problema social”³⁶². A imprensa do período torna-se fonte importantíssima devido ao registro diário dos acontecimentos. Os transtornos vividos pela população, as críticas ao governo e às autoridades sanitárias e ao governo e a indignação e medo provocados pela visão macabra dos cadáveres abandonados na rua³⁶³.

A epidemia chega aproximadamente por volta de setembro de 1918 pelo navio inglês *Demerara*, vindo de Lisboa e que desembarca passageiros doentes em Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, marinheiros que prestavam serviço de patrulhamento militar em Dakar, na costa atlântica da África, também desembarcam doentes no porto de Recife e, em pouco mais de duas semanas a gripe se espalha pelo Nordeste e por São Paulo³⁶⁴. Nos dias 7 e 8 de outubro foi identificada em Niterói, cidade vizinha à Capital Federal³⁶⁵.

Os jornais da época, inicialmente, mesmo com o crescimento do número de vítimas fatais, seguiram a opinião da Academia Nacional de Medicina e, em 11 de

360 ROCHA, Juliana. Pandemia de gripe de 1918. Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7> Acesso em 16/05/2018.

361 BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, vol.4,n.1, pp.11-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 16/05/2018.p.18.

362 BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, vol.4,n.1, pp.11-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 16/05/2018. p.19.

363 BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, vol.4,n.1, pp.11-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 16/05/2018. p. 19.

364 ROCHA, Juliana. Pandemia de gripe de 1918. Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7> Acesso em 16/05/2018.

365 BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, vol.4,n.1, pp.11-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 16/05/2018. p. 19.

outubro de 1918, deram voz aos que diziam se tratar de “simples influenza”, sendo benigna e que a humanidade já estava habituada a conviver com ela. Ao mesmo tempo em que tenta minimizar a epidemia, a reportagem de *O Correio da Manhã* traz diversos relatos de casos: em Niterói, na Casa da Moeda, quarentena em Ilha Grande, de uma tentativa de suicídio de um cidadão que tentou abreviar o próprio sofrimento para não ser vitimado pela doença, do navio “Itajubá”, que desembarcou 30 doentes em Porto Alegre dentre outros³⁶⁶. Na mesma página e na seguinte, anúncios de desinfecções em geral e demais panáceias, como era comum nos jornais do período.

Com rapidez, os 44 doentes que estavam internados no Hospital do Exército em 10 de outubro passam para vinte mil quatro dias depois. A cidade ia se desfigurando, levando o Dr. Miguel Couto a declarar que “Tem-se a impressão que o Rio de Janeiro é um vasto hospital.” Frase essa que não apareceu timidamente no interior da publicação, como quatro dias antes, mas agora estampava a capa de um dos jornais de maior circulação do período em letras garrafais e em negrito³⁶⁷.

Além da gripe, cada vez mais o medo se espalhava pela população. “O pânico tomou conta dos cariocas. Não havia a que ou a quem recorrer, já que a medicina reconhecia publicamente sua impotência.”³⁶⁸. Em alguns momentos, a imprensa tentava minimizar os acontecimentos e evitar o pânico generalizado, em outros, cobrava das autoridades medidas eficientes para conter a pandemia, como atendimento médico, denunciou a precariedade da estrutura hospitalar pública da época e a criticar o diretor de Saúde Pública.

366 *O Correio da Manhã*, 11 de outubro de 1918. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano%20191&pesq= acesso em 16/05/2018.

367 *O Correio da Manhã*, 15 de outubro de 1918. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano%20191&pesq= acesso em 16/05/2018.

368 BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, vol.4,n.1, pp.11-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 16/05/2018. p. 20.

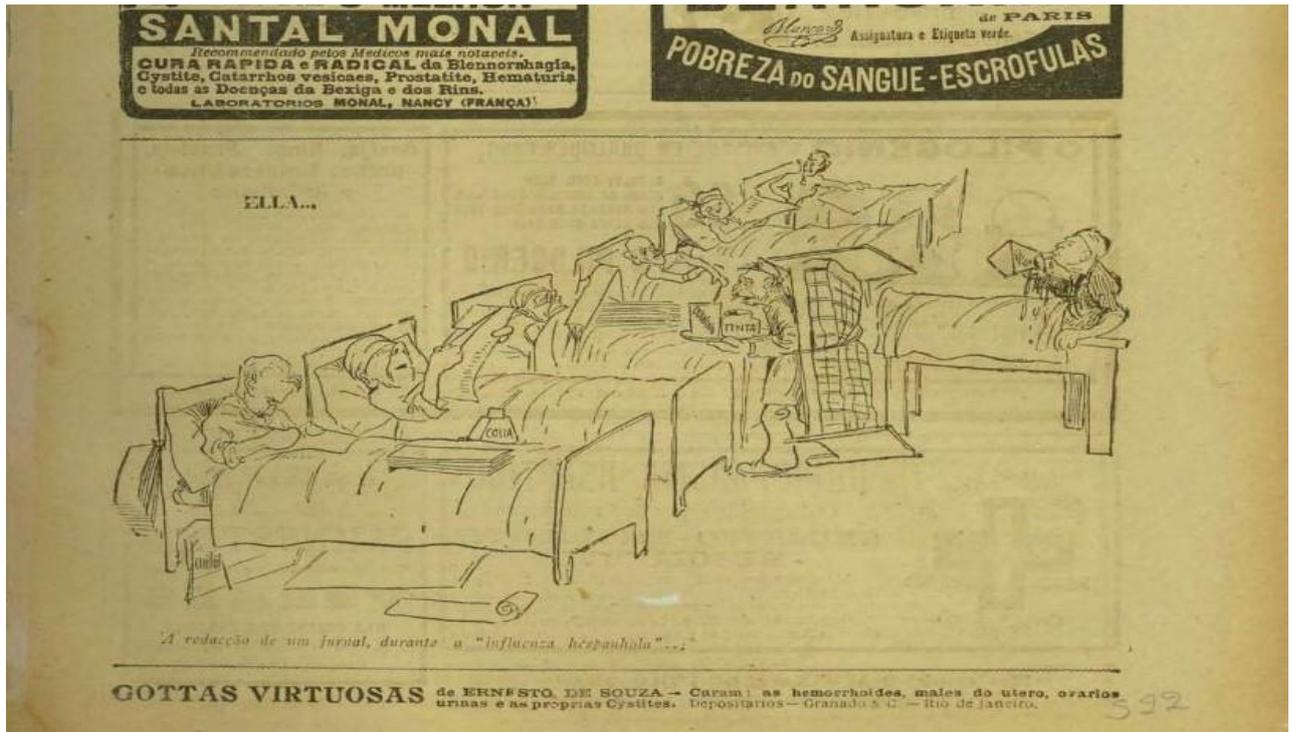


Figura 42 - Revista *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.846 30. nov. 1918, p. 42. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

Em uma charge de Yantok (Figura) simplesmente intitulada “Ella...”, vemos o que parece um hospital de campanha, mas que segundo a legenda (‘A redacção de um jornal, durante a ‘influenza hespanhola’...’) trata-se de uma redacção de jornal onde seus funcionários estão todos doentes, mesmo o que serve os outros, carregando sua cama nas costas, servindo cola, tinta e quinino, enquanto seus colegas continuam a escrever. A charge pode ser interpretada como os jornalistas que continuam labutando de modo incessante ainda que doentes. Mas também pode ser vista como uma doença implacável e que atinge a todos indistintamente, mesmo os esclarecidos, agravando o medo entre a população. Na mesma página, anúncios de vários remédios “milagrosos” da época.

A revista *Careta* praticamente não traz informações ou caricaturas sobre “La dansarina” (a Gripe “espanhola”), silenciando sobre o assunto. Em compensação, a revista *O Malho* traz várias charges sobre o tema. Uma delas é a capa de seu número 842 (Ano XVII), de 1918. Nela vemos dois urubus pousados sobre uma pilha de caixões. Um está identificado como “saude publica” e o outro como “comissariado de alimentação”. Vemos ainda duas pessoas (vivas) tentando organizar minimamente o caos: uma delas é Carlos Maximiliano, ministro da Justiça e de

Negócios Interiores (que respondia pela Saúde Pública na época) de Wenceslau Braz e que faria aprovar medidas sobre o saneamento e controle de epidemias (como o decreto nº 13000, de 1º de maio de 1918, sobre a quinina no combate à Malária e do Serviço de Profilaxia Rural decreto nº13001 de mesma data)³⁶⁹. A outra pessoa é o próprio presidente. Ambos estão fazendo esforço e trabalhando pesado, com mangas arregaçadas e suando. Tentando se justificar por não dar conta, Carlos Maximiliano fala: “- Bôa vontade não nos falta, Dr.”. no que o presidente responde “- Ah! Se o governo nos ajudasse!...” em uma crítica aos demais políticos e autoridades por não se importarem ou não terem competência suficiente para ajudar o presidente em um momento de calamidade pública. Note-se ainda que a revista traz a data de 2 de novembro de 1918, o dia de finados do ano da epidemia.

Em outra imagem, os jornalistas e caricaturistas já apresentam uma noção maior dos microorganismos e os apresentam em uma charge onde um pesquisador os observa com um microscópio e um livro grande aberto sendo consultado. Abaixo vemos a legenda:

Uma legião composta de aliados: “pneumococus”, “streptococus”, Peiffer e outros, em luta tremenda contra os “globulos brancos do sangue”. Se a medicina não descobrir alguns aliados para os infelizes “globulos brancos”, ainda teremos no mundo inteiro sério estrago!

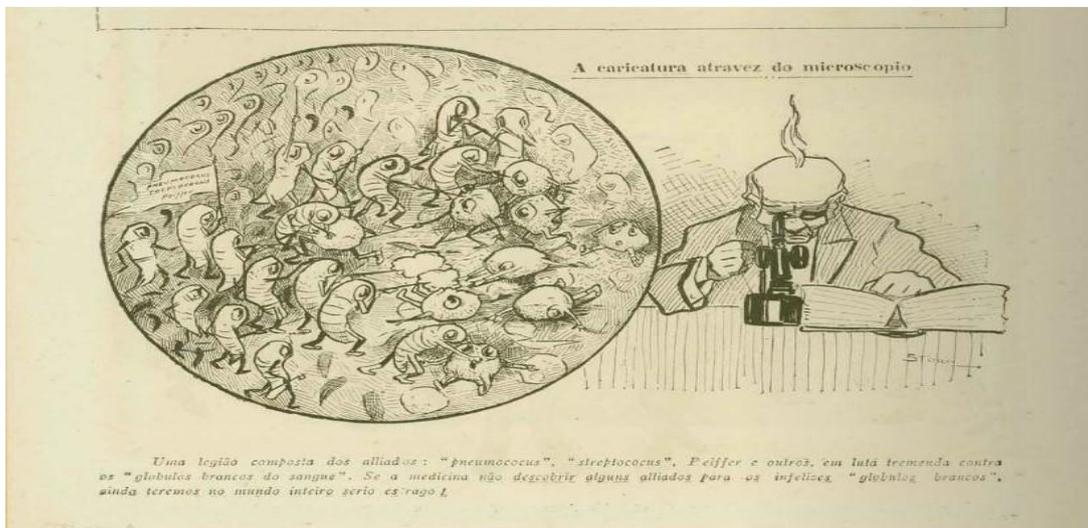


Figura 43 - Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano

XVII, n.843 9. nov. 1918, p. 33. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

³⁶⁹ <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-13000-1-maio-1918-501750-publicacaooriginal-1-pe.html> Disponível em 16/05/2018.

Intitulada “A caricatura através do microscópio”, possui uma assinatura no canto inferior direito indica que seu autor é Alfredo Storni. Neste desenho, o uso das aspas em “globulos brancos”, o desenho de combate físico entre os glóbulos brancos e vermelhos e o contexto da época indicam que o autor está também se referindo à Guerra civil decorrente da Revolução Russa, também dividida em lados Branco (conservadores) e Vermelho (socialista).

Como a doença acontece ao mesmo tempo em que ainda existiam embates na Primeira Guerra Mundial, a mesma logo foi associada com o conflito, mais especificamente ao kaiser Guilherme II, que por sinal foi representado diversas vezes, em vários ocasiões e por muitos chargistas como um louco sanguinário, como vilão, megalomaniaco e responsável pela guerra, indicando as posições anti-germânicas que a maioria da imprensa da época adotou.

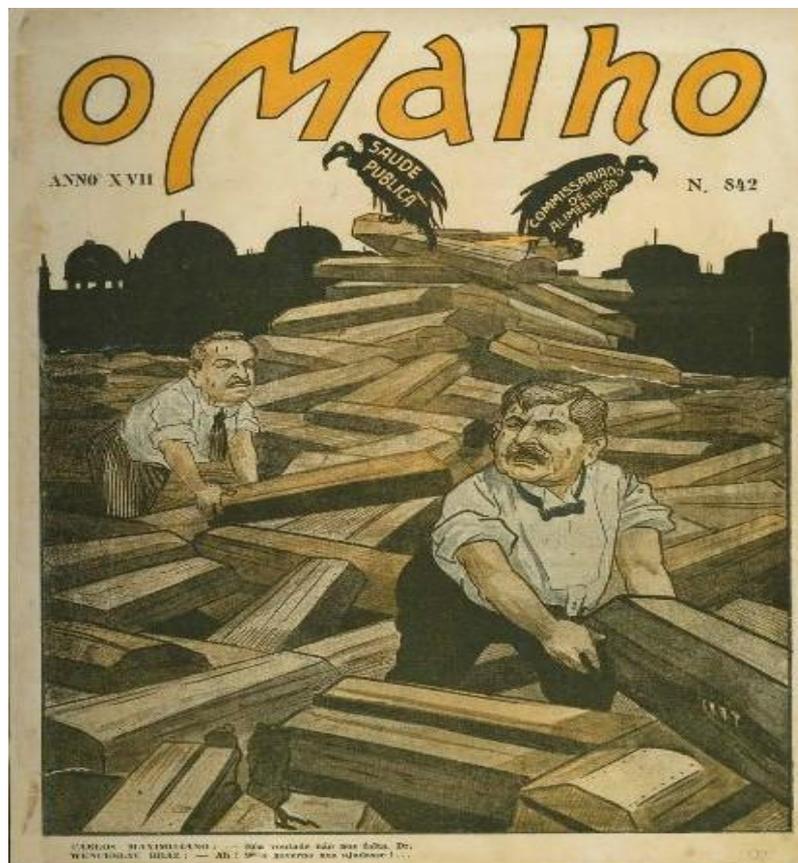


Figura 44 - Revista *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.842 2. nov. 1918, p. 1. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

Em imagem denominada “O que anda no ar”, (autor Perdigão?) vemos o kaiser, com seu uniforme e capacete, com cara raivosa, voando sobre uma baía (Guanabara?) sendo carregado pela figura da morte, com sua face e mãos esqueléticas e sua enorme foice de ceifar vidas ainda pingando sangue fresco. Em seus trapos que cobrem o corpo está escrito “A Influenza Hespanhola”. Ao fundo, um navio com muitos pássaros ao redor, provavelmente urubus em busca de cadáveres para devorar e indicando que o mal viria do exterior e mais especificamente da Alemanha, o que os estudos não confirmam, mas que serviu para colocar a imagem do imperador alemão ainda mais em negativo.

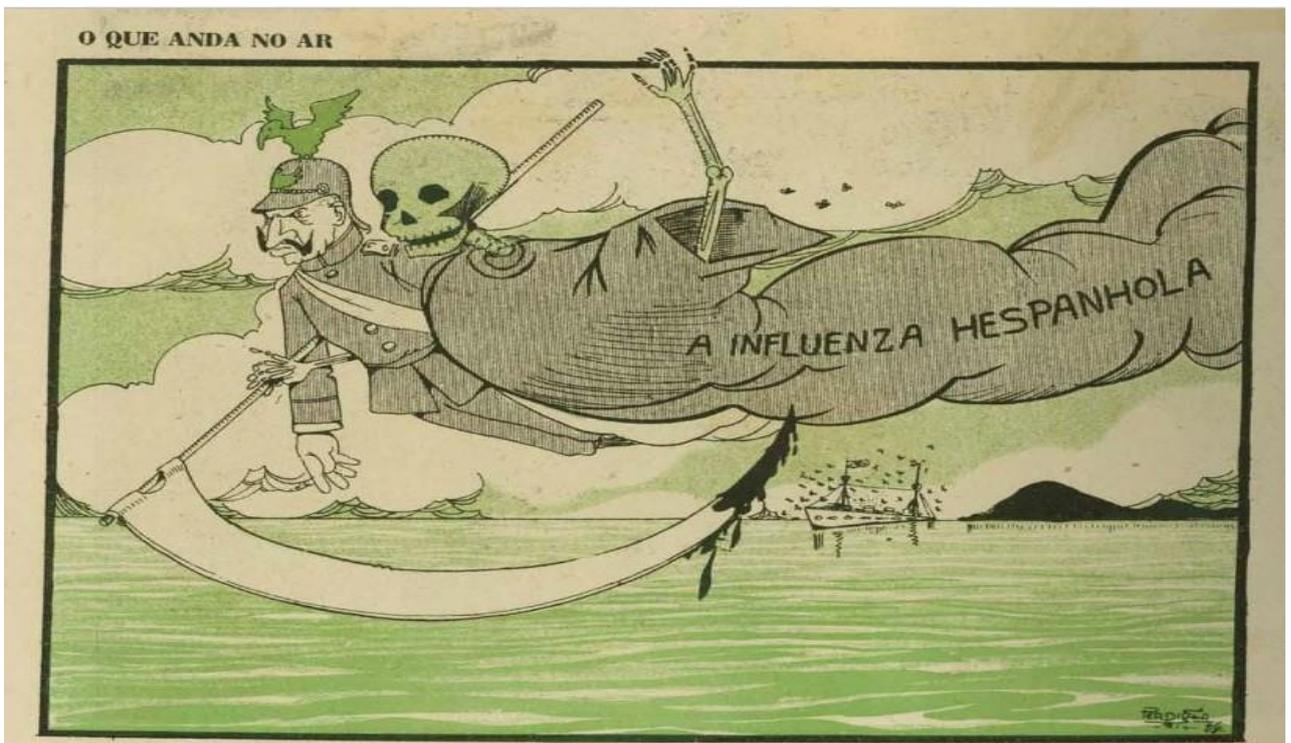


Figura 45 - Revista *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.839 12. out. 1918, p. 25.
Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

Outra imagem, desta vez de Storni, vemos uma jovem representando a humanidade, vendada e exasperada, sobre um globo e com um horizonte negro ao fundo, sendo puxada por cordas amarradas em sua cintura por quatro velhas que trazem escritos em seus respectivos mantos “Epidemia”, “Grippe”, “Hespanhola” e

“Influenza”. Abaixo a legenda “E a humanidade depois de tantos séculos de civilização e estudos, vê-se hoje às tontas com a tremenda moléstia que sob tantos nomes a assola por todos os lados.”



Figura 46 - Revista *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.842 2. nov. 1918, p. 23. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

Em meio ao caos e ao medo, o recurso ao religioso foi também utilizado em tempos sombrios. A revista *O Malho* de 842, de 2 de novembro de 1918 traz com destaque fotos de uma procissão católica em reportagem intitulada “As preces publicas a Deus”. Uma oportunidade para a Igreja Católica se fazer presente e atuante perante a população. Nas fotos vemos muitas crianças, mulheres e alguns homens. As mulheres carregam o andor com a imagem do Cristo crucificado. Os homens carregam as imagens de São Sebastião em um andor e de Nossa Senhora das Dores em outro. São Sebastião, além de ser o padroeiro da “mui leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”, também é uma figura evocada desde tempos medievais e modernos para auxiliar os fiéis em tempos e casos de pestes, o que remonta a uma tradição ancestral. Desde o século VII e com mais intensidade

na época da Peste Negra, depois de 1348, sua imagem crivada de flechas passou a ser invocada em épocas de epidemias³⁷⁰. A imagem de um Deus encolerizado disparando flechas contra a humanidade, culpada pelo orgulho, cupidez e luxúria também era associada a peste³⁷¹. Na legenda podemos ler: “A Igreja não cessa de levantar o espírito do povo, abatido pela epidemia reinante. A presente página mostra tres aspectos da concorrida procissão, realizada pela Irmandade de S. Pedro da Gambôa e N. S. das Dores. No alto, o andor do Crucificado; no meio, o andor de S. Sebastião, Advogado contra a peste. Em baixo a imagem de N. S. das Dores, synthetizado o soffrimento e a caridade christã.” Na mesma revista, algumas páginas antes, vemos uma foto de página inteira do cardeal Arcoverde, reforçando a imagem de autoridade da Igreja Católica e seu poder de intermediar a salvação.

As calamidades decorrentes das pestilências aumentaram a mortalidade de várias regiões desde a Idade Média até meados do século XIX. Jean Delumeau observou que as pestes e epidemias em geral geram uma estética e uma sensibilidade própria, onde sentimentos de angústia, impotência, comportamentos de excesso, loucura e morbidez saem dos parâmetros cotidianos e a religiosidade é usada para conter tais excessos³⁷².

370 DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. p. 168-169.

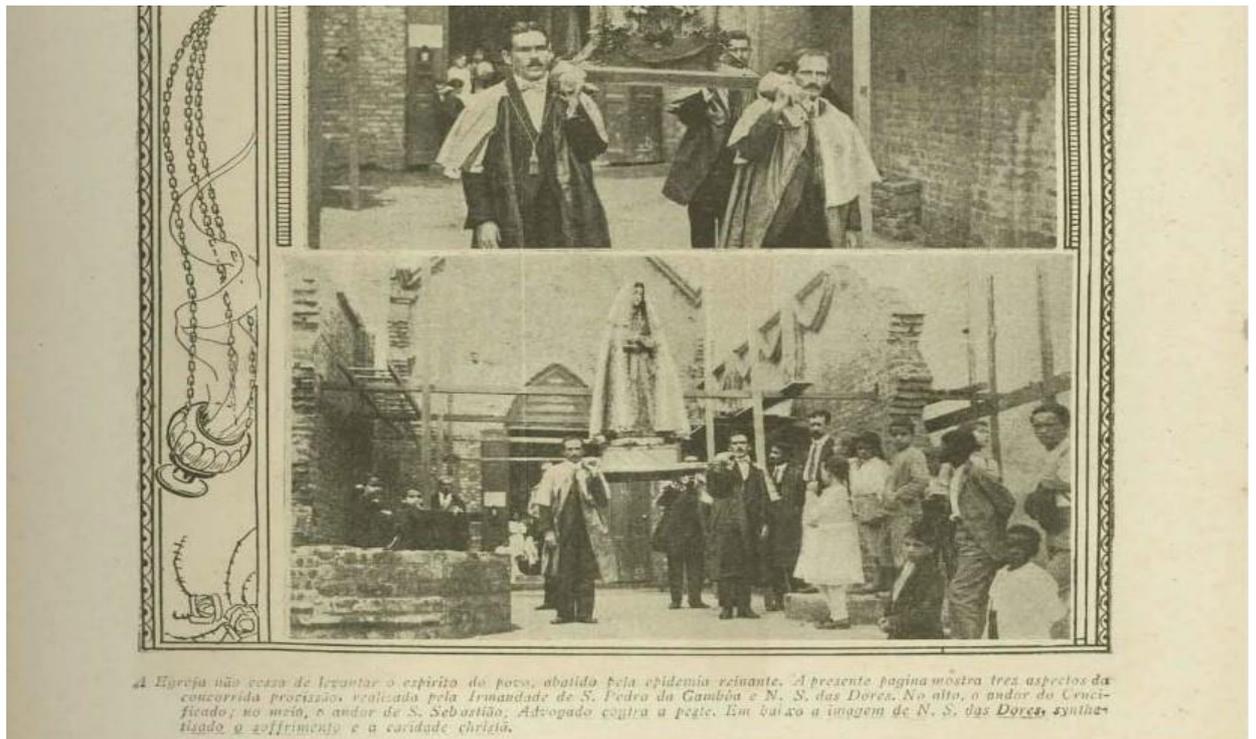
371 DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. p. 163.

372 DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. p. 192-193.

2 de Novembro



*As preces publicas
a Deus*



A Igreja não cessa de levantar o espirito do povo, abatido pela epidemia reinante. A presente pagina mostra tres aspectos da concorrida procissão, realizada pela Irmandade de S. Pedro da Gambia e N. S. das Dores. No alto, o andor do Crucificado; no meio, o andor de S. Sebastião, Advogado contra a peste. Em baixo a imagem de N. S. das Dores, symbolizado o soffrimento e a caridade christã.

Figura 47 - Revista *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.839 12. out. 1918, p. 25.
Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

Dom Sebastião Leme foi nomeado arcebispo do Rio de Janeiro em 1916, durante o governo Wenceslau Braz. Tinha como um de seus objetivos combater a indiferença religiosa, buscando maior manifestação da vida católica no cotidiano dos fiéis, contra um “catolicismo acomodado”, sem propaganda, apático. As manifestações religiosas durante o período epidêmico, parecem ir de encontro aos seus anseios de maior visibilidade do catolicismo na vida diária e dentro da ordem católica, direcionada e controlada pela Igreja, não como manifestações apenas da religiosidade popular (como os eventos do Contestado). Não deixa de ser um alívio para seus fiéis, colaborando, mesmo que indiretamente, para que o governo consiga manter o controle da situação³⁷³.

A população começa a sentir também alguns “efeitos colaterais” no período da pestilência. Um deles foi o aumento de preços de alimentos, que começavam a escassear. Os leitores dos jornais expressavam suas reclamações e exigiam medidas do governo para que baixasse os preços dos alimentos básicos, como ovos, frango, carne, cereais, pão e limão, este último usado na esperança de proteção contra a praga³⁷⁴.

Algo logo notado pelos desenhistas do período em diversas imagens.

373 VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. P. 133 -139.

374 BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, vol.4,n.1, pp.11-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 16/05/2018. p. 22.



Figura 48 - Revista *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.843 9. nov. 1918, p. 22. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

Raul Pederneiras com seu bom humor habitual, mesmo em tempos sombrios, mostra em charge intitulada “Onde pega o carro” (Figura) Um casal, com um homem doente coberto, com o pé sobre um ferro de passar a carvão com risco representando que ainda está quente e um fogareiro atrás, também funcionando, indicando que está com febre. No que o doutor na cena receita uma solução, indicando: “- Tome uma gota ao almoço e outra ao jantar.” no que é respondido pelo doente “- Sim, senhor; mas onde vou arranjar almoço e jantar?” indicando não só a doença, mas a pobreza do casal e, talvez a escassez de alimentos do período.

Em outra, intitulada “O programma”, o mesmo Raul Pederneiras retrata o candidato à presidência, Conselheiro Rodrigues Alves, já cotado como certo para assumir novamente o Catete, entre uma galinha e uma cesta de ovos e uma cerca ao fundo indicando uma granja. O ex-presidente promete: “- Agora que estou trepado no poleiro, vocês verão que os ovos não darão mais á casca e os gallinaceos terão a sua cotação justa.” Ele próprio contrai a Influenza e seria

vitimado por ela. Também apareceu em foto colorizada internamente na revista *O Malho* de nº 844 onde se publicou a charge.

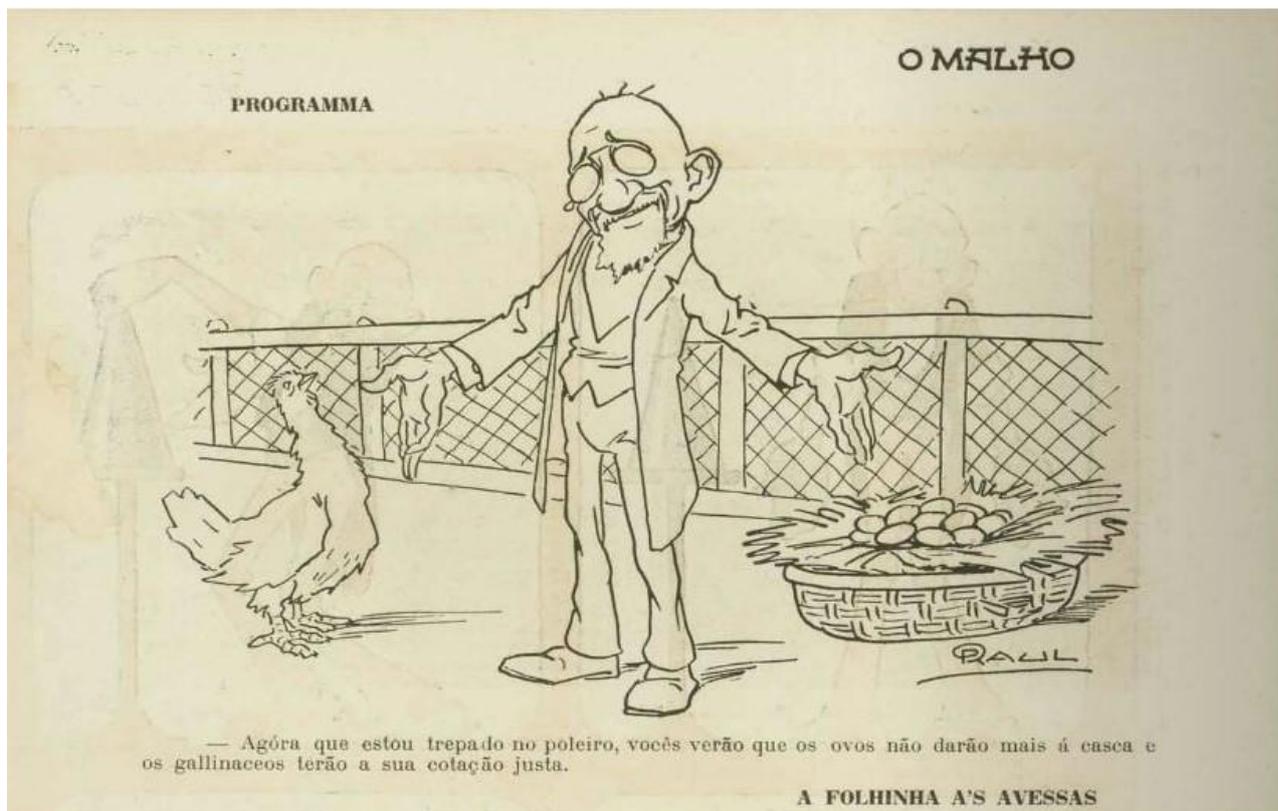


Figura 49 - Revista *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.844 16. nov. 1918, p. 23. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

A morte de Rodrigues Alves ajudou a perpetuar a impressão de que “La dansarina” era “democrática”, vitimando igualmente ricos e pobres. Os dados, porém, indicam que os moradores do subúrbio eram mais abatidos, ainda mais devido ao fato de que as ações profiláticas beneficiavam mais o Centro do que os subúrbios³⁷⁵. Na falta de orientações e alternativas, simpatias e receitas populares eram utilizadas pela população. Sal, tabaco, enxofre, limão, etc. eram só alguns dos elementos usados para tentar evitar e combater a epidemia. Até mesmo a DGSP (Diretoria-Geral de Saúde Pública, órgão que foi responsável pelas medidas de

375 BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, vol.4,n.1, pp.11-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 16/05/2018. p. 23.

combate às endemias de Oswaldo Cruz, na época da Revolta da Vacina), receitou métodos alternativos, distribuindo canela (!) para a população³⁷⁶.

Em uma carta em uma seção intitulada “Palestra feminina” de uma suposta leitora que assina como “Chrysanthème”, intitulada “Guerra, fome e peste!”, vemos a cobrança sobre a situação de calamidade e as medidas para solucioná-la. Um pouco longa, mas reveladora:

E que tem feito o governo?

Leio nos jornaes que amanhã elle aquillo, mas amanhã, amanhã, sempre amanhã” hoje, nada. Parece-me estar a ler aquelles annuncios que os vendeiros costumam pendurar ás suas portas: ‘Hoje não se fia, amanhã sim!

Entretanto, isso não póde ficar assim. Se os ricos ainda se podem submeter á exploração dos boticarios, os pobres, apesar das promessas ardentes do governo, deixam-se agonizar e morrer nas suas enxergas, bendizendo-se ao menos por podel-o fazer sem o ruido do canhão a troar-lhe ao ouvido. E só se ouve o tinir da campainha da Assistencia, em disparada pelas ruas desertas, enchendo de panico a alma daquelles que ainda não caíram, mas que têm certeza de que não ficarão impunes.

(...) Sou uma admiradora do Sr. Wencesláo Braz; mas, como mulher sincera e desinteressada que sou, aconselho-lhe a que se deshabitue do costume de hesitar sempre, de hesitar muito, hesitação que lhe complica sempre as melhores decisões. S. Ex. tem procedido muito bem e dignamente, indo visitar os doentes nos hospitaes, mas melhor seria que elle não tivesse tido doentes a visitar e que não estivessemos, todos nós, a tremer pelos que nos são caros, numa angustia e numa ancia cruciantes e terriveis.
(...)³⁷⁷

O governo não deixou de ser criticado. Uma charge foi a de Loureiro, representando um Adão e Eva modernos e uma cobra cabisbaixos, esperando que o agente do Comissariado de alimentação venha trazer maçãs para distribuir, em crítica tanto à falta de alimentos quanto à morosidade do governo em agir prontamente.

376 BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, vol.4,n.1, pp.11-30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701997000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 16/05/2018. p. 21-22.

377 O Paiz-segunda-feira, 21 de outubro de 1918, edição 12429. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%201918&pesq= Acesso em 20/05/2018.



Figura 50 - Revista *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.829 3. ago. 1918, p. 40.
Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

O funcionário é o Dr. Leopoldo Bulhões, que aparece em outra charge, esta de autoria de Loureiro, desta vez como um impotente e paralisado espantalho que nada faz diante dos pombos que defecam em cima dele e comem os alimentos que seriam do povo. A charge se chama “A carestia e o espantalho”. Logo abaixo do título lemos “Está causando pessima impressão o facto de terem subido de preço muitos generos alimenticios depois que foi creado o Commissariado da Alimentação, dirigido pelo Dr. Bulhões - (das nossas notas)”. Completa a cena um contrariado e enraivecido Zé Povo, que exclama “ZÉ: - É isso mesmo! Os açambarcadores são como os pardaes: descobriram a fraqueza do espantalho, e...também, eu nunca vi uma fraqueza d`esta força...”

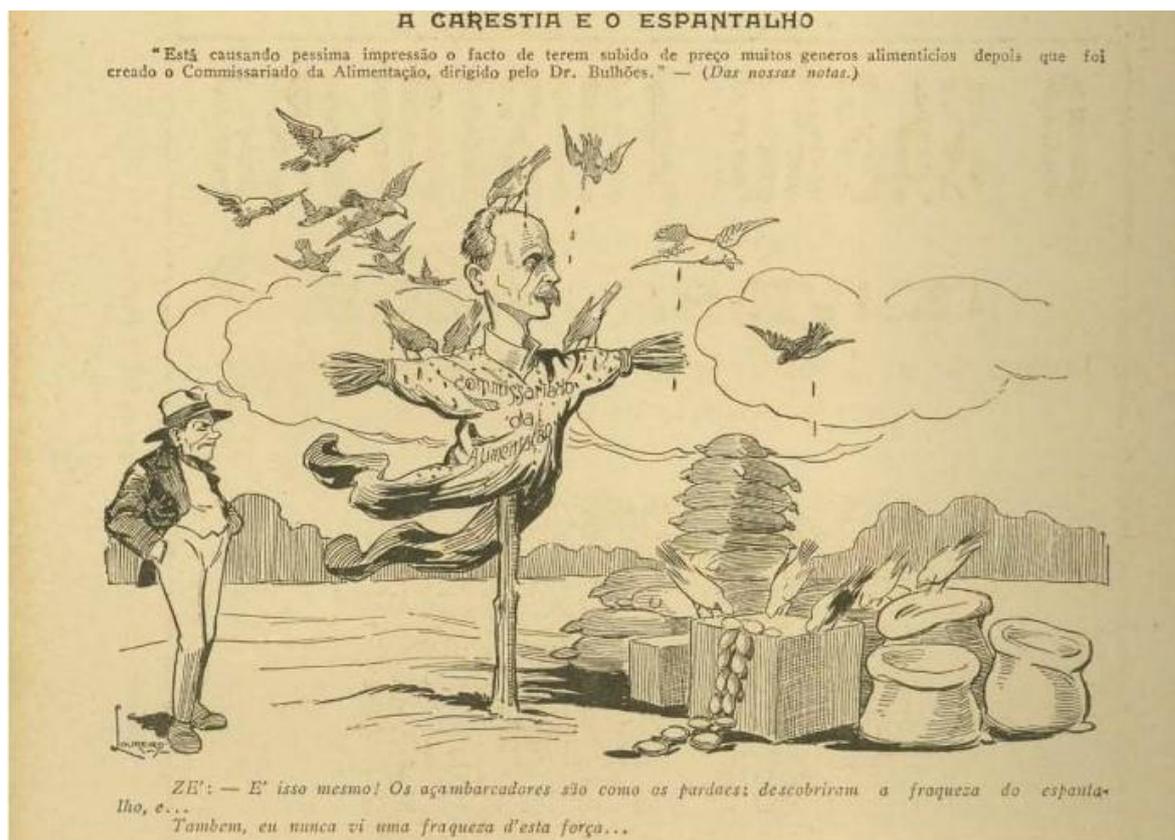


Figura 51 - Revista *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.829 3. ago. 1918, p. 21.
Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

O Zé Povo é uma figura de linguagem usada por diversos artistas em diferentes publicações representando as dificuldades do povo brasileiro diante das dificuldades cotidianas e criticando, muitas vezes fazendo uso da ironia e do deboche e de inteligentes observações, os políticos de sua época. Ao mesmo tempo em que se sentia impotente e restava-lhe o riso. Desnudou a vida pública brasileira durante quase todo o período da Primeira República, até começar a ser substituído pela figura do Jeca Tatu no imaginário coletivo e no uso gráfico³⁷⁸.

Ao mesmo tempo, a cidade silenciava sua cacofonia costumeira... bondes não circulavam, o comércio fechava suas portas (agravando a crise de abastecimento), escolas e repartições públicas não funcionavam, janelas não se abriam, os carros não circulavam e não emitiam seus sons. Uma ou outra alma viva ainda ousava circular, geralmente em busca de víveres para a família, ou de um auxílio cada vez mais incerto.

378 SILVA, Marco A. *Caricata República. Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990. p. 8;87

Algo que indignou a população foi a exposição pública de cadáveres, deixados do lado de fora das casas esperando remoção, provocando uma visão tétrica e dantesca e o tratamento dado aos corpos. O serviço de remoção do Cemitério São Francisco Xavier estava sendo feito em caminhões que amontoavam os cadáveres, em caixões ou mesmo despidos. A capa de *O Malho* 842, com Wenceslau Braz em meio a uma montanha de caixões, não era tão fantasiosa assim. Até mesmo 100 presos foram utilizados para os serviços funerários (50 da Casa de Correção e 50 da Casa de Detenção). "Por que ao menos, já que não se pode dar um caixão a cada um

desses mortos, não se cobrem os cadáveres com um pano de lona ou outro qualquer?", questionava um dos leitores de *O Correio da Manhã*³⁷⁹.

O próprio governo não se fazia mais representar. A prefeitura, a Câmara, o Senado, a Biblioteca Nacional, quartéis da Brigada Policial, serviços de telefone, bancos, faculdades, funcionários e médicos da Diretoria de Saúde e a Limpeza Pública (que deixou de recolher o lixo), também deixam de funcionar. Até mesmo estes últimos que seriam essenciais no período da calamidade.

Wenceslau Braz não buscou se refugiar no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, durante a epidemia, como muitos faziam em épocas de pestilência e no verão, quando as doenças afloravam. Seus biógrafos, em geral, não comentam sobre o episódio da gripe espanhola. No entanto, era preciso agir. Em 19 de outubro de 1918 o governo decreta feriado por três dias. O presidente passa a reunir-se com autoridades, como ministros, prefeito, chefe de polícia e da Saúde Pública. Ele mesmo e a Primeira-dama passam a atuar. Wenceslau visitando doentes, sua esposa participando de ações humanitárias, fazendo distribuição de alimentos (a esposa do ministro da Justiça repetiria o gesto da Primeira-dama) como mostra *O Malho* em dois momentos, exaltando a imagem do presidente e de sua esposa, principalmente em relação aos que passavam fome e necessidade naquele momento tétrico (Figuras 52 e 53).

379 *O Correio da Manhã*, 27.10.1918. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano%20191&pesq=
Acesso em 23/05/2018.

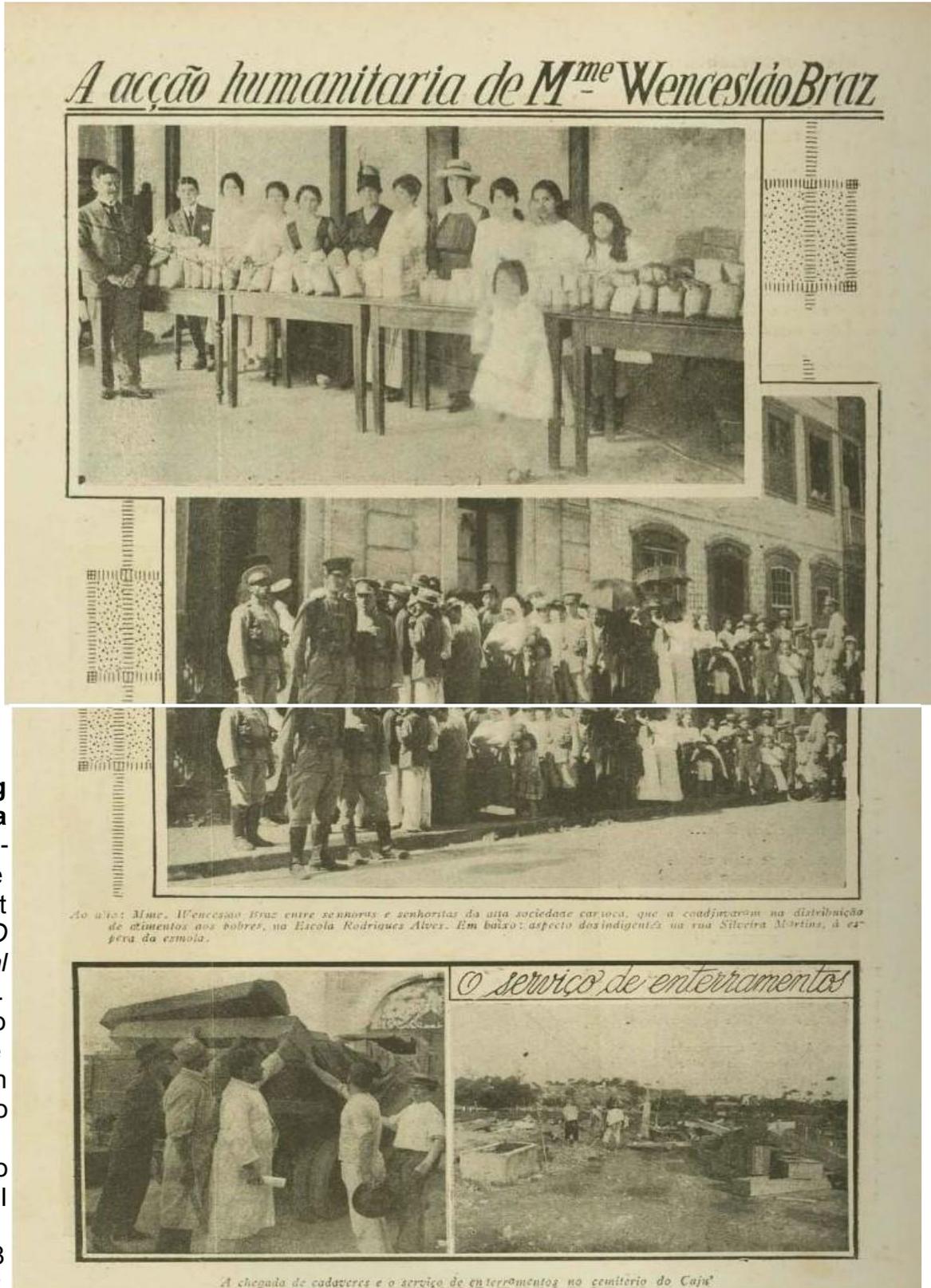


Figura 52 - Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVI I, n.8 42

2. nov. 1918, p. 27. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

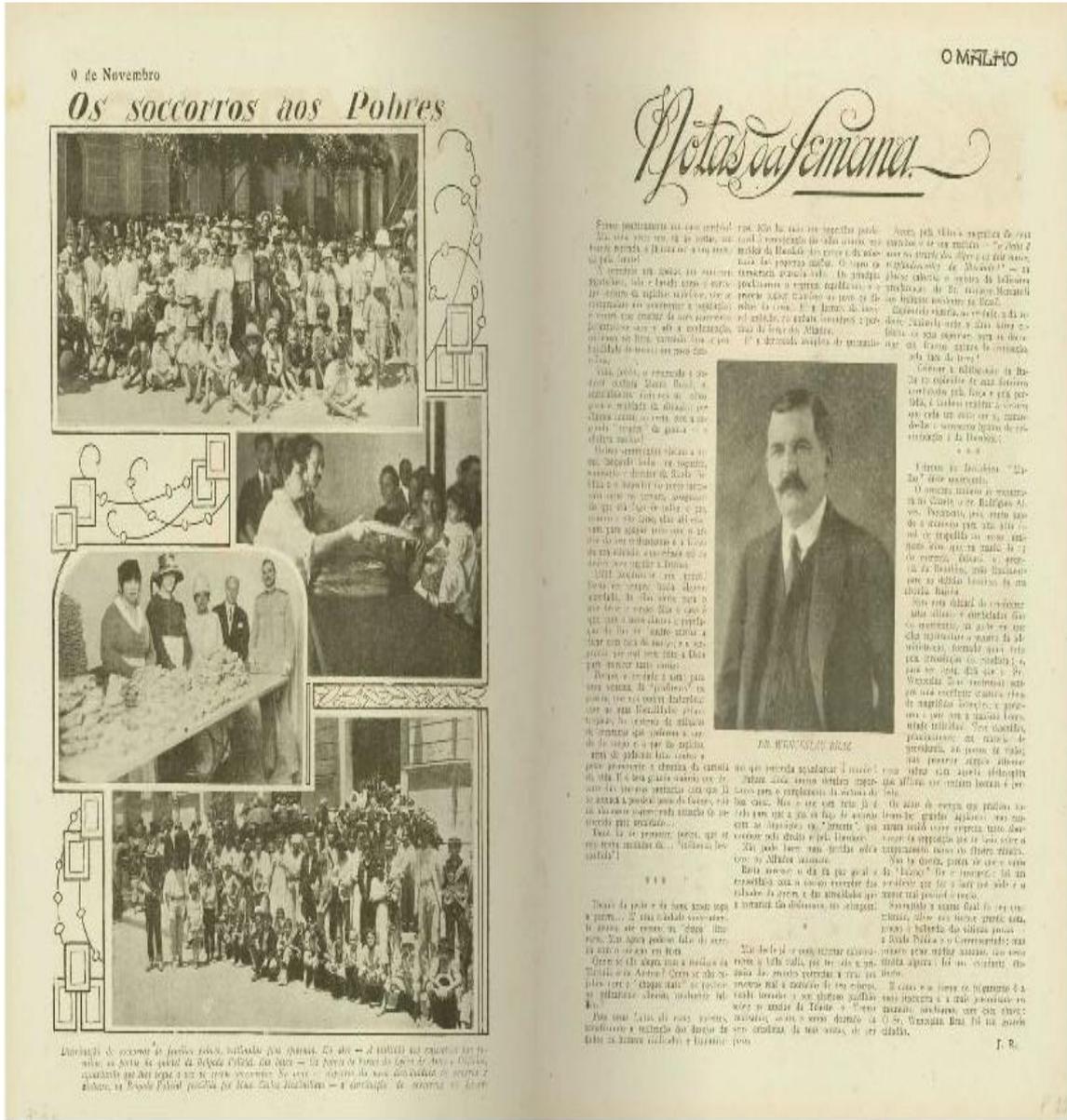


Figura 53 - Revista O Malho. Rio de Janeiro, ano XVII, n.843 9. nov. 1918, p. 17-18. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

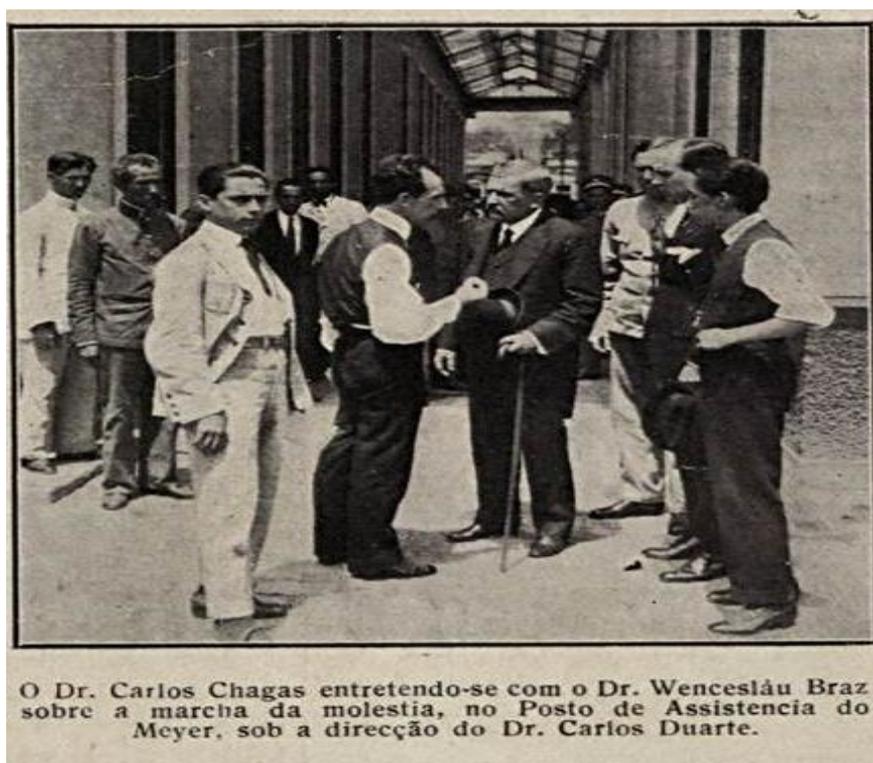
A Fon-Fon! também destaca a atuação do governo. Em editorial intitulado “A quinzena trágica”, destaca-se a imagem de perseverança de Wenceslau Braz e de figuras a ele relacionadas:

E embora o pânico tenha passado, é de esperar que o Governo não considere vencida a cruel etapa, procurando, ao contrario, por todos os meios, debellar o mal e evitar que elle venha a se fixar no Brasil, tranformado em endemia como a febre amarella de triste memoria, e assim concorrer para o descredito do paiz.

É confortador, entretanto, registrar nestas notas, a abnegação com que alguns elementos influentes no Governo e na sociedade teem procurado minorar o soffrimento da pobreza desvalida, com é o caso do Dr. Carlos Maximiliano e da Sra. Wencesláo Braz, cuja dedicação é um

exemplo de bondade e altruísmo. Também ao Dr. Carlos Chagas, o sábio director do Instituto Oswaldo Cruz, cabe aqui uma referencia especial pela maneira energica e prompta com que organizou os postos medicos de socorro, que teem sido, sem menor duvida, o melhor contingente na lucta contra a peste³⁸⁰.

Na mesma página, o presidente aparece em fotografia ouvindo atentamente as instruções do Dr. Carlos Chagas, passando uma imagem de infatigável, trabalhador em plena ação. Sempre atuante e respondendo com imagens as críticas sofridas.



O Dr. Carlos Chagas entretendo-se com o Dr. Wenceslão Braz sobre a marcha da molestia, no Posto de Assistencia do Meyer, sob a direcção do Dr. Carlos Duarte.

Figura 54 - Revista *Fon-Fon!* Rio de Janeiro, n.44, 2. nov. 1918, p.19.

Tais reportagens ajudam a explicar a popularidade de Wenceslão Braz ao fim de seu mandato e seu apelido de “Santo”. O presidente ordena a cunhagem de moedas e medalhas para os que se destacassem na prestação de serviços públicos no combate à epidemia. A cunhagem de moedas iria ser satirizada por Yantok, em uma série de quadrinhos onde critica médicos covardes, vendedores de aves que lucram com altos preços durante a crise, os pharmaceuticos ávaros, o provedor da “Santa” Casa (com aspas e acusado de ganância), os leiteiros que misturam água

no que vendem, aos falsificadores de remédios, a polícia, etc. Todos dignos de “medalhas”, mas sem mérito. Existe, porém, uma divergência entre governo, que declara que a epidemia está sendo vencida (como notícia em primeira página a manchete de *O Correio da Manhã* de 27 de outubro de 1918: “A palavra oficial assegura que o mal vae, felizmente, em evidente declínio”) e a percepção das pessoas, que continuam a conviver com seus efeitos. Enquanto, aparentemente, *O Malho*, tenta defender o presidente, jornais como *O Correio da Manhã* trazem manchetes fazendo cobranças ao governo, como a do dia de finados de 1918:

A Epidemia. As autoridades sanitarias cintnuam a affirmar o declinio do mal, mas o coefferente de mortos é ainda muito grande. Hontem morreram 438 pessoas. O Commissariado de ora em deante só satisfará pedidos de soccorros publicos por intermedio dos ministerios³⁸¹.

No fim de outubro, a cidade volta, aos poucos, a recuperar seus movimentos rotineiros. A epidemia vai passando, deixando um grande saldo de vítimas fatais, medo entre a população e a sensação de ingovernabilidade vai ficando para trás. O movimento pela Saúde Pública, por outro lado, se fortalece ao cobrar medidas do governo, abrindo espaço para cobrar a existência de um Ministério para a Saúde Pública mais adiante. Movimento este que, em última instância, também questionava a ordem oligárquica³⁸².

381 *O Correio da Manhã*, 2.11.1918. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano%20191&pesq= Acesso em 23/05/2018.

382 *Revista Fon-Fon*. Rio de Janeiro, n.44, 2. nov. 1918, p. 19.



Figura 55 - Revista *Fon-Fon!* Rio de Janeiro, n.44, 2. nov. 1918, p. 35. Aatoria de Yantok

CONCLUSÃO

Em entrevista, o comediante inglês Rowan Atkinson, famoso por personagens como Mr. Bean e Johnny English, faz uma reflexão sobre a natureza do humor e do riso:

É algo muito difícil, pois a própria natureza da comédia satírica está intrinsecamente ligada ao que é politicamente incorreto. Porque a comédia está muito ligada ao sofrimento. Se você está rindo de algo, é porque alguém está conceitual, ou fisicamente, passando por algo ridículo, ou sofrendo de qualquer forma. Fonte: <https://omelete.com.br/filmes/entrevista/omelete-entrevista-rowan-atkinson/> acesso em 09/06/2018

Henri Bergson, nos lembra que o riso é algo intrinsecamente humano, não existindo fora da humanidade. Entretanto, o riso traz em seu bojo, não só a alegria e o divertimento, mas também a insensibilidade, o rir de outrem³⁸³. Enquanto o drama pode gerar empatia e o compadecimento, "o cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito. Ele se destina à inteligência pura"³⁸⁴.

No entanto, segundo Bergson, esse riso, essa inteligência, precisa ser coletiva, precisa estar em contato com outras pessoas e outras inteligências. "Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso precisa de eco"³⁸⁵. Quanto mais cheia uma sala de teatro, maiores os efeitos do riso. Não por acaso foi criada a claque.

O riso precisa de um significado social. Rimos muitas vezes do involuntário, do desajeitamento. Neste estudo pudemos ver um pouco do riso aplicado às caricaturas e charges nas revistas ilustradas durante um certo recorte de tempo da Primeira República brasileira. Dois dos personagens mais retratados, comentados e satirizados pelos chargistas e caricaturistas do período foram o Marechal Hermes da Fonseca e o senador José Gomes Pinheiro Machado.

Os dois foram pintados de variadas formas: relação de dominação e dominado; superior e inferiorizado (Pinheiro Machado e Hermes); bonachão, ingênuo, pândego (Hermes); sério, rigoroso, dominador, adversário, sinistro e até

383 BERGSON, Henri. *O riso. Ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. p. 7.

384 BERGSON, Henri. *O riso. Ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. p. 8.

385 Idem.

mesmo defunto (Pinheiro Machado). "Quanto mais ressaltadas as diferenças, mais provável é a comicidade. As pessoas inexperientes e ingênuas parecerão ridículos(...)"³⁸⁶. Tais caricaturas eram apresentados semanalmente na imprensa ilustrada, mais como forma de crítica e menos como defesa dessas personalidades. Essa produção constante fazia parte do processo de formação de opinião e mobilização dessa opinião pública cada vez maior e mais intensa no Brasil republicano.

Estes assuntos e temas eram noticiados e entravam em pauta em grande parte através das escolhas dos *gatekeepers*, os formadores de opinião, dos jornais e revistas da época, com linhas editoriais e interesses intrinsecamente ligados à política da época. "Às vezes é o próprio indivíduo que revela involuntariamente os lados cômicos de sua natureza, de suas ações; outras, ao contrário, quem o faz é quem zomba"³⁸⁷.

O presidente seguinte, Wenceslau Braz, foi alvo de charges e caricaturas, algo praticamente inevitável desde o Segundo Reinado brasileiro. No entanto, nem de perto passou pelo mesmo nível de ridicularização e agressividade que eram destinados ao antecessor marechal Hermes e seu aliado Pinheiro Machado.

Obviamente, existiram caricaturas e charges que podem ser consideradas ofensivas e críticas ao "pescador de Itajubá", título aliás que foi usado em algumas charges, seja mostrando a mansidão do presidente, seja acusando-o de omissão em relação às coisas públicas para se refugiar no lazer sua amada cidade mineira.

A Primeira República conseguiu criar a estrutura federativa, o Supremo Tribunal Federal e o controle constitucional das leis, o Tribunal de Contas, a separação entre Igreja e Estado, a delimitação jurídica das fronteiras do país, incentivou ainda mais a imigração, etc. Por outro lado, acabou sendo palco de intensos atos repressivos, como Canudos, a Revolta da Vacina, a Revolta da Chibata, etc. Indicando a incerteza política que a acompanhou³⁸⁸.

Campos Sales tentou estabilizar a política republicana com sua "Política dos Governadores" ou, em sua visão, "dos Estados". Seria nos Estados que estaria o

386 PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Editora Ática, 1992. p. 62.

387 PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Editora Ática, 1992. p. 29.

388 LAFER, Celso. Prefácio. In: LESSA, Renato. *A invenção republicana. Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República Brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2015. p.13-15.

poder. Campos Sales eleva os chefes estaduais a administradores conjuntos dentro da República Oligárquica³⁸⁹.

Quando as dissidências e desacordos surgiam entre as oligarquias, essa pretendida harmonia entrava em sério risco. As sucessões presidenciais eram um dos momentos de tensão e que mereciam cuidados das elites. Momentos como a Campanha Civilista (1910), A Reação Republicana (1922) e, por fim, a Aliança Liberal (1930), punham em xeque os arranjos e os pesos políticos de cada unidade da federação e suas capacidades em articular alianças entre si³⁹⁰.

Se a eleição de Hermes da Fonseca por si só já representou uma cisão entre os principais estados oligárquicos, Minas Gerais e São Paulo, entre “civis” e “militares”, essa divisão foi amplificada ainda mais pela presença do senador Pinheiro Machado, que se utilizava da Comissão Verificadora de Poderes para escolher aqueles que seriam diplomados e aptos a assumirem cargos políticos ou não, buscando fortalecer o Rio Grande do Sul dentro da Federação e seus próprios projetos pessoais.

A imprensa não ficou alheia a toda essa movimentação política. Ao mesmo tempo em que se preocupava com o número de vendas e em notícias que chamassem a atenção dos leitores, a produção humorística passa a ocupar um lugar fixo e frequente no desenvolvimento da grande imprensa³⁹¹.

As empresas de comunicação se constituíam de modo menos panfletário e mais como empresas capitalistas voltadas ao lucro, modernizando seus parques gráficos, buscando atrair leitores/consumidores e servindo como espaço privilegiado para a propaganda, disseminando novos produtos, hábitos e modos de consumir. Modernos equipamentos de cozinha, móveis finos, roupas infantis prontas, calçados e empresas transnacionais de alimentos e higiene pessoal, como a Nestlé e a Colgate já apareciam como anunciantes na imprensa ilustrada, fazendo uso de belas imagens para atrair os leitores/consumidores, indicando seu público principal tinha um certo poder aquisitivo cobiçado por essas empresas. Os artistas e humoristas da época também participavam do mercado publicitário, com dizeres (Se é “Bayer, é bom”, por exemplo), ilustrações, versos, etc. Inclusive usando caricaturas dos presidentes e políticos da época como personagens para passar a mensagem dos

389 LESSA, Renato. *A invenção republicana. Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República Brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2015. p.259.

390 LESSA, Renato. *A invenção republicana*. op. cit. idem.

391 BORGES, Vera Lúcia Borgea. *A batalha eleitoral de 1910*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.p.184-185

produtos a serem oferecidos ao público. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, anunciantes importadores mostram mais claramente seus posicionamentos políticos.

Mesmo o cômico possui limites. Segundo Elias Thomé Saliba, o Cômico era considerado negativo quando se fazia rir às custas de alguém, de algum ressentimento ou conflito social. Contudo, justamente os momentos de crise seriam os mais propensos a aparecer esse tipo de humor que, “ao canalizar ódios e ressentimentos, transforma-se numa forma privilegiada, embora efêmera, de representação da sociedade.” muitas vezes criando-se um humor “contra algo” ou “contra alguém”³⁹². As representações humorísticas participaram intensamente do processo de invenção da imaginação nacional e foram usadas para a construção de tipos e estereótipos³⁹³.

As charges e caricaturas fazem parte do processo de modernização e popularização da imprensa nos tempos da *Belle Époque*, sendo também uma alternativa ao texto escrito³⁹⁴. Para Marco A. da Silva o trabalho do caricaturista reflete uma série de relações entre estes, seus editores e seu público:

Isso significa que as caricaturas contêm tanto o ato de ver – do próprio caricaturista, de seus editores, de seus apreciadores – como o de fazer ver: elaboração, pelo caricaturista, no universo da cultura visual onde atua; possibilidade de circulação ampliada, através da edição; comentários entre os apreciadores. Diante de uma caricatura, o desenhista, os editores, os apreciadores e os pesquisadores experimentam aqueles caminhos que significam a produção de determinadas interpretações sobre o mundo, o contato com essas interpretações enquanto interpretações (e não linguagens ‘naturais’ ou espontâneas), as articulações entre essas e outras interpretações.³⁹⁵

Configura-se assim uma série de relações a partir das caricaturas, dos seus temas e das interações sociais por ela proporcionadas.

A imprensa cumpria também um papel político em suas preocupações e ocupações. O próprio Campos Sales não tinha pudores em admitir que manifestava a sua opinião através da imprensa durante seu mandato. Dispunha inclusive de uma

392 SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 113.

393 SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. Op. Cit. p. 32.

394 BORGES, Vera Lúcia Borgea. A batalha eleitoral de 1910. op. cit. p. 284.

395 SILVA, MARCO A da. “História: um lugar da caricatura”. In LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008, p.359-360. Apud BORGES, Vera Lúcia Borgea. A batalha eleitoral de 1910. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p.289.

verba governamental secreta para a compra de opiniões de jornais e jornalistas, assumindo e as responsabilidades de seu ato³⁹⁶.

Mantenho ainda agora a convicção da legitimidade do ato perante a moral social. Debaixo de instituições que tiram da opinião a origem de todo poder e que com ela devem viver, e num país, entretanto, em que os estadistas estrangeiros podem maravilhar-se de ver *imprensa sem política* e *partido político sem imprensa*, só resta fatalmente ao governo o recurso do jornalismo industrial³⁹⁷.

Mais do que veículo para opiniões e plataformas políticas, para a imprensa da época importaria o fato político, endeusando aqueles que apoia ou *destruindo a pessoa, o indivíduo*³⁹⁸. A virulência com que os adversários são constantemente atacados tornam-se a tônica dos jornais e revistas de oposição. O presidente Hermes da Fonseca e o senador Pinheiro Machado foram constantemente, semanalmente bombardeados com críticas, denúncias e acusações.

Nelson Werneck Sodré aponta que neste período “(...) é mais fácil comprar um jornal do que fundar um jornal; e é ainda mais prático comprar a opinião do jornal do que comprar o jornal”³⁹⁹. A imprensa passa a se constituir como formadores de opiniões e influentes em épocas de sucessão presidencial⁴⁰⁰.

Apesar de sua aparência inocente e divertida, as revistas ilustradas também possuíam suas opiniões e preferências políticas. As charges e caricaturas não eram apenas para divertir e atrair a atenção dos leitores (costumeiros e potenciais), mas também serviam para combater a imagem pública do político adversário. O riso passa a ser uma ferramenta de crítica, de desarmar e de desmoralização dos alvos políticos. Longe de serem algo aleatório e corriqueiro, existiria uma intencionalidade na sua produção e circulação.

“A função social da charge é transformar a notícia – o fato político – numa consciência sobre ela. A charge repercute atos, situações, emoções e sentimentos difusos que o dia a dia da política partidária produz. (...) Desse modo, a charge se torna cúmplice do leitor porque canaliza a sua agressividade natural e impulsiva diante de fatos e sujeitos políticos em relação aos quais ele não tem como se expressar; um canal de acesso à crítica política, dizendo o que o leitor comum não tem condições de fazer.

396 SILVA, MARCO A da. “História: um lugar da caricatura”. In LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008, p.359-

360. Apud BORGES, Vera Lúcia Borgea. *A batalha eleitoral de 1910*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p.289.

397 SALES, Campos. *Da propaganda à presidência*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983. p. 179.

398 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977. p. 317.

399 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. op. cit. p. 315.

400 SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit. p. 316.

Ela é uma espécie de catarse cotidiana e coletiva que vinga a cidadania, expressando seus sentimentos, suas emoções, sua revolta, até então muda.⁴⁰¹

No caso de Wenceslau Braz, inicialmente pairava alguma incerteza sobre suas intenções e posições. Por um lado, era vice-presidente do combatido Marechal Hermes e aliado de Pinheiro Machado, acusado de indolente e omissos ao se retirar para Itajubá, se afastando da política cotidiana da Capital Federal durante o quadriênio.

Ao iniciar a sua própria gestão presidencial e demonstrar que não seria submisso aos mandos e desmandos de Pinheiro Machado, passou a ocorrer uma mudança na postura e tratamento, com Wenceslau passando a ser visto como aquele que partiria para o enfrentamento e para dar um perfil próprio para seu governo.

Com a morte do senador gaúcho, passam a ocorrer charges mostrando Wenceslau como o presidente que estava ao menos tentando resolver os problemas nacionais, como a crise econômica (cortando gastos, refletindo sobre o que fazer, etc.), resolvendo a situação do Contestado (ambas herdadas da gestão anterior), a eclosão da Primeira Guerra Mundial, etc. Existiam críticas, mas bem mais sutis do que as sofridas pelos governantes anteriores.

Nenhum dos “coroneis” políticos de Minas Gerais, nenhum dos líderes políticos regionais conseguia governar sozinho, sendo formado um colegiado de chefes originais, onde se formava uma espécie de mini-sistema federal no interior do Estado. Silviano Brandão foi um dos “supercoroneis” em volta dos quais outros gravitavam dentro da facção dos silvianistas. Wenceslau Braz e outros “notáveis” do sul de Minas passaram a ter cada vez mais influência política. Com a morte de Silviano, também Wenceslau se torna uma espécie de “supercoronel”, conseguindo chegar à presidência da República com a missão de recuperar a economia, a estabilidade política e econômica e a aliança “Café com Leite” com São Paulo⁴⁰².

Os biógrafos de Wenceslau Braz, em geral, exaltam sua figura. Até mesmo suas idas frequentes a Itajubá é pintada como “estratégia” política de afastamento do cenário político dominado pelo “caudilho” Pinheiro Machado. O mais equilibrado dos utilizados na pesquisa foi Hélio Silva, dentro das coleções “Os presidentes” e

401 TEIXEIRA, LUIZ Guilherme Sodré. As charges como editorial IN TEIXEIRA, LUIZ Guilherme Sodré (org.). *O civilista*. Rui Barbosa no imaginário político dos chargistas brasileiros. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012. p. 171.

402 WIRTH, John D. O fiel da Balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.159, 209.

“História da República brasileira”. Outros, como José Armelin Bernardo Guimarães (neto de Bernardo Guimarães, autor de “A Escrava Isaura”), exaltam a figura do presidente quase como uma figura mística, comparável a grandes figuras históricas e associado a grandes eventos.

Um exemplo é o relato sobre o nascimento de Wenceslau Braz na sua visão:

Em 26 de fevereiro de 1868, naquele mesmo fevereiro em que os brasileiros, na guerra com o Paraguai, escreviam, com sangue valente, nas páginas imortais da História na passagem de Humaitá, na tomada do Estabelecimento e do forte de Laureles, vinha ao mundo o menino que, pelas águas lustrais derramadas pelo Padre Feliciano José Teixeira, recebia o nome de Wenceslau, deixando em festas o lar do Cel. Chico Brás e de D. Isabel. Êsse dia e mês marca o berço de ilustres figuras universais, entre outras Vitor Hugo e Camilo Flamarion. A casa centenária em que se deu o acontecimento ainda está de pé, na Rua Capitão Gomes, em Brasópolis. Nela funciona atualmente o Ginásio “Wenceslau Brás”, e foi em um de seus quartos que nasceram todos os outros filhos de seus quartos que nasceram todos os outros filhos do Cel. Francisco Brás Pereira Gomes e em que se deu o seu passamento em 1914.⁴⁰³

Note-se que Wenceslau estava assim, sendo associado à valentia, patriotismo e sacrifício dos Brasil e dos brasileiros na Guerra do Paraguai, aos fundadores da região Brasópolis/Itajubá, à tradição, solidez e continuidade de sua família, a personalidades, como Vitor Hugo e Camille Flamarion.

Pedro Cavalcanti foi oficial da Casa Militar da Presidência. Isso colabora, por um lado, em sua redação, uma vez que fora observador privilegiado, atuando ao lado de Wenceslau Braz. Porém, também faz um retrato do presidente quase como o de um predestinado.

O Dr. Wenceslau Braz percebeu, de relance, que peso lhe caía aos ombros, e do quanto era preciso praticar em todas as esferas de iniciativa do poder público, dá-lhe a medida do empenho a vigília em que viveu por quatro anos, exercendo uma ação pessoal sem contraste a todas as horas, ministro de todas as pastas, minucioso, quebrantando resistências no cumprir serenamente o dever, exemplo ele mesmo de energia, severidade, moderação, prudência e tato, não adiantando para amanhã o que era para hoje, anotando sobre tudo, ouvindo com igual polidez a todos, lendo ele próprio a correspondência sua, atentando, com zelo, para as sugestões diárias da imprensa, tudo num seguro equilíbrio de trabalho e tempo, assistido por uma memória excepcional que erigia o homem em agente e fiscal de si mesmo e de todos...⁴⁰⁴

403 GUIMARÃES, José Armelin Bernardo. *Wenceslau Brás. O mineiro que dobrou o Candilho*. Biografia comemorativa do centenário de nascimento de Wenceslau Brás publicada no jornal “O sul de Minas” entre os dias 25/06/67 e 28/01/68. Itajubá (MG). Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/VB/textual/wenceslau-bras-o-mineiro-que-dobrou-o-candilho-biografia-comemorativa-do-centenario-de-nascimento-de-wenceslau-bras-publicada-no-jornal-o-sul-de-m> Acesso em 22/06/2018. p. 5.

404 CAVALCANTI, Pedro. *A presidência Wenceslau Braz (1914-1918)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983. p. 22.

Incansável, atencioso, dono de uma memória eidética, capaz de fornecer o exemplo que outros homens deveriam seguir. Com isso, tais autores vão moldando o “mito” Wenceslau, que de criticado, chega a ser intitulado “Santo”, após seu mandato e as realizações de seu mandato, colaborando na construção de sua memória.

Após cumprir seu quadriênio, Wenceslau havia conseguido delimitar as fronteiras entre Paraná e Santa Catarina, “dobrar o caudilho” Pinheiro Machado, equilibrar a economia e o déficit público, levar o Brasil a participar da Primeira Guerra Mundial, solucionar as duplicatas e “casos” de duplicidade de poderes em diversos estados, lidou com a gripe espanhola, assistiu à emergência do movimento operário, etc.

Após o fim do mandato, retorna para sua amada Itajubá, afirmando que após chegar ao “posto máximo da nação”, um homem não poderia almejar mais nada. O que não quer dizer que, entre suas pescarias e cuidados com a família, amigos e pescarias, Wenceslau estivesse alheio ao que acontecia com o país.

Ao contrário. Wenceslau Braz continuou influente, respeitado e atento aos rumos políticos do país. Um exemplo é uma foto onde Getúlio Vargas e o general Eurico Gaspar Dutra vão visitá-lo em Itajubá, indicando mão apenas uma visita cordial, mas uma tessitura de alianças entre as partes. Durante os eventos que culminaram na chamada Revolução de 1930 Wenceslau fazia parte da comissão executiva do PRM e esteve presente em reuniões de cúpula partidária, apoiando os compromissos assumidos por Antônio Carlos com a reação armada contra o presidente Washington Luís⁴⁰⁵.

Em 1931 Wenceslau fez parte da Legião Mineira, organização que contava com apoio oficial para aprofundar as reformas introduzidas pela Revolução de 1930, teve importante participação no chamado “Acordo Mineiro”, fruto das negociações do PRM e da Legião Mineira para criar um só partido para dar base política para Olegário Maciel e Vargas, sendo ainda membro fundador do Partido Social Nacionalista (PSN) do qual resultou o Acordo Mineiro e fez parte da Comissão diretora⁴⁰⁶.

405 <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/wenceslau-bras-pereira-gomes> Acesso em 14/10/2018.

406 <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/wenceslau-bras-pereira-gomes> Acesso em 14/10/2018.

A participação de antigos políticos da Primeira República em períodos posteriores não é exclusividade de Wenceslau. Um outro exemplo foi o de Artur Bernardes, que apoiou a Revolução de 1930, depois a Revolução Constitucionalista paulista de 1932, foi deputado federal em 1934, signatário do Manifesto dos Mineiros de 1943, ingressou na UDN com a redemocratização e fundou o Partido Republicano (PR)⁴⁰⁷.



Figura 56 - Wenceslau Brás, Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra

[16/07/1939 (Data certa)] Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/VB/audiovisual/wenceslau-bras-getulio-vargas-e-eurico-gaspar-dutra> Acesso em 23/06/2018

No caso de Wenceslau, seu aparente afastamento da política nacional e refúgio em Itajubá não significa que se afastou completamente da política. Continuou atento ao que ocorria. Mesmo após se afastar “em definitivo” em 1947, após apoiar a candidatura de Milton Campos da UDN para o governo Mineiro, depois dele mesmo ter sido cogitado⁴⁰⁸. Um exemplo de sua atenção, é o poema que fez relativo ao novo grupo de políticos mineiros que conseguiram apoio e oportunidade de chegar ao poder com as alterações decorrentes da Era Vargas. Intitulado “História ao pé da Letra de um coice ao pé do ouvido” várias figuras são citadas por ele, Benedito Valadares, Homem-forte de Vargas em Minas com sua grei; José Maria Alkmin,

407 Artur Bernardes. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/artur_bernardes acesso em 23/06/2018.

408 <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/wenceslau-bras-pereira-gomes> Acesso em 14/10/2018.

ministro da Fazenda do presidente Juscelino “Ku-bitschek” (aqui com uma grafia que talvez seja de insulto), José Francisco Bias Fortes, Pedro Dutra, João Beraldo, etc. Políticos de destaque durante o período da experiência democrática (1945-1964). No poema, vemos críticas e poemas, além de indicar que o melhor teria sido escolher Wenceslau Braz e que havia um sorriso pro dentro com a “chance do Brigadeiro” (Eduardo Gomes, candidato pela UDN à presidência da República). Embora (ou talvez por isso mesmo) Juscelino Kubitschek, quando governador de Minas Gerais, tenha ido se encontrar com Wenceslau Braz, em Itajubá em 1952⁴⁰⁹.

História ao pé da letra de um coice ao pé do ouvido:

Não foi rasteira – antes fosse:
o que houve em Minas foi coice
Em pleno curral Del Rei,
Onde o rei dos cavaleares,
Benedito Valadares,
Convocara a sua grei.

Havia uma convenção
Já marcada de Antemão,
Para a escolha, entre cortinas,
Como negócio em família
De quem faria a partilha
Do honrado queijo de Minas

Na terra de Tiradentes,
Duas alas, disse-dentes
Do partido maior,al,
Apesar de cão com gato,
Já tinham feito um contrato,
Com fiança do General.

409 BESSONE, Darcy. *Wenceslau. Um pescador na Presidência*. Belo Horizonte: Sociedade de estudos históricos Pedro II. 1968. Anexo de fotos.

O candidato da paz
Seria Venceslau Braz
Com essa manobra sonsa,
Afastavam-se os perigos...
Abraçaram-se os amigos,
Inclusive o amigo da onça...

O amigo da onça, está dito,
É o maldito Benedito,
Golpista do Estado no ovo,
Esse estado interessante,
Que desovou num instante,
Para bem geral do povo.

Benedito no comando,
Fez conluio com seu bando,
O bando de canibais,
Que nas gordas sinecuras,
Montado nas prefeituras,
Explora Minas Gerais.

Eis, reuniu-se a grande súcia
Da chifrinagem, da astúcia,
Políticos deitos a esmo;
Na escola do filhotismo,
Na escola do solecismo
Do “eu me fiz por si mesmo” ...

De onde vem Zé Alkimin,
Para estar tão grande assim?
Da prisão da D. Estela,
Que lá em Neves dirigia,
Mas, por justiça, devia
Estar é lá dentro dela...

Juscelino da Pam-pulha,
Sátiro acabado, um pulha,
É o que vale o Ku-bitschek...
O nome começa mal,
Mas fica salva a moral,
Quando tudo acaba em cheque,
Na vida desse moleque.

Eis um outro cavalheiro...
De indústria – Israel Pinheiro!
Os mortos depressa somem:
O pai era um homem nobre,
O pai era um homem pobre...
E o filho, apenas, pobre homem...

Du...bias, de Barbacena,
A cena é bárbara, obscena,
Mais do que este trocadilho.
O pai já foi presidente,
Mas entrando pela frente:
Pelos fundos entra o filho...

Com “conversa ao pé do ouvido”,
Não dica de pé, duvido...
Pelo pé se vê quem é:
Pé de cabra, pé de pato,
Pé de meia, o candidato
Pensa e fala pelo pé...

O Bias, forte na pata,
Só com o Benedito empata;
Patacuada, é a sua norma;
Patuleia é seu teatro;

Pateando sempre de quatro,
Seu programa é pata-forma.

O monstrengo Pedro Dutra,
Que rima com Brahma putra,
Rio da terra de eunucos,
Tem triste fama na Mata,
Onde domina com a pata
E com a força dos trabucos...

O banqueiro João Beraldo
No caso também tem saldo,
Pois é o caso de inflação...
Feio, fôfo, fútil, falso,
Morrendo no cadafalso,
Faria uma boa ação...

Todas essas e outras crias
Do Benedito e do Bias,
Tramaram o cambalacho
Em que a traição se sublima,
Para ficarem por cima,
Ficando Minas por baixo

Protesta o Mello Vianna
Contra a tramóia leviana;
Fazendo o sinal da cruz,
Deixa a tábola redonda
Redondamente hedionda,
Sem ar, sem luz, sem o Luz...

Bernardes também protesta;
A tocaia é manifesta...
Protesta o povo mineiro

Contra a camorra e os ardis,
 Mas, por dentro, ri feliz.
 Com a “chance do Brigadeiro”.

Depois do estouro do Curro,
 Desceram no próprio enxurro
 Os azes da barafunda;
 Benedito, então explica,
 Replica, implica, complica;
 A nausea abunda; ele afunda...

Eis a história em pormenores,
 Imprópria para menores,
 Que causou tão grande alarme;
 Foi um coice ao pé do ouvido...
 E diz o autor que, a pe ...dido
 Vai dar bis..., mas já vai tarde.

Pé Lourinho

No balcão de uma farmácia, na cidade mineira de Lambary, lê-se a pitoresca quadrinha:

“Esta lousa branca encerra
 Benedito, o sacripanta.
 Enquanto ele baixa à terra
 Nossa terra se levanta.”

Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/VB/textual/historia-ao-pe-da-letra-de-um-coice-ao-pe-do-ouvido-poema-sobre-o-fim-do-estado-novo-a-queda-de-valadares-e-a-politica-mineira-s-l> Acesso em 19/01/2018

Darci Bessone também colabora com essa visão, indicando que Wenceslau Braz continuou sendo consultado em diversos momentos. Buscou uma saída não revolucionária para o impasse sucessório criado por Washington Luís, acabando por

apoiar a Revolução de 1930⁴¹⁰. O apoio de Wenceslau a Olegário Maciel, preterido por Vargas em favor de Benedito Valadares ajuda a explicar seu poema contrário a este político. Foi procurado por ambos os lados da Revolta Constitucionalista e também para suceder a Getúlio Vargas após o governo Constitucional do mesmo⁴¹¹.

O período do Estado Novo teria sido de um descanso maior dos assuntos políticos, mas tão logo o regime estado-novista chegou ao fim, foi cogitado para o governo de Minas Gerais, com oposições ao seu nome⁴¹².

José Maria Bello, ao falar de Wenceslau Braz, o considera “Paciente, contemporizador, maleável, tolerante por índole e cálculo”⁴¹³. Apesar de estar constantemente envolvido no meio político, o “Pescador de Itajubá”, mesmo sendo criticado em sua época, conseguia ser discreto e se aproveitar do contexto da época para se resguardar ao máximo, fugindo dos holofotes, o que dificultava a vida dos caricaturistas sobre ele. Mesmo em casos, como seu envolvimento nas questões sanitárias que precederam a Revolta da Vacina, não costumam ser lembradas. No caso do tratamento dispensado a ele pela *Careta* e por J. Carlos, passado o “perigo” Hermes-Pinheiro, a revista fica “livre” para elencar outros temas.

O governo Wenceslau estava dentro dos acordos e alianças de governo que valiam para cada mandato, aquele momento. Passada aquela situação, as alianças eram revistas e alteradas⁴¹⁴. Sua trajetória presidencial sofreu com isso desde as interferências de Pinheiro Machado e do PRM, que quase o excluíram da corrida presidencial e em seu início, quando a imprensa ilustrada ainda o via como continuidade do período Hermes-Pinheiro, até conseguir mostrar que não cederia às ingerências externas. Embora sempre cobrado pela situação de carestia (caso da *Fon-Fon!*), passou a ser considerado como apoiado pela opinião pública (caso da *Careta*).

Um caso pitoresco, como o de pedido de ajuda para ninguém mais ninguém menos que a “Tia” Ciata (Hilária Batista de Almeida), cozinheira, “mãe de santo” (lalorixá) filha de Oxum e uma das figuras centrais no surgimento do samba carioca. Wenceslau estava com uma ferida na perna que os médicos não conseguiam curar.

410 BESSONE, Darcy. *Wenceslau. Um pescador na Presidência*. Belo Horizonte: Sociedade de estudos históricos Pedro II. 1968. p. 288.

411 BESSONE, Darcy. *Wenceslau. Um pescador na Presidência*. op. Cit. p. 291.

412 BESSONE, Darcy. *Wenceslau. Um pescador na Presidência*. op. Cit. p. 294.

413 BELLO, José Maria. *História da República 1889-1954*. Síntese de sessenta e cinco anos de vida brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. P. 234.

414 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. Uma revisão da “política café com leite”. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.p.13.

Após seguir os conselhos da entidade que ela incorporou, Wenceslau teve a perna curada. Em agradecimento, conseguiu um emprego no gabinete de polícia para seu marido⁴¹⁵.

Quem já foi rei (ou já sonhou em ser imperador) não perde a majestade, mas conseguiu chegar à presidência e ir além, tornando-se “São” Wenceslau na difícil tarefa da política brasileira, com alma de pescador interiorano.

415 MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. P. 137-139.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias digitalizadas

Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional

- *Careta*
- *O Correio da Manhã*
- *Fon-Fon!*
- *Gazeta de Notícias*
- *O Gato*
- *Revista Ilustrada*

Projeto *O Malho* da Fundação Casa de Rui Barbosa

Biblioteca Digital do Senado

Portal FGV/CPDOC

Publicações

ABREU, Alzira Alves de et. al. *Dicionário Histórico-biográfico Brasileiro pós-1930*: Rio de Janeiro. CPDOC-FGV. 1 CD-ROM.

ABREU, Marcelo de Paiva (org.) *A ordem do Progresso. Cem anos de política econômica republicana 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

AGOSTINI, Angelo. *As Aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883*/Angelo Agostini; pesquisa, organização e introdução Athos Eichler Cardoso. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013. Disponível em <http://livraria.senado.leg.br/as-aventuras-de-nho-quim-e-ze-caipora.html> acesso em 12/05/2018.

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. *O fato gráfico. O humor gráfico como gênero jornalístico*. 2007. 249f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Os presidentes e a República*. Rio de Janeiro: 2001.

BACKES, Ana Luiza. *Fundamentos da ordem republicana: repensando o Pacto de Campos Sales*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UnB, 1993.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/policarpoE.pdf> 24/05/2018.

BARRETO, Paulo (João do Rio). *A alma encantadora das ruas*. Disponível em <objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/alma_encantadora_das_ruas.pdf>. Acesso em 29/12/2017.

BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BEIGUELMAN, Paula. *Pequenos estudos de ciência política*. 2ª edição ampliada. São Paulo: Livraria Pioneira editora.

BELLO, José Maria. *História da República 1889-1954*. Síntese de sessenta e cinco anos de vida brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 145,148. Disponível em <<https://docgo.net/259283276-o-anjo-da-historia-walter-benjamin>>. Acesso em 27/12/2017.

BESSONE, Darcy. *Wenceslau: um pescador na presidência*. Belo Horizonte: Sociedade de Estudos Históricos Pedro II, 2ª edição, 1987.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 2001.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. UnB/Imprensa Oficial de São Paulo. CD – ROM.

BORGES, Vera Lúcia Borgéa. *A batalha eleitoral de 1910*. Imprensa e cultura política na Primeira República. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

BRANDÃO, Carlos Alberto. *O que é Educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

_____. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BRITO, Nara Azevedo. “La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro.” *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, mar.-jun.1997.v.4, n1. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n1/v4n1a01.pdf>> Acesso em 16 de maio. de 2018.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. O uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CALDEIRA, Jorge. *História da Riqueza no Brasil*. Cinco séculos de pessoas, costumes e governos. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier editora, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier editora. 2012.

CARONE, Edgard. *A Primeira República (1889-1930)*. Texto e contexto. São Paulo: Difel, 1969.

_____. *A República Velha (evolução política)*. São Paulo: Difel, 1971.

_____. *O pensamento industrial no Brasil (1880-1945)*. São Paulo: Difel, 1977.

_____. *A República Velha: instituições e classes sociais*. São Paulo: Difel, 1978 a.

_____. *O centro industrial do Rio de Janeiro e sua importante participação na economia nacional (1827-1977)*. Rio de Janeiro: CIRJ/Cátedra, 1978b.

_____. *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual*. Dados. Vol 40, nº2. Rio de Janeiro: 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200003>. Acesso em 15/09/2016.

_____. As forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. IN FAUSTO, Bóris (direção) *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III. O*

Brasil Republicano. Volume 2. Sociedade e instituições (1889-1930). 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *A construção da ordem: a elite política imperial/Teatro das sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CASTRO, Sertório de. *A república que a revolução destruiu*. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/sertorio.pdf> acesso em 30/02/2018.

CASTRO, Therezinha. *História documental do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.

CAVALCANTI, Pedro. *A presidência Wenceslau Braz (1914-1918)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983.

CINTRA, E. P. *Do Litoral a Vargem Grande: Brasópolis, Aspectos Históricos Gerais*. Belo Horizonte: Mazza edições, 1995.

COLARES, Camila; ADEODATO, João Maurício. *A obra de Sílvio Romero no desenvolvimento da nação como paradigma: da dicotomia entre o positivismo e a metafísica à adoção do evolucionismo spenceriano na transição republicana*. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/index.php/primafacie/article/viewFile/9833/7784> acesso em 16/08/2017.

CORREIA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). *Patrimônio e Memória*. São Paulo: UNESP, v.8, n.1, janeiro-Junho, 2012. P. 72-73. Disponível em : https://www.researchgate.net/publication/299252715_The_Readership_of_Caricatures_in_the_Brazilian_Belle_Epoque_the_Case_of_the_Illustrated_Magazine_Careta_1_908-1922 Acesso em 29/10/2018.

CÔRTE, Andréa Telo. (org.). *Nilo Peçanha e o Rio de Janeiro no cenário da federação*. Niterói: FUNARJ/Imprensa Oficial, 2010.

COSTA, Emília Viotti da. *STF: O Supremo Tribunal Federal e a construção da cidadania*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 9ª edição. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de Momo. Imprensa e carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. (coleção História, Cultura e Ideias, v. 5).

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da folia. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

DICIONÁRIO DA ELITE POLÍTICA REPUBLICANA (1889-1930). Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica> Acesso em 18 de setembro de 2016.a

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1999.

DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e poder no Brasil – 1901/1915. Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS)*. 2007. 195f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, 3v. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&c_o_obra=19222 Acesso em 16 de setembro de 2016.

ELIAS, Rodrigo. *De “Lalau” a santo*. IN *Nossa História*: Rio de Janeiro. Ano 3 nº33. Julho de 2006.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. Vol. 2 10ª edição. São Paulo: Publifolha, 2000.

FAUSTO. Bóris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: DIFEL, 1976.

_____. *Pequenos ensaios da história da República. 1889-1945*. São Paulo: Cebrap, 1972. Disponível em http://cebrap.org.br/bv/index.php?r=acervos/busca&Acervos_page=37 acesso em 17 de setembro de 2016.

_____. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995.

_____. (dir.). *O Brasil Republicano, vol.8: Estruturas de poder e economia (1889-1930)*. 8ª ed. (História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III).Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2006.

_____. (dir.). *O Brasil Republicano, vol.9: Sociedade e instituições (1889-1930)*. 8ª ed. (História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III).Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2006.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *As Esquerdas no Brasil. Volume 1 A formação das tradições 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil, 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *A República na velha província: oligarquias e crise no Estado do Rio de Janeiro (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes; GOMES, Ângela de Castro. “Primeira República: um balanço historiográfico”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1989, vol.2, n.4.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FORTES, Alexandre. *O direito na obra de E.P. Thompson*. p.93. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/download/76/72>>. Acesso em 26/12/2017.

FRITSCH, Winston. Apogeu e crise na Primeira República: 1900-1930. IN ABREU, Marcelo de Paiva (org.) *A ordem do Progresso. Cem anos de política econômica republicana 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio (e da sua liderança na história política do Brasil)*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi produções literárias, 2013.

GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial, Volume III (1870-1889)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GUIMARÃES, José Armelin Bernardo. *Venceslau Brás. O mineiro que dobrou o Candelho*. Biografia comemorativa do centenário de nascimento de Venceslau Brás publicada no jornal "O sul de Minas" entre os dias 25/06/67 e 28/01/68. Itajubá (MG). Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/VB/textual/venceslau-bras-o-mineiro-que-dobrou-o-candilho-biografia-comemorativa-do-centenario-de-nascimento-de-venceslau-bras-publicada-no-jornal-o-sul-de-m> Acesso em 22/06/2018.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HENFIL. *Como se faz humor político*. Depoimento a Tárík de Souza. São Paulo: Kuarup Produções Ltda., 2014.

HIRATA, Alessandro. O estadista Nabuco de Araújo. <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/o-estadista-nabuco-de-araujo/8273> Acesso em 12/08/17.

HOBBSAWM, Eric. *A Era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 12ª Edição, 2000.

_____. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JANOTTI, Maria de Lourdes. *O coronelismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. *Os subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KHOURY, Yara Aun. Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. IN FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *As Esquerdas no Brasil. Volume 1 A formação das tradições 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*. São Paulo: Universidade Estácio de Sá/Editora Rio/Cultura Editores Associados, 2002.

KUGELMAS, Eduardo. "A Primeira República no período 1891-1909". IN BEIGUELMAN, Paula. *Pequenos estudos de ciência política*. 2ª edição ampliada. São Paulo: Livraria Pioneira editora.

KUSCHNIR, Karina. *Bakhtin, Ginzburg e a Cultura popular*. Disponível em: <www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50590/54706> Acesso em 19 de setembro de 2016.

LAGO, Pedro Corrêa do. *Caricaturistas brasileiros 1836-1999*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 1999.

LEAL, Vítor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto – O município e o regime representativo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2008.

LÊNIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução*. Porto: Vale Formoso, 1970. p. 9-10.

LIMA, Herman. *Rui e a caricatura*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

_____. *J. Carlos*. Coleção "Artistas Brasileiros" (direção José Simeão Leal). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde, 1950.

_____. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio. 1963. 4 volumes.

LINHARES, Maria Yedda (org.) *História Geral do Brasil*. 9ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LOREDANO, Cássio. *O bonde e a linha: um perfil de J. Carlos*. São Paulo: Editora Capivara, 2002.

LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUSTOSA, Isabel. *Histórias de presidentes. A República no Catete*. Petrópolis, Vozes, 1989/Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

_____. O texto e o traço: a imagem de nossos primeiros presidentes através do humor e da caricatura. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. Humor e política na Primeira República. In “*Dossiê 100 anos de República*”. Revista da USP nº3. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25480> Acesso em 09/09/2016.

MACIEL, José Fábio Rodrigues. *Ordenações Filipinas – considerável influência no Direito brasileiro*. <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/ordenacoes-filipinas--consideravel-influencia-no-direito-brasileiro/484> Acesso em 12/08/17.

MALTA, Márcio (Nico). *Diretas jaz: o cartunista Henfil e a redemocratização através das “cartas da mãe”*. Niterói: Muiraquitã, 2012.

MATTOS, Augusto. *Sempre na Berlinda. As imagens conflitantes de D. Isabel na imprensa mostram uma sociedade dividida na época da Abolição*. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/sempre-na-berlinda> acesso em 09/09/2016.

MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. Disponível em seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/download/67571/pdf Acesso em 27/05/2018.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. IN CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier editora. 2012.

_____. *Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares*. Revista Brasileira de História, vol. 23, nº 45. disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf> . Acesso em 18 de setembro de 2016.

MODENESI, Thiago. *Educação para a abolição: charges e histórias em quadrinhos no Segundo Reinado do Brasil*. Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2017.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MOTA, Carlos Guilherme. *O Brasil em Perspectiva*. São Paulo: Difel. 1972.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. *A Geração de 1870 e a invenção simbólica do Brasil*. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364682113_ARQUIVO_AGeracaode1870eainvencaosimbolicadoBrasil.pdf acesso em 16/08/2017.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o Golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MOTTA, Márcia (org.) *Dicionário da terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

MOURA, Esmeralda Blanco de. Imigrantes italianos em São Paulo na passagem para o Século XX In PRIORE, Mary Del (org.). *Revisão do Paraíso. Os brasileiros e o Estado em 500 anos de História*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

MOURA, Robeto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

MUSEU DA REPÚBLICA. *Cronologia da República 1889-2000*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2000. 48 p.

NEDER, Gizlene. *Duas margens: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade*. Com a colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2011.

NETO. José Miguel Arias. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PESSOA, Reynaldo Carneiro. *A ideia republicana no Brasil através dos documentos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1973.

PESSOA, Reynaldo Carneiro. *A ideia republicana no Brasil através dos documentos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1973.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. O proletariado industrial na Primeira República IN: FAUSTO, Bóris (direção) *História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III. O Brasil Republicano. Volume 2. Sociedade e instituições (1889-1930)*. 7ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

PINTO, Surama Conde de Sá. *A correspondência de Nilo Peçanha e a dinâmica política na primeira República*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

_____. *Pinheiro Machado, o Morro da Graça e a política carioca*. R. IHGB, Rio de Janeiro, a.171 (447): 229-244, abr./jun. 2010.

PORTO, Costa. *Pinheiro Machado e seu tempo*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PORTO, Walter Costa. *Dicionário do voto*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1996.

RIBEIRO, Roberto Vitor Pereira. *Clóvis Beviláqua: o gênio civilista brasileiro*. <https://profrobertovictor.jusbrasil.com.br/artigos/121942957/clovis-bevilacqua-o-genio-civilista-brasileiro> Acesso em 11/08/17.

ROCHA, Oswaldo Porto. *A era das demolições: Cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura-Departamento Geral de Documentação e informação Cultural, 1986. (Biblioteca Cultural, vol.1).

SALGADO, Gisele Mascarelli. *Discussões legislativas do Código Civil de 1916: Uma revisão historiográfica*. http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10972 Acesso em 13/08/2017.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Cultura / as apostas na República* IN SCHWARCZ, Lilia Moritz (coordenação) *História do Brasil nação: 1808-2010. volume 3 A abertura para o mundo 1889-1930*. Madrid/Rio de Janeiro: Fundación MAPFRE/Editora Objetiva, 2012.

SAMARA, Eni de Mesquita. *Paleografia, documentação e metodologia histórica*. São Paulo: Humanitas, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. (Coleção Primeiros Passos, 103). São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/258550/mod_resource/content/1/oquesemioti-ca-luciasantaella-130215170306-phpapp01.pdf Acesso em 12/05/2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) *História do Brasil nação: 1808-2010. volume 3 A abertura para o mundo. 1889-1930.* Rio de Janeiro: Editora Objetiva e Fundación Mapfre, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes.* São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

SILVA, Hélio. *Venceslau Brás 1914-1918. Era Tempo de Paz.* (coleção Os presidentes). São Paulo: Editora Três, 1983-1984.

SILVA, Hélio e CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Nasce a República 1888-1894* (coleção História da República Brasileira). São Paulo: Editora Três, 1998.

_____. *O poder civil 1895-1910* (coleção História da República Brasileira). São Paulo: Editora Três, 1998.

_____. *Luta pela democracia 1911-1914* (coleção História da República Brasileira). São Paulo: Editora Três, 1998.

_____. *O Brasil e a 1ª Grande Guerra. 1915-1919* (coleção História da República Brasileira). São Paulo: Editora Três, 1998.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos.* São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SILVA, Marco A. *Caricata República. Zé Povo e o Brasil.* São Paulo: Editora Marco Zero, 1990.

SILVA, Rogério Souza. *Entre caricaturas e trocadilhos: Raul Pederneiras e seu passeio pelas linguagens.* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308237896_ARQUIVO_ENTRE_CARICATURAS_E_TROCADILHOS-ANPUH-2011\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308237896_ARQUIVO_ENTRE_CARICATURAS_E_TROCADILHOS-ANPUH-2011[1].pdf)> Acesso em 18 de setembro de 2016.

SILVA. Wilton Carlos Lima da. *Amélia Beviláqua que era mulher de verdade: a memória construída da esposa de Clóvis Beviláqua.* Revista Internacional Interdisciplinar – INTERthesis – PPGICH. Santa Catarina: UFSC v.11, nº2, julho-dezembro de 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2014v11n2p138> Acesso em 28/01/2019.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Epoque ao tempo de Vargas.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

SOUSA, Maria do Carmo Campelo de. "O processo político-partidário na Primeira República". Em MOTA, Carlos Guilherme. *O Brasil em Perspectiva*. São Paulo: Difel. 1972.

TEIXEIRA, LUIZ Guilherme Sodré. As charges como editorial IN TEIXEIRA, LUIZ Guilherme Sodré (org.). *O civilista*. Rui Barbosa no imaginário político dos chargistas brasileiros. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.

TELLAROLLI, Rodolpho. *Eleições e fraudes eleitorais na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

THOMPSON, E. P. *A Formação da classe operária inglesa. Volume 1 – a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Senhores e caçadores. A origem da Lei Negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

VAINFAS, Ronaldo (direção) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002.

VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. IN FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *Modernismo no Rio de Janeiro. Turunas e Quixotes*. Petrópolis: KBR, 2015.

VICTORINO, Juliana Leone; *Wenceslau Braz e a política café com leite*. Estratégias de comunicação e marketing político que o elegeram Presidente da República. 2012. 135f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro e JESUS, Ronaldo Pereira de. A experiência mutualista e a formação da classe trabalhadora no Brasil IN FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *As Esquerdas no Brasil. Volume 1 A formação das tradições 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

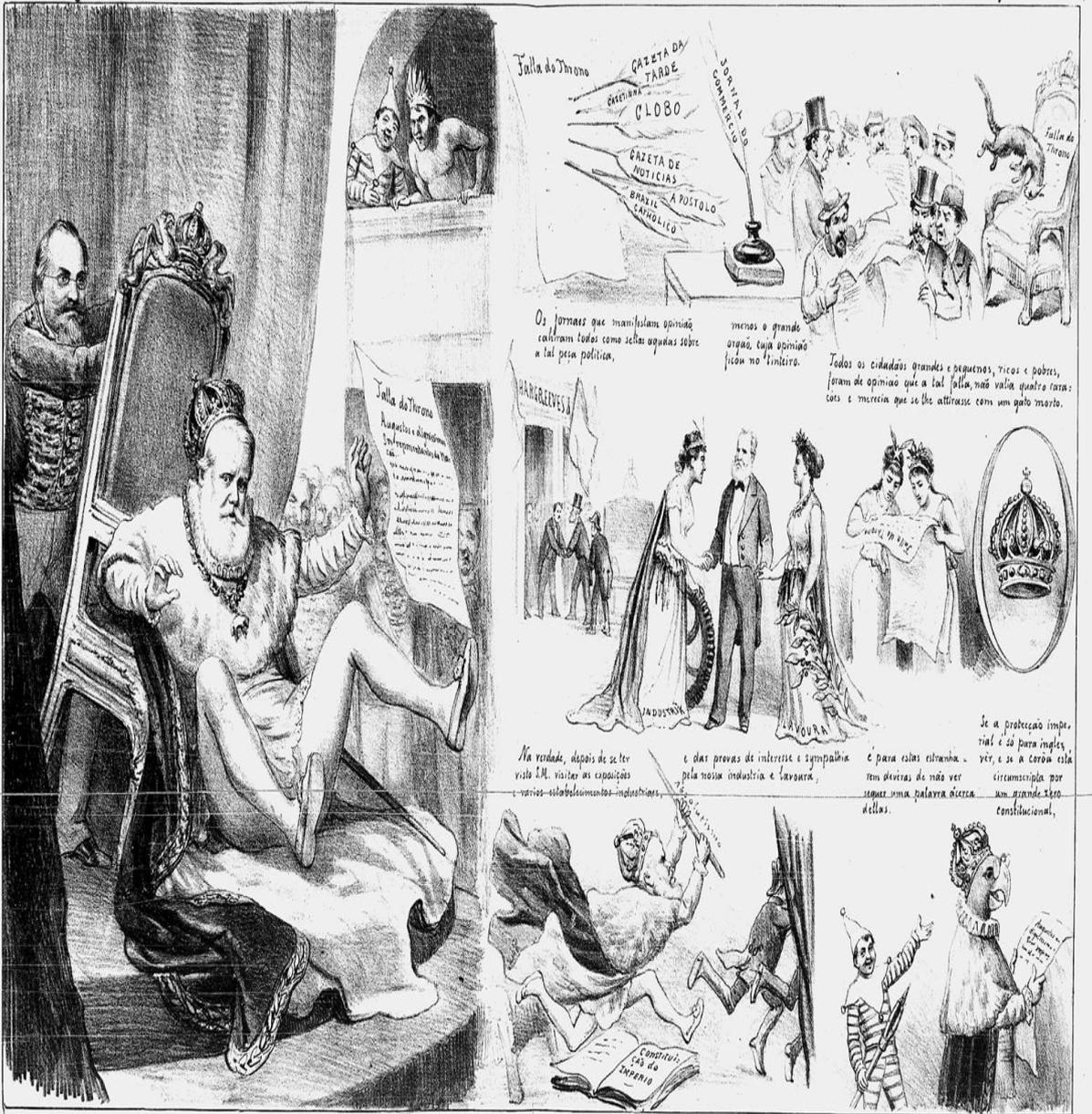
VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Os liberais e a crise da República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WIRTH, John D. *O fiel da balança. Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

WRIGHT, Edmund; LAW, Jonathan. *Dicionário de História do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Anexo A - Figura *Revista Ilustrada*, ano 12, nº 450, de 1887. Figura de Angelo Agostini



As fúrras do throno fabricadas pelos nossos governos, parecem nao ter outro fim senao abalar o proprio throno e collocar a monarchia em tristissima posicao.

preferimos ver S. M. saltar por cima da Constituicao assim como os seus ministros saltam por cima da lei, e correr com elles quando e preciso, em ben do servico publico.

Nos que temos pela monarchia todo o respeito e devido altamente, nao podemos sem ris (o que e muito fijo) ver o nosso Imperial Senhor mettido em papos de lacaio, ou unido em papos de aranha, obrigado a dizer o que nao pensa e a tal...



Os jornales que manifestam opiniao calhram todos como selhas agudas sobre a tal pedra politica.

meos o grande orgao, cuja opiniao ficou no 'lenteiro.

Todos os cidadãos grandes e pequenos, ricos e pobres, foram de opiniao que a tal folla, nao valia quanto raras: coes e merecia que se lhe attirasse com um qato morto.



Na verdade, depois de se ter visto S. M. visitar as exposicoes e varios estabelecimentos industriaes, e dar provas de interesse e sympathia pela nossa industria e trabalho, e para estas estranha. Tem ovezas de nao ver sequer uma palavra acerca d'ellas.

Se a protecao imperial e so para Inglaterra, e se a coroa esta circumscripca por um grande sero Constitucional,



Anexo B - Figura *Revista Illustrada*, ano 10, nº 415, de 1885. Figura de Angelo Agostini



A grande degradingolade

Quando o paiz se resolver a quebrar os ferros e gritar: *Liberdade!*... Que sarilho! O que será do carro do Estado, do Saraiva, da monarchia, da imperial sciencia, dos papos de tucanos e da tranquillidade da lavoura!

Anexo C - Reportagem ilustrada da Revista *Fon-Fon!* Ano X, nº 1 (1º de janeiro de 1916. Páginas 33-48) sobre a modernização das suas instalações e seu processo de produção e distribuição.




FON-FON!

E

SELECTA

NA INTIMIDADE

●

G. Fogliani
Fundador de *Fon-Fon!* e *Selecta*
e Director da empresa

A. Gasparoni
Director da empresa

Anno novo, vida nova — diziam os nossos avós...
Uma illusão a mais, uma illusão a menos. O incanto do bem inesperado, a magua de uma



Gonzaga Duque

desillusão, ás vezes — sempre a vida tal qual ella é, óra encantada, óra de amarguras e desalentos...
A verdade é que tudo esperamos do Anno Novo, e, como



Victorio de Castro
Redactor - Secretario

não vimos do seio da terra predispostos a tristezas e desventuras, o Anno Novo é sempre

conto de Jean Reibrach, e a felicidade para nós reside mais no recordar. E' que levamos demasiadamente longe a anciedade de sermos felizes...



Mario Pederneiras

o Anno Bom para os nossos sonhos. E si o encanto de viver a vida ainda fosse o mesmo de outras idades, poderíamos festejar nesta quadra a Esperança, á similhaça dos Gregos e Romanos que festejavam a Primavera.

*Minuit! l'année expire et l'année est éclosse,
Une reine nouvelle entre dans l'univers.*

Hoje, porém, « todos nós, mais ou menos, somos como o casal derelojoeiros... » d'aquelle



Lima Campos

Anno Novo! Anno Bom! Que assim tu o sejas!
E já que a epocha é de bons votos de felicidade, *Fon-Fon!* aqui depõe aos pés das suas lindas leitoras e dos seus que-



Antonio da Fontoura Barreto (Antonius)
Redactor

ridos leitores os mais sentidos votos que faz para que o Anno Novo lhes dê toda a alegria,

FON-FON!



O edifício de *Fon-Fon!* e *Selecta* á rua da Assembléa.

toda a ventura dos seus sonhos de felicidade.

* * *

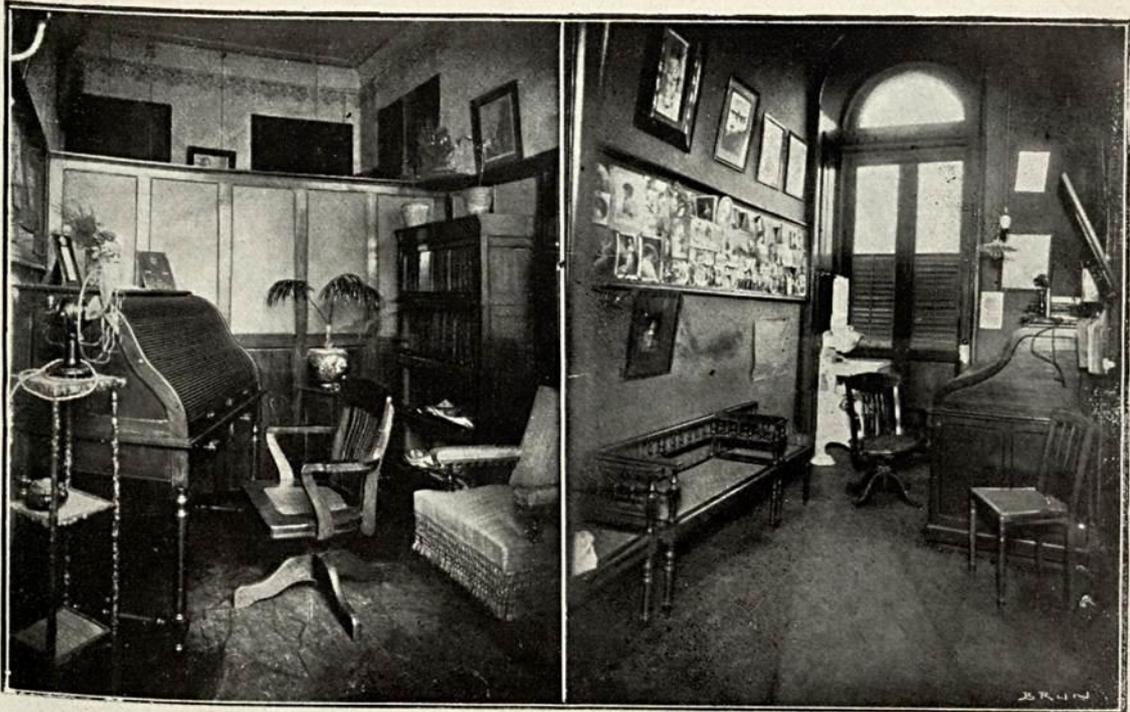
Nos velhos tempos, quando os nossos avós nos communi-

cavam as suas esperanças e os seus votos de uma ventura ainda maior, também nos contavam do seu passado, dos dias vividos, enternecidamente.

E' certo, portanto, que os

leitores de *Fon-Fon!*, os seus amigos, terão um grande prazer em que lhes contemos a historia do seu passado, que não sendo muito distante parece comtudo bem longinquo!

FON-FON!



Gabinetes da direcção.



D. Lucia Lamheyer
Redactora de *Selecta*

O Brasil despertava para uma vida mais sadia, mais activa, de empreendimentos e de trabalho. O Rio, que é o coração

do Brasil, cuidava de se fazer mais bello e mais saudavel. Um punhado de homens de valor, capazes de querer e dotados de energia, havia iniciado o saneamento desta grande cidade. As viellas infectas e sombrias cediam praça a ruas amplas, assejadas e banhadas de söl. O estrangeiro, surprehendido com o despertar do colosso da America do Sul, já nos fitava mais curiosamente.



Sta. Maria Livia Martin
Secretaria de *Selecta*

A transformação material da cidade tambem acarretava a transformação dos habitos e

dos costumes. O Carioca scysmarento e arredio de pouco antes, sentia-se outro dentro do novo scenario. As ruas amplas,



Lindolpho Azevedo
Redactor

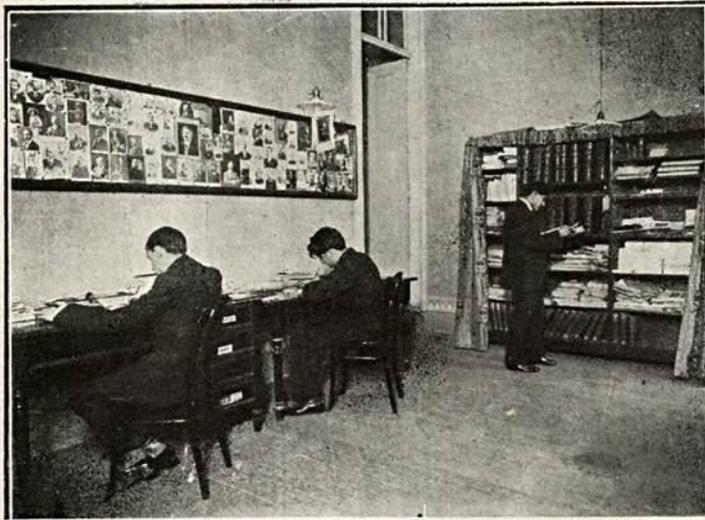


Felipe de Oliveira
Collaborador



Deputado Dr. Gustavo Barroso
(João do Norte) - Redactor

FON-FON!

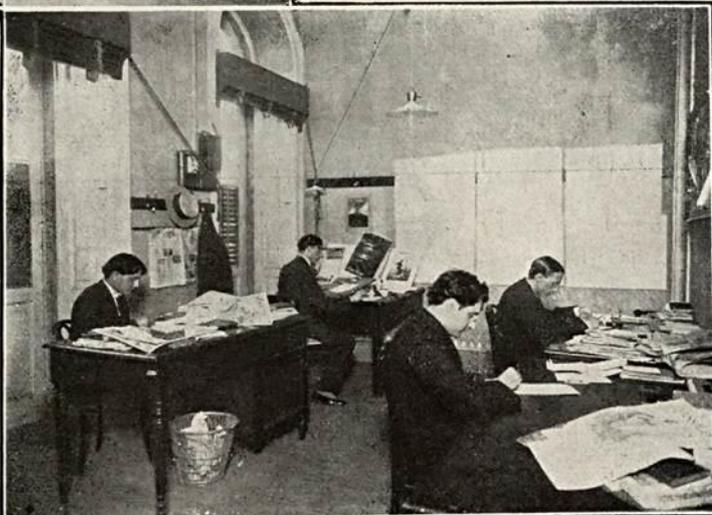


rasteiro que se estendem de bordo dos transatlânticos, a beleza desta linda cidade.

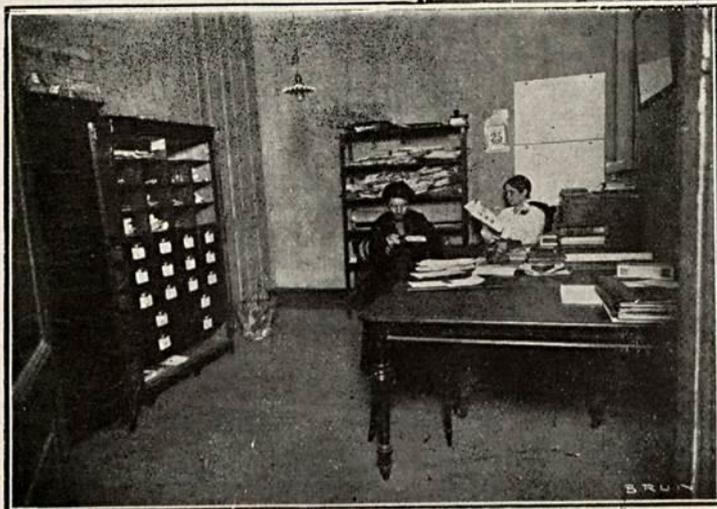
Consequencia logica, a imprensa acompanhou a evolução da cidade e, para bem servir o publico que se fazia mais exigente, mais requintado, enveredou francamente pelo caminho dos processos mais modernos, mais adequados, abandonando os systemas archaicos do jornal antigo, doutrinario e pesadão. A gravura passou a ser de uso corrente e, sem pre-

as avenidas, a casaria mais bem proporcionada e alegre, communicavam á sua maneira de ser, necessidades novas, outras tendencias, habitos novos, prazeres até então desconhecidos para elle.

E não só a parte central da cidade recebia o novo impulso do progresso e melhoria. Os bairros mais distantes, que antes não passavam de agrupamentos de cabanas perdidas entre a mattaria, vinham sur-



Salas de redacção



juizo dos artigos bem lançados, da polemica, o *suelto* entrou a se impôr como processo mais leve, mais rapido e mais efficaz. Os jornaes mais conservadores sentiram a necessidade de se assimilar ao novo paladar do publico, refazendo toda a sua installação material, e, sem quebra da sua feição caracteristica, adaptando a ás exigencias dos seus leitores.

A par da crescente actividade que o Carioca sentia ferver-lhe no animo, havia tambem e por isso mesmo a necessidade de uma revista typica, de caracter proprio, de leitura leve e bem humorada, que, registrando os

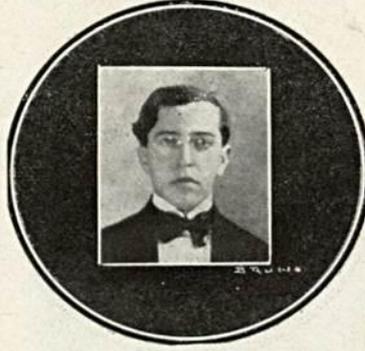
gindo, de subito, n'um irromper de construcções modernas e elegantes. Leme e Ipanema, que eram habitados exclusivamente por pescadores, rece-

biam o primeiro impulso do seu desenvolvimento de hoje, bairros que são da elegancia e que, lá longe, á orla do mar, logo indicam aos olhos do fo-

FON-FON!



Homero Prates
Collaborador



Eduardo Guimaraens
Collaborador



Rodrigo Octavio Filho
Collaborador



Hermes Fontes
Collaborador



Peres Junior (Telles de Mirelles)
Collaborador



Ademar Tavares
Collaborador



Elysio de Carvalho
Collaborador



Affonso Lopes de Almeida
Collaborador



Carlos Magalhães
Collaborador



Moacir Silva (Frei Gil)
Collaborador



João Moreira da Silva (Arcimor)
Collaborador



Heitor Lima
Collaborador

FON-FON!



Adrien Delpech
Collaborador



Sebastião Sampaio
Collaborador



Moacir Silva (Frei Gil)
Collaborador



Fernando Mesquita
Correspondente em Paris



Dr. Eugenio Dahne
Correspondente na America do Norte



Deputado Ildefonso Marinho
Antigo colaborador e representante de *Fon-Fon!*
na exposição de Turim.



Mario Sette
Collaborador



Calixto Cordeiro
Desenhista nos primeiros annos de *Fon-Fon!*



Raul Pederneiras
Desenhista desde a fundação



Correia Dias
Desenhista



Torquato Tarquino
Desenhista



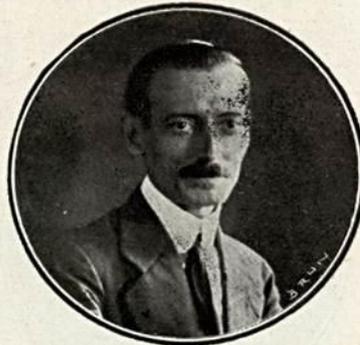
Max Yantoc's
Desenhista

FON-FON!



Coronel Sergio Silva
Gerente

te, por ser novo, offerecia todas as incertezas para a sua realização. A reportagem photogra-



José Alves Garcia
Chefe do escriptorio



Fernando Martin
Dactylographo

factos mais interessantes da vida da cidade e dos Estados, dêsse aos leitores deste immenso paiz o commentario trocista da sua vida, sem offensas, sem maldade — o bastante para fazer sorrir — sem idéas preconcebidas de susceptibilizar o amor proprio, ou o pudor das suas lindas leitoras e dos seus queridos leitores, cujas sympathias fizesse por merecer.

Não nos parecia facil a empreitada, entretanto. Tudo eram difficuldades, desde o aparelhamento material que se fazia necessario, até a escolha de um corpo de redacção capaz de realizar um programma que, exactamen-

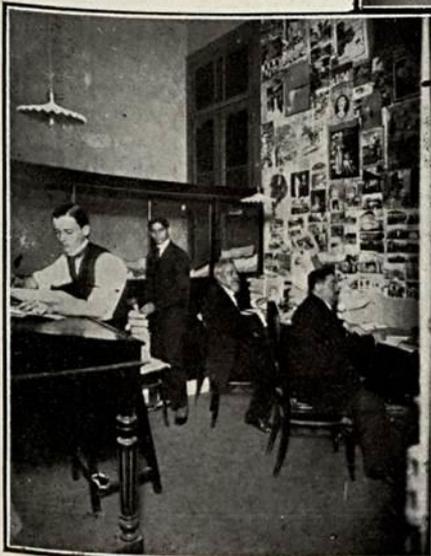
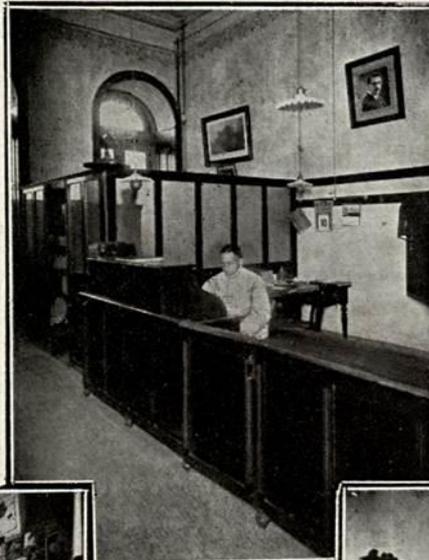
phica, por exemplo, era uma barreira quasi intransponivel, para não fallar da ausencia de um estabelecimento de gravura

inicio da éra do automovel no Rio, mas não era tudo, quasi nada mesmo para o que restava ainda fazer. Não desanimámos, comtudo.

Mario Pederneiras, Gonzaga Duque e Lima Campos, tres no-

mes de responsabilidade nas nossas letras, desde logo tomaram a si a tarefa de realizar o programma previamente delineado, e que não era facil, como provaram pequenas falhas, oriundas da falta de experiencia, logo sanadas.

O nosso querido Gasparoni, por exemplo, que por esse tempo fazia parte do corpo de collaboradores e que mais tarde



Salas do escriptorio

capaz de ser aproveitado para a nossa revista. E quanto mais desciámos a detalhes mais avultavam os embaraços de toda a natureza.

Fon-Fon!, magnifico titulo, n'aquella epocha que marcava o



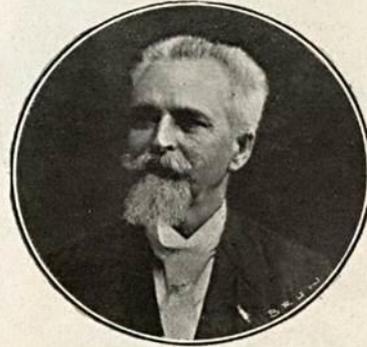
FON-FON!



Ernesto Marcellino Pinto
Agente Commercial

viria ao nosso lado dirigir *Fon-Fon!*, abandonando os seus antigos interesses, quando foi do primeiro numero, mal orientado ainda sobre o verdadeiro programma de *Fon-Fon!*, trou-

xe um conto cheio d'aquella graça gauleza com que costuma dizer as suas brejeirices, mas tão *em genero* que não poude ser aproveitado.



Coronel Joaquim Ayres
Chefe do serviço de publicidade

Entendiamos já então, que um jornal ou uma revista, como um individuo deve ter a sua feição á parte, o seu character, as suas virtudes. Propunhamos a captar a sympathia e a estima do publico; precisavamos, pois, nos collocar á altura dessa sympathia e dessa estima, sem descambos nem esmorecimentos. E nada mais indispensavel, para tanto, do que dar, no primeiro numero, a conhecer ao publico



Francisco Macina
Encarregado do expediente externo

a feição que pretendiamos adoptar em *Fon-Fon!* E da maneira com a qual temos cumprido o nosso programma, o melhor testemunho são o favor e as sympathias com que nos distinguem os nossos leitores e o commercio que se serve das nossas paginas de informações uteis para as suas communicações ao publico.



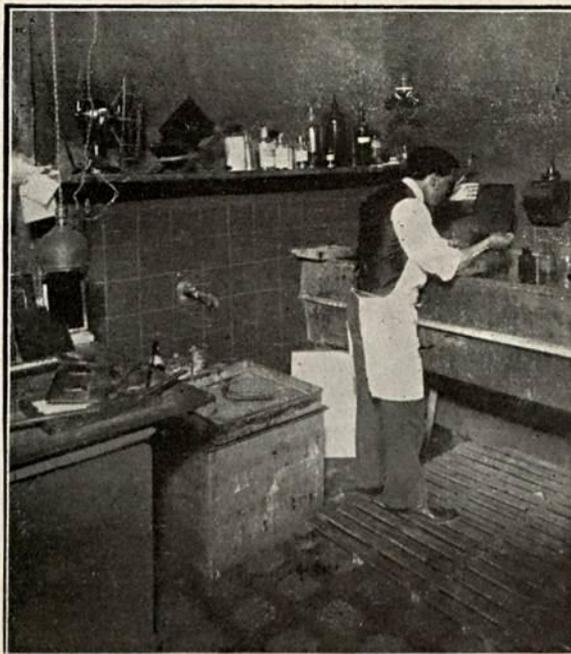
Daniel Ribeiro
Director do serviço photographico



Euclides Nascimento

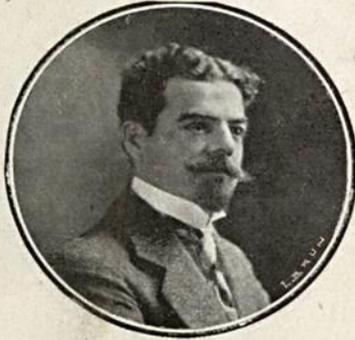


Romulo Ayres



Secção photographica.

FON-FON!



Luiz Brun
Gravador

Iniciando a sua vida apenas com trinta e seis paginas, bem cêdo *Fon-Fon!* se via obrigado a aumentar o numero dellas, não só para attender ao acolhimento sempre mais carinhoso do publico de todo o paiz, como tambem para facilitar o seu serviço de registro dos acontecimentos mais importantes da Capital e dos Estados aos quaes precisavamos attender. E' nos



Alfredo Bioleto
Gravador



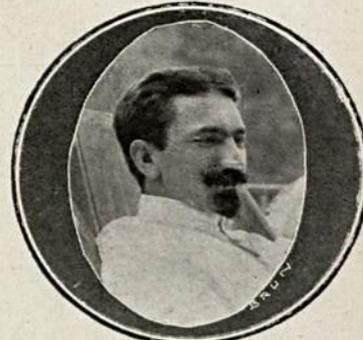
Secção de gravura

zado, *Fon-Fon!* quebrou o compromisso que tomára para com o publico de lhe dar uma



J. Garcia
Gravador

agradavel reconhecer, de passagem, que a isso, em grande parte, devemos a larga circulação com que hoje contamos nos mais longinquos recantos do paiz. Não obstante, porém, o seu crescente desenvolvimento, o seu prestigio formado á custa de uma attitude sempre correctá diante dos acontecimentos mais graves, das paixões populares mais violentas, nunca *Fon-Fon!* se affastou uma linha do programma que se impoz desde o inicio da sua existencia, nunca as suas paginas serviram para a exploração de odios partidarios ou sectaristas, nem mesmo na quadra mais terrivel e recente em que o paiz todo se sentia anarchi-



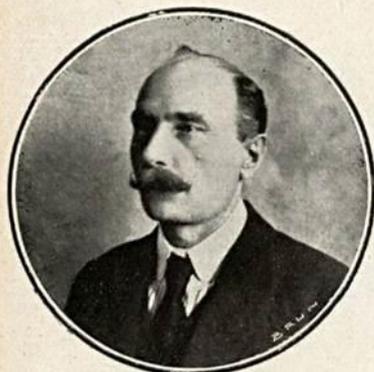
Alois Fabian
Gravador



Roberto Campean Victor Valerio

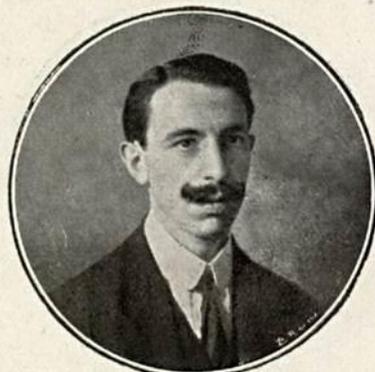


José Mega José Carvalho



Luigi Palmucci
Director tecnico

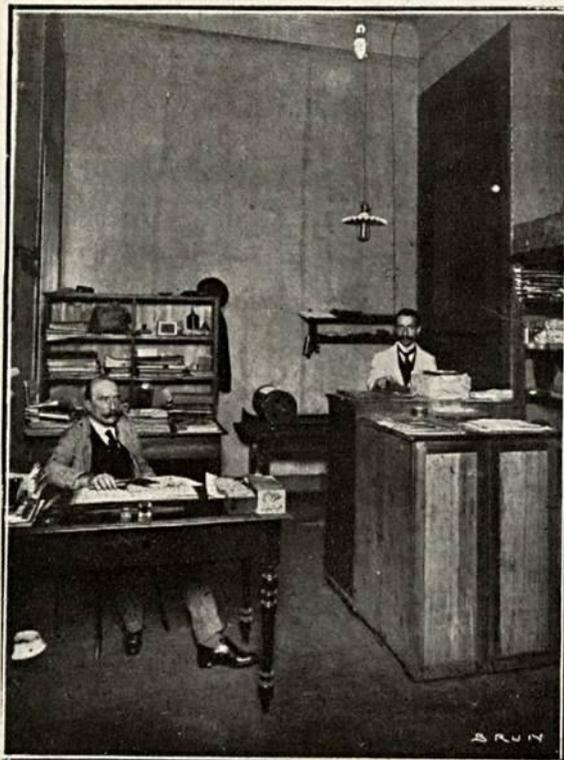
cesso obtido por *Nick Carter* que nos animámos a levar por diante o desenvolvimento da nossa empresa, já adquirindo por preço bastante elevado o direito de propriedade litteraria, em lingua portugueza de todas as obras de Michel Zevaco, as quaes faziam então grande successo em França, e grande parte das quaes démos em tempo aos nossos leitores — já



Fernando Coridori
Chefe da officina de typographia

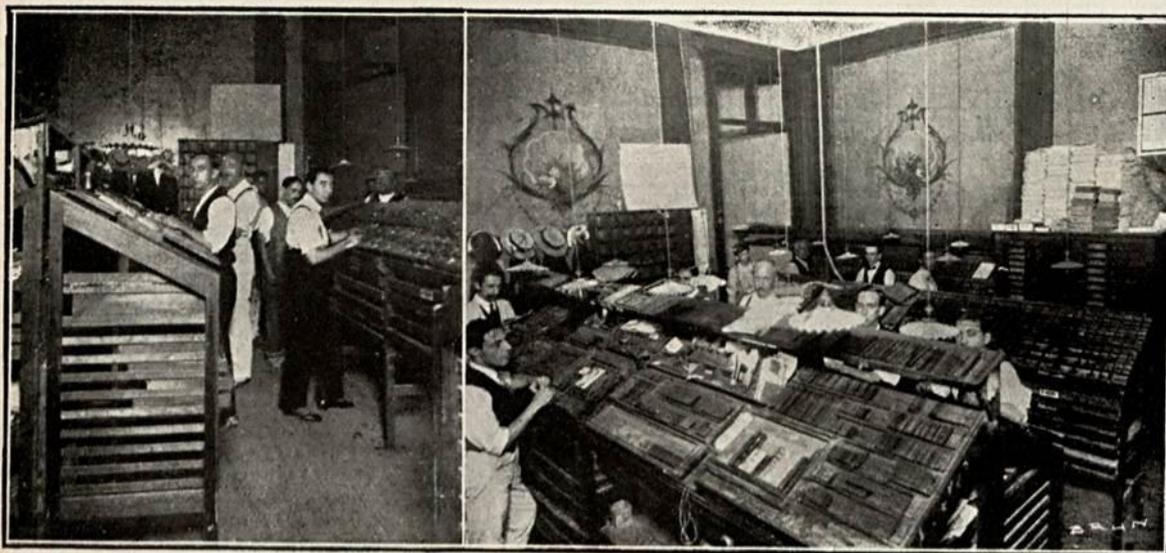
leitura que fosse apenas um repouso alegre e sadio para as suas preocupações da labuta diaria.

Sempre confiantes na nossa boa estrella, iniciámos no Brasil a publicação de romances populares em fasciculos semanaes, dando ao publico a leitura do romance policial, cuja publicação iniciámos com *Nick Carter*, e cujas edições nunca foram ultrapassadas por nenhuma outra publicação do mesmo genero. E foi, em grande parte, devido ao suc-



Cabinete do director tecnico

transplantando para o Brasil o typo de revista magazine, verdadeiro repositorio de arte, de sciencia, de litteratura, de sports e conhecimentos praticos sobre todos os assumptos de interesse geral, iniciando a publicação de *Selecta* numa epocha em que todos os empreendimentos pareciam fadados ao mais absoluto desastre. Lisongea-nos por isso, duplamente, o bom acolhimento que desde o seu primeiro numero o publico vem dispensando á nova revista,



Officinas typographicas.

FON-FON

COMPOSIÇÃO



Aristides Machado



Manoel Armando



Waldemar Gonçalves



Francisco de Almeida



Camillo Porreca



João Alberto



Aurelino Correia



Carlos Alves



José Certo



José de Almeida



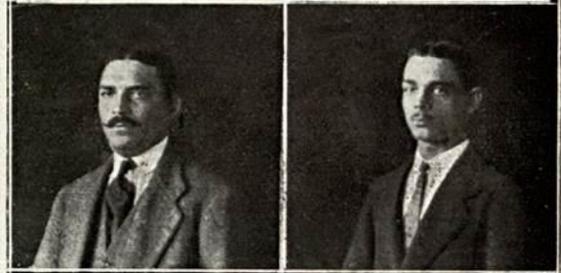
Arthur Coimbra



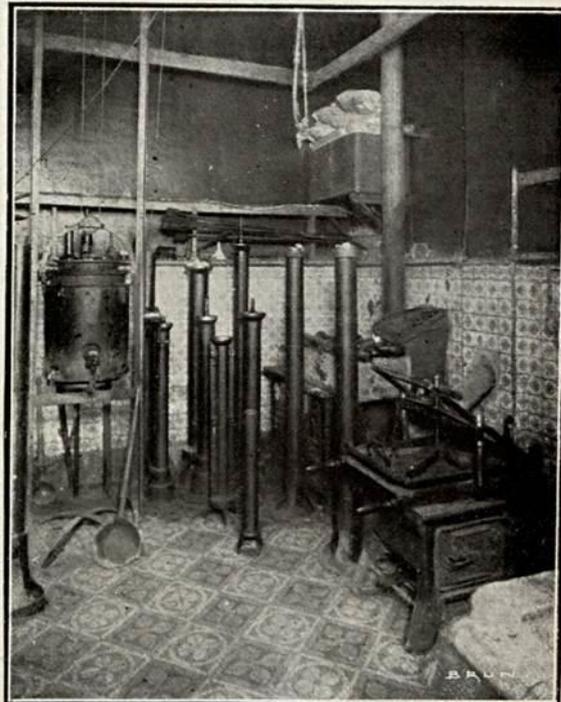
Mancel Laranjeira

cuja circulação rapidamente se alastrou por todo o Brasil, conquistando uma massa de leitores que muito nos orgulha.

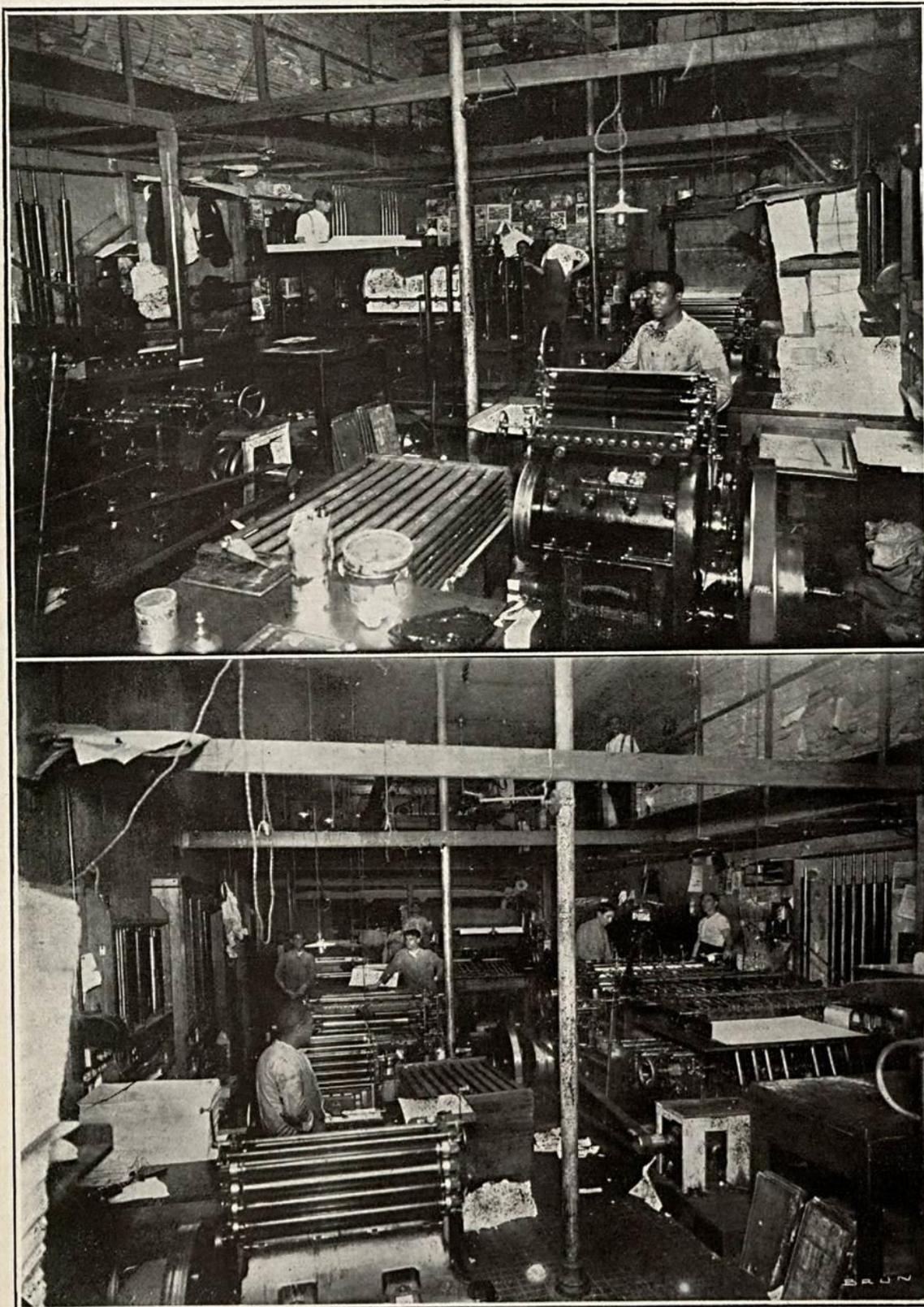
Apresentando photographicamente aos seus leitores as principaes secções da sua instalação, *Fon-Fon!* tem em mira lhes demonstrar os esforços que temos empregado em melhorar e ampliar cada vez mais os nossos serviços, dado o grande numero de paginas de *Fon-Fon!* e de *Selecta*, a sua tiragem cada vez mais elevada, o que nos tem obrigado a fazer trabalhar as nossas officinas dia e noite, sem descanso. Surprehendidos pela guerra justamente quando pretendiamos levar a cabo uma reforma cabal, attingidos pelo aumento desproporcionado dos preços de todo o material, a começar pelo do papel, vimonos na contingencia de suprir todas essas falhas com um esforço duplo de trabalho. Nada disso, porém, nos impediu de augmentar o nosso numero de paginas supplementares, dotando a nossa revista com uma secção especial sobre a guerra. E si, ás vezes, a



Henrique Tocci, Luiz Manzollilo, Elyσιο da Soledade e Vicente Pery, directores e auxiliar, da empresa encarregada da distribuição de *Fon-Fon!* e *Selecta* no Rio de Janeiro.



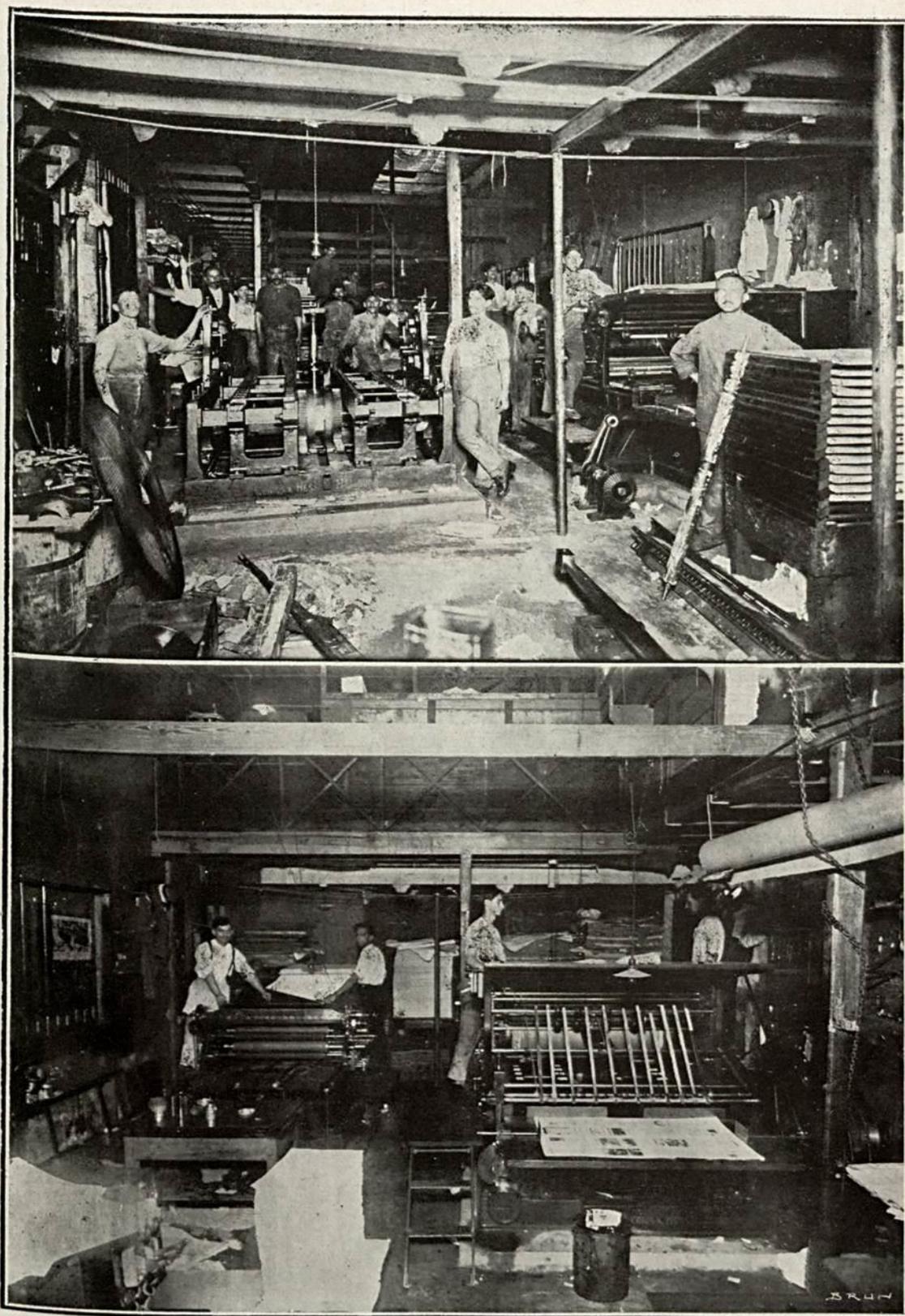
Estereotypia e fundição de rolos.



Officinas de impressão

nitidez das nossas paginas não é a mesma de sempre, estamos certos de que os nossos leitores compreenderão ser isso devido ás nossas grandes tiragens semanais.

Aos que labutam ao nosso lado também devemos, aqui, algumas referencias de grati-



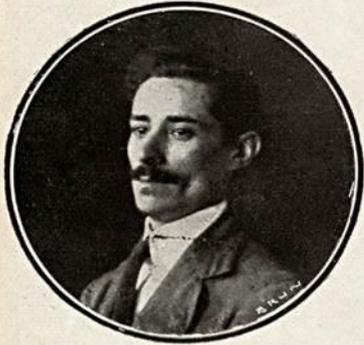
Officinas de impressão.

dão pela intelligencia e boa vontade com que nos teem auxiliado no desempenho de nossa missão.

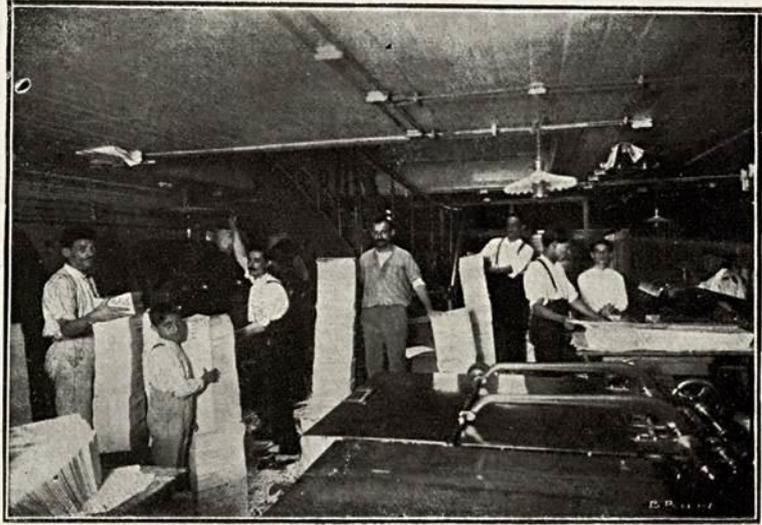
Mario Pederneiras, Gonzaga Duque, Lima Campos, Calixto Cordeiro e Raul Pederneiras que nos acompanharam desde

o inicio de *Fon-Fon!* os dous primeiros até á morte, deixando nesta casa uma saudade immortal, representam uma

FON-FON!



Ismael Gonçalves
Chefe da officina de encadernação



Officinas de encadernação.

pleiade brilhante de artistas, a cuja capacidade durante longos annos esteve entregue a feitura litteraria e artistica da nossa revista.

ENCADERNAÇÃO



Bráulio Salles



Henrique Wenceslau



José de Oliveira



Faustino da Silva



Oswaldo Seabra



Waldemiro Seabra

Graças a ella deve *Fon-Fon!* o prestigio litterario de que goza em todo o paiz e que outra mais nova procura manter á mesma altura. Distinguido com a collaboração de muitos

nomes dos mais acatados das nossas letras, *Fon-Fon!* tem sido um amigo dos que surgem, podendo lisongear-se de haver contribuido para a formação do renome de que go-

zam algumas das figuras mais em destaque da nova geração. Ligados por laços indestructiveis de verdadeira amizade leal e sincera a cada um dos que ao nosso lado trabalham

IMPRESSÃO



Tiberio Frattini



José Casanova



Horacio Certo



Pedro Marques



João Levin



Napoleão Paim



João Angelino



José Ullanovicz



Jesuino Cruz



Euclides dos Santos



Belmiro Correa



Alberto d'Almeida

FON-FON!



Raymundo Guedes



Manoel Domingos



Florindo Viale



Carlos de Carvalho



Nilo Paim



Emilio d'Almeida



Domingos Ribeiro

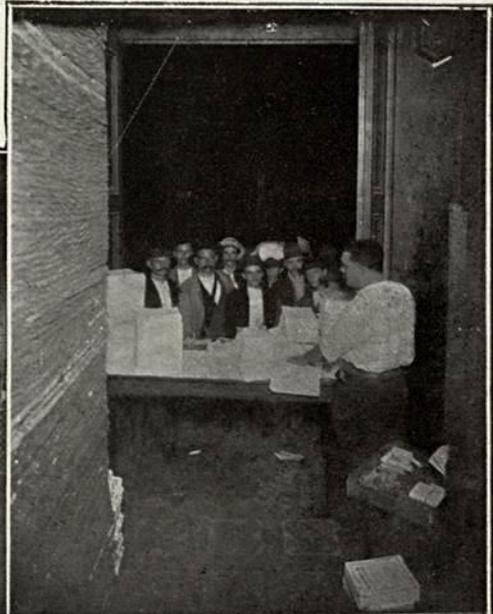
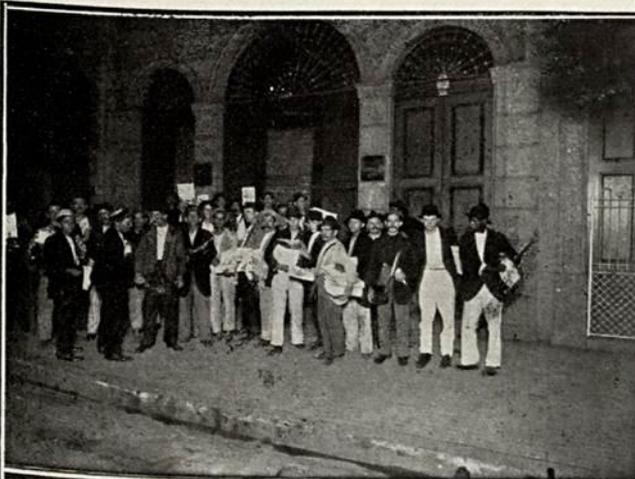


Reginaldo Quintães



Modesto Sardinha

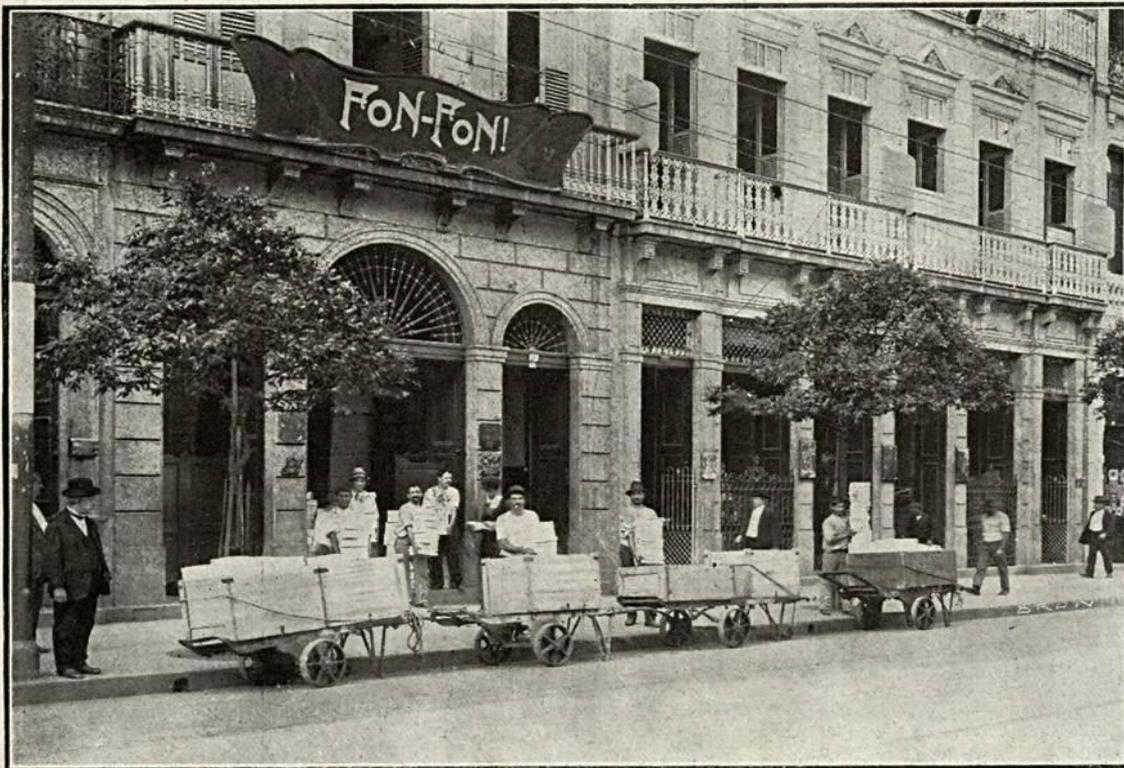
nesta casa, desde o de hierarchia mais elevada ao mais humilde, não carecemos de pôr em destaque a cada um, nominalmente. A todos, indistinctamente, hypothecamos os nossos mais sinceros agradecimentos, desejando-lhes as melhores venturas ao anno que hoje se inicia, sem



Distribuição de *Fon-Fon!* e *Selecta* aos vendedores da Capital, nas madrugadas de quartas feiras e sabbados.

esquecer os nossos correspondentes no exterior, como Fernando Mesquita — nosso cor-

FON-FON!



Serviço de correio para os Estados.

respondente em Paris — Mario Sette — nosso correspondente no Recife — e os nossos prezados amigos e agentes de todo o Brasil e do estrangeiro.

* * *

Cabe aqui uma referencia aos acontecimentos mundiaes que fizeram do anno de 1915 um anno execrando, em que os povos retrogradaram de muitos seculos, esquecendo os mais elevados ideaes da humanidade. E é com a lembrança de todos os graves acontecimentos que veem ha quasi dous annos enlutando o mundo, que formulamos os votos mais sinceros para que 1916, o Anno Novo, o Anno Bom das nossas esperanças, traga novamente a paz ao mundo, restabelecendo o equilibrio de forças e de energias das nações, para que a lucta entre ellas volte a desenvolver se, como antes, no campo do progresso e do bem estar dos povos.

Quanto ao Brasil, cuja boa estrella nunca o abandonou, esperamos que depois das amargas provações por que tem passado, volva ao bom caminho do seu desenvolvimento e com ardor se dê á regeneração por que neste momento se batem as classes dirigentes e intellectuaes.



José Narciso Mello

Antonio Costa

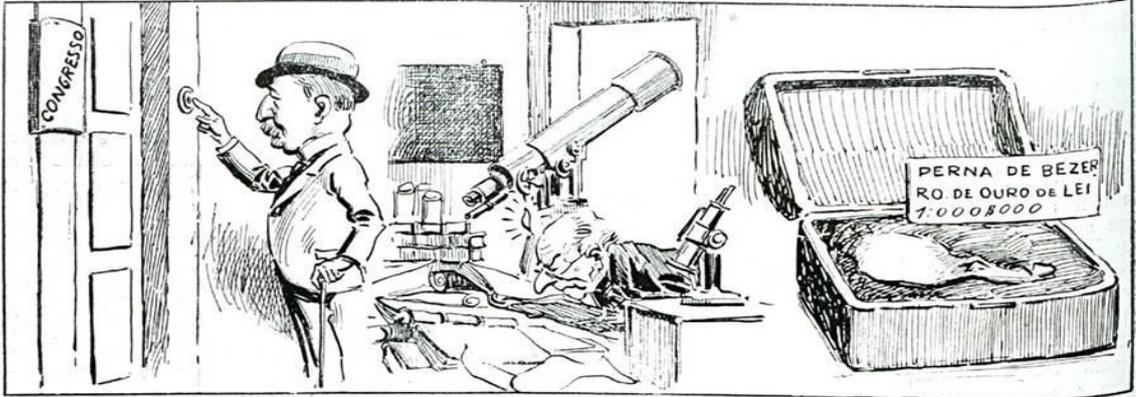
Encarregados do serviço de expedição.

**CASA RATO**FABRICA DE BORDADOS E PLISSÉS — PONTO A JOUR
EM TODOS OS TECIDOS — ESPECIALIDADE EM ARTIGOS
PARA MODISTAS

RUA GONÇALVES DIAS, 57 — Telephone 2118 - CENTRAL

Anexo D - Revista *Fon-Fon!* nº 32 de 1917, caricatura de autoria de Seth

= A SEMANA DE FON-FON POR SETH =



O Snr. Presidente, após haver, com a prudência mineira que o caracteriza, estudado a questão da carestia, resolveu ir acordar o Congresso para que o auxilie. Concordamos que S. Exa. por seu turno, já vai bem tarde!

Até agora, entretanto, tudo continua como dantes. O problema não foi ainda resolvido, e sabe Deus se o será. A carestia, neste momento, está quebrando a cabeça dos iluminados que, procurando resolver o X do problema, encontram cada vez mais interrogações.

O preço dos generos não cessa de nos asphixiar. O bife está por um custo exorbitante, o que quer dizer que amanhã, em vez de nos dirigirmos ao açougue, iremos... á ourivesaria...



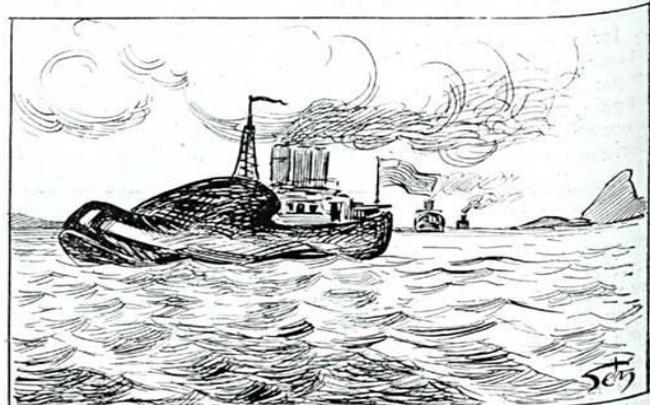
O Contestado começou. Dizem que desta vez se trata de politica. O motivo deve ser outro... Quem sabe? talvez a ressurreição do monge Zé Maria...

Muita gente teve um sorriso de escarneo quando leu a noticia da libertação da Polonia, pela Russia. Não nos parece justo isso, porque, de ha muito a Russia retirou tropas do territorio polaco.

Dizem os telegrammas que o nosso café teve uma excellente recepção em França. Isto tratando-se do café. Imaginem agora os leitores se se tratasse d'outro producto nosso, o café com leite.



Aurelino — O que o Mauricio e a bancada bahiana quizeram não conseguiram: foi jogar-me na rua...
— Mas conseguiram-no em paite, jogando V. Exa. na rua da Amargura



Todo o mundo se admirou da chegada subita da esquadra americana. Que ingenuidade a d'essa gente! Pois não sabem que em tempo de guerra as esquadras (principalmente as esquadras das nações de origem saxonia) usam sapatos de borracha?!